

TATIANA APOLINÁRIO CAMURÇA



(RE)CONHECIMENTO, DIAGNÓSTICO E MASCARAMENTO:

Narrativas de si e modos de subjetivação de sujeitos autistas

Capa: Daniel Cunha

Contato: danielcunhaapp@gmail.com

São Leopoldo, 2025

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
DIRETORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO NÍVEL DE
DOUTORADO**

TATIANA APOLINÁRIO CAMURÇA

**(RE)CONHECIMENTO, DIAGNÓSTICO E MASCARAMENTO:
NARRATIVAS DE SI E MODOS DE SUBJETIVAÇÃO DE SUJEITOS AUTISTAS**

SÃO LEOPOLDO

2025

TATIANA APOLINÁRIO CAMURÇA

**(RE)CONHECIMENTO, DIAGNÓSTICO E MASCARAMENTO:
NARRATIVAS DE SI E MODOS DE SUBJETIVAÇÃO DE SUJEITOS AUTISTAS**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientadora: Prof^a Dr^a Maura Corcini Lopes

SÃO LEOPOLDO

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

C211r Camurça, Tatiana Apolinário.
(Re)conhecimento, diagnóstico e mascaramento:
narrativas de si e modos de subjetivação de sujeitos autores/
Tatiana Apolinário Camurça . – 2025.
213 f. :il. color.

Tese de Doutorado – Universidade do Vale do Rio dos
Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, São
Leopoldo, 2025.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Maura Corcini Lopes.

1. Autismo. 2. Autistas – Narrativas de si. 3.
Neurodiversidade. 4. Subjetivação. I. Título.

CDD (20.ed.) 150.195

Bibliotecária responsável: Erika Cristiny

Brandão F. Barbosa CRB N° 3/1099

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos de perto e aos de longe. Quando manifestei a intenção de entrar nessa jornada de estudos, o medo queria prevalecer, quando, em meio à pandemia, acontecimentos e desafios urgentes nos cercavam. Mas eu queria mais que estar viva, eu queria estudar. O empurrão foi dado pela destemida e doce amiga Gleiciane, que me disse para ir sem medo. Obrigada pela coragem manifestada em palavras. Claro que nada seria nem sonhado sem a disposição e todo o financiamento de tempo, companheirismo e amor do meu paciente esposo, Mardonier. Diferente da Gleiciane, ele logo questionou minha sanidade mental por pensar em cursar doutorado numa época em que o mundo estava parado, aguardando o desenrolar dos próximos acontecimentos. Minha rebeldia logo tomou a frente e já estava assistindo às primeiras aulas; era tarde para desistir. Ele logo entendeu a força de uma vontade e me deu apoio.

Thierry, meu filho, meu encanto, você me levou por caminhos dos quais muitos fogem. Minha eterna gratidão a você, que revolucionou a minha cabeça e transformou meu coração.

Sem uma orientadora paciente e amorosa eu não teria chegado até aqui, Maura Corcini, uma alma que brilha. Abriu seu coração, sua casa, seus livros e compartilhou conhecimento. Mais que ensinar, mostrou que a aprendizagem é mais profícua se regada de afetos. Obrigada, minha mestra.

Sou grata à minha turma de doutorado, pois encontrei pessoas ricas de histórias encorajadoras, até uma colombiana eu conheci. Fabrícia, Flávia, Carolzinha, Lauren, Deise, Virgínia, Luciana, Afonso, Teo, Thamille, Liliana, obrigada pelas escutas, pelas leituras e até pelos silêncios. Também aos novos companheiros de estudos, as pesquisas e os bons encontros de leitura, mesmo que virtuais, através do amado *teams*. Agradeço os sorrisos, as perguntas e as contribuições de Edu, Yasmim, Carolzinha, Márcia, Anita, Carina, Caroline.

Minha gratidão pelas manhãs de quintas-feiras, com tantas pesquisas, desconstrução do pensamento, leituras densas. No início, me via tão perdida e agora um pouco menos, graças à generosidade de cada integrante de um grupo de estudo tão potente como a Rede de Investigação em Inclusão, Aprendizagem e Tecnologia em Educação (RIATE).

Agradeço muito a receptividade das meninas da secretaria, Gabriela Ibarra; mesmo enviando mais de duas dúzias de perguntas, fui muito bem acolhida por esse setor, assim como pela Biblioteca da UNISINOS, na pessoa da Alice, uma profissional de excelência. Agradeço às minhas amigas,

Islânia, Joana, Camile, Aline, que sempre me falaram que a pesquisa é minha paixão. Vocês não sabem como me ajudaram a acreditar em mim como pesquisadora.

Agradeço ao IFCE, por ter me dado a condição de usufruir o bem mais caro e necessário para estudar, ler, escrever e pesquisar: o tempo. Durante esses quatro anos, consegui estudar e cuidar do meu filho, graças ao serviço público. Sou uma servidora pública, o que me traz alguns benefícios; por isso, sou muito grata e vou empenhar ainda mais esforço no trabalho como funcionária pública, consciente de que servi a sociedade com meu profissionalismo.

Sou uma alma que tem um espírito e que habito um corpo; sei que parte de mim é espírito. Assim, minha plena gratidão ao Senhor, meu Deus, por me impulsionar a viver na companhia de outros, dos diferentes e me mostrar tanta beleza nesse trilhar.

DEDICATÓRIA

Aos autistas que, apesar de subestimados em escolas, em locais de aprendizagem, na sociedade, sendo vistos como inferiores, sem capacidade para pensar, escrever e dizer por si mesmos, venceram barreiras sociais, culturais e, no mundo todo, iniciaram uma jornada de escrever sobre o que pensam e sobre o que não concordam com o que dizem sobre eles. Assim, tomo inspiração e me impulsiono com o modo como muitos autistas se colocam como autores de suas letras, linhas e livros, como a autora Amy Sequenzia.

Eu uso a linguagem centrada na identidade porque esta é minha identidade e ela não pode ser separada de quem eu sou. Eu não acho que seja preciso lembrar as pessoas de que sou uma pessoa. Na linguagem centrada na pessoa há dois pesos e duas medidas, já que ela não é usada para fazer referência a não Autistas (pessoas sem autismo?). A menos que o Autista prefira a linguagem centrada na pessoa, ela não deveria ser imposta por pais, políticos, organizações ou pela mídia. Eu não tenho vergonha de “ser Autista”. Eu não tenho vergonha de “ser Deficiente”. Eu tenho orgulho. A letra maiúscula *é uma questão de orgulho com um pouquinho de provocação* (Amy Sequenzia, 2015)¹.

¹ Amy Sequenzia é uma ativista autista não falante que ama as palavras e escreve poesia em verso livre. Amy também escreve regularmente para os blogs Ollibean e Autism Women’s Network e faz outras participações em diversos blogs e websites. Ela faz parte dos conselhos da ASAN (Autistic Self-Advocacy Network), FFAST (Aliança Para Tecnologia e Serviços Assistivos) e AutCom (Comissão Nacional para Autismo), além de participar de vários congressos nos EUA e Canadá. Para comunicar-se ela usa CAA (comunicação aumentativa e alternativa), CF (comunicação facilitada) e RPM (Rapid Prompting Method). O direito dos indivíduos de comunicar-se da forma que melhor lhes atenda é uma questão importante para a Amy, assim como o direito de inclusão de todos na comunidade. Como ativista não falante e com diversas deficiências, Amy deseja atingir os Autistas mais jovens e suas famílias, mostrando-lhes que todos devem ser ouvidos, pois todos têm algo a dizer. Amy mora na Florida com amigos que são também sua rede de apoio. (Site: autismo em tradução. <https://autismoemtraducao.com/>)

TATIANA APOLINÁRIO CAMURÇA

**(RE)CONHECIMENTO, DIAGNÓSTICO E MASCARAMENTO:
NARRATIVAS DE SI E MODOS DE SUBJETIVAÇÃO DE SUJEITOS AUTISTAS**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientadora: Prof. Dra. Maura Corcini Lopes

Linha de Pesquisa: Educação, desigualdade e inclusão

Aprovada em 08 de abril de 2025

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Maura Corcini Lopes (Orientadora)
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Prof^a Dr^a Valéria Aydos Rosário - Unipampa

Prof^a Dr^a Eliana da Costa Pereira de Menezes
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

Prof^a Dr^a Betina Schuler
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Prof^a Dr^a Eli Terezinha Henn Fabris
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

SÃO LEOPOLDO

2025

As condições da existência humana – a própria vida, a natalidade e a mortalidade, o mundanismo, a pluralidade e a terra – nunca poderão “explicar” o que somos ou responder à questão de quem somos, pela simples razão de que nunca poderão condicionar-nos absolutamente.

Hannah Arendt (2017, p.14)

RESUMO

Cada vez mais, autistas compartilham suas próprias narrativas e conduzem suas pesquisas, registrando saberes e conhecimento. Essas experimentações são tão heterogêneas, quanto a condição de ser autista. Para além de teorizações sobre autismo, escrevem sobre suas observações e leituras de outros pares, colocam em cena múltiplos tipos de textos escritos em primeira mão. A experiência do autismo somada às teorizações da neurodiversidade e às teorizações do campo dos estudos foucaultianos em educação mobilizam a pesquisa que deu origem a esta Tese de Doutorado que tem como problema de pesquisa: Que operações sobre si mesmos os autores marcam em suas narrativas? A partir do problema e do manuseio precoce do material, definiu-se o objetivo principal da pesquisa, qual seja, problematizar as narrativas de si produzidas/escritas/publicadas por pessoas que se reconhecem autistas, a partir das leituras, da sistematização e da análise dos conceitos de neurodiversidade, subjetivação e narrativas de si. Quanto ao campo teórico apresento como uma outra via que não é a da clínica, a da psicologização e da sintomatização dos indivíduos, mas a da singularidade em ser autista como parte da vida humana. No campo da neurodiversidade, estão filósofos, sociólogos, educadores, neurologistas, que defendem o autismo como mais uma variedade da existência de vidas plurais e diversas. Para tanto, constituíram o material de pesquisa, 31 livros escritos por autores autistas. Do total, 26 foram analisados por serem escritos em primeira pessoa do singular ou por trazerem narrativas de si de seus autores. Por meio do modus operandi analítico, que buscou orientar-se pelas formas de subjetivação presentes nas escritas de si, foi possível visualizar três grandes formas de subjetivação dos sujeitos: (Re)conhecimento, diagnóstico e mascaramento. Cada uma delas permite concluir que o diagnóstico marca um ponto comum a todos eles, ao dizerem que ele dá início a um processo de reconhecimento de si e passam a questionar o discurso sobre ser normal. A tese defendida no trabalho é que o diagnóstico em si não é algo ruim; porém, os usos dele é que subjetivam de maneiras distintas. O diagnóstico torna-se um definidor para si mesmos, pois, ao se reconhecerem como autistas, podem resistir às práticas de normalização. Afinal, trata-se de mais uma forma de vida que não pode ser eliminada, afastada. As principais contribuições do trabalho para o campo são o tensionamento do conceito de normalidade a partir da escrita autista.

Palavras-chave: autista, narrativas de si, subjetivação e neurodiversidade.

ABSTRACT

More and more autistic people are sharing their own narratives and conducting their own research, recording knowledge. These experiments are as heterogeneous as the condition of being autistic. In addition to theorizing about autism, they write about their observations and readings of other peers, putting on stage multiple types of texts written first-hand. The experience of autism, together with theorizations on neurodiversity and theorizations from the field of Foucauldian studies in education, mobilized the research that gave rise to this Doctoral Thesis, whose research problem is: What operations on themselves do the authors mark in their narratives? Based on the problem and the early handling of the material, the main objective of the research was defined, which is to problematize the self-narratives produced/written/published by people who recognize themselves as autistic, based on the reading, systematization and analysis of the concepts of neurodiversity, subjectivation and self-narratives. As far as the theoretical field is concerned, I present it as another path, not that of the clinic, of the psychologization and symptommatization of individuals, but that of the singularity of being autistic as part of human life. In the field of neurodiversity, there are philosophers, sociologists, educators and neurologists who defend autism as one more variety of the existence of plural and diverse lives. To this end, 31 books written by autistic authors constituted the research material. Of the total, 26 were analyzed because they are written in the first person singular or because they contain their authors' self-narratives. Through the analytical *modus operandi*, which sought to be guided by the forms of subjectivation present in the self-writings, it was possible to visualize three major forms of subjectivation of the subjects: (Re)knowledge, diagnosis and masking. Each of these allows us to conclude that the diagnosis marks a common point for all of them, as they say that it initiates a process of self-recognition and they begin to question the discourse on being normal. The thesis defended in the paper is that the diagnosis itself is not a bad thing; however, it is the uses of it that subjectivize in different ways. The diagnosis becomes a defining factor for them, because by recognizing themselves as autistic, they can resist the practices of normalization. After all, this is yet another form of life that cannot be eliminated or pushed aside. The main contributions of this work to the field are the tensioning of the concept of normality based on autistic writing.

Keywords: autistic; self-narratives; subjectivation; neurodiversity.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Apresentação dos livros.....	34
Quadro 2 - Síntese estrutural da pesquisa.....	43
Quadro 3 - Dissertações e teses	51
Quadro 4 - Obras escolhidas, escritas por autistas, com narrativas de si.....	70
Quadro 5 - Obras selecionadas	95
Quadro 6 - (Re)conhecimento de si como sujeito.....	148
Quadro 7 - Síntese das diferentes formas de ver a si mesmo	154
Quadro 8 - (Re)conhecimento pós-diagnóstico	157
Quadro 9 - O Diagnóstico como salvo conduto para assumir o autismo	161
Quadro 10 - Mascaramento como prática de autoproteção	169
Quadro 11 - Desmascaramento pós-diagnóstico.....	175

LISTA DE SIGLAS

ALAG - Asperger London Area Group
ANS - Agencia Nacional de Saúde
ASAN - Autistic Self-Advocacy Network
AUTCOM - Comissão Nacional para Autismo
BBC - British Broadcasting Corporation
BBC - British Broadcasting Corporation (Corporação Britânica de Radiodifusão)
BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CDC - Centro de Controle e Prevenção de Doenças
EUA - Estados Unidos da América
FAAST - Aliança Para Tecnologia e Serviços Assistivos
GEPES - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Especial
IFCE - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
RIIATE - Rede de Investigação em Inclusão, Aprendizagem e Tecnologias em Educação
TDAH - Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade
TEA - Transtorno do Espectro do Autismo
UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais
UNESP - Universidade Estadual Paulista
USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

PARTE 1.....	16
INTRODUÇÃO: PRIMEIROS ROMPIMENTOS.....	18
1 RAZÕES QUE MOBILIZAM A PESQUISA	24
1.1 AS JUSTIFICATIVAS PARA A ESCOLHA DA MATERIALIDADE DA PESQUISA	32
2 O QUE DIZEM AS PRODUÇÕES ACADÊMICAS SOBRE PESSOAS AUTISTAS E NEURODIVERSIDADE?	45
3 ENGRENAGENS METODOLÓGICAS DA PESQUISA	63
3.1 PESQUISAR SOBRE AS NARRATIVAS DOS OUTROS	65
3.2 POR QUE OPERAR COM NARRATIVAS DE SI ESCRITAS EM LIVROS?	86
PARTE 2.....	99
4 PRÁTICAS DE SUBJETIVAÇÃO: O TORNAR-SE SUJEITO.....	101
4.1 CONCEITOS-FERRAMENTA PARA PENSAR: NARRATIVA DE SI ESCRITA COMO UMA TECNOLOGIA PARA SE PENSAR COMO SUJEITO.....	113
4.2 A ESCRITA COMO TECNOLOGIA DE EDUCAR A SI MESMO	121
4.3 NEURODIVERSIDADE: LENTES DIVERGENTES PARA ENTENDER O AUTISMO	126
4.4 O QUE ESCRITORES AUTISTA DIZEM EM SUAS NARRATIVAS?.....	132
CAPÍTULO 5 – (RE)CONHECIMENTO, DIAGNÓSTICO E MASCARAMENTO COMO MODOS DE SUBJETIVAÇÃO	142
5.1 <i>Modus operandi</i> — NARRATIVAS E A CONSTRUÇÃO DAS UNIDADES ANALÍTICAS	145
5.2 RECONHECIMENTO, DIAGNÓSTICO E MASCARAMENTO: CONVOCAÇÃO DE SI MESMO PARA DEFENDER UM MODO DE VIDA AUTISTA	146
5.4 MASCARAMENTO.	168
REFERÊNCIAS	186

PARTE 1

Primeiros rompimentos, apresentando as diferentes mobilizações e justificativas pessoais e acadêmicas para fazer a investigação. Rastreando e apresentando as pesquisas sobre autismo pelo viés da neurodiversidade e a escrita de si. Explicando as engrenagens metodológicas, conceituando e contextualizando narrativas de si e escritas de pessoas autistas como um modo de vida possível.

CAPÍTULO



PARTE 1

RAZÕES QUE MOBILIZAM A PESQUISA

INTRODUÇÃO: PRIMEIROS ROMPIMENTOS

Foi preciso romper com verdades conhecidas. Como bibliotecária de formação, percebo que a imagem estereotipada dessa profissão é de seriedade e insistência em manter a ordem e o controle dos livros e dos comportamentos das pessoas nos espaços de informação e de produção do conhecimento, no caso, a biblioteca. Essas representações midiáticas sobre o meu campo profissional, a Biblioteconomia, fazem parecer que sou assim também em todas minhas dimensões como sujeito. Em minhas atividades diárias, estou na companhia de livros, catálogos, manuais, normas, compêndios e *thesaurus*, além de outros constructos que facilitam o registro, o compartilhamento, os acessos e a guarda do conhecimento escrito. A pesquisa de inspiração foucaultiana, na qual estou imersa, entre outras razões, por participar de um Grupo de Pesquisa que opera a partir dos Estudos Foucaultianos em Educação, exigiu de mim estranhar minha própria vida, bem como a ordem dada às coisas e aos conhecimentos. Foi preciso romper com a rigidez e as seguranças que aprendi a ter ao longo da minha caminhada, para poder fazer (novas) perguntas para o que via e vivia. Tais perguntas não são simples, pois implicam, por princípio, um reposicionamento de mim mesma como sujeito que experiencia.

Como já contei, além de bibliotecária, sou mãe. Meu filho é autista e, com ele, vivemos a experiência distintas do autismo. Refiro-me à experiência do autismo, pois trata-se de algo radical, que impacta a ordem e exige reposicionamentos dos sujeitos. Mas perceber ou significar isso dessa forma somente foi possível no doutorado, depois de ter tido acesso a conhecimentos e a teorias distintas daquelas que até então eu possuía.

Quando terminei o mestrado em Planejamento de Projetos em Políticas Públicas na universidade estadual de meu estado, Ceará, eu acreditava que sabia muito a respeito dos motivos que levam as pessoas autistas a viverem experiências de exclusão de direitos, principalmente, na dimensão na educação. O acesso à aprendizagem na escola, para muitas crianças, é uma narrativa oficializada e muito distante de suas formas de ser e, imanescentes a estas, de aprender. No mestrado, mas não somente, fiz estudos de teorias pedagógicas, de metodologias e de leis que pudessem me orientar para poder contribuir com o desenvolvimento de crianças autistas. Por muito tempo, ou ocupei o lugar de “culpa” ou culpei outros pelo não desenvolvimento do meu filho e de outras crianças, que, assim como ele, viviam uma experiência de in/exclusão¹ na escola. Refiro-me à in/exclusão, pois meu filho

¹ In/exclusão foi a expressão criada para marcar as peculiaridades de nosso tempo, ou seja, para “atender à provisoriedade determinada pelas relações pautadas pelo mercado e por um Estado neoliberal desde a perspectiva do mercado”. Dessa forma marcadamente relacional, a in/exclusão se caracteriza pela presença de todos nos mesmos espaços físicos e pelo convencimento dos indivíduos de suas in-capacidades e/ou capacidades limitadas de

nasceu no século XXI, quando a inclusão já estava instituída no Brasil e era realidade na escola. A experiência do autismo é uma, entre tantas outras, que poderia trazer para a problematização. Colocar o autismo como experiência significa ter uma gramática particular, para que ele seja visto, narrado, na ambiência escolar. Sem dúvida, trata-se de uma experiência radical, que, quando vivida em coletividade, exige movimentos e espaços de liberdade para ser de outros modos. Modos dados em meio à tensão permanente da vida, tensão essa que embaralha os livros da estante.

Nesta apresentação, dedico-me a antecipar enunciações que faço no decorrer do texto com mais detalhes. Entendo que aqui devo trazer “pitadas” do que envolve meu interesse sobre o tema do autismo e das razões que me fazem assumir o termo pessoa autista² e não pessoa com autismo para escrever sobre os sujeitos. Fazendo pesquisas, surpreendi-me com o lugar e a função que autores autistas tomam para si e, através do acesso ao diagnóstico, em suas vidas. Percebi, lendo seus escritos sobre si mesmos, feitos em primeira pessoa, que o diagnóstico os convoca a dizer quem são. Tal convocação faz com que muitos se declarem autistas. Tal declaração não significa necessariamente adotar para si uma condução clínica, mas, sim, entender-se e reposicionar-se frente ao outro. Parece ser um detalhe de pouca importância para quem não é autista, mas perceber a função do diagnóstico na vida dos meus sujeitos escritores, para mim, representou um divisor de águas.

Quando iniciei as indagações para saber de que modo os autistas se tornam sujeitos de si a partir do que escrevem, assumi uma perspectiva epistemológica diferente. Ou seja, dava-me conta de que a mesma segurança que me faz categorizar livros não se aplicava à leitura da experiência autista. Se não era possível categorizar com tanta precisão a vida que escapa aos rígidos controles, a metodologia da pesquisa que eu começava a delinear também não cabia em tipificações tão clássicas. Foi preciso ler e entender como outros que trabalham com narrativas de si faziam seus trabalhos para eu poder me inspirar e assumir as narrativas de si, presentes em livros escritos por autores autistas, como possibilidades de pesquisa.

Durante os encontros com o Grupo de Orientação e o Grupo de Estudos e Pesquisa em Inclusão (GEPI), ambos coordenados pela professora Maura Lopes, minha orientadora, bem como fazendo leituras de outras teses e dissertações que operaram com narrativas de si, no campo dos Estudos Foucaultianos, percebi que livros autobiográficos escritos por autores autistas poderiam ser uma fonte rica de enunciações sobre o sujeito. Não me interessava por qualquer enunciação, mas pelas escritas em primeira pessoa. Ao perceber isso, dediquei-me a

entendimento, participação e promoção social, educacional e laboral. Maura Corcini Lopes e Maria Cláudia Dal’Igna. In/Exclusão nas tramas da escola. Canoas, Editora da ULBRA, 2007.

² Na comunidade do autismo, muitos autodefensores preferem terminologias como "autista", "pessoa autista" ou "indivíduo autista" porque entendem o autismo como uma parte inerente da identidade de um indivíduo — da mesma forma que alguém se refere a "muçulmanos", "afro-americanos", "lésbicas/gays/bissexuais/transgêneros/queer", "chineses", "talentosos", "atleticos" ou "judeus". Assim, por questões políticas assumo a forma autista e/ou pessoa autista.

coleccionar livros autobiográficos de autores autistas. Consegui reunir 31 livros. Ao lê-los, dava-me conta de que nem todos traziam a dimensão de si mesmo para o texto. Esses, eu ia afastando do grupo de possíveis livros que começava a compor para serem retomados e relidos com finalidade investigativa. Esse exercício me levou a separar 26 livros para leitura e um maior investimento analítico. Investimento que comecei a fazer para apresentar o projeto de tese e cujas análises foram mais exploradas após a banca da qualificação do projeto. Conto todo esse processo no capítulo metodológico.

Uma vez definido meu material de pesquisa, segui com as leituras de Foucault. Lia e leio Foucault não para ser uma foucaultiana, não tenho esse objetivo, mas para entender sua forma empírica de trabalhar. Assim como para outros pesquisadores do grupo de que faço parte, Foucault me é muito útil metodologicamente. Isso significa que, com ele, não quero dizer o que é mesmo a experiência de si autista, mas quero poder ver enunciações de suas manifestações, para que, a partir delas, eu possa buscar e lutar por outra escola e por outras práticas pedagógicas.

Portanto, inspirada em Foucault (2000), alio-me e me inspiro em seu modo de pensar pesquisa, na intenção de buscar singularidades dos acontecimentos, na maneira de procurar fazer perguntas para as quais ainda não existem respostas, adotar um novo movimento para o pensamento. Assim, quis contar a história de meus abandonos como pesquisadora, abandonos de antigas formas de fazer perguntas, dos abalos internos, da agitação para expurgar o comodismo das respostas fáceis. Fazendo esses exercícios provocados pelas leituras foucaultianas, mudei o rumo de meus pensamentos e assumi o desejo de estudar a experiência de si, enunciada em primeira pessoa por autores autistas.

Para compor as possibilidades de leitura das narrativas de si de sujeitos autistas, percebi que precisava ir além de Foucault. Precisava compor com ele autores que me permitissem entender, no presente, os movimentos feitos pelos sujeitos autistas na luta por outras formas de ser e de serem posicionados nas relações com os saberes e com os outros. Nessa busca, fui capturada pelos estudos da neurodiversidade. Sei que o conceito de neurodiversidade é polémico, permeado por diferentes olhares. Da minha parte, comungo a ideia da impossibilidade de um único viés, para pensar numa comunidade marcada pela diferença. Um único modo de pensar a diversidade humana não dá conta das formas de ser do sujeito. Também sei que esse campo teórico se apresenta como uma outra via que não é a da

clínica, a da psicologização e da sintomatização dos indivíduos. No campo da neurodiversidade, estão filósofos, sociólogos, educadores, neurologistas, que defendem o

autismo como mais uma variedade humana. Essa compreensão me pareceu coerente com a visão de sujeito que eu assumia para mim mesma e que problematizo no primeiro capítulo.

Tendo definido os materiais de pesquisa, as lentes teóricas que usei para construir a pesquisa, foi necessário rastrear trabalhos já desenvolvidos por outros pesquisadores, tanto para descobrir se algo semelhante já havia sido feito, quanto para me dar conta de quais perguntas ainda não haviam sido levantadas na e pela educação. Conto esse caminho no segundo capítulo do projeto. Lendo teses e dissertações de outros pesquisadores, livros de autores autistas e estudando autores, fui refinando minhas compreensões e lentes teóricas, até conseguir elaborar a pergunta central de pesquisa. Trata-se de uma pergunta “aparentemente simples”, mas é aberta o suficiente para não engessar meu processo metodológico e criativo. Assim, a pergunta embrionária da pesquisa era: **Como autores(as) autistas se narram em seus livros autobiográficos?** No entanto, após mais leituras e maior domínio da materialidade, melhorei o problema: **Que operações sobre si mesmos os autores marcam em suas narrativas?** Para desenvolver as demais etapas da pesquisa precisei de mais um conjunto de perguntas “menores” ou menos amplas, que possibilitaram trilhar os caminhos metodológicos. São elas:

- a) O que diz a produção científica sobre pessoas autistas³?
- b) Que outras pesquisas foram produzidas utilizando narrativas de si de pessoas autistas?
- c) Que conceitos elas mobilizam?
- d) Que mobilizadores de si aparecem operando nas narrativas?
- e) Como o conceito de neurodiversidade aparece nas produções de pesquisas?

Tanto a pergunta principal quanto as perguntas orientadoras estão apresentadas no capítulo 3. Várias outras questões foram levantadas na escrita do projeto, algumas delas, com

³ Ao abordar a construção social da diferença neurológica e questionar o privilégio de certos tipos de mentes, cada vez mais, pessoas neurodivergentes, inclusive os autistas, estão compartilhando suas próprias narrativas e conduzindo suas próprias pesquisas. Assim, se reconhecem como autistas, e não como pessoas com autismo. O autismo continua sendo amplamente considerado um “transtorno”, mas, recentemente, esta perspectiva vem sendo contestada pelos proponentes do modelo da neurodiversidade, que defendem a ideia do autismo e de outras variantes neurocognitivas, como partes do leque natural da biodiversidade humana.

função provocativa, outras, para mero encaminhamento do texto, e outras refletem o momento da construção em que me encontro. Não quis limpar o texto de tais questões, mesmo que elas possam sugerir, neste momento, uma multiplicação da pergunta de pesquisa. Enfim, quis deixar meu processo “sobre a mesa”, para que os leitores e as leitoras entendam um pouco melhor meus caminhos, minhas dúvidas, minhas angústias.

Como referi anteriormente, no capítulo 2, fiz uma busca na literatura e percebi que poderia seguir com a pesquisa. No terceiro capítulo, senti a necessidade de explicitar a metodologia, conforme a descrevi. Para mostrar o trabalho realizado até então, dividi o capítulo em subtítulos que organizam tanto a apresentação das linhas gerais metodológicas quanto apresentam os materiais. Na escrita, sinalizo idas e vindas na busca de materiais, na elaboração da problemática de pesquisa e, até mesmo, na estruturação das compreensões teóricas. Entre as idas e vindas da construção metodológica, dei-me conta de que, ao sistematizar e descrever o material, ia ficando mais clara para mim a teorização com a qual eu operava. Tal exercício de construção teve forte inspiração na tese de Marín-Díaz (2013). A ideia de fazer de um conjunto de livros a fonte de narrativas de si foi uma sensação boa, mas tal ousadia intelectual também foi permeada por inúmeros questionamentos sobre o *modus operandi* de como colocar na corrente da pesquisa o tom correto ou identificar marcadores sociais e escolares, as pistas que eles poderiam deixar nas escritas dos sujeitos que contam sobre si mesmos.

No quarto capítulo, o intuito foi apresentar o conceito de subjetivação, teorizações a partir de pesquisas foucaultianas, alguns entendimentos sobre a escrita como uma tecnologia. Aqui entendo que a escrita de si assume a possibilidade de tornar possível uma das práticas de que os sujeitos se apropriam para realizar a subjetivação. Ainda, no capítulo em questão, sigo com as discussões sobre neurodiversidade. Tal conceito possui distintas compreensões dentro da comunidade autista, mas interessa, nesse trabalho, assumir que ele engloba possibilidades, ou seja, ele permite defender que uma conexão neurológica atípica ou neurodivergente é uma manifestação da diferença humana. O conceito foi usado pela primeira vez pela socióloga australiana e portadora da Síndrome de Asperger, Judy Singer, em 1998, na tese defendida na Universidade de Tecnologia de Sidney. Recentemente, algumas matérias jornalísticas têm se interessado em trazer informações sobre esse movimento.

Pessoas consideradas neurodivergentes podem ter variações cognitivas como transtorno de déficit de atenção com hiperatividade (TDAH), autismo, ansiedade, dislexia (transtorno de aprendizagem que dificulta leitura e escrita) ou dispraxia (transtorno neurológico de coordenação motora). Segundo o programa Neurodiversidade no Trabalho, da

Universidade Stanford, entre 15% a 20% da população mundial é considerada neurodiversa. O restante seria classificado como neurotípico (BBC, 2022).

Alguns autores como Ortega (2008) trazem contrapontos interessantes nas discussões sobre neurodiversidade. A abertura de mais espaço nas mídias de comunicação fortaleceu o embate político entre os ativistas do movimento autista e as organizações de pais e profissionais dos grupos “pró-cura”, o que pode ajudar a desenvolver ideias reducionistas e separatistas da causa autista, simplificando o pensamento apenas pelo viés identitário.

Por fim, no quinto capítulo, apresento, minhas análises, a partir de três unidades analíticas: (RE)conhecimento, diagnóstico e mascaramento, com a intenção de evidenciar modos de como meus sujeitos, escritores autistas, se mobilizam, se tornam sujeitos. Por fim, a conclusão da tese, em que destaco minhas aprendizagens como pesquisadora, minhas expectativas com relação aos meus achados, minhas análises, bem como a tese que defendo, qual seja, o diagnóstico em si não é algo ruim; porém, os usos dele é que subjetivam de maneiras distintas. Para muitos que se narraram, o diagnóstico foi um definidor de si mesmos, pois, ao se reconhecerem como autistas, puderam resistir às práticas de normalização. Afinal, trata-se de mais uma forma de vida que não pode ser eliminada, afastada.

Entendo que são muitas as contribuições do meu trabalho, tanto para aqueles e aquelas que, como eu, vivenciam cotidianamente, em suas casas, a experiência do autismo, quanto para aqueles e aquelas que pesquisam no campo não só da educação, mas também, no campo das ciências sociais e da psicologia. Entre as contribuições de meu trabalho cito: Butler (2013, 2015, 2021,), Gallo (2018), Ortega (2007, 2008,) Pagni (2007, 2022, 2023), Skliar (2003), Larrosa (1994) Lopes (2006, 2009). Assim como eu fui sendo capturada pela compreensão daquilo que os autores autistas me mostravam, desejo que meus leitores e leitoras também sejam convencidos a tensionarem as práticas capacitistas e os discursos que consideram o autismo um elemento de isolamento e de solidão.

Desse modo, sigo pesquisando, estudando e desejando inspirar e provocar outros modos de fazer pesquisas em torno do autismo e do(as) autistas. Percebo que, nos últimos anos, os estudos sobre deficiência deixaram de ser restritos aos campos da medicina, ao serviço social, sendo deslocado o objetivo voltado para práticas de reabilitação, ainda que timidamente, para estudos na educação, incluindo as subjetividades dos indivíduos, as singularidades bem como os efeitos dos cruzamentos das camadas das desigualdades e das injustiças sociais.

Como mãe de autista, penso que não sou diferente de muitas mães que vivem uma experiência em comum, que nos mobiliza, nos transtorna, mas também nos transforma. Com

a força de uma catapulta, somos arremessadas para terrenos bem distantes, onde também encontramos mais de nós, outras mulheres mães, que também se modificam ao se depararem com a deficiência de um filho. O que causa transformação são as diferentes dificuldades que encontramos cotidianamente, mas, ao mesmo tempo, há um teimoso desejo de que exista para os nossos filhos, pelo menos um vestígio de cidadania, para que eles sejam o que desejarem ser.

1 RAZÕES QUE MOBILIZAM A PESQUISA

Eu gosto de tudo no autismo. É o que sou e eu gosto de quem sou. No entanto, há uma vantagem que os não autistas têm: privilégio. Ser considerado a norma, o desejado, o “certo”. Mas isso se deve a percepções sociais. Isso se aplica atodas as pessoas deficientes (Sequenzia, 2015, s.p).

Amy Sequenzia é uma ativista autista não falante que ama as palavras e escreve poesia em verso livre. Sequenzia também escreve regularmente para os *blogs* Ollibean e *Autism Women's Network* e faz outras participações em diversos *blogs* e *websites*. Ela faz parte dos conselhos da ASAN (*Autistic Self-Advocacy Network*), FAAST (Aliança Para Tecnologia e Serviços Assistivos) e AutCom (Comissão Nacional para Autismo), além de participar de vários congressos nos EUA e no Canadá. Para comunicar-se, ela usa a CAA (comunicação aumentativa e alternativa), CF (comunicação facilitada) e RPM (*Rapid Prompting Method*). O direito dos indivíduos de comunicar-se da forma que melhor lhes convém é uma questão importante para a autora, assim como o direito de inclusão de todos na comunidade.

No Brasil, o site *Autismo em tradução* faz um trabalho relevante ao apresentar, resenhar e publicar escritas de pessoas autistas em outros países, principalmente, de língua inglesa. A página é um lugar de encontro de escritas de autistas, uma ferramenta útil para ampliar o autismo, através da escrita em primeira pessoa, a escrita singular. Através desse canal, pude entrar em muitas outras portas de leituras com a intenção de conhecer as escritas de pessoas autistas, em muitos lugares do mundo. As palavras de Sequenzia (2015), de imediato, me causaram tremores, pois ela foi uma das autoras que me ajudaram a abandonar outras leituras que apequenavam os sujeitos autistas.

Eu sou autista e tenho epilepsia e paralisia cerebral. Escrevo poesia – publiquei três pequenos livros – e artigos sobre autismo, deficiência, ser autista. Eu digito para me comunicar. Comecei a datilografar aos oito anos, mas durante muitos anos não datilografei muito por causa de convulsões que me deixavam muito cansada o tempo todo e por falta de apoio. Hoje não consigo imaginar ser silenciado novamente (Sequenzia, 2015, s.p).

Ao abandonar muitas leituras de textos sobre autismo, escritos por pessoas não autistas, fui tomada de alegria e de esperança, por entender o autismo a partir de um lugar que eu não conhecia, ou seja, longe da concepção de doença e da tristeza. Tal afastamento foi mobilizador para mim, pois me dei conta de que posso ler o mesmo objeto de maneiras distintas.

Sou bibliotecária e atuo no Instituto Federal de Ciências e Tecnologia do Ceará (IF Ceará). Atendo estudantes de diferentes níveis de ensino (da Educação Básica até a Pós-Graduação), que vão à biblioteca para pesquisar e estudar. Nesse contexto profissional, em 2014, comecei a me preparar para cursar mestrado. Entendia que o tema leitura no ensino superior era mobilizador e importante de ser estudado no mestrado, na Universidade Estadual do Ceará. Conforme fui amadurecendo meu interesse, bem como conforme minha experiência como bibliotecária me permitia ver que pessoas com deficiência começavam a ingressar em níveis mais elevados de ensino, comecei a mudar o foco investigativo. As políticas de cotas passaram a chamar minha atenção. Hoje justifico meu interesse tanto por sempre observar o perfil dos alunos que iam até a biblioteca, quanto por ser mãe de uma criança autista.

Minhas experiências como bibliotecária — que sentia de perto os efeitos das políticas de inclusão — e de mãe⁴ de uma criança autista fizeram com que eu convivesse intensamente com o que Lopes (2009) chama de in/exclusão. Embora as políticas de inclusão tenham aberto espaços para as pessoas com deficiência circularem em espaços até então não frequentados por elas, também abriram espaços para que a exclusão ficasse explícita. A partir das experiências referidas acima, percebi que não era simples falar de inclusão e de exclusão, pois não se tratava simplesmente de estar dentro ou fora de determinados espaços, como eu antes imaginava. A exclusão significava muito mais do que a não entrada das pessoas com deficiência nos espaços e nas instituições. Ela abarcava, também, os limites humanos de se

⁴ Ser mãe de um filho diagnosticado, aos dois anos de idade, “com autismo” é vivenciar extremos. No dia da comunicação do diagnóstico, o neuropediatra me explicou que o autismo é um “rótulo”, algo semelhante a uma “placa de identificação”. Além do diagnóstico, também me foi dito que era preciso correr contra o tempo, pois ele poderia ter muitos prejuízos cognitivos, comportamentais e de fala. Junto com o laudo, recebi outro envelope com um documento em duas vias, preenchido, carimbado e assinado. Tratava-se de um encaminhamento para receber o benefício do INSS, benefício por invalidez. Enfim, a experiência da maternidade converteu-se, por muito tempo, numa busca permanente de normalização e controle. Isso tudo, entre outros atravessamentos, constituiu-me e constituiu meus interesses tanto no mestrado quanto no doutorado. Embora, no doutorado, minha compreensão seja outra, sigo nutrida pelo desejo de saber mais, para poder mudar o rumo da vida de outras mães.

relacionar uns com os outros. Portanto, entendi que a exclusão acontecia dentro das engrenagens inclusivas. Diante de tal entendimento, dei-me conta de que o não acolhimento do meu filho pelas escolas e o desconhecimento da sua condição me impunham uma luta permanente pela sua inclusão, para que ele pudesse aprender. Resumindo, eu estava vivenciando um período de intensas reflexões em casa, com dificuldades para dialogar com a escola de meu filho, no trabalho, com a chegada de novos alunos com diferentes deficiências e poucas mobilizações para o acolhimento desse público, enquanto, no mestrado, tinha que decidir o que estudaria e pesquisaria para construir a dissertação.

Minha pesquisa de mestrado acabou sendo sobre política de inclusão, problematizando a Lei Berenice Piana, de 2012, nas escolas de Fortaleza. Preciso dizer que, ao buscar leituras sobre inclusão de pessoas autistas, sempre me deparava com o mesmo quadro: a classificação do autismo como doença, segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais DSM-5 (referência mundial de critérios para diagnósticos), bem como a descrição de comportamentos típicos apresentados por pessoas que se encontravam no gradiente do espectro autista. Já as leituras relacionadas com a escola e a aprendizagem traziam inúmeras descrições de problemas enfrentados pelos professores na sala de aula e de enumerações do que os estudantes não conseguiam fazer. Quando algo escapava das referidas descrições, a tendência era uma forte discursividade clínica, no sentido de como proceder para desenvolver uma conduta mais parecida possível com a da típica de uma criança sem autismo. Fragmentos de discursos jurídicos se mesclam com discursos clínicos e pedagógicos na descrição dos estudantes diagnosticados com autismo, ora marcando direitos desses indivíduos à escola e a serviços de apoio, ora reafirmando suas necessidades específicas.

No doutorado em Educação, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, integrando o Grupo de Estudo e Pesquisa em Inclusão (GEPI) e a Rede de Investigação em Inclusão, Aprendizagem e Tecnologias em Educação (RIIATE), ambos coordenados pela professora Maura Corcini Lopes, minha orientadora, adentrei em uma outra compreensão tanto sobre a inclusão quanto sobre o autismo. Dei-me conta de que autistas podem ser descritos de outras maneiras que não sejam as que descrevi acima e que podem falar por si próprias.

Na minha visão, enquanto continuarem ignorando a voz dos autistas e continuarem se focando em pesquisas relacionadas à cura, esquecendo das pessoas que estão vivas e lidam diariamente com uma série de desafios, além dos problemas de capacitação profissional de quem deveria entender para fornecer suporte aos autistas, continuaremos enfrentando problemas relacionados à inclusão. Nem todas as pesquisas, livros e suportes darão conta quando vivemos em uma sociedade envenenada pelo preconceito, que disfarça sua psicofobia com boas intenções (Grandin, 2015, p.65).

Com as novas leituras, boa parte delas de escritos de pessoas autistas, bem como com as provocações do meu novo grupo de pesquisa, fui, aos poucos, entendendo melhor minha própria experiência, além da forma de vida dos *neurodiversos*⁵. Através das reuniões de pesquisas e de encontros com outros pesquisadores, pude tensionar meu entendimento de autismo, ao conhecer e problematizar o conceito de inclusão, articulado ora à deficiência, ora ao transtorno do espectro autista, como uma estratégia biopolítica. Também fui entendendo a exclusão não como o outro da inclusão, mas como um componente imanente da inclusão, ou seja, como duas faces de uma mesma moeda.

Assim, na companhia de colegas que compõem o grupo de orientação da professora Maura e o GEPI, estou buscando entender e escrever sobre a forma de vida daquele que integra como autista o amplo leque da neurodiversidade. Ainda está sendo uma grande aventura apropriar-me de novas maneiras de compreender o que sempre entendi pelo viés clínico, mas compreendo que, com tudo o que já li e discuti, não consigo mais voltar a pensar como antes. No doutorado, aproximei-me de leituras que me roubaram qualquer certeza e me lançaram num eterno movimento de suspeitar das grandes narrativas. Tudo o que tenho aprendido tem forte inspiração nos Estudos Foucaultianos, pois ingressei num grupo que tem história nesse campo e nas problematizações sobre temas como surdez, deficiência, (a)normalidade, desigualdades, inclusão, in/exclusão, diferença etc.

Com uma base de compreensão mais alargada devido às leituras ao longo de meus primeiros dois anos de doutorado, tenho escutado *podcasts*, assistido a *lives*, acompanhado *blogs*, pesquisado em *sites*, entre outras possibilidades de geração de conteúdos em plataformas digitais, em busca de pronunciamentos de pessoas autistas⁶, que trouxessem enunciações que permitissem perceber experiências vivas de quem resiste à redução de si mesmo a um diagnóstico.

Estar cada vez mais imersa num mundo investigativo tem me proporcionado muitas descobertas. Meu tempo de descoberta tem se acelerado, embora nem sempre o tempo de assimilação e de reelaboração escrita do que tenho refletido esteja tão claro para mim mesma.

⁵ Embora não vá aprofundar o conceito de neurodiversidade nesta nota, pois o farei posteriormente, no capítulo 4, penso que é importante dizer o que estou entendendo ao usar o conceito. Neurodiversidade é um movimento liderado por pessoas autistas de alto funcionamento que defendem a leitura do neurodiverso como uma *forma de ser*, ou seja, uma forma de estar no mundo, entendida na mesma matriz de compreensão das identidades culturais.

⁶ Uso pessoas autistas, pois, ao assumir a perspectiva da neurodiversidade, parto do pressuposto de que o autismo não é um diagnóstico, mas um traço constitutivo da forma de ser do sujeito.

A escrita impõe um outro ritmo às reflexões. Ritmo esse nem sempre respeitado por mim, pois tenho o desejo de escrever tudo o que estou aprendendo, mas o papel impõe ordem e seleções. Durante minhas investidas em busca de pesquisas sobre o tema autismo, embora tenha encontrado muitas investigações, poucas tensionam os diagnósticos e trazem argumentos sobre o autismo, voltando o foco para uma condição que determina formas de vida específicas, a serem compartilhadas com outros semelhantes. Acredito — após minha experiência pessoal, as leituras que tenho feito, as discussões nos grupos de que participo, entre outros eventos formativos — que o campo da Educação é profícuo para entendermos melhor o que passa entre as pessoas, nas relações de uns com outros. Entendo que a educação das pessoas passa por uma convivência ética e por falarmos abertamente sobre o que nos atravessa e constitui. Por isso, entre outras razões, invisto na Educação. No campo, aprendi que, para além das instituições de ensino, também aprendemos sendo interpelados por outros e por meio de artefatos diversos. Entre tais artefatos, os livros chamam mais minha atenção, pois nos fazem aprender com aquele que escreve.

Além dos livros que comecei a juntar no início de meu doutorado, como forma de entender melhor a experiência que me atravessava como mãe de criança autista, como bibliotecária que auxiliava estudantes com deficiência e autistas a buscarem seus livros na biblioteca e como doutoranda em Educação, também investi na busca por teses e dissertações que abordassem a educação de pessoas autistas. Uma das primeiras pesquisas que acessei foi a de Caroline Succo Rodrigues, desenvolvida na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Rodrigues, 2019). Segundo a pesquisadora, o autismo, muitas vezes, é visto como um enigma incompreensível que desperta curiosidades, encantos e angústias, principalmente, nas escolas. A autora nos faz perceber o quanto abordar e ler trabalhos que tratam do tema pode ser potente para o aprimoramento das práticas escolares (Rodrigues, 2019). Concordei com ela, mas meu desejo era percorrer outros caminhos que não fossem o das práticas escolares. Sentia necessidade de ampliar os conceitos.

Nesse contexto, os escritos de Sequenzia (2015) me fizeram perceber a necessidade de a pessoa autista falar sobre si mesma e por si mesma. A autora escreve narrativas em seu *blog online*. Em tom de protesto, faz denúncias que dizem respeito ao seu desejo de falar por si, sobre sua condição de vida, bem como manifesta a necessidade de falar por ela mesma, deixando evidentes seus impulsos por mais vida, por mais autonomia e por reconhecimento de sua condição.

Na busca por literatura escrita por autores ou autoras autistas, parou em minhas mãos o livro da americana Temple Grandin. A autora escreveu diversos livros, não apenas sobre

autismo. Ela nos faz entender que sua condição neurológica diversa influencia sua maneira de enxergar a vida. No livro, *O Cérebro Autista*, Temple Grandin joga luz sobre experiências vividas por Grandin. Ela cresceu numa época em que pouco se sabia sobre autismo. Tal fato dificultou muito a compreensão das pessoas sobre o autismo, inclusive, a compreensão de si mesmas. A autora afirma que não deixa o autismo *a definir*, pois quer preencher lacunas de falta de compreensão ou de excesso de descrições médicas sobre o sujeito. Afirma que o preconceito é real e não se trata de uma reação à ação de alguém autista. Percebo que ao falar de uma sociedade que vive pautada por uma normalidade que exclui o diferente, Grandin tem uma visão positiva do autismo, mesmo tendo que se adaptar a muitos comportamentos e exigências da sociedade típica.

Minha maneira de falar soava exaltada e abrupta. Na minha cabeça, sabia o que eu queria dizer, mas as palavras nunca saíam de acordo com o meu pensamento. Hoje sei que parte do problema se devia a eu não ser capaz de acompanhar o ritmo da fala dos outros, o que me fazia dar uma impressão mais dura do que eu pretendia. Mas conseguia escrever meus pensamentos e, muitas vezes, nas minhas visitas ao observatório, escrevia sobre meus sentimentos no meu diário (Grandin, 2000, p. 87).

À medida que começava a entender melhor minha própria experiência, a inquietude foi tomando conta e as perguntas começaram a aparecer. Muitas são as questões, mas, para algumas, eu já tinha respostas, para outras, não. Fui exercitando o ato de fazer perguntas até que a pergunta que assumo como problema de pesquisa se consolidou: **Que operações sobre si mesmos os autores marcam em suas narrativas?** Minha curiosidade parece, inicialmente, muito simples, mas fui entendendo a complexidade de buscar respostas para tal pergunta, conforme fui estudando a narrativa e a constituição do ser a partir da escrita de si. Volto a esse assunto mais adiante, em um outro capítulo.

Estudar e ler a partir de um lugar em que se assumir autista não é uma tragédia não se limita a ser compreendido exclusivamente por um único viés clínico, explicado apenas por código numérico, retirado de um índice de doenças. Colocar outras lentes para pesquisar vidas autistas longe dessas compreensões pareceu-me uma oportunidade bastante atraente. Afinal, estava abrindo uma nova trilha, diferente das já percorridas pelos saberes médicos. Mesmo que haja médicos que expliquem e entendam o autismo por outras linhas e que estimulem a convivência entre autistas, é difícil encontrá-los. Grandin (1999) confessa que, como adulta, apenas recentemente percebe mais pessoas como ela se manifestando a respeito de vivências

e experiências como as que teve, que não lembra de ter um modelo para se inspirar dentro da comunidade autista e que as vozes que pareciam trazer as verdades eram sempre de médicos. Quando médicos e outros profissionais da educação e da saúde não atualizam seus conhecimentos sobre as diferenças, a ideia de deficiência como tragédia é multiplicada na sociedade, gerando ou reforçando interpretações duras e até preconceituosas sobre aqueles que integram o que chamamos de grupos dos neurodiversos. Como contraponto a um único modo de pensar a respeito desse grupo de sujeitos, de pessoas autistas, cada vez mais, eles próprios têm resistido às discriminações negativas que sofrem, por meio de suas narrativas escritas. Muitas são as formas de se narrarem. Provavelmente, muitas dessas pessoas usam diários para escreverem ou desenharem sobre si mesmas, outras escrevem em parceria com pessoas sem autismo, para poderem registrar suas ideias. Entretanto, não me interessa por qualquer escrita, busco nos livros as narrativas de si, produzidas por escritores autistas.

Acredito que, ao tomar a materialidade constituída por livros publicados por pessoas autistas, poderei exaltar publicações sobre o tema, que não foram produzidas por profissionais da saúde. São os sujeitos autistas falando de si mesmos, inclusive, se posicionando a respeito de como preferem ser nomeados. Aqui sigo chamando-os de sujeitos autistas, pois os próprios sujeitos querem se declarar dessa forma, marcando uma posição política neurodiversa. Tendo essa orientação, assumo a perspectiva de que a linguagem constitui as coisas e o que somos. Assim, pesquiso narrativas de si de autistas e que se autodeclararam como tal ou como neurodivergentes, não adotando para si, embora não os ignorem. Portanto, embora os autistas reconheçam inúmeras experiências vividas ocupando a posição de deficiência, reconheçam sofrimentos e exclusões que geraram dores que calejaram e carregaram a visão que tinham sobre si mesmas, lutam para seguirem sendo vistas e posicionadas de outros modos, fora dos modelos da anormalidade e da deficiência⁷.

⁷ Passando rapidamente sobre episódios que marcaram e construíram uma visão hegemônica sobre o autismo, vale dizer que a palavra “autismo” foi usada pela primeira vez, em 1908, por Eugen Bleuler, para se referir aos pacientes que haviam sido diagnosticados com esquizofrenia e eram excessivamente retraídos. Em 1911, o termo foi apresentado à literatura psiquiátrica por Bleuler como uma síndrome que afeta invasivamente a relação social do indivíduo, explicando, então, o uso da etimologia “auto”, do grego, “si mesmo”. Em 1943, outro médico chamado Léo Kanner, psiquiatra austríaco, publicou a obra *Distúrbios Autísticos do Contato*. Sua pesquisa foi desenvolvida no hospital americano Johns Hopkins, onde observou onze crianças, das quais oito eram do sexo masculino e outras três do sexo feminino. Seus estudos naquele hospital acabaram conduzindo a compreensão do autismo em crianças como uma espécie de psicose infantil. Em 1945, Hans Asperger apresentou à comunidade científica um quadro em que crianças apresentavam comportamentos semelhantes aos sintomas das apresentadas por Léo Kanner. Diante da preocupação em explicar e classificar o autismo, é preciso dizer que os critérios que subsidiavam o diagnóstico do autismo hoje passaram por diversas mudanças ao longo dos

Ao mencionar as dores carregadas por pessoas autistas, ao sentirem a discriminação negativa ou a normalização de suas vidas, é preciso fazer referência àqueles e àquelas que convivem, lado a lado, com tais pessoas, compartilhando as mesmas lutas diárias. Como mãe de autista, sinto-me, ao acompanhar meu filho, cúmplice ocular de seu sofrimento. Por querer que ele seja visto e narrado de outras maneiras, justifico boa parte de minhas escolhas investigativas. É importante dizer que, ao me posicionar na perspectiva da neurodiversidade, não ignoro o fato de as pessoas autistas necessitarem de diagnósticos e de tratamentos específicos. Todavia, friso a importância de não encerrarmos a compreensão do sujeito, restrita ao diagnóstico ou aos efeitos dos fármacos.

Feitos os registros acima, que justificam em parte minhas escolhas, retomo as palavras de Corazza (2002):

Uma prática de pesquisa é um modo de pensar, sentir, desejar, amar, odiar; uma forma de interrogar, de suscitar acontecimentos, de exercitar a capacidade de resistência e de submissão ao controle; uma maneira de fazer amigos e cultivar inimigos; de merecer ter tal vontade de verdade e não outra(s); de nos enfrentar com aqueles procedimentos de saber e com tais mecanismos de poder; de estar inseridos em particulares processos de subjetivação e individuação. Portanto, uma prática de pesquisa é implicada em nossa própria vida (Corazza, 2002, p. 16).

As palavras da autora, lidas por mim muitas vezes, tornaram-se apoio nos momentos em que me deparava com o volume de trabalho, de leituras e a necessidade de fazer escolhas. No caminho não linear da pesquisa, senti, muitas vezes, coragem de avançar com meus estudos, medo de tomar rumos equivocados, determinação quando percebia avançar na compreensão de conceitos tão difíceis para mim e motivação quando senti meu olho brilhar

anos. Segundo Fernandes, Tomazelli e Girianelli (2020), os manuais utilizados pela medicina foram sendo atualizados, e a classificação diagnóstica do transtorno também foi se modificando em decorrência de novos estudos. Apenas para ilustrar o que disse anteriormente, da supremacia do saber médico e estrangeiro nos domínios de assunto que se refere ao autismo, na primeira edição do DSM - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (APA), em 1952, o autismo foi classificado como reação esquizofrênica tipo infantil; na segunda edição, de 1968, foi classificado como esquizofrenia tipo infantil; em 1980, no DSM III, o termo doença foi substituído por desordem; no DSM IV, o autismo era classificado dentro dos transtornos invasivos do desenvolvimento. Já na 5ª edição, mais recente, o DSM V, o autismo passou a ser considerado um transtorno do neurodesenvolvimento e passou a denominar-se Transtorno do Espectro Autista, abrangendo em uma única classificação todos os anteriormente classificados como transtornos invasivos do desenvolvimento. De acordo com a edição do DSM-5, o TEA caracteriza-se por déficits para efetivar a comunicação, principalmente a falada, limitações para compreender comportamentos, regramentos sociais em múltiplos contextos, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social. Também apresentam dificuldades em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos, apresentam formas de comportamento mediante padrões restritos e repetitivos, estando em diferentes ambientes da sociedade (American Psychiatric Association, 2014, p.31).

quando defini que buscaria as narrativas de si daqueles que tão pouco puderam ou foram chamados a falarem de si.

O tema faz brilhar os olhos? Muitas vezes, a professora-orientadora me provocava com essa indagação em sala de aula. No dia em que tive a resposta para dar e resisti às suas indagações, percebi o que ela queria dizer e senti que eu resistiria à vida dura e, ao mesmo tempo, sedutora, do doutorado, investigando um tema tão próximo a mim.

Qual o tema de sua pesquisa? O que você quer responder? Qual o objeto de sua pesquisa? Quais as perguntas condutoras de sua pesquisa? Quais questões, lacunas, espaços vazios deixados por outros autores que eu poderia e gostaria de pesquisar? Quais pesquisas existentes estão circulando e que ainda não responderam o que eu quero estudar? O laboratório de perguntas levantadas nos grupos de estudos, tanto nos encontros de orientação, quanto nos encontros de pesquisa do grupo RIIATE (Rede de Investigação e Inclusão, Aprendizagem e Tecnologia em Inclusão), foram possibilidades e causadores do meu processo de burilamento interno, lapidação intelectual, gestação coletiva da minha ideia de investigação.

1.1 AS JUSTIFICATIVAS PARA A ESCOLHA DA MATERIALIDADE DA PESQUISA

No Brasil, não temos dados populacionais atualizados para afirmar com mais segurança, o número de pessoas autistas. Nos Estados Unidos da América (EUA), pesquisas de prevalência de autismo são atualizadas a cada dois anos e trazem dados de crianças com oito anos de idade. Tais pesquisas afirmam que uma em cada 36 crianças de oito anos são autistas. Conforme informações do Centro de Controle de Prevenção e Doenças (CDC) dos EUA, em 2022, em comparação aos dados de 2021, houve um crescimento de 22% na prevalência do autismo. No Brasil, conforme estimativa publicada no site *Mundo Autista* (2023), baseada num pequeno estudo de prevalência de autismo, realizado em 2011, o número é de um autista para cada 367 habitantes. Até que possamos ter dados do Censo, previstos para 2025, muitas são as especulações sobre o assunto. Porém, o fato é que cada vez mais ouvimos falar do assunto, principalmente, se adentrarmos o mundo da escola. Ouvimos, entretanto, poucos posicionamentos de pessoas autistas sobre suas experiências.

Embora a divulgação de informações sobre o autismo tenha aumentado, de forma geral, percebe-se uma escassez de relatos de autistas em primeira pessoa e raros são brasileiros. Para Ortega (2009), a maioria dos autistas que aparecem falando em primeira pessoa é estrangeira. Muitos são conhecidos internacionalmente, por terem escrito biografias

famosas que lhes permitem militar pela causa autista. Portanto, ainda há muitos espaços a serem tomados pelos autistas com seus textos, relatos e vozes.

Rios, Ortega, Zorzanelli e Nascimento (2015) colaboraram com a minha decisão de querer aprofundar entendimentos sobre as narrativas de cunho autobiográfico, de pessoas que, até bem pouco tempo atrás, permaneciam no silêncio e na invisibilidade. Os autores mencionam a produção escrita em primeira mão por autistas como escassa, prevalecendo o silêncio, o ocultamento de seus próprios pensamentos, enfim, por diferentes motivos, pouco se conhece sobre esses escritos em primeira pessoa.

Ao escrever em primeira pessoa, usando seu “nome próprio”, por meio de narrativas autobiográficas, os autistas afirmam identidades, formam saberes verdadeiros acerca de si. Nesse sentido, são citadas recorrentemente, as autoras Temple Grandin — professora, escritora americana, com filmes e livros conhecidos em muitos países e que milita pela causa autista — e Judy Singer — ativista conhecida pela causa da neurodiversidade, na Europa.

Ambas as autoras referidas no parágrafo anterior mobilizam ativistas do movimento da neurodiversidade a lutarem pelo reconhecimento do autismo como uma diferença humana a ser respeitada, constituindo a compreensão como chave principal dos direitos humanos (Ortega, 2008). Conforme Ortega (2009), que também se posiciona fortemente em defesa da diferença, há complexidade e heterogeneidade nas manifestações, quando o tema é autismo. Quanto à heterogeneidade, chamam mais atenção, na mídia, os diagnósticos, as incertezas e os debates acerca do futuro incerto das pessoas autistas. Igualmente, chamam mais atenção, discussões acerca da natureza e da origem do autismo do que assumir a condição autista como constitutiva de uma forma de ser dos sujeitos.

Sequenzia (2015), ao afirmar que gosta de quem é autista e de tudo que envolve o autismo, posiciona-se como autista e provoca a pensar a respeito do estranhamento que tal afirmação gera em quem possui a normalidade como referência, para olhar e caracterizar os outros. Assumir o autismo como mais uma diferença humana exige deslocamentos radicais nas maneiras de entender a norma e a normalidade. Parâmetros de normalidade são radicalmente postos em questionamento, exigindo fortes deslocamentos nas posições que uns ocupam em relação a outros, o que implica, inclusive, deslocar-se da posição, de certa maneira cômoda, de normal, assumida por alguns e não por outros.

Diante do exposto, pergunto: seria possível assumir o autismo como forma de vida, sem perder os ganhos das conquistas no campo da deficiência e do transtorno global de desenvolvimento? Como lutar pelo reconhecimento da diferença humana sem cair na

centralidade identitária e, tampouco, na vitimização? Como pessoas autistas vivem a condição de neurodiversas? O que as pessoas autistas dizem sobre si mesmas quando falam ou escrevem em primeira pessoa? Que sentimentos, relações, saberes e estratégias as pessoas autistas enunciam ao escreverem sobre si mesmas? O que podemos aprender com as pessoas autistas quando elas se dão a conhecer?

Muitas são as perguntas que marcaram a construção da primeira parte da jornada no doutorado. Algumas foram respondidas com mais facilidade; outras, não. É imperativo não simplificar o que os autistas nos dizem. Ao conhecer suas histórias, devo estar atenta para articular as configurações complexas de suas escritas. Diante das narrativas de um grupo de sujeitos atravessados por discursos do tempo presente, que enredam e são enredados por redes de poderes, é imperativo não definir tais sujeitos pelo viés de uma única história, pelo olhar de uma identidade fixa. Em outras palavras, quando narram a si mesmas, também abrem possibilidades para deslocar as tramas de verdades construídas sem a voz deles. Quando tomam a palavra para expressar suas narrativas em primeira pessoa, estão agindo, exercem um poder político sobre si mesmos, questionam-se e explicam como desejam ser vistos. Também podem ensinar a ressignificar o modo como são narrados a partir da revisão radical do conceito de normalidade.

Dadas as diretrizes iniciais do meu trabalho ou os contornos de como gostaria de ser lida, apresento um quadro com as referências das obras que compuseram o material do qual extraí narrativas feitas em primeira pessoa.

Quadro 1 – Apresentação dos livros

1	Autor: Costa, João Paulo Vasconcelos. Título: Eu, adulto e autista. Fortaleza CE. Centro Universitário Estácio do Ceará, 2019.
2	Autora: Mendonça, Sophia. Título: Outro olhar: reflexões de um autista. Belo Horizonte: Editora Manduruvá. <i>E-book</i> .
3	Autor: Sales, Nicolas Brito. Título: Tudo o que eu posso ser. São Paulo: Editora independente, 2017.
4	Autor: Rugnski, André. Título: Autismo adulto, quando nos descobrimos. São Paulo: Amazon, 2016.
5	Autor: Campus, André. Título: Meu mundo à parte. Nanuque: Editora independente, 2019. <i>E-book</i> .
6	Autor: Robison, John Elder. Título: Olhe nos meus olhos. São Paulo: Larousse, 2008.
7	Autora: Mendonça, Sophia. Título: Neurodivergentes . Belo Horizonte: Manduruvá, 2019. <i>E-book</i> .
8	Autora: Silva, Selma Sueli.

	Título: Minha vida de trás para frente. Belo Horizonte: Manduruvá 2017. <i>E-book</i> .
9	Autora: Grandin, Temple. Título: O cérebro autista: pensando através do espectro. Rio de Janeiro: Record, 2015.
10	Autora: Grandin, Temple. Título: Uma menina estranha: autobiografia de uma autista. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
11	Autor: Camargo, Cristiano. Título: Autista com muito orgulho: a síndrome vista pelo lado de dentro. São Paulo: Verde, 2012.
12	Autora: Maria, Patrícia. Título: Um olhar atípico. Porto Alegre: Atípica, 2022. <i>E-book</i> .
13	Autor: Petry, Marcos. Título: Memórias de um Autista por ele mesmo. Blumenau: 3 de maio, 2018.
14	Autor: Temmet, Daniel. Título: Nascidos num dia azul. São Paulo: Intrínseca, 2007.
15	Autor: Karniol, Isac Germano. Título: Autismo além do diagnóstico. São Paulo: Amazon do Brasil 2016. <i>E-book</i> . (na obra diz que o nome do autor é fictício e não há imagem do autor)
16	Autor: Rosa, Frederico de. Título: O que eu nunca disse antes: eu, meu autismo e no que eu acredito. São Paulo: Edições Paulinas, 2016.
17	Autor: Alves, Siael. Título: Autismo aos 26. 2. ed. São Paulo: Amazon7 do Brasil 2020. <i>E-book</i> .
18	Autora: Silva, Selma Sueli; Mendonça, Sophia. (Org.). Título: Autismo no feminino: a voz da mulher autista. Cajamar: Amazon, 2022. <i>E-book</i> .
19	Autora: Goldchmit, Julie. Título: Imperfeitos: um relato íntimo de como a inclusão e a diversidade podem transformar vidas e impactar o mercado de trabalho. São Paulo: Maquinaria Editorial 2022.
20	Autor: Kringer, Leonardo Bertolli. Título: Você sente o que eu sinto? Cajamar: Amazon, 2021.
21	Autor: Branch, James. Título: Um guia de vida de casal para a Asperger. São Paulo: Amazon, 2023.
22	Autora: Adulta, autista. Título: Diálogo Atípico: O que você deseja saber sobre o espectro? São Paulo: Amazon, 2020. <i>E-book</i> . (nome da autora fictício).
23	Autor: Higashida, Naoki. Título: O que me faz pular. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.
24	Autora: Rosa, Emiliana Faria (Org.). Título: Mulheres: vivências e histórias que o Lattes não conta. Tutóia: Diálogos, 2022. <i>E-book</i> . Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/249158 . Acesso em: 23 maio 2023.
25	Autora: Parreira, Ana. Título: Gente asperger. São Paulo: Editora Ideal Books, 2015.
26	Autora: Hearst, Caroline. (Identifiquei pelo sobrenome da organizadora). Título: Ser autista: nove adultos compartilham suas jornadas - desde a

descoberta até a aceitação - Editora: AutAngel autorais - 61 páginas (e-book)ano: 2019.

Fonte: Elaborado pela autora.

No início da minha empreitada em busca de livros escritos por autistas, não fazia ideia de como cada um se colocaria em seus escritos. Fui me dando conta de que cada livro tinha uma complexidade que renderia diferentes teses. Porém, me mantive mobilizada na busca de narrativas de si, escritas em primeira pessoa. As leituras que ia fazendo reforçavam minha postura ativista da causa neurodivergente. Sinto que teria muito mais a dizer do que disse nesta tese, mas sigo com o compromisso de desdobrar a pesquisa em artigos e capítulos, capazes de chegarem a diferentes pessoas, principalmente, àqueles que atuam na escola.

Cada autor me apresentou um universo de possibilidades sobre como lida com as tramas da vida. O primeiro livro lido, "Eu, adulto e autista", de Vasconcelos (2009), recebi de presente de uma professora do autor. Vasconcelos, um jovem cearense de 37 anos, foi diagnosticado como autista depois de concluir o ensino médio. Após declarar que se sentia infeliz, solitário e inadequado, o diagnóstico o ajudou a integrar-se numa comunidade de jovens autistas, onde encontrou uma namorada e, finalmente, sentiu-se feliz e orgulhoso de ser autista.

Sophia Mendonça (2016), é mestrea em Comunicação pela UFMG, que mora em Belo Horizonte. Quando escreveu sua obra, identificava-se como Victor. Após a pandemia, declarou em seu canal no *YouTube* que fez a cirurgia de redesignação de sexo e deseja ser reconhecida como Sophia Mendonça. Desde então, seus livros são assinados com seu nome atual, Sophia Mendonça. Até 2024, ela já havia publicado sete livros, nos quais narra sua vida como pessoa autista.

Outra autora conhecida em muitos países é Grandin. Selecionei dois livros dela, "O cérebro autista" (1999) e "A menina estranha" (2015). Ela tem 76 anos, é psicóloga e zootecnista. É a autora selecionada com mais idade, para minha materialidade. Cursou Mestrado e Doutorado na universidade do Arizona e de Illinois, ambos em ciência animal. Ministra palestras e aulas sobre inclusão, escreveu livros vendidos e traduzidos em diferentes nações. Na década em que nasceu, os médicos aconselharam a mãe a procurar uma escola especial, mas ela estudou em escolas tradicionais, onde colecionou histórias de sofrimento e desafios na trajetória escolar, mas encontrou uma professora que percebeu que ela aprendia de modo diferente, através de imagens. Em 2020, Grandin foi considerada uma

das 10 melhores professoras universitárias dos Estados Unidos. Grandin é professora de ciência animal na Colorado State University e especialista em autismo e comportamento animal. Ela escreveu mais de uma dúzia de livros sobre comportamento animal e autismo. Em entrevistas, ela diz que “O mundo precisa de TODOS os tipos de mentes”. Ela também é autora de mais de 400 artigos em periódicos científicos e periódicos sobre pecuária, bem-estar e *design* de instalações.

Um dos livros mais comentados em plataformas e em blogs de autistas na época do meu garimpo por livros foi a obra “Olhe nos meus olhos”, de Robison (2008). Através deste autor americano, percebi que os autores autistas nascidos após a década de 40 costumam se chamar de “asperger”, nomenclatura usada pelos especialistas médicos, para classificar autistas que tem autonomia e independência para viver. Geralmente, eles são falantes e escolarizados, recebendo o diagnóstico na idade adulta. O autor traz narrativas acerca do autismo, numa sociedade em que ninguém ainda falava disso. Influenciado e incentivado pelo irmão mais novo que é escritor, ele se aventurou escrevendo esse livro. Ao longo da vida, o autor vivia uma vida socialmente aceitável até que um amigo psiquiatra, observando hábitos peculiares, como o amor exacerbado por máquinas e o fato de John não olhar nos olhos daquele com quem conversa, deu o diagnóstico, quando já tinha 40 anos. Na década de 1970, como engenheiro, construiu efeitos especiais para a banda de rock Kiss e, durante a década de 1980, trabalhou no mercado de jogos eletrônicos. Na segunda metade da década de 2000, John passou a participar do movimento de direitos dos autistas.

Higashida (2014), escritor japonês, autista não verbal, aprendeu a se expressar apontando as letras em uma cartela de papelão. Aos treze anos, escreveu a obra “O que me faz pular”, que reúne um conjunto de ensaios em um livro, que mostra o ponto de vista do próprio autor que narra suas experiências como pessoa autista. Temmet (2007), autor inglês de 45 anos, escreveu “Nascidos num dia azul”, livro muito indicado e esgotado em muitas editoras brasileiras. Senti dificuldade de comprá-lo. Narra que, na infância, era incapaz de fazer amigos, o que perdurou até à idade de jovem adulto, quando passou a cozinhar, a estudar várias línguas, matemática. Aprendeu 11 idiomas, trabalhava, tornou-se independente e conquistou o primeiro lugar em muitos projetos, ao longo de sua jornada, em que adquiriu conhecimentos e confiança, que lhe possibilitaram viver de forma independente. Casou-se, formou-se e atua como professor de língua estrangeira. A história de Temmet (2007) virou documentário e referência nos estudos sobre autismo.

Alguns autores se narram como pessoas que receberam mais apoio da família para desenvolverem projetos pessoais, como aprender a tocar um instrumento musical, aprender outros idiomas, o que os ajudou a escrever e serem conhecidos através de seus livros. A vida estruturada financeiramente é uma vantagem para que autistas acessem diferentes espaços além da escola, para experienciarem possibilidades de aprender e de se desenvolverem no campo da arte, da escrita e das profissões, no futuro.

Goldchmit (2022), por exemplo, uma jovem que mora em São Paulo, de família de bons contatos sociais e empresariais, tem uma família que ajuda a conhecer e a desenvolver suas habilidades sociais.

Minha mãe me ajudou a perceber que não era só eu que tinha dificuldades na vida; todas elas já haviam passado por momentos desafiadores, mas só chegaram aonde estão porque tiveram a coragem de se reerguer e encarar a vida como ela é. As palestras a que assisti também foram muito importantes para mim, pois me identifiquei com as histórias. A primeira foi da IBM, cujo tema era diversidade e inclusão (Goldchmit, 2022, p. 95).

Com a força das mídias e das redes sociais, pessoas autistas também usam e divulgam informações e conhecimentos sobre o autismo e suas questões com a vida social. Nesse contexto do autismo, da juventude e das mídias sociais, eles se encontram e se reconhecem em aspectos comuns mas também pontuam suas perspectivas singulares sobre diferentes assuntos como empregabilidade, política e educação. Brito (2017) traz narrativas desde o tempo em que estudava no ensino fundamental e médio até as aventuras como palestrante, percorrendo vários lugares do Brasil, com seus pais. Juntos, eles fazem palestras sobre o que e como é ser autismo e estar inserido na sociedade. Brito escreveu dois livros: um deles, “Ivana e a cura para o preconceito”, fala da superação e da persistência de uma coelha que teve como inspiração o animal de estimação do jovem. O livro é infantil, mas ressalta que ele é atemporal e todos deveriam lê-lo, pois aborda o tema preconceito, passando uma mensagem de respeito e de estímulo a seguir os sonhos. O segundo livro, que demorou três anos para ser concluído, fala sobre “Tudo que eu posso ser”. Narra a sua vida durante todos esses anos, as dificuldades e experiências. Trata-se de um livro escrito por um autista, um autor mais positivo, que traz narrativas em tom de entusiasmo, esperança, superação, sem deixar de relatar situações de incompreensão, principalmente na escola, *bullying*, entre outras dificuldades. O livro é escrito com linguagem simples, como se fosse um diário. Ele comenta seu desejo de cursar Ensino Superior, mas não se sentiu confortável para enfrentar as dificuldades. Contudo, confessa que

o curso de fotografia mudou sua vida e hoje se vê como autor, palestrante e artista. De forma bem-humorada, narra suas aventuras como fotógrafo, acontecimentos cômicos na família e no cotidiano. Relata experiências bem e mal sucedidas na escola, a paixão, a vida religiosa, reflexões internas, o gosto pela imaginação e o receio de cursar uma universidade depois do ensino médio.

Já Maria (2022) não tem informações pessoais nas mídias sociais. Seu livro traz narrativas densas. Como mulher, ela diz que passou a maior parte da vida sem saber quem era. Ela traz memórias dos cinquenta e três anos de vida, durante os quais se sentia perdida. Considera-se uma sobrevivente, do que se orgulha. Hoje se considera privilegiada por saber que é autista. Embora tardiamente, ter conseguido o diagnóstico e acesso à terapia lhe trazem esperança.

Petry (2018) é escritor, palestrante, músico e produtor de conteúdo no canal Diário de um Autista; é empreendedor, poliglota, pois fala seis idiomas. Usa sua experiência de superação para promover reflexões sobre o autismo. É autor dos livros “Contos de Meninas e Meninos. Contos de Homens e Mulheres” (2016) e “Memórias de um autista por ele mesmo” (2018), entre outros. Petry é formado em Comunicação Institucional em Design Gráfico e Produção Publicitária pela UNIDAVI, pós-graduado, e está em fase de conclusão do Mestrado em Psicopedagogia, pela Universidade Europeia del Atlântico. Junto com seus pais, faz palestras em todo o Brasil, divulga seu conhecimento sobre autismo, abordando as vivências e o modo como enxerga o mundo ao seu redor.

Silva (2017) e Bertolli (2021) são jovens que mantêm a comunicação e a divulgação de seus perfis como ativistas e autores de livros nas mídias sociais, reconhecem-se e declaram que sentem orgulho de serem autistas. Possuem desenvoltura tanto para escrever como para falar sobre suas experiências e vivências como autistas. Conforme suas narrativas, apesar dos desafios e dos sentimentos de solidão na escola, atingiram um nível de educação suficiente para serem escritores. Não há, neste grupo, pessoas que se reconhecem como negras ou com insuficiência de recursos financeiros que poderia impedir a mobilização em busca de redes de apoio para se desenvolverem como educandos.

Os autores mais maduros, já adultos, como Camargo (2012), Parreira (2015), preferem registrar suas narrativas em livros. Os dois autores supracitados, residentes em São Paulo, relatam em seus livros que a trajetória escolar ocorreu em boas escolas, numa cidade com recursos para desenvolver educação, além de terem boas condições financeiras e

socioculturais, que favoreceram boas escolhas na vida adulta. Ambos com idade acima de 40 anos, com formação superior. Camargo (2012, p. 45) faz a seguinte confissão: “Eu considero uma benção ter sido diagnosticado tarde. Sem saber, eu fui superando sozinho, quando eu fui diagnosticado já tinha superado praticamente tudo”. Apesar de externar esse tom de superação, não esconde o desafio que é morar sozinho. Atualmente, escreve livros de diferentes gêneros, contos, ficção. Mora com sua companheira, a gata Atena, sua melhor amiga. Diz ele que aprendeu a gostar de morar sozinho. Aos 60 anos, dá dicas a pais e professores de como lidar melhor com filhos e alunos autistas. Seu diagnóstico tardio aconteceu a partir de uma viagem internacional do pai de Camargo, na época um pesquisador de Farmacologia e Bioquímica da USP. Ele começou a desconfiar que o filho, então com 41 anos, poderia ser autista, a partir da leitura do livro “O estranho caso do cachorro morto”, de Mark Haddon. O pai notou semelhanças do comportamento do filho com o do personagem protagonista da história, diagnosticado com autismo. O pesquisador passou o livro a Camargo e marcou uma consulta em São Paulo com um psiquiatra. O médico realizou o exame e confirmou o diagnóstico de asperger.

Parreira (2015), psicóloga, tradutora, publicitária, vive em Campinas. O diagnóstico da condição de asperger também foi dado na idade adulta. Estudou sua condição e dá palestras e cursos sobre o tema. Autora de ‘Gente Asperger’, ela não se refere ao TEA como um Transtorno do Espectro Autista, uma vez que sua perspectiva é que o Autismo não é um transtorno, mas uma diferença. Em entrevista para a agência nacional de notícia, ela diz:

Segundo Ana, o Brasil tem um atraso de cerca de 50 anos em relação ao tratamento e diagnóstico em países desenvolvidos. “Tenho três amigas médicas com o mesmo diagnóstico, mas elas não contam, porque as pessoas não vão entender, causaria muita celeuma.” Ela acredita que por razões como estas a síndrome precisa ser mais conhecida. “Eu gostaria que os Aspergers e os Autistas pudessem falar mais nos eventos. [...] Acho ótimo que promovam os eventos, mas isso não basta”, diz Ana, que só descobriu sua condição de Asperger na vida adulta, quando já era mãe e profissional. Em linhas gerais, o Asperger demora menos que o autista para começar a falar, é mais verbal e comunicativo e mais receptivo à influência do meio (ANS, 2015).

Parreira (2015)⁸ faleceu no ano de 2023. Procurei por mais explicações sobre sua morte, mas não encontrei. Tomei conhecimento da notícia de sua morte repentina por meio de informações contadas por ativista autista. Por causa da dificuldade de encontrar seu livro para comprar, quando ainda estava viva, tomei a iniciativa de falar diretamente com a autora. Enviei um e-mail para ela e ela me respondeu. Em nota, transcrevo o carinhoso texto escrito por ela. Sua resposta me marcou e me deixou muito feliz, pois, mesmo a distância, ela ajudou na escrita desta tese. Ela deixou um filho autista, adulto. Espero que ele esteja bem.

Rosa (2016), autor italiano, descobriu que conseguiria expressar-se por meio do computador, aos oito anos de idade; aos 20, não só concluiu o Liceu Científico (equivalente ao Ensino Médio brasileiro), mas também tinha amigos e frequentava a paróquia do seu bairro. Nasceu numa típica família italiana. Com um ano de idade, os pais perceberam que ele começou a fechar-se em si mesmo, sem demonstrar interesse pelo que acontecia ao seu redor e sem reagir às tentativas de interação. Crescia incapaz de compreender o mundo, de responder às pessoas, de estabelecer relacionamentos. O autismo foi diagnosticado bem cedo. Sua família o acompanhou de perto desde o começo, com o apoio de terapeutas e educadores especialistas.

A coletânea organizada por Rosa (2022) traz apenas um capítulo escrito por uma professora autista. Como suas narrativas foram contundentes para me fazer entender algumas questões na pesquisa, essa obra foi selecionada. Hearst (2019) também organizou uma coletânea de narrativas de escritores autistas. O livro foi lançado apenas em inglês. A obra foi organizada por Caroline Hearst, autista, diagnosticada tardiamente, no Reino Unido. Ela dirige a *Autism Matters* e desenvolve treinamento e consultoria de conscientização sobre autismo. Ela tem dois filhos, um dos quais é autista. Ambos vivem atualmente na Nova

⁸“Bom dia! Tatiana, gosto quando encontro pessoas que pensam. Ou que pensam fora do lugar comum. Gostei da ideia de vocês, a de fazer uma pesquisa utilizando pesquisa com material escrito por aspergers/autistas. Infelizmente, o livro está esgotado. Estamos para republicá-lo em e-book, porém ainda não tem data para tal. Para ajudar você, que me pareceu uma leitora especial (ou ambas), fui ver na Estante Virtual e descobri, com espanto, que Gente Asperger está sendo vendido por uns 300R. Eu mesma achei um preço exagerado, mesmo que valha talvez isso. Assim, voltei à minha estante e procurei, até encontrar 2 exemplares reservados para revisar e ampliar Aviso que contém marcas de revisão, anotações feitas a lápis, mas que não comprometem a leitura. Mas há muito mais que posso fazer pela sua oportuna pesquisa! Há uns 4 anos, voltei à área da escrita, que se havia iniciado bem antes de eu saber que era asperger, e hoje trabalho como tradutora e revisora (revisão nível 3, a mais completa e perfeita). Por que não me liga? É preciso combinar o horário de ligar. Me adicione no zap 019 xxxxxxxxxxx. Outro, fixo, é 019 xxxxxxxxxxx. Se ligar no whats, mande uma notinha com seu nome, eu adiciono e combinamos o horário. Tenho umas ideias aqui para oferecer para sua pesquisa. Grande abraço, espero você lá. Ana Parreira. Campinas -SP.”

Zelândia. A obra produzida com a participação de nove autistas traz narrativas de experiências plurais e surpreendentes da vida autista na idade adulta, desde dificuldades, conflitos e conquistas. São histórias que atravessam questões da vida moderna como acesso ao mercado de trabalho, casamento, vida social e até mesmo novas decisões tomadas após a descoberta e a aceitação do autismo. Segundo Hearst (2019, p. 15): “Para muitos adultos, no espectro do autismo, o diagnóstico é um momento profundo e libertador de auto reconhecimento. Mas também é apenas o primeiro passo em uma jornada que dura a vida toda”.

Silva (2022), além de ser organizadora de uma coletânea, na forma de e-book, com narrativas escritas por mulheres autistas, é uma das pioneiras em fazer programas virtuais falando sobre autismo, ao lado da filha, no programa “Mundo Autista”, um canal do YouTube, na plataforma online, no ar desde 2015, que hoje conta com mais de 78 mil inscritos e 761 vídeos publicados. A organizadora e produtora de conteúdo é uma jornalista mineira que, depois de a filha ser diagnosticada como autista, também se reconhece autista. No Mundo Autista, que também contempla uma editora de livros, ela e a filha compartilham suas vivências e experiências, buscando amenizar a caminhada de outras pessoas. Mãe e filha, ambas jornalistas, além de estarem à frente do Mundo Autista no *YouTube*, estão no *Facebook*, no *Instagram*, no *Twitter* e, mais recentemente, numa parceria com o Portal Uai, que se estendeu para a editora Diversidade do Estado de Minas.

Alves (2020), Rugnski (2016), Campos (2019), Branch (2023), foram autores que fizeram buscar por mais informações sobre suas vidas para além de suas narrativas, mas senti dificuldade de encontrar esses autores. Quis saber mais sobre suas biografias para além do que eles disseram em suas obras, mas acho que o que quiseram tornar público, foram as narrativas nos livros e nada mais, a decisão de manter uma parte de suas vidas mais privativa e particular deve ser respeitada.

Todos os autores apresentados me acompanharam de distintas formas nos caminhos percorridos e nas tensões vivenciadas ao longo do processo de doutoramento. Cada um deles viveu momentos distintos, mas todos trazem o diagnóstico como um divisor de águas em suas vidas. Eles me ajudaram não só a entender melhor suas vidas, mas também, minha própria vida como mãe de um menino autista.

Para encerrar este capítulo, penso ser explicativo apresentar uma síntese da minha estrutura investigativa, no quadro abaixo.

Quadro 2 – Síntese estrutural da pesquisa

Tema de pesquisa	Narrativas de si de pessoas autistas escritas em livros
Problema de pesquisa	Que operações sobre si mesmos os autores marcam em suas narrativas?
Perguntas orientadoras	<ol style="list-style-type: none"> 1. O que diz a produção científica sobre pessoas autistas? 2. Que outras pesquisas foram produzidas utilizando narrativas de si de pessoas autistas? 3. Que conceitos elas mobilizam? 4. Que mobilizadores de si aparecem operando nas narrativas? 5. Como o conceito de neurodiversidade aparece nas produções das pesquisas?
Objetivo geral	Problematizar as narrativas de si produzidas/ escritas/publicadas por pessoas que se reconhecem autistas, a partir das leituras, da sistematização e das análises dos conceitos de neurodiversidade, subjetivação e narrativas de si.
Objetivos específicos	a) levantar a produção escrita de autistas, publicada em livros, em língua portuguesa; b) extrair, categorizar e analisar excertos de livros escritos por autores autistas, em que práticas de si são narradas em primeira pessoa; c) perceber, por meio dos excertos, como a educação escolar opera (se opera) na consolidação de formas de ser do sujeito; d) identificar os mecanismos de produção de práticas de subjetivação, postos em ação pelos sujeitos sobre si mesmos; e) produzir conhecimento novo no campo da educação, visando contribuir com o desenvolvimento de processos coletivos, participativos e de respeito à diferença e à diversidade.
Material de pesquisa	26 livros escritos em primeira pessoa por pessoas autistas com narrativas de si.

Fonte: elaborado pela autora.

CAPÍTULO

2.

PARTE 1

O QUE DIZEM AS PRODUÇÕES ACADÊMICAS
SOBRE PESSOAS AUTISTAS E NEURODIVERSIDADE?

2 O QUE DIZEM AS PRODUÇÕES ACADÊMICAS SOBRE PESSOAS AUTISTAS E A NEURODIVERSIDADE?

Sou mais simpática ao movimento pela neurodiversidade, embora perceba, como pesquisadora, que existem algumas falhas e lacunas, assim como em qualquer proposta. Ser neurodiverso ou neurodivergente não é algo intrinsecamente patológico. Entender a espécie humana, primeiramente, como passível de diversas manifestações no mundo é chave para que consigamos evoluir em paz, com colaboração e não nos exterminemos por características que são esperadas e inerentes à espécie (Rosa, 2022, p. 100).

Ao iniciar a leitura de mais um livro que me ajude a ver de outros modos e obter inspiração para a continuidade desta pesquisa, deparo-me com a escrita de Donvan e Zunker (2017). Os autores são categóricos ao afirmarem que o autismo é tomado por histórias escritas em diversos continentes e sobrepostas no tempo. No entanto, essa fonte de conhecimento bem estabelecida tornou-se uma curiosidade, um tema que mobiliza, nos últimos anos, diferentes pessoas em diversas áreas no mundo todo, tais como, médicos, educadores, advogados, ativistas, pesquisadores e escritores.

Diferente de países como Inglaterra e Estados Unidos, que evidenciam as singularidades dos sujeitos autistas, as pesquisas no Brasil com esse viés ainda são tímidas, principalmente, as que usam as lentes da neurodiversidade para desenvolver investigações sobre os diferentes modos de ser autista, com os próprios autistas. Indivíduos autistas defendem um maior envolvimento em pesquisas relacionadas ao autismo. Afirmam que a maneira mais eficaz de entender suas experiências é escutando-as e fazendo com que pesquisadores autistas se desenvolvam. Defendo a mesma perspectiva, sendo essa, uma das razões que me fez buscar pelos escritos de si de autistas.

Dentro da academia, o termo neurodiversidade é quase exclusivamente associado ao campo dos estudos críticos do autismo. No entanto, como apontado pelo estudioso autista Nick Walker (2015), o termo neurodiversidade surgiu na comunidade autista, porém o paradigma da neurodiversidade não é exclusivamente sobre autismo, mas também sobre todo o espectro da variação neurocognitiva humana.

Além de diferentes especialistas produzirem conhecimento sobre questões do autismo, mesmo ainda prevalecendo investigações com ênfase nas questões da genética, cerebrais e da

cognição, pouco é produzido envolvendo questões de apoio, como redes de atenção à saúde mental, bem como questões subjetivas voltadas à singularidade das vidas autistas. Na tentativa de preencher essa lacuna, os próprios autistas que têm acesso aos meios de educação, em grupo ou individualmente, estão escrevendo e publicando seu olhar de dentro do autismo, bem como as variadas formas de vida dentro do movimento da neurodiversidade. O interesse pelo tema tem crescido nos últimos anos, fato que talvez sinaliza um aumento do número de pessoas diagnosticadas com autismo ou tendo comportamentos autistas, principalmente, depois do afastamento social vivido em decorrência da pandemia de Covid-19.

No Brasil, a produção científica sobre a temática do autismo basicamente está concentrada na área da Saúde, bastante focada em sintomas e em tratamentos psicológicos. Na Educação, o número de investigações mais expressivo segue sendo sobre o manejo pedagógico desses alunos na sala de aula, de preferência, inclusiva. Enquanto especialistas se voltam para o diagnóstico e os professores para as metodologias de trabalho, as famílias, embora dominando e circulando com certa intimidade pelos fármacos, seguem se deparando com a necessidade de saberem mais sobre seus filhos. Saber mais não apenas para aprenderem a lidar com as experiências dentro de casa para os manterem sob controle, mas para entenderem o que muitos, no senso comum, chamam de “o mundo deles”.

Embora haja muitas pesquisas sobre o tema do autismo e da neurodiversidade, ainda são poucas diante da demanda de novos saberes que não sejam somente aqueles que permitem identificar comportamentos. Se as pesquisas realizadas são poucas, menos ainda são as feitas por pesquisadores autistas, capazes de mostrarem leituras, acredito eu, mais radicais sobre sua forma de vida. Ainda carecemos de políticas para que as pessoas autistas avancem nos estudos, ingressem na universidade e desenvolvam conhecimentos novos. Como servidora de uma instituição de ensino superior, reconheço que as instituições precisam valorizar e apoiar mais os estudantes neurodiversos. Em meu dia a dia, percebo o quanto o público neurodivergente vive processos de in/exclusão nas instituições. A biblioteca acaba sendo, muitas vezes, um espaço tranquilo, onde eles podem usufruir algum conforto.

Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), cerca de seis mil autistas estavam matriculadas no ensino superior brasileiro em 2023, um aumento de mais de 500%, em relação aos 980 registrados em 2017. Estes números refletem a recente presença de estudantes autistas no sistema de educação, que hoje responde por 636 mil matrículas (Jornal da Unesp, 2024).

Na condição de mãe, sigo buscando o desenvolvimento e a felicidade do meu filho. Como pesquisadora, sigo ocupada e mobilizada para conhecer mais sobre o que alguns

chamam de um mundo particular, mas que eu prefiro chamar de formas de ser desses sujeitos. Independentemente do meu lugar de enunciação, nesses anos de doutoramento, investi na busca de literatura que abordasse as pessoas autistas e suas formas de narrarem a si mesmas. As narrativas, que assumem toda uma carga reflexiva do que os sujeitos dizem de si, tornam-se, assim, os fios condutores da minha pesquisa. Mas, o que isso tem a ver com Educação? Essa pergunta me aparece recorrentemente. Eleger narrativas escritas por autores autistas como um hábil instrumento, propício para fazer entradas para a um tipo específico de leitura, uma leitura bem interessada, possibilita apreender experiências tramadas pelos e, também, nos sujeitos. Entendo que, ao conhecer como pessoas autistas narram a si mesmas, por meio de livros autobiográficos, posso ter acesso ao que elas dizem de si e como são interpeladas pelas experiências educacionais e escolares. Além disso, penso que a educação está presente na própria presença da narrativa. Afinal, ao narrar-se, o sujeito pensa sobre si mesmo, a partir das posições sociais que ocupa, bem como faz pensar e talvez modificar aquele que o lê. Também entendo que a escola constitui uma das experiências mais significativas para qualquer pessoa, principalmente para os autistas, pois trata-se de uma experiência coletiva que busca estruturar o sujeito e posicioná-lo em jogos intrincados de forças postas em ação no currículo. Assim, a pesquisa que proponho pode fazer pensar tanto a educação, numa dimensão maior, quanto a escola e o próprio sujeito. Apenas para pontuar, o conjunto de 26 livros selecionados para compor o corpus analítico desse projeto traz narrativas de si que incluem a escola como um marcador de experiências em suas vidas.

Depois de ficar mais clara a pesquisa que pretendia desenvolver, intensifiquei a leitura de outras investigações. Afinal, era preciso saber se as minhas dúvidas já não foram respondidas, para poder avançar na produção de conhecimentos novos.

Como já foi dito, embora reconhecendo as interfaces dos saberes, interessa caminhar no campo da Educação. Tal definição conduziu-me a buscar outras investigações, tendo como primeiro filtro a leitura de trabalhos com foco na Educação. Pensei que poderia ser interessante cruzar Educação — como campo prioritário —, com a Psicologia, pois o segundo poderia contribuir com saberes sobre o sujeito. Além desse primeiro filtro, adotei um segundo, qual seja, selecionar pesquisas em que o protagonismo fosse do sujeito autista. Em outras palavras, não queria que especialistas narrassem tais sujeitos, mas que os pesquisadores tivessem escutado as pessoas autistas. O terceiro filtro criado foi conceitual. Sabia que queria trabalhar com narrativas na perspectiva da neurodiversidade e com o conceito de práticas de subjetivação. Tendo essas definições, investi na busca de dissertações e teses.

De modo geral, os estudos e as pesquisas realizadas na Educação abordam a inclusão, as metodologias de trabalho para o ensino da leitura e da escrita, o desenvolvimento e a avaliação dos distúrbios da linguagem e da aprendizagem, entre outros temas de caráter pedagógico. A grande maioria deles posiciona o sujeito como um *indivíduo a corrigir* ou, pelo menos, a ser dominado, cuidado e educado. Há esperanças anunciadas em tais produções, mas pouco elas remetem a formas de vida possíveis e à liberdade de ser de outras maneiras. Como mãe, aprendi muito sobre os temas acima relacionados. É o que mais encontro na literatura. Agora, o meu objetivo é abrir outros caminhos, ainda não trilhados. Minha intenção é abordar o tema a partir do olhar educacional, fazendo reflexões e perguntas filosóficas. Pode parecer pretensiosa a minha intenção, mas evoco a filosofia como *modus operandi*, ou seja, como possibilidade de abordagem que me permite pensar e perguntar sobre o que vivo e o que leio. Quero manter uma relação próxima aos sujeitos, sem ir até eles, mas usando a escrita como ferramenta, que nos permite falar de si, sem sentir-se aflito com a presença de um outro.

Dentro desse viés e considerando que os saberes médicos dominam as formas de ler os sujeitos autistas, em meus investimentos em busca de outras pesquisas sobre o tema, deixei fora as que abordavam o sujeito a partir de uma visão médica, focam o autista através das lentes que salientam a ausência, a incapacidade e a dificuldade de relacionamento. Tal decisão reduziu consideravelmente o número de dissertações e teses a serem lidas, com o objetivo de conhecer a produção sobre tema.

Além da decisão de considerar o entendimento de sujeito e de suas relações, fortemente inspiradas nos campos dos Estudos Foucaultianos e dos Estudos da Neurodiversidade, também usei descritores coerentes com as lentes escolhidas para abordar o tema do meu interesse, nas plataformas de dados. Ao iniciar essa etapa, percebi que os registros dos descritores nem sempre representam a abordagem dada ao tema, bem como dificultam as buscas. O fato de existirem diferentes maneiras de registrar o autismo — autismo, TEA, Asperger, transtorno do neurodesenvolvimento, espectro autista, neurodiverso etc. — dificulta a escolha dos trabalhos para a leitura, sem que, pelo menos, seja lido o resumo e até a conclusão, para uma primeira seleção.

Um outro descritor que usei para a busca de trabalhos foi *narrativas de si*. A palavra narrativa é usada para caracterizar estilos de textos distintos. Porém, para mim, importa entendê-la como uma tecnologia que o sujeito opera sobre si mesmo (Foucault, 1984). Portanto, não se trata de uma narrativa biográfica ou literária, embora seja possível encontrar narrativa de si dentro desses gêneros. O amplo uso da palavra evidenciado nas dissertações e teses exigiu que eu buscasse identificar evidências dos referenciais que utilizo como bases e

inspiração para meu estudo, quais sejam: os Estudos Foucaultianos e os Estudos da Neurodiversidade.

Sobre as perspectivas teóricas que sustentam a pesquisa que proponho, destaco que há pouquíssimos trabalhos produzidos tendo como princípio os Estudos Foucaultianos e, menos ainda, cruzando-os com os Estudos da Neurodiversidade. Até o momento, pouca pesquisa foi conduzida sobre a construção de sentido ou as narrativas de indivíduos autistas sobre o autismo, nem como os indivíduos autistas entendem o próprio autismo (Bagatell, 2007, 2010). Nas buscas nos bancos de trabalhos acadêmicos, é visível o domínio de vieses cognitivistas, sociointeracionistas e psicológicos, na abordagem do sujeito e de sua constituição, aprendizagem e relação consigo e com o outro. Entendo que essas evidências permitem, em parte, a defesa da originalidade desta tese.

Para mim, o ponto de virada foi quando um homem me disse que ter autismo era como ser um peixe de água doce em água salgada. Nesse ambiente, eles são inválidos. No ambiente certo, a deficiência diminui e eles não apenas desabrocham, mas podem realizar seu potencial (Baron-Cohen, 2015, p. 967).

No registro citado acima, aparece a condição de não lugar experienciada pelo autista. A busca por estar em um “lugar certo” é uma constante nas pesquisas que abordam falas de pessoas autistas. Trata-se de um sentimento ou da necessidade de pertencer a uma comunidade que não seja definida biomedicamente. Parece haver um impasse, pois muitos procuram encontrar outros semelhantes, enquanto outros procuram ser mais um, sem necessidade de se justificar o tempo todo. Reconheço que, ao me aproximar das discussões trazidas por autistas, percebo a necessidade de (des)aprender o que sei sobre tais sujeitos. Digo (des)aprender, porque os vieses que nos dirigem a escutar guiados pelo diagnóstico e pela clínica são muito fortes. Talvez, mais do que pelo diagnóstico, a leitura clínica é a que mais se sobrepõe a outras.

Seguindo na busca por pesquisas sobre meu tema, fiz duas investidas: procurei por artigos que já fizeram revisões de literatura, bem como procurei por outras pesquisas em bancos de pesquisas como Banco de Teses da Capes, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), Catálogo de teses da USP e o Repositório Digital da Biblioteca da Unisinos (RDBU), entre outros repositórios institucionais de universidades brasileiras. As contribuições de amigos do Grupo de Estudo e Pesquisa em Inclusão (GEPI) e da Rede de Investigação em Inclusão, Aprendizagem e Tecnologia em Educação (RIIATE) foram fundamentais em minhas buscas.

Sobral e Rocha (2022) apresentam uma pesquisa cujo objetivo era prescrutar o estado do conhecimento sobre o tema Transtorno do Espectro Autista (TEA), em dissertações e teses desenvolvidas entre os anos de 2016 e 2020, oriundas dos Programas de Pós-Graduação em Educação das Universidades Federais, no Norte do Brasil. Os autores sinalizam que prevalece a perspectiva histórico-crítica de Vygotski e a behaviorista de Skinner, no tratamento do tema. Também destacam que há uma concentração de pesquisas com foco nas etapas iniciais do ensino (Educação Básica) e silêncios expressivos quanto à presença de pessoas autistas em outros níveis de ensino. Compondo os silêncios, os autores também apontam a falta de pesquisas envolvendo tecnologias e inclusão, bem como, de metodologias e conceitos que permitam refletir sobre o tema e avançar em soluções para a participação, o ensino e a aprendizagem de alunos autistas.

Benedetto (2020) encontrou 1276 artigos na base *Scopus*, que tratam do autismo. Tais artigos apresentam investigações desenvolvidas nas Ciências Sociais e trazem vozes de familiares de crianças e jovens autistas e de cuidadores e profissionais da saúde e da educação, para a problematização. O autor também refere que tais artigos trazem experiências escolares para serem problematizadas. Não faz referência em seu texto a pesquisas que se dedicaram a escutar pessoas autistas narrando a si mesmas.

Anterior à pesquisa de Benedetto (2020), Luz (2016) já havia realizado uma busca de produções acadêmicas sobre o tema do autismo. A partir do descritor autismo e a decisão de excluir títulos repetidos, mapeou 113 produções publicadas no Portal da Capes, entre 1983 e 2015. Luz (2016) põe evidência nas formas de nomear os sujeitos e nos diagnósticos. Destaca que prevalecem os estudos nas áreas de Psicologia e Medicina, a primeira voltada à caracterização e à análise dos sintomas, enquanto a segunda, busca encontrar indicadores biológicos, através de exames de imagens e de pesquisas genéticas.

No mês de fevereiro de 2023, ao buscar por produções acadêmicas usando o termo autismo, no banco de teses da Capes, encontrei 1.273 dissertações e 383 teses. Ao restringir a busca usando conectores como NOT educação, NOT saúde, o resultado baixou para 263 dissertações e 92 teses. Ao refinar ainda mais minha busca, usando como descritor autismo AND sujeito, o resultado foi de 59 dissertações e 10 teses. Com o descritor autismo AND sujeito, as pesquisas na área de Psicologia se destacaram, principalmente, as com enfoque psicanalítico. Também usei o descritor autismo AND “escrita de si”, que resultou em apenas uma dissertação, publicada em 2020, escrita por Ariadne Messalina Meira, cujo título é *Um modo de cifrar: autistas e a escrita de si*. Embora seja referida a escrita de si, a abordagem da

autora é muito diferente da que pretendo desenvolver na minha pesquisa. Ela trabalhou com a compreensão de signo na linguística de Saussure e na semiótica de Charles Peirce.

Num último movimento de buscas, com diferentes estratégias, aplicando e combinando filtros, palavras e elementos de exclusão, como autismo AND escrita, autismo AND sujeito, autismo AND neurodiversidade, autismo AND narrativas, TEA NOT infância, saúde, escola, alfabetização, autismo NOT tratamento, comportamento, medicação, autismo NOT políticas públicas, asperge AND neurodiversidade AND autobiografia AND biografia, cheguei aos seguintes trabalhos:

Quadro 3 – Dissertações e teses

	AUTOR (a)	TÍTULO DO TRABALHO	NÍVEL DA PESQUISA/ ÁREA DO CONHECIMENTO/ANO	ONDE ENCONTREI? Por que selecionei?
1	Amanda Muniz Logeto Caitité	O autismo como diversidade: ontologias trazidas à existência no ativismo político, em práticas da psicologia e em relatos em primeira pessoa	TESE Psicologia UFF 2017	https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses Busca colocar em evidência práticas que fazem o autismo existir como diversidade. Mostra a concepção de que a realidade do autismo não existe em si mesma, mas ganha forma em diferentes campos de prática. Se em manuais da psiquiatria o autismo foi constituído originalmente como patologia, é possível que, em outros locais, outras ontologias venham a existir. Diante destas muitas possibilidades, busca colocar em evidência práticas que fazem o autismo existir como diversidade.
3	Jomar Gozzi	A pessoa autista e o movimento da neurodiversidade: considerações sob o ponto de vista da complexidade e da ética da alteridade	TESE Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia UFRJ 2017	https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses - Aborda como as pessoas com deficiências foram consideradas ao longo da história.
6	Clara Feldaman	Relatos sobre autismo: um estudo sobre narrativas em primeira pessoa	DISSERTAÇÃO (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social UERJ 2013	https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses A partir de narrativas em primeira pessoa, as maneiras pelas quais eles se identificam e redefinem as noções existentes sobre autismo como categoria psiquiátrica. O objetivo é compreender as diferentes formas como os autistas se adaptam, negociam, resistem ou até mesmo criam novas normas para lidar com sua condição. Toma as ideias do filósofo canadense Ian Hacking. As narrativas selecionadas não só permitem que autistas compartilhem suas experiências com o mundo, mas também ampliem os sentidos que atribuímos ao autismo como experiência e como diagnóstico.

7	Carolina Alves Succo Rodrigues	Por eles mesmos: o que as autobiografias dos sujeitos chamados autistas revelam acerca de suas experiências escolares?	DISSERTAÇÃO UERJ Mestrado em ensino em Educação Básica 2019	https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses Caracteriza, através das obras autobiográficas, a relação que os sujeitos diagnosticados com autismo estabelecem com a escola. Analisar a potência das autobiografias escritas por autistas, como possíveis colaboradoras para o aprimoramento das práticas escolares e citar trechos dessas narrativas, compostos por experiências vividas na escola, de modo que revelem situações comuns à maioria dos contextos escolares (Cchizzotti, 2000, 2006). Constituem o campo de análise sete biografias de pessoas autistas.
8	Cláudia Felisbino	Políticas públicas brasileiras para o autismo: entre a patologização da diferença e a correção comportamental	UFFS CAMPUS CHAPECÓ - SC Mestrado -Educação 2022	https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/5899 A partir da teorização foucaultiana e seus conceitos de prática e de normalização, investiga como as práticas normalizadoras que constituem as políticas públicas educacionais brasileiras produzem e posicionam o autismo. Para tanto, o corpus analítico é constituído por trinta e dois documentos oficiais, entre leis, decretos, resoluções, notas técnicas e materiais como cartilhas e coletâneas publicadas por órgãos diversos
10	Mayne Souza Benedetto	Autismo sem ismo: a neurodiversidade e a experiência interior por uma etnografia não normativa	DISSERTAÇÃO UNIVERSIDADE DE LISBOA 2020	https://www.icsp.ulisboa.pt/pt Indicada em movimentos de neurodiversidade online. Aborda o conceito de anormalidade, monstrosidade moral, e o direito à reparação de dano, para que possa explicitar estas relações com o contexto no qual o autismo foi “descoberto”, e a sua articulação teórica com os conceitos de neurodiversidade e biossociabilidade, através do sujeito cerebral.
12	Francisco Gabriel Alves da Silva	“Ser diferente é normal”: a expressividade do self de pessoas autistas em mídias sociais da internet e suas lutas por reconhecimento	DISSERTAÇÃO UNB MESTRADO SOCIOLOGIA 2021	https://catalogodeteses.capes.gov.br/ Apresentamos percursos de reconhecimento de personagens que narram na internet suas experiências enquanto pessoas autistas, as quais encontram, em espaços virtuais, o lócus para testarem as próprias capacidades de expressão e comunicação, testemunhando modos particulares de vivenciarem a sua neurodiversidade.
13	Jacqueline Gomes de Aguiar	Narrativas em espaços midiáticos online e a produção de sujeitos neurodiversos: de rechaços a celebrações	TESE UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL EDUCAÇÃO 2018	https://www.ulbra.br/canoas/pos-graduacao/presencial/ppgedu/doutorado/teses-defendidas Problematizar as conformações identitárias dos sujeitos posicionados como neurodiversos, a partir das representações que as narrativas médicas, midiáticas e autorais articulam sobre a neurodiversidade. A partir de quatro Blogs autorais escritos por sujeitos neurodiversos, descreve e analisa como eles têm percebido seus modos de ser e de estar neste mundo, a partir da conjuntura social que os interpela. A abordagem metodológica utilizada foi a cartografia.
14	Elaine Kristina Krinski Silveira Gliese	A pessoa autista como neurodiverso: direito fundamental à diferença	DISSERTAÇÃO Centro Universitário Autônomo do Brasil – UNIBRASIL 2021	https://catalogodeteses.capes.gov.br Traz uma abordagem do Transtorno do Espectro Autista, adotando o conceito da neurodiversidade. O direito à diferença é tratado no âmbito da proteção da pessoa com deficiência e à luz dos princípios e dispositivos constitucionais.

Fonte: Elaborado pela autora.

Caitité (2017), ao abordar o autismo como diversidade, problematiza ontologias trazidas para o ativismo político em práticas da psicologia e em relatos feitos em primeira pessoa. A autora traz contribuições para o entendimento dos processos de construção e de categorização do autismo. Explica que, em cada campo de práticas, em cada local específico, o autismo existe como uma realidade distinta. Ela afirma que se multiplicam as ontologias, ao defender que não é o significado do conceito do autismo que muda, mas, sim, os campos de saberes que caracterizam e definem, em diferentes épocas, o autismo.

Para Caitité (2017), a internet facilitou a conexão entre pessoas diagnosticadas, a organização de grupos de apoio a pacientes e a consequente relativização da autoridade dos médicos e outros especialistas. A expertise sobre o autismo se estendeu a pais e pessoas diagnosticadas ou autodiagnosticadas. Traz autobiografias escritas por autistas, a fim de contribuir para que o conhecimento produzido nestes textos seja levado em consideração na formulação das práticas de cuidado e do saber científico. Defende a ideia de que os autistas falam por eles mesmos, mas é importante descrever situações em que o autismo existe como diversidade.

Caitité (2017) evidencia que é a psiquiatria que coloca o conhecimento sobre o autismo no mundo, mas compreende que hoje essa expertise se estende a especialistas como fonoaudiólogos, terapeutas e, até mesmo, aos pais que desejam esse *status* de *experts*, pois produzem conhecimento legítimo sobre seus filhos. Nos últimos tempos, percebe-se que os próprios autistas escrevem livros sobre sua condição, construindo um saber sobre o autismo que desafia concepções produzidas pelos especialistas tradicionais. A autora apresenta três campos de análise diferentes: as autobiografias escritas de pessoas autistas, entrevistas com especialistas e com os pais dos autistas. A partir do acesso às narrativas em formato de autobiografias desses sujeitos, a pesquisadora diz que é possível renovar aspectos teóricos, substituir termos utilizados para descrever o autismo e abraçar novas práticas e entendimentos relativos ao autismo. Segundo a pesquisadora, nesses documentos, encontrou uma nova fonte de reivindicações e declarações de si, permeadas de singularidades silenciadas por aqueles que se autointitulam especialistas no autismo.

Feldman (2013), ao pesquisar e buscar autobiografias distribuídas em masculino e feminino, examina 43 autobiografias de pessoas que se descrevem a partir da categoria autismo. A leitura de algumas dessas autobiografias levou-a a perceber que os próprios autores indicavam livros de outros autores autistas que os ajudaram a entender suas próprias condições. Dessas 43 autobiografias, foram lidas as 35 mais citadas em *sites* e *blogs* sobre o autismo, das quais foram selecionadas oito para análise. A partir das teorias do filósofo

canadense Ian Hacking (1986, 1995, 2007, 2009, 2010) e das noções de “tipos humanos” de Canguilhem (1966) e Davis (1995), o estudo realizado muito contribuiu com a minha pesquisa, pois compartilho o entendimento de que produzimos as pessoas a partir de diferentes práticas — ao diagnosticá-las, ao nomeá-las, ao quantificá-las etc.

Feldman (2013) levantou 43 autobiografias de pessoas que se descreviam como autistas, destacando a publicação de outros livros que narram o espectro sob o olhar do próprio autista, incluindo exemplares famosos como “Uma menina estranha” (1999), de Temple Grandin; “Nascido em um dia azul” (2006), de Daniel Tammet; “Olhe nos meus olhos (2013), de John Elder Robison. O objetivo era compreender as diferentes formas de os autistas se adaptarem, negociarem, resistirem ou até mesmo criarem novas normas de lidar com sua condição. Suas questões giraram em torno dos saberes de como cada pessoa autista utiliza os recursos disponíveis, as classificações para construir sentido para a própria vida. Procurou saber se as experiências relatadas nos escritos autobiográficos reforçam as concepções médicas sobre o autismo, ou as recusam, ou, até, as reinventam. Percebeu que os autistas são capazes de falar e de clamar por seus direitos, bem como de lutar contra a estigmatização de suas diferenças, em defesa da aceitação e do reconhecimento de suas diversidades.

Feldman (2013) também pontua a questão dos diagnósticos dados aos sujeitos autistas. Observa que o diagnóstico passa a ser um elemento constitutivo de suas narrativas identitárias. Dessa forma, a pesquisadora encontrou possibilidades de inferir que, nas três narrativas dos autistas, há reivindicações do estatuto da diferença em vez do estatuto da doença. Os autores dos materiais analisados reportam-se à condição, não como doença, mas, sim, como uma condição atípica. Tais reivindicações mostram que mudanças nas concepções sobre o autismo podem ser engendradas, a partir das narrativas autobiográficas. Novos espaços de descrições significam novas possibilidades de existência e novas possibilidades de existência podem ressignificar tais descrições. A pesquisa de Feldman me permitiu avançar mais rapidamente em meu estudo, pois compartilhamos uma base de compreensão semelhante.

A dissertação intitulada “Autismo sem ismo: a neurodiversidade e a experiência interior por uma etnografia não normativa”, escrita por Sousa (2020), foi uma indicação dos grupos de encontro com alunos autistas do IFCE. A pesquisa está disponível no repositório da universidade de Lisboa, Portugal, desenvolvida por uma pesquisadora que se reconhece como autista. Seu objetivo principal foi compreender as experiências dos autistas enquanto indivíduos patologizados pelo discurso médico-psiquiátrico, na emergência de um conceito

em construção, a neurodiversidade, em confronto com o conceito de experiência interior. Em termos metodológicos, aborda os conceitos de anormalidade, de monstruosidade moral e o direito à reparação de danos. Ao discutir tais conceitos, busca entender o autismo e a sua articulação com a concepção de neurodiversidade e de biossociabilidade através do sujeito cerebral. Fundamenta-se nas teorizações de Michel Foucault para desenvolver a discussão e frisa a necessidade de permanecer na singularidade dos sujeitos.

As pesquisas desenvolvidas por Ottoni (2022), Gozzy (2017), Gliese (2021), entre outros, inspiraram-me a pensar e a discutir a neurodiversidade por diferentes entradas. Afinal, a neurodiversidade só faz sentido se abordar o sujeito em suas relações mais diversas.

Gozzy (2017) traz uma abordagem provocativa para quem usar a concepção da neurodiversidade. Em outras palavras, pergunta se, ao assumirmos o autismo como forma de vida, renunciaremos aos direitos adquiridos a partir do entendimento do autismo como transtorno ou deficiência. Essa discussão é difícil, pois entendo que podemos avançar na abordagem da neurodiversidade sem perder os ganhos legais adquiridos. Afinal, a vida não é isso ou aquilo, mas uma soma de condições que devem ser analisadas conjuntamente. Nesse sentido, as pesquisas que trazem esses impasses foram instigantes para as reflexões produzidas na minha tese. Para Gozzy (2017), o ideal norteador do movimento da neurodiversidade é o autismo ser aceito como uma variação legítima para o funcionamento normal e não uma doença mental a ser curada. A pesquisa defende que assegurar a acessibilidade a essas pessoas é promover, através da equidade, sua dignidade. De acordo com esse pensamento, reconhecer o autista como neurodiverso e a neurodiversidade como uma categoria representativa (assim como a étnica, de gênero, a cultural, a religiosa, dentre outras) enseja o desenvolvimento de políticas públicas, que rompam barreiras entre pessoas e permitam condições mínimas de vida com qualidade. É possível e desejável reconhecer o autismo como uma forma de existência neurodiversa, que não precisa ser consertada, e ao mesmo tempo garantir os direitos de quem necessita de suporte. Isso exige um novo olhar jurídico, político e social, que não se baseie na patologização para justificar o cuidado, mas sim no reconhecimento da diferença como legítima e digna de suporte.

Essa tensão entre o autismo entendido como uma deficiência e o autismo compreendido como uma forma de existência legítima e diversa, dentro do paradigma da neurodiversidade, é um dos debates mais pulsantes na atualidade. O foco quase exclusivo em crianças nas pesquisas acadêmicas é um reflexo tanto histórico quanto político. Historicamente, o autismo foi tratado majoritariamente como um "transtorno do

desenvolvimento infantil", então é aí que os olhares da medicina, da psicologia e da educação se concentraram. Mas também há uma questão de controle: é na infância que se acredita ser possível "intervir", "corrigir", "normalizar". O adulto autista, com sua autonomia, sua resistência e sua identidade formada, desafia essas narrativas. O modelo da deficiência em prol da neurodiversidade é crucial. De fato, há receios legítimos: ao se afastar da categoria de deficiência, poderia haver perda de acesso a direitos legais, como aposentadoria por invalidez, adaptações no ambiente de trabalho, prioridade no atendimento de saúde, entre outros.

Aguiar (2018), em sua tese de doutorado, problematiza as conformações identitárias dos sujeitos posicionados como neurodiversos, a partir das representações que as narrativas médicas, midiáticas e autorais articulam sobre a neurodiversidade. Afirma que as formas de abordagem do autismo, principalmente as midiáticas, transitam entre a celebração e o rechaço. Para as suas análises, a autora tomou como materialidade os *blogs* de pessoas autistas, pois entende que se trata de um tipo de veículo de comunicação no qual as narrativas de si acontecem. Os *blogs* citados e estudados na tese acima contêm relatos de vidas neurodivergentes. Tais relatos tornam públicas as experiências dos sujeitos, analisadas pelo viés dos Estudos Culturais, de inspiração pós-estruturalista. Nesse viés analítico, as discussões seguem o rumo da identidade cultural, problematizando a medicalização da vida.

Rodrigues (2019) faz uso dos conhecimentos da psicanálise para problematizar a Educação Básica. Defende que as narrativas autobiográficas se afirmam como potentes na discussão sobre os sujeitos autistas, porque, entre outras razões, elas exemplificam muitas situações que, frequentemente, acontecem no contexto escolar. Para mim, interessavam os estudos que tensionam a escola, um dos vieses que explorei nas narrativas de si dos sujeitos. Nas narrativas, procurei identificar se a escola aparece como contexto e quais experiências ela possibilita para a constituição do sujeito, tendo em vista que parti da hipótese de que a escola tem importância na constituição dos sujeitos, pois trata-se de uma instituição moderna que atravessa a cultura, posicionando, por meio da escolarização, os sujeitos.

Silva (2021) destaca em seu trabalho a expressividade do *self* de pessoas autistas, nas mídias sociais, na internet, bem como frisa as lutas dos autistas por reconhecimento. Embora meu foco não sejam questões midiáticas, interessa a discussão produzida por Silva (2021), pois, ao problematizar o *self*, produz ferramenta conceitual para a leitura da subjetividade.

É interessante perceber o quanto os debates sobre identidade e direitos estão presentes nas pesquisas, nas falas de protestos dos autistas. Derrida (1995) ajuda a entender a identidade através da linguagem não fixa, mas, reverberando as atuais pautas de diferenças dos sujeitos, atravessadas pelos efeitos das relações de poder. Nessa linha de pensamento, Tedeschi e

Paivan (2017, p. 782) dizem que precisamos ter cuidado para não tomar um conceito como uma ideia fixa, eterna. Como exemplo citam o conceito moderno de identidade: “[...] as identidades e as diferenças são construídas nas relações sociais, em meio a campos hierárquicos - elas não convivem em harmonia, mas sim em constantes disputas.”

Para Silva (2021), as discussões mostram a importância de nos atentarmos, para que as novas abordagens do autismo não abandonem os ganhos obtidos pela coletividade autista. Entendo ser possível avançar nas formas de entender os sujeitos, sem que tais avanços representem ameaças à saúde das pessoas. Pela minha experiência, concordando com Silva (2021), não ignoro a necessidade de medicações específicas para as pessoas autistas. Todavia, as relações humanas, educacionais, culturais, entre outras precisam ir além dos limites clínicos. Nesse sentido, Silva (2021) mostra o quanto áreas como filosofia, sociologia e educação possibilitam argumentos que qualificam discussões sobre as práticas de subjetivação. Em tais áreas, o interesse está na relação de uns com outros e como tais relações permitem que sejamos de distintas formas. Assim, a autora contribuiu com o meu estudo, pois, além de trabalhar com narrativas, escritas em primeira pessoa, me ajudou a criar referências de modelos analíticos.

Resumindo, Silva (2021), Rodrigues (2019), Aguiar (2018) e Gozzy (2017) trilharam caminhos investigativos que foram inspiradores para mim, pois, ao analisarem narrativas de pessoas autistas, mostraram o quanto elas são ferramentas potentes de constituição de si. Os autores, de distintas formas, salientam que narrativas, quando incorporadas à vida ou ao cotidiano das pessoas, podem possibilitar que elas pensem a si mesmas, revejam suas práticas, compreendendo-as melhor, e se vejam com mais nitidez. Partem do pressuposto de que, ao “contarem-se a si mesmos”, agem sobre si.

Outra pesquisa que contribuiu com o meu estudo foi a de Felisbino (2022), uma dissertação defendida na época da finalização desta revisão de literatura. Apesar de a autora não trabalhar com a mesma temática que eu, ela utilizou lentes foucaultianas, que me serviram de inspiração. A pesquisadora buscou compreender como as práticas normalizadoras constituem políticas públicas educacionais no Brasil, posicionando os sujeitos “com autismo”, a partir de diferentes diagnósticos clínicos. A historicização de tais diagnósticos mostra o quanto movimentos em torno da forma de vida autista acabaram gerando parte das condições de emergência do conceito de neurodiversidade. Felisbino (2022), ao trazer vozes de autores e protagonistas de tais movimentos, esclarece que, dentro desse entendimento, ter autismo ou ser autista é apenas mais uma, dentre as distintas formas de ser humano. Trata-se de um grupo identificado como neuroatípicos. Na mesma linha da minha pesquisa, conforme já comentei,

Felisbino (2022) explica que o movimento da neurodiversidade não se opõe a processos terapêuticos que ajudam a desenvolver habilidades e desenvolver a autonomia dos sujeitos neurotípicos. Trata-se, portanto, de uma compreensão somativa de traços e não excludente. Em outras palavras, posso ser um neurodiverso que necessita de medicamentos para poder manter uma estabilidade, porém não preciso ser narrada a partir do diagnóstico.

Wou (2017) destaca a necessidade de ampliar as discussões a partir de um viés mais crítico, ou seja, um viés que tensione as leituras clínicas e fortaleça as discussões sobre a diferença. Destaca que, no campo da Educação, é fundamental mudar a forma como se olha e se narra o sujeito. Quando se foca o sujeito na escola, reforçam-se ainda mais os argumentos a favor da diferença e da diversidade.

Delgado *et al.* (2015) apresentam um panorama das pesquisas de mestrado e doutorado desenvolvidas entre 2011 e 2020, que abordam o tema autismo. Concluem que há uma concentração de pesquisas no campo da psicanálise e no campo comportamental. Segundo os autores, tais pesquisas focam, em grande parte, no desenvolvimento da linguagem e na socialização dos sujeitos.

Wou, Yaedu e Wayszeyk (2019) também fizeram uma revisão de literatura sobre o autismo, que provoca a pensar se se trata de um déficit ou de uma diferença, entre outras possíveis de serem apontadas no espectro humano. As autoras incluíram na revisão, teses e dissertações defendidas entre 2008 e 2018 no Brasil. Os resultados mostram, mais uma vez, que a maioria dos estudos se orienta pelo modelo médico, entre os quais há os que se inserem na categoria “modelo crítico”. As explicações perpassam diferentes abordagens teóricas, como a fenomenologia, a psicologia histórico-cultural e a psicanálise. A análise das pesquisas trouxe uma multiplicidade de narrativas sobre o autismo e a percepção de que cabe romper com a naturalização dos discursos e a hierarquização das ciências naturais sobre as humanas, para garantir o reconhecimento das diferenças como forma natural de vida.

Sadzinski Junior, Wayszeyk e Wuo (2020), ao fazerem uma revisão de 26 artigos sobre autismo, apontam que, no Brasil, as discussões acerca da neurodiversidade ainda são incipientes, fortemente limitadas pela neurociência. Dos 26 artigos encontrados, quatro abordaram o tema, a partir da neurodiversidade.

Rios (2017), de forma vibrante, aborda o tema pelo viés do autista como sujeito social e político, a partir da observação das diferentes formas de interação entre autistas, familiares e responsáveis. A autora diz que por autismo se entende um composto variado ou um grupo multidiverso de pessoas, com tipos e graus de comportamento variados, bem como de múltiplas dificuldades comunicativas. Ela afirma que, ao reconhecer tais dificuldades, as

famílias ou responsáveis acabam, muitas vezes, sendo os porta-vozes dos filhos, no que se refere à luta pelos direitos adquiridos.

Bialer (2015, 2018, 2021, 2022), apesar de falar da área da Psicanálise, toma o tema das biografias escritas por pessoas autistas não falantes e os colocam em posição de grande destaque em suas pesquisas. Seus artigos e livros fornecem uma alternativa, pois amplia a compreensão do poder, do lugar de fala das pessoas, nessa condição complexa e heterogênea, em relação a como percebem e vivenciam o mundo.

Na literatura, Ortega (2007, 2008, 2009) é o nome mais referenciado, quando se trata de neurodiversidade. O filósofo defende que o movimento da neurodiversidade é organizado por autistas chamados de alto funcionamento, que consideram que o autismo não é uma doença a ser tratada, mas se trata antes de uma diferença humana. Para ele (2008), a atuação de movimentos de autistas surgiu como recusa à visão negativa do autismo, difundida pelas explicações psicanalíticas de Kanner, Bettelheim, entre outros, que associam o autismo à incapacidade. Os representantes desses movimentos celebram a diversidade do cérebro humano e não acatam compreensões direcionadas à dimensão do patológico, da doença ou da cura. Segundo o pesquisador, as mídias oficiais tratam o tema do autismo de forma abstrata e generalizante; apenas uma pequena porcentagem de matérias e notícias abre espaço para o protagonismo das vozes autistas. Ortega (2008) argumenta que é preciso mais do que relatos pessoais de autistas, para eles se dizerem a si mesmos. Para o pesquisador, os relatos de autistas em primeira pessoa são escassos, o que limita a emergência de outras compreensões sobre tais sujeitos.

Resumindo, as discussões trazidas por Ortega (2007, 2008, 2009) mostram que a abordagem da neurodiversidade possibilitou o alargamento da visão sobre o que é ser autista. Para ele, uma fissura na forma de categorizar ou representar as pessoas autistas foi gerada, tornando mais difíceis os diagnósticos clínicos, para ele os movimentos da neurodiversidade, de formas de subjetivação cerebrais, de formação de neuroidentidades. Para o autor o objetivo fundamental dos movimentos é promover a conscientização e o empowerment da cultura autista.

Os ativistas autistas são freqüentemente autistas de “alto funcionamento”, geralmente Aspergers, que se outorgam o direito de manifestar-se em nome de todos os autistas, o que causa irritação dos pais de filhos autistas de “baixo funcionamento” com grave retardo físico. Obviamente, seria hipocrisia subsumir todas as formas de autismo ao “alto funcionamento”, para depois dizer que autismo é um estilo de vida. O movimento da neurodiversidade é minoritário dentro do espectro total do autismo. Muitos autistas não possuem nem a capacidade cognitiva de falar nem dizer o que pensam ou sentem, quanto menos de se organizar política e

comunitariamente. Os ativistas autistas, por sua vez, têm suas razões ao temer políticas igualmente agressivas que incluam testes genéticos que possibilitem abortar fetos autistas, bem como a imposição de ideais e padrões de normalidade cerebral, que redundem em terapias e obrigação de ser “curados”. Se o autismo é um espectro, não pode ser tratado como uma entidade nosológica fechada. (Ortega, 2009, p.75).

O autor diz que não tem o objetivo de tomar de fender bandeiras, tomar um lado da questão em torno das identidade autística ou mesmo em torno das políticas públicas relacionadas aos acessos de atendimento e tratamento do autismo, no entanto ao pontuar os discursos que atravessam a situação é necessário, para ampliar o debate, mostrar pontos divergentes, problematizar, dizer dos conflito com os interesses dos grupos pró-cura e ativistas.

Todas as pesquisas citadas nesta revisão permitiram reafirmar com mais força a necessidade da pesquisa aqui proposta. Além disso, é preciso estremecer o equívoco comum, que rotula o autismo como sinônimo de atraso de desenvolvimento ou intelectual. Mobilizei-me e continuo me mobilizando intelectualmente, para ajudar a construir caminhos alternativos e mostrar que é possível ter ganhos humanos, individuais, sociais e educacionais interessantes, abordando o autismo a partir da neurodiversidade. Acredito que as escritas de si, as experiências e vivências presentes nas falas singulares de quem vive sob a pele do autismo podem trazer luz, outros modos de compreender vidas plurais, relatos de pensamentos diversos sobre si mesmo, interações sociais, fatores socioemocionais e desafios diários, típicos de uma vida em tempos acelerados e líquidos.

Depois de rever o que já foi pesquisado sobre o autismo, a pesquisa proposta pode ser considerada inédita, pois a materialidade, a metodologia, os objetivos e o próprio problema de pesquisa não foram explorados pelos autores citados, como foi desenvolvido nesta tese. Ao adotar livros escritos por pessoas diagnosticadas e/ou autodeclaradas autistas e/ou neurodiversas, busquei, por meio de suas vozes, compreender o que faz com que elas convoquem a si mesmas ao se narrarem. Assim, tive a pretensão de tecer problematizações, a partir das narrativas de si, escritas por esses escritores, evidenciando um espaço conquistado tardiamente para falar de si mesmo, sem intermediações. A pesquisa em questão pode ser uma contribuição para um modo de viver no mundo de maneira compartilhada, solidária e diversa, englobando as diferenças entre as pessoas, compreendendo-as como fazendo parte da natureza da humanidade.

Enfim, a revisão de literatura, somada a outras leituras e discussões que vinha

fazendo em diferentes grupos, tornou mais claros os contornos da pesquisa. Após a síntese, no capítulo 3, descrevo como operei com as narrativas de si.

CAPÍTULO

3.

PARTE 1

ENGRENAGENS METODOLÓGICAS DA PESQUISA

3 ENGRENAGENS METODOLÓGICAS DA PESQUISA

[...] Sou autista. Não preciso me adequar à sociedade, ela é que precisa se adequar a mim e a meus semelhantes e nos aceitar como somos. Autismo para mim não é doença, nem simples diagnóstico. É identidade. Se antes eu via minha neurodivergência como um fardo, agora eu a escrevo como um elemento essencial e favorável, que influencia diretamente os aspectos mais positivos da minha personalidade. [...]. Eu era amargurado por não conseguir me aproximar das pessoas. Com a revelação e uma leitura que julgo imprescindível de um livro de Cristiano Camargo (Ele mesmo, autista), dei-me conta de que minha natureza era solitária e que a felicidade e a normalidade não estão condicionadas à sociabilidade. [...] Eu não mudei o mundo quando admiti ser autista pela primeira vez. Mas, ao fazer isso, eu mudei o meu mundo. Era isso que importava. Eu me sinto melhor do que nunca por ter tomado essa atitude. Reafirmando: Sou autista com muito orgulho (Vasconcelos, 2019, p. 176).

Escrever, em si, pode ser um exercício de elaboração e de transformação. Escrever sobre si mesmo constitui uma ascese pessoal rumo a si mesmo, uma conversão, no sentido de uma transformação pessoal rumo a uma transformação política do mundo (Ortega, 1996, p. 3).

A primeira citação escolhida para iniciar este capítulo é o que chamo de inspiração metodológica. Vejo nela, com muita força, a operação do sujeito sobre si mesmo, principalmente. Há espaço para que o sujeito produza sua singularidade, ou seja, para que ele transborde os limites clínicos, a fim de constituir-se como sujeito. O narrar-se é um movimento potente para quem faz pesquisa, pois permite que percebamos quais práticas interpelam e mobilizam o sujeito sobre si mesmo. Nesse sentido, na citação de Vasconcelos (2019), autor autista, fica claro o lugar ativo do diagnóstico nas formas de ser sujeito. “Sou autista com muito orgulho” finaliza a escrita de um processo de transformação. Nesse sentido, ser autista ultrapassa o diagnóstico e passa a ser um elemento identitário e, portanto, de reconhecimento de si mesmo e de pertencimento a um grupo de semelhantes. É disso que a pesquisa proposta se ocupa, isto é, perceber como são dados os processos de ativação de si mesmo.

A segunda citação de Ortega (1996) faz referência à escrita. Diferente da fala, escrever exige olhar-se, selecionar o que será contado, revisão de histórias e de experiências pessoais, releitura e organização do pensamento. Além disso, escrever livros que contam histórias pessoais significa dar-se a conhecer e educar aquele que lê.

As duas citações juntas são um exemplo da potência que vejo na minha proposta de tese. Proposta que me mobiliza a buscar, cada vez mais, interlocutores capazes de me desafiar a pensar de outras formas o autismo e a minha própria experiência como mãe de

uma criança autista, que mantém uma relação sempre intensa, com outros espaços, entre eles, a escola. Ao selecionar as duas citações para começar o capítulo metodológico, quero marcar, de antemão, como vejo ações dentro da escrita. Detalho como extraí tais ações sobre si mesmo, no decorrer deste capítulo. Além disso, também apresento os livros escritos por pessoas autistas, que compõem a materialidade da investigação proposta.

É comum, nas pesquisas inspiradas em autores que compõem o que se costuma nomear de Campo de Estudos Foucaultianos, provocar a desconstrução de verdades constituídas sobre uma dada materialidade. Na mesma linha, também tensiono as verdades produzidas sobre o ser autista, o diagnóstico, a capacidade de se relacionar, de comunicar, de agir etc. Ao tensionar o que é dito, não pretendo ignorar as verdades, pelo contrário, é por perceber a potência do que se diz sobre o outro na vida desse outro que me ocupo das verdades. Porém, mais do que mostrar verdades já consolidadas, aposto na pesquisa, em verdades menos divulgadas ou verdades menores, ou seja, com menos impacto social. As verdades invisibilizadas produzidas pelos sujeitos autistas, muitas vezes, perdem-se em suas próprias experiências. Pensando e apostando nisso, decidi investir na busca de narrativas de si, escritas em primeira pessoa. Penso que, por meio da escrita, elas podem mostrar mais do que o já conhecido. Ao conduzir a pesquisa nessa perspectiva, coloco-me nesta empreitada científica como pesquisadora curiosa e em movimento de (des)construção permanente de mim mesma.

Dando sequência à exposição metodológica, este capítulo está dividido em subtítulos que apresentam as linhas metodológicas gerais, bem como os materiais. Na escrita, sinalizo idas e vindas em busca de materiais, para a elaboração da problemática de pesquisa e até mesmo para a estruturação das compreensões teóricas. Entre as idas e vindas da construção metodológica, demorei para compreender como a escrita de si opera como tecnologia de constituição de si mesmo. Nesse sentido, a escrita desta metodologia tem dupla dimensão: a de (re)criação da realidade e a de (re)criação de si (Foucault, 1992). Tal recriação da realidade permitiu que eu a entendesse como algo que se constrói sobre uma materialidade – o corpo – que pode ser lida e entendida de distintas formas. No meu caso, depois de muito lutar para não ver o autismo como um problema, hoje o leio como uma neurodiversidade.

No meu grupo de pesquisa, sou a primeira a trabalhar com a compreensão da neurodiversidade, mas sou mais uma a me inspirar tanto nos Estudos Foucaultianos em Educação, quanto nos Estudos da Normalidade e da Deficiência. Portanto, seguirei levando adiante as pesquisas do grupo, contribuindo com a abertura de mais uma frente de estudo que

pode ser desdobrada, entre outras possibilidades, junto ao conceito de “matriz de experiência da inclusão”⁹(Lopes, fabris, 2013).

Importante marcar que, na escrita da proposta, mesclo o estilo dissertativo com o narrativo. Como pesquisadora, ao colocar-me em ação para perscrutar as escritas de outros, também me coloco na esteira do pensar-se, pois, ao escrever, dou-me conta do quanto as leituras e as discussões que venho fazendo não me permitem mais me reconhecer como aquela que ingressou no doutorado.

Apoiada em Sloterdijk (2012), faço uso do conceito de antropotécnica, para problematizar a ação do sujeito de escrever sobre si e, ao fazer isso, de se pensar. Como antropotécnica, entendo um conjunto de técnicas desenvolvidas para modificar e otimizar o comportamento humano. Parafraseando Ortega (1997), entendo por técnicas de ação sobre si mesmo, que o sujeito passa a enxergar o humano como ser que fabrica a si mesmo. Desse modo busco marcar as as primeiras balizas orientadoras da pesquisa, visando detalhar os caminhos percorridos na busca por outros leem o que eu desejo ler, abro o próximo subtítulo.

3.1 PESQUISAR SOBRE AS NARRATIVAS DOS OUTROS

Foi uma decisão que nasceu depois de um tempo considerável, pois acreditava ser melhor ouvir autistas, a partir de entrevistas diretas. Contudo, como pesquisadora, senti que estava sendo atravessada e impactada por uma diversidade enorme de emoções, afetos e sentimentos que confundiam meu pensamento, o que me fez definitivamente ousar escolher os livros, para falarem comigo, sobre um tema que é tão caro para a minha vida, em muitas dimensões. Assim, a escolha dos meus materiais de pesquisa, isto é, livros autobiográficos escritos por autores autistas, se deu inspirada na pesquisa de Marín-Díaz (2013). A autora buscou investigar práticas de subjetivação presentes em livros de autoajuda. Ao ler sua pesquisa, entendi que poderia ser interessante fazer um investimento semelhante, porém investindo na leitura de livros autorais, escritos por autistas, que contam suas histórias.

⁹ Matrizes são constituídas na história e funcionam como chaves de inteligibilidade para pensar o presente, a partir de três eixos, saber, poder e ética, como princípio de ação, que produz sujeitos em seus modos de ser e de conduzir-se. Ferramenta teórica-metodológica, converge para a conformação de uma forma de vida inclusiva, permite interrogar o presente como integrante de uma época em que normas de comportamentos instituem e naturalizam o estar junto, no mesmo espaço, como uma condição necessária para certa estabilidade do Estado, embora algumas exclusões se configurem (Lopes; Morgenstern, 2014, p.187).

Muitas discussões sobre a escolha do meu material aconteceram no grupo de pesquisa e de orientação. Mudei várias vezes, até que comecei a perceber que havia um número grande de autores autistas que usavam a escrita para contarem suas vidas e passei a me interessar pela busca de tais livros. Alguns encontrei por meio de pesquisas, outros comprei, ganhei de presente e, outros, ainda, chegaram às minhas mãos por meio de colegas e amigos que sabiam do meu interesse investigativo.

Conforme os livros iam chegando, eu investia na leitura. À medida que lia os livros e, ao mesmo tempo, lia e discutia conceitos e o *modus operandi* de outras pesquisas, fui me dando conta de que nem todo o livro, mesmo que escrito por autores autistas, interessava. Afinal, nem todo autor consegue narrar a si mesmo, colocando-se no texto, em primeira pessoa. Além disso, nem todo o autor se dá a conhecer tornando-se visível e como faz para convocar a si mesmo, no seu dia a dia. Muitas são as histórias de sofrimento, de angústia e de in/exclusão contadas nos livros; porém, embora reconheça a importância delas, queria avançar para uma pauta positiva.

Diante desse contexto, minha intenção foi buscar compreender como se movimenta o sujeito em seu pensar, sua mobilização a partir do pensar. Esse laborioso e constante trabalho de se olhar consiste em perceber esse ser como um “sujeito ativo”.

Ao tomar a Modernidade e seu modo de conceber educação, através das ideias pedagógicas, a partir do conceito de “governamentalidade”¹⁰, proposto por Michel Foucault, Carlos Ernesto Nogueira-Ramírez reflete sobre a influência da educação nos novos modos de governar da sociedade nos dias atuais. Para o autor, a constituição da modernidade se fez com uma sociedade educativa, que pensa na educação para todos, como forma de erradicação dos problemas sociais e econômicos e que constitui o sujeito moderno, mais educado e humanizado (Nogueira-Ramirez, 2011). Segundo autor, o sujeito era capaz de convocar a si mesmo, provocando viradas em suas experiências, bem como era capaz de agir de modo livre sobre os acontecimentos e transformava tudo em tempo de cultivo para si, uma obra sempre em constante análise e modificação. O mencionado autor parte do pressuposto de que a singularidade do sujeito estaria na escrita, um diálogo de si para consigo; porém, nem sempre visível para os leitores que estão fixados nos problemas enfrentados no cotidiano.

Conforme avançava nos estudos e novos livros iam chegando até mim, fui traçando os limites da investigação. Primeiramente, defini o que eu não queria, para depois montar o que

¹⁰ A noção de governamentalidade neoliberal, derivada dos estudos políticos de Michel Foucault, tem sido utilizada no campo dos Estudos Curriculares (Veiga-Neto, 2013).

me interessava saber. Quanto mais lia os livros escritos por autistas, mais percebia que alguns deles eram ricos na descrição de espaços, contextos e experiências. Outros, embora trouxessem descrições, não apresentavam detalhes significativos, que atendessem à minha expectativa. Fiz inúmeros registros, fichamentos, anotações, a partir das leituras. Muitas delas fui compartilhando com os colegas do grupo em encontros de orientação e até por *WhatsApp*. Durante esse processo todo, sofri muito. Havia dias em que não via esperança para aqueles que se contavam, mas, em outros, me animava a pensar de outras maneiras. Os autores não tinham compromisso em teorizar sobre suas experiências, mas eu comecei a me dar conta de que as leituras realizadas sobre a diferença, a deficiência, a (a)normalidade, entre outras temáticas, no doutorado e no grupo de pesquisa, me desafiavam a abordar e a construir a pergunta de pesquisa de uma outra maneira, ou seja, não orientada para encontrar respostas que eu já sabia.

Tudo o que contei e comentei até aqui aconteceu antes do iniciar a escrita da proposta. Foi no processo de idas e vindas que passei a engendrar o que via ao que passava a ler sobre neurodiversidade. As teorizações de autores como Gallo (2018), Ortega (2007, 2008,) Pagni (2007, 2022, 2023), Skliar (2003), Larrosa (1994), Lopes (2006, 2009) passaram a operar em mim uma virada epistemológica. Sem receio, posso afirmar que me movimentei muito nas formas de compreender o autismo desde a entrada no doutorado. Igualmente, movimentei-me muito na compreensão do sujeito, não mais curvado aos saberes do outro, mas ativo sobre si mesmo. Fischer (2007, p. 1), referindo-se ao sujeito e às práticas de subjetivação, diz: “essa dobra que está sempre por se fazer, que se debate, se movimenta e se cria no espaço híbrido de processos de subjetivação e de procedimentos de sujeição”.

Mesmo entendendo que não seja necessário historicizar quando se deu a produção de reflexões sobre o sujeito e a escrita de si, faço aqui uma digressão e depois retomo a discussão metodológica. O interesse foucaultiano pelo sujeito sempre foi central nos estudos, mas, na década de 1980, eles se tornaram ainda mais potentes, pois se voltaram para o sujeito, no sentido de buscar entender como ele é conduzido a conduzir-se. Assim, entender as práticas de constituição de si se tornam significativas. O filósofo investiu esforços em estudos genealógicos,¹¹ com o intuito de estudar o sujeito como efeito de linguagem em um processo

¹¹ Em seus estudos, Foucault deu forma à investigação em *A hermenêutica do sujeito* (2010), com as temáticas dos dois volumes finais sobre a história da sexualidade, a temática sobre o sujeito até então, construída pelo viés de relações discursivas e não-discursivas entre saber-poder, provocou uma ruptura em seu pensamento e de seus escritos até o primeiro volume de história da sexualidade, traz consistente ideia sobre o que chamou de analítica sobre as práticas de subjetivação, isto é, de si mesmo, dentro dessa compreensão o sujeito não é uma substância, mas, um fluxo. Porém, esse fluxo

de cooptação exterior pelo discurso. Para isso, precisou construir uma análise do sujeito a partir de sua dobra profunda, isso é, por uma perspectiva sobre sua interioridade (Deleuze, 2005).

Guareschi et al. (2011), referindo-se à pesquisa e aos processos de subjetivação, tanto daquele sobre quem pesquisamos, quanto sobre nós, pesquisadores, nos provocam a pensar nos desafios que nos trazem os caminhos de inspiração foucaultiana. Segundo os autores,

[...] como pesquisar, produzir conhecimento sobre o humano sem assujeitá-lo à verdade? Como tornar possível “um espaço-outro” dessasujeitado na pesquisa? É possível esse lugar desassujeitado no domínio das pesquisas? As contribuições foucaultianas nos levam a crer que estamos fadados a produzirmos assujeitamentos no processo de pesquisar. Mas, ao mesmo tempo, dá uma pista muito interessante: ao partirmos do entendimento de que ao pesquisar produzimos o próprio sujeito de nossas pesquisas, e que esse processo é assujeitante ou subjetivante, podemos tomar a pesquisa em Foucault como uma ferramenta não-ingênua no pensar e analisar o processo de produção do objeto como inerente ao pesquisar (Guareschi *et al.*, 2011, p. 201).

Ao ler essas palavras, compreendi, em parte, o desconforto, que, por vezes, estava sentindo. Para quem trabalha com Foucault, é comum ouvir a crítica de que as pesquisas produzidas sob essa orientação ou inspiração não criam nada novo para colocar no lugar. Guareschi et al. (2011) me fizeram ver que, ao buscar entender como verdades vão sendo constituídas, escancaramos as condições de sua produção. O fato é que sempre faremos escolhas do lugar em que queremos produzi-las. Nesse sentido, assumo meu lugar de interesse nesta pesquisa, que entende o sujeito da pesquisa ou o sujeito que se narra como estando sujeitado ao outro e a si mesmo. Ao sujeitar-se a si mesmo, pode percorrer outros caminhos que não os previstos, pois é ativo e desejanste de outras formas de ser. Descobrir isso me mobilizou como quem faz pesquisa, pois sei que, além de produzir uma pesquisa que pode mostrar outras formas de os sujeitos se sujeitarem aos outros e a si mesmos, também posso sair modificada dessa experiência. Há um processo de formação que se dá com quem aprende e pesquisa, que é mobilizador.

Entrar nos estudos do autor francês pareceu-me tão necessário e produtivo, para pensar a escrita como processo trabalhoso, de construção de experiência, de autocuidado. Também foi possível atrelar o ato de escrever experiências de si como uma postura de liberdade a outros escritos. Pagni e Silva (2020, p. 1635) ajudaram a me aproximar de um entendimento melhor dos motivos de Foucault ir tão longe, buscando entender como o sujeito greco-romano se

também não é idêntico a si mesmo, isso é, o sujeito não tem consigo próprio o mesmo tipo de relação enquanto sujeito político e enquanto sujeito de uma sexualidade (Cardoso Junior, 2005).

movimentava. Segundo suas pesquisas, ele conseguiu propor uma problematização potente, trouxe um modo de olhar amplo, diferente, sobre o sujeito, fundado numa “moral moderna”. Ainda me apoio em Pagni e Silva (2020, p.1633), quando explicam que Foucault problematizou questões de identidade e a emergência no presente de uma “racionalização econômica que nada teriam a ver com a dos devires da formação e com as formas de ocupação de si mesmo dos processos de subjetivação antigos”. No curso denominado *A Hermenêutica do Sujeito*, o pensador francês adensou a genealogia do sujeito moderno e sua constituição, com base nas práticas históricas: “é aquele que se dedica a fazer uma genealogia do sujeito moderno e de sua constituição, com base nas práticas históricas” (Pagni; Silva, 2020, p. 1633).

Desse modo, em *A Hermenêutica do Sujeito*, Foucault (2010) faz um regresso à cultura grega, na qual a noção de cuidado era compreendida como a *epimélēia heautoû*, uma forma pela qual os sujeitos davam atenção a si, exerciam cuidados e se modificavam. Foucault (2010) resgata esses procedimentos como mobilizadores que impulsionam nos sujeitos a reflexão sobre suas práticas e condutas e associam essas reflexões às atividades realizadas. Esse trabalho laborioso de si construído em cima de um conjunto de técnicas que inclui a escrita, disposições, desde Sócrates, até chegar ao estatuto de pensamento filosófico, ajuda a pensar nos tempos atuais, nesse processo de escrita, que viabiliza o sujeito como alguém que mobiliza ações sobre si, dentro do tempo presente.

Temos, pois, com o tema do cuidado de si, uma formulação filosófica precoce, por assim dizer, que aparece claramente desde o século V a.C. e que até os séculos IV-V d.C. percorre toda a filosofia grega, helenística e romana, assim como a espiritualidade cristã. Enfim, com a noção de *epiméleia heautoû*, temos todo um *corpus* definindo uma maneira de ser, uma atitude, formas de reflexão, práticas que constituem uma espécie de fenômeno extremamente importante, não somente na história das representações, nem somente na história das noções ou das teorias, mas na própria história da subjetividade ou, se quisermos, na história das práticas da subjetividade (Foucault, 2010, p. 12).

Para Foucault (2010), a conceitualização sobre a ética dos gregos, centrada nas técnicas da vida (ou seja, a *techné* permite viver “tão bem quanto possível”, ser capaz de cuidar de si e da cidade e dos cidadãos), era uma espécie de regulação que permitiu a emergência das práticas de cuidado de si. Não se tratava, portanto, de uma *techné* preocupada com a normalização das pessoas. Pelo contrário, buscava-se ensinar as pessoas a transformar a vida em obra de arte. Dessa forma, o pensamento e os estudos do filósofo francês nos permitem entender que existe uma vontade de saber sobre si mesmo desde os tempos do homem grego até a época atual, com intensidades e modos diferentes. Esse labor sobre o pensar, formular

tipos de operações que os indivíduos poderiam realizar por eles mesmos em seu corpo, seus pensamentos e suas condutas referem-se a um modo de cultivar uma verdade de si mesmo. Formas de criação social e política que circulam, exteriores a cada homem de sua época, são possibilidades de transformação de pessoas em sujeitos.

Foucault privilegia, na Hermenêutica do Sujeito, o sujeito conjecturado nas práticas de si da filosofia greco-romana, como um eu ético, oposto ao sujeito ideal do conhecimento, pressuposto em uma expressiva tradição filosófica como alma em Platão, *res cogitans* em Descartes, eu transcendental em Kant, consciência pura em Husserl, etc. O sujeito, como um eu ético transformando-se através de “exercícios espirituais”, é entendido como capaz de construir a si mesmo, atribuindo a si regras de existência e de conduta, totalmente apartado do discurso que o articula a uma natureza essencial ou pré-estabelecida. Logo, a indagação sobre o eu ético situa-se na perspectiva de uma história da subjetividade (Filomena, 2020, p. 3).

Finalizando a digressão feita acima, inspirada pelas razões que levaram Foucault a olhar para o como nos tornamos sujeitos e para as razões pelas quais nos deixamos governar, comecei a pensar na investigação que construía. Como descrever as práticas observadas nos livros, produzindo os sujeitos? O que entendo por prática? De forma resumida, calcada no entendimento de Marín-Díaz e Parra-Léon (2019), por prática podemos entender a combinação de *télos* (finalidade) e *teckné* (técnica). Dito de outra maneira, é a combinação que mostra que a ação tem uma finalidade. Também mostra que podemos identificar em narrativas distintas, técnicas muito semelhantes de escrita de si, porém a finalidade que mobiliza a técnica pode ser distinta. Ao entender isso, tive mais clareza de como poderia visualizar excertos das narrativas. As narrativas dos sujeitos mostram práticas distintas. Escritas em primeira pessoa, mostram a ação sobre si mesmos e as razões que os mobilizam a agir de determinadas maneiras. Tal entendimento foi um grande passo em minhas incursões metodológicas.

Resumindo, nas minhas jornadas de estudo e de leituras de livros que me chegavam às mãos, escritos por autores autistas, defini conceitos centrais para qualquer procedimento metodológico no campo dos Estudos Foucaultianos, quais sejam: sujeito, prática, subjetivação e tecnologia do eu. Nesse caso, entendo a escrita narrativa de si como uma tecnologia capaz de produzir aquele que se narra.

Além de definir as ferramentas teórico-metodológicas, também precisei olhar para meu material. Reuni, nos primeiros dois anos de doutorado, 35 livros escritos por autores autistas, a maioria, brasileiros. Esse número aumentava ou diminuía, conforme estabelecia os critérios das escritas e da seleção de cada obra, sempre deixando claro para mim mesma que

não bastava apenas ser escrita por autista, mas que teria que ser uma obra que trouxesse o pensamento de si, nas páginas escritas.

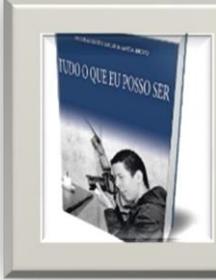
Entendendo que o material que reuni pode ser útil para mais pessoas. Assim, no quadro 3, apresento todos eles e sinalizo aqueles com os quais trabalhei, para compor meu *corpus* analítico. Li, ao todo, 35 livros e separei 31 para uma primeira análise e, finalmente, selecionei 26 livros, que foram analisadas e constituíram o conjunto da materialidade deste estudo.

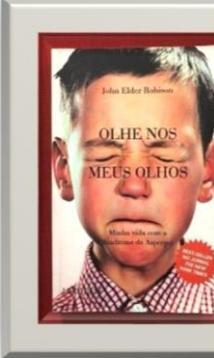
O laborioso trabalho de selecionar as narrativas (estar escrito em primeira pessoa, trazer experiências em que o sujeito opera sobre si mesmo) resultou na pesquisa que sustenta a presente tese. Procurei diferentes maneiras de ler e organizar as informações, enunciações que foram de extrema relevância para a escrita dos próximos capítulos de meu estudo.

No quadro abaixo, marco com um asterisco ao lado do número, os livros de onde extraí excertos que utilizei na pesquisa.

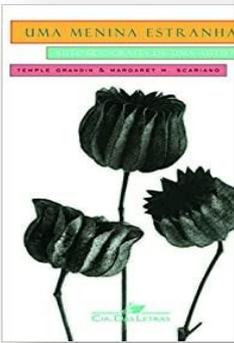
Quadro 4 - Obras escolhidas, escritas por autistas, com narrativas de si:

Número	Imagem da capa	Referência	Resumo da apresentação conforme escrito na contracapa ou orelha do livro
01		COSTA, João Paulo Vasconcelos. Eu, adulto e autista . Fortaleza CE. Centro Universitário Estácio do Ceará, 2019.	Uma Vida Atípica compila diversas memórias do autor, um adulto dentro do espectro, e relatos de seus dias atuais e as une com textos acerca de diversos assuntos que se entrelaçam a essa diferença humana. João Paulo nasceu em Fortaleza no ano de 1985 e é Bacharel em Direito graduado pela Universidade de Fortaleza. É escritor, tendo publicado três obras: Eu, adulto e autista (2019).

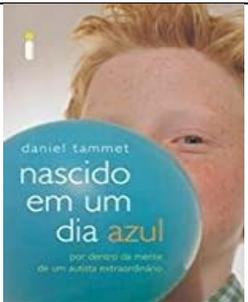
02		<p>MENDONÇA, Sophia. Outro olhar: reflexões de um autista. Belo Horizonte: Editora Manduruvá. <i>E-book.</i></p>	<p>Existem, sim, gênios autistas, assim como existem gênios que não convivem com o transtorno. O mundo do autismo tem beleza diferenciada, mas também um lado sombrio que faz de guerreiros todos nós que o enfrentamos” "Outro Olhar - Reflexões de um Autista" imprime a sinceridade, a sensibilidade e a constante preocupação com dicas preciosas sobre a experiência diária.</p>
03		<p>SALES, Nicolas Brito. Anita: Tudo o que eu posso ser. São Paulo: Editora independente, 2017.</p>	<p>Trata-se de um e autismo na fase adulta da sua descoberta, mas também serve para crianças, pois o adulto autista nunca deixa de ter um coração puro e de ser ingênuo.</p>
04		<p>RUGNSKI, André. Autismo adulto, quando nos descobrimos. São Paulo: Amazon, 2016. <i>E-book.</i></p>	<p>O livro traz informações bastante interessantes sobre o autismo, particularmente para aqueles que se descobrem dentro do espectro já na fase adulta. A descrição dos comportamentos característicos do espectro autista de alto funcionamento, nos remetem a uma viagem por nossa história de vida em busca de um autodiagnóstico que parece se confirmar.</p>

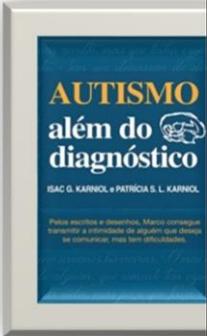
05		<p>CAMPOS, André. Meu mundo à parte. Nanuque: Editora independente, 2019. <i>E-book</i>.</p>	<p>Trazendo a narrativa dos fatos pelo olhar de quem os viveu e que sentia tudo com a intensidade e o desgaste interior atípico causado pelos fatores inerentes ao espectro do autismo. Sentimos que somos diferentes, mas não sabemos o porquê nem o como. Acredito que apenas vemos o mundo, a vida e as relações por outra perspectiva. Temos empatia pelas outras pessoas, mas não sabemos demonstrar, temos sentimentos, mas não são fáceis de serem notados em nós. Queremos e fazemos questão de conviver com outras pessoas, só não sentimos falta quando não estamos no meio.</p>
06		<p>ROBISON, John Elder. Olhe nos meus olhos. São Paulo: Larouse, 2008.</p>	<p>John Elder Robison nasceu com Asperger (uma forma mais branda de autismo), ele só foi diagnosticado por volta dos 40 anos. Olhe nos meus olhos é a tocante e bem-humorada narrativa de alguém que cresceu com a Síndrome de Asperger numa época em que esse diagnóstico não existia. Desde criança, John Robison tinha dificuldades em relacionar-se com outras pessoas. Na adolescência, os problemas se agravaram e apenas aos 40 anos Robison foi diagnosticado. Essa súbita compreensão transformou a maneira como Robison se via - e como via o mundo.</p>

07		<p>MENDONÇA, Sophia. Neurodivergentes. Belo Horizonte: Manduruvá, 2019. <i>E-book</i>.</p>	<p>Na apresentação deste livro, o professor e jornalista Maurício Guilherme Silva Jr. registra que “O leitor ‘ouvirá’ a voz de um dos mais lúcidos ativistas da atualidade. Além de grande estudioso das nuances do autismo, a jovem escritora e jornalista Sophia Mendonça, autora de outros três livros, carrega, nas mãos e no peito, o signo da liberdade. Em seus escritos, reportagens, entrevistas, análises e poemas, bailam, orgulhosas e perenes, as chamadas da ética, as rosas da humanidade, as incandescências do amor”.</p>
08		<p>SILVA, Selma Sueli. Minha vida de trás para frente. Belo Horizonte: Maduruvá 2017. <i>E-book</i>.</p>	<p>Diagnosticada com autismo aos 53 anos, a jornalista Selma Sueli Silva refaz sua trajetória com base na descoberta, e percebe que os sinais do autismo sempre estiveram presentes. Quem conheceu a Sueli da infância e da adolescência, que vivia em comunidades e tinha medo de desagradar por sua ingenuidade e uma personalidade fora do padrão? Selma Sueli Silva é escritora, jornalista e apresentadora e Super Autista) na fase adulta.</p>

09		<p>GRANDIN, Temple. O cérebro autista: pensando através do espectro. Rio de Janeiro: Record, 2015.</p>	<p>Quando Tempe Grandin nasceu, em 1947, o autismo acabara de ser classificado como tal. Hoje, estima-se que 70 milhões de pessoas sejam portadoras do transtorno do espectro autista – cerca de 1% da população mundial –, o que faz com que ele seja cada vez mais conhecido e discutido. Os estudos da área também se transformaram nos últimos anos: passaram da psicologia à neurologia e à genética, e, graças a novas pesquisas revolucionárias sobre as causas e tratamento, há cada vez mais esperança.</p>
10		<p>GRANDIN, Temple. Uma menina estranha: autobiografia de uma autista. São Paulo: Cia das Letras, 1999.</p>	<p>Autobiografia da engenheira e bióloga Temple Grandin, que bem cedo foi diagnosticada como autista. Conversando com o neurologista Oliver Sacks, ela pronunciou uma frase que dá bem a medida de como o mundo lhe parece estranho: "A maior parte do tempo eu me sinto como um antropólogo em Marte". Até os três anos e meio, Temple só se comunicou por intermédio de gritos, assobios e murmúrios de boca fechada. Sua mãe percebeu que já aos seis meses ela não se aninhava no colo: ficava rígida, rejeitava o corpo que queria abraçá-la. Na escola, batia na cabeça das outras crianças. Em vez de argila ou massinha sintética, usava as próprias fezes para modelar e espalhava suas criações pelo quarto. Às vezes</p>

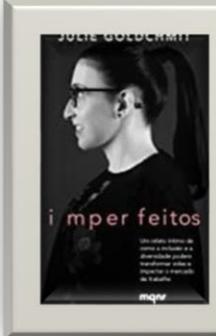
			<p>ignorava sons altíssimos, mas reagia com violência aos estalidos de uma folha de celofane. Somente quando já tinha quase trinta anos conseguiu dar um aperto de mão e olhar nos olhos de outra pessoa. Construiu uma "máquina de abraço" para pressioná-la sem o desconforto intenso que um outro corpo humano provoca nela. Temple se tornou uma profissional bem sucedida. Projeta equipamentos e instalações para a pecuária.</p>
11		<p>CAMARGO, Cristiano. Autista com muito orgulho: a síndrome vista pelo lado de dentro. São Paulo: Verde, 2012.</p>	<p>Autista com muito orgulho – a síndrome vista pelo lado de dentro” é a primeira obra de não ficção de Camargo, que relata um pouco de sua história e o que se passa na vida do autista, o escritor é exemplo para muitos por ter superado as dificuldades de ser autista do tipo asperger, síndrome que só descobriu que possuía aos 41 anos, quando já tinha três publicações e vencido dois concursos. A publicação e o trabalho de ativismo na defesa de pessoas com a síndrome renderam ao autor o prêmio do Movimento do Orgulho Autista.</p>
12		<p>MARIA, Patrícia. Um olhar atípico. Porto Alegre: Atípica, 2022. <i>E-book.</i></p>	<p>Enfim, hoje me considero andrógina e trânsito feliz entre o feminino e masculino. Aprendi a me respeitar. Gosto de poder ocasionalmente usar maquiagem (por pouco tempo, pois meu sensorial não aguenta batom e nada muito pesado no meu</p>

			<p>rosto) ou comprar um sapato de salto alto, porque acho lindo para tirar foto. Meu estilo finalmente bate com minha personalidade. Eu me sinto livre para ser eu mesma, usar o que quero sem seguir padrões de gênero ou de idade. Patrícia Maria.</p>
13		<p>PETRY, Marcos. Memórias de um Autista por ele mesmo. Blumenau: 3 de maio, 2018.</p>	<p>O autor adentra histórias, sentimentos e situações do dia a dia para demonstrar a inclusão da pessoa Autista na prática! Em meio ao Humor e reflexão o livro traz dicas para estratégias de estímulo e avanço dentro do Espectro. Com um pé na crônica e outro na biografia este livro narra os desafios de vivenciar o autismo em um dia a dia conturbado. A busca pelo conhecimento, o respeito e o protagonismo permeiam o livro, pontuadas por doses de humor e reflexões sobre a vivência do autismo no século XXI e a busca de evidenciar o potencial de cada indivíduo, além disto o livro trata da importância das palavras de incentivo e do exemplo vivo no ato de superar obstáculos, sejam eles preconceitos, dificuldades ou crenças limitantes.</p>
14		<p>TEMMET, Daniel. Nascidos num dia azul. São Paulo: Intrínseca, 2007.</p>	<p>O que Daniel nos dá através da leitura desse livro é um passaporte para o seu cérebro. Nessa obra que transita entre uma biografia e um relato informal sobre a síndrome de asperger, Daniel relata através de suas experiências e de</p>

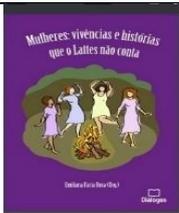
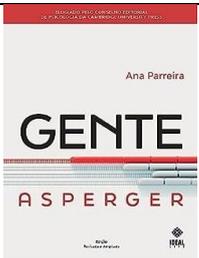
			<p>depoimento de seus pais como foi o seu nascimento, a sua infância e adolescência e por fim o seu ingresso na vida adulta. Daniel Tammet descreve todo seu percurso para compreender o mundo ao seu redor, desde a descoberta do autismo à ataques de epilepsia. Daniel tem dificuldades de relacionamento, de compreensão de frases de duplo sentido, de captar as nuances emocionais do comportamento humano, além de ter suas habilidades motoras comprometidas. Tem um altíssimo poder de memorização, facilidade em aprender outros idiomas, fazer cálculos matemáticos complexos e uma característica que despertou a curiosidade acadêmica mundial, ele tem o sentido da sinestesia muito desenvolvido e consegue perceber e associar cores, formas e texturas e até sabores à números.</p>
15		<p>KARNIOL, Isac Germano. Autismo além do diagnóstico. São Paulo: Amazon do Brasil 2016. <i>E-book</i>.</p>	<p>Com o diagnóstico de autismo desde a primeira infância, Isac percorre diversas terapias e escolas, especiais ou não, e já com 17 anos, numa tentativa maior de entrar em contato com os outros, com o mundo exterior, vê seus esforços fracassarem e se desestrutura. Com desenhos e escritos (poesias, frases, pequenas crônicas, redações e cartas), ele consegue por fim se comunicar</p>

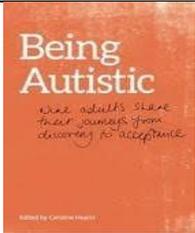
			emocionalmente com o terapeuta, trazendo um conjunto de pensamentos, desejos, emoções e sentimentos até então submersos em seu mutismo e isolamento.
16		<p>ROSA, Frederico de. O que eu nunca disse antes: eu meu autismo e no que eu acredito. São Paulo: Edições Paulinas, 2016.</p>	<p>Federico descobriu que conseguiria expressar-se através do computador aos 8 anos de idade, aos 20 anos, não só concluiu o Liceu Científico (equivalente ao Ensino Médio brasileiro), como tem amigos e frequenta a paróquia de seu bairro. No autismo foi diagnosticado bem cedo e sua família o acompanhou de perto desde o começo, com o apoio de terapeutas, educadores preparados e muito amor - o que, segundo ele sempre foi o mais importante para o seu desenvolvimento. Seu objetivo, ao publicar o livro, é ajudar as pessoas autistas que sofrem por não conseguirem ser compreendidas e construir uma ponte entre elas e a "sociedade neurotípica" (como nomeia os "não autistas"), demonstrando que estarem "presas" dentro do autismo não as torna loucas, burras ou perdidas num outro mundo. Ao contrário, têm medos, esperanças e muitas frustrações por não conseguirem fazer tudo o que os outros fazem.</p>

17		<p>ALVES, Siaeel. Autismo aos 26. 2. ed. São Paulo: Amazon do Brasil 2020. <i>E-book</i>.</p>	<p>E se, depois de adulto, você descobrisse que seu cérebro não funciona tão bem como imaginava? Que seu modo de pensar e agir esteve "errado" por toda a sua vida? No meu caso, resultou num diagnóstico de depressão e 5 anos de tratamento com ansiolítico, além de muitas crises inexplicáveis de choro. Neste livro, eu relembro momentos da minha infância, adolescência e vida adulta em que o autismo influenciou as minhas decisões e meu comportamento sem que eu soubesse.</p>
18		<p>SILVA, Selma Sueli; MENDONÇA, Sophia. (Org.). Autismo no feminino: a voz da mulher autista. Cajamar: Amazon, 2022. <i>E-book</i>.</p>	<p>As autoras deste livro tiveram como mote a pergunta: “O que você pensa que a sociedade precisa saber sobre autismo no feminino?”. Por muito tempo, a mulher foi ignorada nos estudos sobre o autismo. Agora, muitas estão saindo da invisibilidade para levar o assunto às redes sociais e à academia, promover palestras, pesquisar, criar empresas para difundir informações confiáveis. O ativismo dessas mulheres é consequência da constatação da falta de conhecimento e até da distorção sobre as características do autismo no feminino. Todas elas passaram por experiências cruéis rumo ao diagnóstico. “Autismo no Feminino - A Voz da Mulher Autista” apresenta treze capítulos, todos escritos por mulheres autistas, mesclando artigos</p>

			científicos e experiências. O livro é organizado pelas jornalistas Selma Sueli Silva e Sophia Mendonça, mãe e filha, que compartilham vivências no projeto o mundo autista.
19		<p>GOLDCHMIT, Julie. Imperfeitos: um relato íntimo de como a inclusão e a diversidade podem transformar vidas e impactar o mercado de trabalho. São Paulo: Maquinaria Editorial 2022. <i>E-book</i>.</p>	<p>Julie Goldchmit tem 25 anos e é assistente de marketing de uma das maiores empresas de produtos de consumo do mundo. Ela tem uma excelente memória e rapidez na leitura e gosta muito de fazer amizades. Hoje, Julie tem muitos amigos, ama a sua profissão e se sente pertencente ao seu trabalho. Mas nem sempre foi assim. Até os seus quinze anos, Julie viveu sem saber que tinha autismo. Na escola, passou por dificuldades de aprendizado, exclusão e bullying. Ela não tinha amigos e se sentia invisível. Depois, precisou enfrentar a falta de vagas para pessoas com deficiência em empregos formais e sofreu uma série de assédios no ambiente de trabalho – tudo por ser diferente. Ou melhor, imperfeita. Mas, afinal, o que é ser perfeito? Com este livro, Julie quer encorajar as pessoas a se aceitarem como são e mostrar para as empresas que a inclusão social é benéfica para toda a sociedade.</p>

20		KRIGER, Leonardo Bertolli. Você sente o que eu sinto? Cajamar: Amazon, 2021. <i>E-book</i> .	Leonardo Bertolli Kriger, estudante universitário diagnosticado com Autismo e Superdotação aos 12 anos de idade, conta detalhes de sua trajetória nesse livro. O autor relembra os seus intensos conflitos emocionais e também revela os desafios que precisou superar para romper a estigmatização que sofria e que ainda é sentida por muitos também diagnosticados como “diferentes”.
21		BRANCH, James. Um guia de vida de casal para a Asperger. São Paulo: Amazon, 2023. <i>E-book</i> .	Fui diagnosticado há apenas um ano. Portanto, passei a grande maioria da minha vida consciente de que sou muito diferente. Durante este longo período, tive que aprender sozinho como me adaptar à sociedade e, graças à minha namorada, pude aprender a viver uma vida de casal. Desenvolvi muitas técnicas para melhorar meu bem-estar, para reduzir minhas ansiedades, para ter uma vida mais ou menos normal. Isto é o que estou oferecendo a vocês aqui. Gostaria de poupar seu tempo e evitar alguns erros.
22		ADULTA, Autista. Diálogo Atípico: O que você deseja saber sobre o espectro? São Paulo: Amazon, 2020 <i>E-book</i> .	Num mundo onde parece que apenas a voz de médicos e profissionais diplomados parecem ter espaço, esse livro é um verdadeiro oásis e alívio para quem quer saber mais sobre o espectro autista. O conteúdo, em todas as páginas, reforça a importância de ouvirmos cada vez mais os autistas e suas necessidades.

23		<p>HIGASHIDA, Naoki. O que me faz pular. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.</p>	<p>Escrito quando Naoki Higashida tinha apenas 13 anos, o conjunto de ensaios reunidos neste livro conta, do ponto de vista do próprio Higashida, a experiência de ser autista. Muitas vezes ele exhibe comportamentos vistos como estranhos, peculiares, "inadequados". A história de Naoki demonstra que, longe de serem insensíveis e indiferentes ao mundo, os autistas são tão complexos quanto qualquer um de nós e dotados de senso de humor, empatia e uma intensa imaginação.</p>
24	 <p>*Contém um capítulo escrito por mulheres autistas</p>	<p>ROSA, Emiliania Faria (Org.).</p> <p>Mulheres: vivências e histórias que o Lattes não conta.</p> <p>Tutóia: Diálogos, 2022. <i>E-book</i>. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/249158. Acesso em: 23 maio 2023.</p>	<p>É um livro de liberdade, um livro livre de julgamentos. É um livro sobre acolhimento. Acolhimento de pessoas, de momentos e histórias. Histórias que guardamos sempre, mas que precisamos contar. Pinçamos aqui uma história de cada uma, mas somos formadas por muitas e muitas histórias.</p>
25		<p>PARREIRA, Ana.</p> <p>Gente asperger. São Paulo: Editora Ideal Books, 2015.</p>	<p>É fruto de uma experiência real e de uma vasta pesquisa sobre a condição de Asperger. Assim que soube de sua condição, já na fase adulta, a vida da autora rodou para trás como um filme. As situações pelas quais passou sempre lhe deram a sensação de ser uma pessoa errada no mundo. Com o diagnóstico, algo mudou. Aos poucos, e por meio de muito estudo, a autora percebeu que tudo a partir</p>

			daquele momento fazia sentido e que também tinha direito a um lugar na sociedade em que viveu, mesmo na maioria habitada por pessoas típicas ou não autistas, que falam outra linguagem e têm estilo de vida diferente.
26	 <p>O diagnóstico é um libertador é o primeiro passo de uma jornada que dura a vida toda. Este livro mostra uma ampla gama de perspectivas pessoais, pode ajudar os leitores a se orientarem neste novo mundo e a encontrarem outros membros de sua tribo.</p>	<p>Autor: vários autores (Caroline Hearst)</p> <p>Ser autista: nove adultos compartilham suas jornadas desde a descoberta até a aceitação</p> <p>Vários autores autistas</p> <p>Coletânea- Editora: AutAngel autorais</p> <p>61 páginas (e-book)ano: 2019</p> <p>* Mostra aos leitores que não estão sozinhos e prova que as descobertas podem ser feitas através de conexões comunitárias, independentemente da distância.</p>	<p>Mostra histórias compartilhadas são de pessoas de diferentes origens, todas autistas, em diferentes idades. É uma coleção de lutas e realizações pessoais enfrentadas por aqueles que navegam pela vida antes e depois da descoberta de suas identidades.</p> <p>E uma celebração do autismo como identidade, e na validade do diagnóstico próprio e tardio.</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

O processo de seleção do material¹² analisado deu-se em diferentes etapas, por meio de diferentes caminhos, como a participação em eventos, congressos e encontros, em que eu pude farejar essas obras, em conversas com responsáveis de grupos, em movimentos em torno

¹² No decorrer do processo de garimpagem ou busca de livros em *sites*, livrarias, bibliotecas e sebos, pude perceber outros estilos de escrita que não eram de meu interesse, mas que vale destacar, pois mostram a existência de diversos gêneros publicados por pessoas autistas, além de biografias. Por exemplo, poesia do indiano Tito Mukhopadhyay, a poesia do Callum Brazzó, a história em quadrinhos da Julie Dachez. Percebendo que há outros estilos de escrita, acredito que há muitos autistas anônimos querendo usar a escrita de diferentes formas, como protesto, como denúncia, como ciência e como arte, provocando reflexões potentes, trazendo outras provocações a partir do que discordam, com relação a questões que lhes dizem respeito na vida pessoal e na vida social.

da inclusão, da neurodiversidade, por meio do envio de *e-mail*, ou mesmo perguntando pessoalmente para saber quem eram e onde estariam esses possíveis escritores de livros.

No rastreamento desses sujeitos-autores, os canais de mídias *online* foram muito úteis. Através da participação em *lives*, de debates e entrevistas, de programas de *podcast*, fui tomando nota dos livros, conhecendo autores, onde moravam e por que escreviam. Procurava uma forma de aproximação, vendo os rostos e ouvindo as vozes, para depois ler as narrativas escritas em seus livros. Na busca pelos livros, em algumas situações, vivi relacionamentos mais pessoais com alguns autores. Tomei nota dos endereços de *e-mail* e me correspondi com eles para a compra do exemplar. Em alguns casos, recebi a obra via correio, com assinatura e dedicatória.

A partir desses movimentos de “caça” ao livro, adquiri boa parte das obras em formato digital. Fazer a leitura no *Kindle* facilitou bastante a organização das leituras, incluindo as marcações de trechos destacados, permitindo anotações, seleções de páginas e armazenamentos de parágrafos, trechos com características de narrativas de si.

Nos livros impressos, conforme avançava na leitura, tomava nota do que interessava. Durante a leitura dos livros, assinalava o que poderiam ser excertos importantes para a minha pesquisa. Todavia, houve um momento em que a seleção de excertos era tão variada, que precisei retomar a leitura dos 26 livros referidos no quadro anterior.

Nesse processo, em cada leitura, fui construindo um arquivo no *Word*, com algumas informações básicas sobre a obra. Digitei título, autor e palavras-chave; depois refiz a tabela e passei a colocar grandes trechos, em formato de parágrafos, excertos de falas em primeira pessoa. Após a leitura completa de cada obra, deixava marcas a lápis nas páginas com pistas para depois selecionar e fazer a digitação do material selecionado. Fui construindo, a cada leitura, uma outra tabela, com tópicos em frases e/ou palavras e colocava ao lado as partes extraídas dos livros com a numeração das páginas, com cores diferentes para emoções narradas, como, por exemplo: ideação suicida, solidão, tristeza, medo, desejo, alegria, paixão, e de verbos como: planejei, viajei, escrevi, pensei, fiz, escolhi, trabalhei, consegui, desejei, senti. Paralelo à leitura, decidi organizar uma outra tabela, apenas com os trechos retirados em forma de parágrafos, em primeira pessoa: acontecimentos, pensamentos, relatos de experiências pessoais, declarações em primeira pessoa, práticas, ações, resistências. Essas extrações eram digitadas se o texto constasse em livro impresso. Em livro digital, era mais fácil, pois era apenas marcar o trecho e copiar com o *mouse*.

Ainda, num terceiro movimento, construí uma espécie de descrição por palavras-chave, para organizar informações bibliográficas sobre o autor, sobre onde encontrei a obra,

data e ano. Assim, o número de livros a serem incluídos para constituírem a materialidade foi diminuindo. Depois de treinar o olhar e colocar-me de forma atenta no ato de ler, procurando, percebendo e selecionando narrativas, fui levada, ao mesmo tempo, a ler, estudar e compreender conceitos mais aprofundados sobre sujeito, escritas de si e neurodiversidade. Tais conceitos são explorados no próximo capítulo. Durante esse período, já sentia vontade de pensar de outros modos, pois percebia a necessidade de dominar essas e outras compreensões que me levariam a aprofundar mais as análises desta pesquisa.

A confusão inicial, ao ler as escritas, era compreender, distinguir, saber diferenciar quando o sujeito está apenas falando em primeira pessoa e quando está tecendo narrativas de si como uma tecnologia do eu, ou seja, como uma forma de ver-se e de convocar a si mesmo a ser de outras maneiras. Exploro com mais cuidado essa discussão no próximo capítulo. Agora, importa deixar claro que precisei redobrar a atenção para estabelecer a diferença entre narrativa e narrativa de si, esta última, de inspiração foucaultiana.

Ao garimpar publicações, dei-me conta de que muitas editoras se interessam em publicar livros que tratem do tema autismo. Há muitos guias e orientações a respeito de como abordar e encaminhar uma pessoa autista, como incluir, orientações para identificar sintomas etc. Percebi que o autismo é um mercado lucrativo. Tudo que se refere ao tema é caro e vendável, pois ainda há uma conotação de mistério, de estranhamento com relação ao autismo, além do significativo aumento da incidência, na população infanto-juvenil. Contudo, a maioria desses livros é de “autores de jalecos”, como minha orientadora costuma dizer. As escritas sobre o autismo pelas mãos de especialistas como psicanalistas, psicólogos, fonoaudiólogos, entre outros profissionais, de abordagem clínica, constituem a maior parte das publicações no mercado de livros, sem mencionar as mães e outros familiares, que constroem narrativas em forma de relatos e até manuais de como fazer ou não fazer na condução dessas pessoas.

Também percebi a aposta comercial adotada pelas grandes editoras, investindo em obras escritas por mães de autistas. Por exemplo, as publicações da americana Clara Park (2021) trazem relatos dos principais desenvolvimentos científicos na história do autismo nos EUA e suas anotações de experiências vivenciadas com o próprio filho, dentro do espectro do autismo. Da mesma forma, os textos escritos por Idoux-Thivet (2009), experiente como mãe de autista, foram publicados em formato de livro e escritos em um *blog* sobre esse assunto. O livro de Julia Romp (2012) trata da amizade do filho que não falava e passou a se comunicar com o gatinho de estimação. Assim, com mais cuidado, em vez de adquirir e ler livros escritos por pessoas não autistas, fui me desfazendo da vontade de ler tudo que era indicado e sendo mais firme na decisão de procurar por livros escritos em primeira pessoa.

Enfatizo que minha problemática tem como objetivo central problematizar as narrativas de si produzidas/escritas/publicadas por pessoas que se reconhecem autistas, a partir das leituras, da sistematização e da análise dos conceitos de neurodiversidade, subjetivação e narrativas de si.

Considerando o exposto, desenvolvi os seguintes passos metodológicos:

a) levantei a produção escrita desses sujeitos, publicada em livros em língua portuguesa;

b) extraí, categorizei e analisei excertos de livros escritos por autores autistas, em que práticas de si são narradas em primeira pessoa;

c) procurei traçar conexões, por meio dos excertos, entre as experiências de escolarização e a consolidação de formas de ser do sujeito;

d) identifiquei os mecanismos de produção de práticas de subjetivação postos em ação pelos sujeitos sobre si mesmos;

e) produzi conhecimento novo no campo da educação, visando contribuir com o desenvolvimento de processos coletivos, participativos e de respeito à diferença e à diversidade.

Os procedimentos metodológicos apresentados acima resultaram de uma construção ou de um processo em que a escolha da materialidade da pesquisa foi sendo feita conforme avançava o doutoramento, mas, principalmente, conforme as leituras me permitiam complexificar meus entendimentos sobre o que eu mesma pesquisava.

Ao longo dos estudos para o doutorado, fui percebendo que precisava tornar mais claro para mim mesma, por que operar com livros escritos poderia ser uma forma de obter as respostas para minhas perguntas acerca da pessoa autista. Também fui me dando conta de que, para os leitores de minha tese conhecerem o material selecionado para o estudo, era preciso apresentá-lo. Então, na sequência deste capítulo, detalho um pouco mais as decisões tomadas e apresento com mais detalhes o material de pesquisa.

3.2 POR QUE OPERAR COM NARRATIVAS DE SI ESCRITAS EM LIVROS?

Quando agimos e falamos, não só nos revelamos, mas também agimos sobre os esquemas de inteligibilidade que determinam quem será o ser que fala, sujeitando-os à ruptura ou à revisão, consolidando suas normas ou contestando sua hegemonia (Butler,

2015, p. 167).

Ao longo de 2021 e 2022, dividi o tempo em cursar as disciplinas do doutorado em Educação, fazer as atividades acadêmicas propostas, procurar, selecionar, ler e fichar os livros selecionados, para, posteriormente, ter condições de compor o *corpus* da pesquisa. Foi importante perceber que material e *corpus* de pesquisa são coisas distintas. Inicialmente, tudo era a mesma coisa, mas saber que o *corpus* é composto de uma seleção de excertos a serem analisados me deixou mais tranquila. À medida que ia mexendo no montante de livros que havia separado como material, me dava conta de que nem todos estavam escritos em primeira pessoa, que eram o meu interesse investigativo.

Por que escrever sobre narrativas de si? Butler (2015) me ajudou muito nesse processo reflexivo sobre como tratar de narrativas de si ou relatos de si. Ela deixa claro que não estamos lidando com uma construção comum, pois esse tipo de materialidade não é apenas uma fala sobre si mesmo. Uma narrativa pessoal é permeada por intencionalidade e guiada por uma reflexividade que não só influencia a forma como o indivíduo organiza suas experiências, transformando-se a partir desse ato político, mas também desafia os esquemas padronizados de inteligibilidade. Isso significa que, pela narrativa de si, podemos produzir mudanças em quem pensa a si mesmo ao narrar-se, bem como em quem lê as narrativas, aberto à experiência da leitura do outro.

Ao falar em livros escritos em primeira pessoa, percebi um crescente aumento em relação à produção e à comercialização das obras comumente denominadas “escritas de si”. Foucault (1992) descreve essa modalidade de escrita como um mecanismo para suavizar os perigos da solidão, autorizando assim uma nova forma de ver o que foi visto ou pensado. A ação de escrever sobre o que se está sentindo ou pensando faz parecer para aquele que escreve que está diante de um companheiro próximo. Para o filósofo, as correspondências e os cadernos de notas são os principais exemplos dessa escrita, que funciona como um desabafo para o escrevente. Na mesma linha, podemos citar o diário, que funciona como uma forma de registro de sentimentos e de organização de si mesmo. Trata-se de uma prática de sujeitos exercitantes, ou seja, de sujeitos que agem sobre si mesmos. Sei o quanto essa forma de entendimento da escrita de si e de narrativa pode ser polêmica no meio acadêmico. Todavia, também sei que qualquer caminho trilhado, desde que seja com responsabilidade e ética, pode ser produtivo.

Como seguir as trilhas foucaultianas em busca de uma escrita de si, sem cair nos discursos clínicos e psicológicos? Para Foucault, não está em jogo uma leitura psicológica

daquele que escreve, mas, sim, uma leitura capaz de fazer perceber como nos tornamos sujeitos em distintos tempos e enredos discursivos. Portanto, em nenhum momento, me interessei por saber o que os autores são, pois, além de não ter interesse, não teria competência para tal análise. Todavia, quero entender práticas, que, ao mobilizarem e serem mobilizadas pelos sujeitos, podem permitir compreender como nos tornamos sujeitos e como as pessoas autistas encontram maneiras de se dizerem a si mesmas, posicionando-se diante do que é posto. Isso significa entendê-las não pelo viés clínico, mas subjetivo, não pelo que elas são, mas pelos processos constantes de (des)subjetivação. Significa, também, que, ao escreverem seus livros em primeira pessoa, os autores não só se contam, mas também se posicionam, ou seja, usam a escrita para se colocarem, se reverem, se entenderem, marcarem sua forma de vida e de existência.

Ao contradizer concepções limitantes, ineficazes, para falar sobre eles, os autistas, com a escrita, assumem uma postura de sujeito de direito de sua voz. Ao repassar o desafio da literatura escrita para uma segunda mão, é preciso admitir que dizeres terceirizados, em muitos casos, são incapazes de explicar esses modos de vida plurais e indeterminados.

Tenho mãos barulhentas. Eu preciso ter mãos barulhentas, uma vez que eu uso minhas mãos para me comunicar. Digito o que quero dizer. Mas esta não é a razão pela qual eu tenho mãos barulhentas. É porque eu finalmente aprendi que eu não posso ser silenciada, eu não vou ser silenciada. Ser uma autista não falante uma vez significou, para mim, aceitar o que as pessoas decidiam que eu queria, sentia, pensava (Sequenzia, 2012, p. 346).

As escritas críticas, muitas vezes, se contrapõem ao que está posto como verdade sobre o autismo por parte da literatura que usa o saber clínico para falar pelo sujeito. Sequenzia (2012) nos faz perceber que a escrita é simbólica e pode ser “redentora” daqueles que nem sempre se comunicam com facilidade com outras pessoas. Lendo os livros que separei para a pesquisa, percebia que havia aqueles que faziam *confissões de si* — mais do que escritos em primeira pessoa, descreviam sentimentos, sensações, turbulências, entendimentos, autoconvencimento etc. — e aqueles que contavam histórias vividas, como se nelas não existisse vida, barulho, embora apareçam rotinas de sofrimento, isolamento e discriminação.

Além de perceber a potência das *narrativas de si* presentes nos livros autorais, também me dava conta, à medida que procurava por pesquisas no campo da Educação e da Psicologia, de que não há investigações que utilizam livros autorais como material, tampouco seguem o viés teórico foucaultiano como inspiração analítica. Essa constatação me fez ver que estava no caminho certo, pois meu trabalho, além de realizável, também seria inédito, fato que exige

de mim mais cuidado ao descrever os bastidores da pesquisa, isto é, ao desenhar a metodologia. Por isso, talvez, em alguns momentos, seja repetitiva, pois tenho necessidade de deixar claro para mim mesma um modo de operação, às vezes, intuitivo.

Acredito que contar com detalhes minhas sensações e meus procedimentos pode ajudar outras pessoas a se inspirarem no meu material e construírem caminhos semelhantes de pesquisa. Assim, trago aqui um pouco mais da lista de livros apresentada quadro 4.

Lendo os livros a que tive acesso, inicialmente sem filtros, fui me dando conta de que há autores mais velhos amplamente referenciados pelos mais jovens. Nada de incomum até aí, pois essa é uma prática recorrente no meio acadêmico, mas, no caso dos autores autistas, os mais velhos servem de inspiração, de potência e de voz para aqueles que se identificam como autistas. São mais do que autores, são lideranças que se exercem pela escrita, ao interpelarem seus leitores, que compartilham da mesma forma de vida. Entre os autores mais citados estão Tempel Grandin, Cristiano Camargo e John Elder Robison, todos com mais de 60 anos. Quem os citam manifesta gratidão por exporem suas vidas, seus sentimentos e suas experiências. Os mais jovens declaram que tais autores, ao escreverem sobre si mesmos, além de despertarem mais interesse de quem os lê sobre suas vidas, também tornam públicos pensamentos, atitudes e reações de pessoas autistas. Por não viverem entre pares, não sabem que são manifestações comuns. Perceber-se como parte de um grupo com traços comuns é poder dar ao diagnóstico uma vida fora da clínica. Ao perceber isso, entendi a potência da escrita e da leitura, atravessamentos (in)diretos de meu trabalho. Nos livros, as descrições de rotinas vividas, dilemas, dores, impasses, conflitos internos, alegrias, experiências que fizeram a diferença nas formas de se olharem, de se narrarem e de se compreenderem chamam a atenção.

Conforme fui percebendo os tons da escrita dos livros que chegavam às minhas mãos, ia definindo e me certificando das decisões sobre quais leituras e quais passagens/excertos me interessavam e por quê. Além disso, conforme avançava nas leituras, ampliava o interesse em conhecer as experiências educacionais, mais especificamente, as vividas na escola. Afinal, curso doutorado em Educação e, mais do que isso, entendo que a escola constitui uma experiência de Modernidade, ou seja, constitui um tempo, uma atitude de Modernidade (Foucault, 1999) poderosa, por responder, em parte, por quem somos no presente. Somando-se às experiências educacionais e escolares, percebi, para a minha surpresa, que o diagnóstico é mais do que um carimbo clínico. Nas narrativas, ele pareceu converter-se num divisor de águas na busca pelo compreender-se. A pergunta *quem sou* ocupa espaço na vida das pessoas — modernamente não poderia ser diferente, pois somos levados a fazê-la e a passar uma vida

em busca de uma melhor resposta para ela —, mas, no caso das pessoas autistas, o diagnóstico é o começo do conhecimento de si. É o saber científico que dá o rumo do olhar do sujeito sobre si mesmo, levando-o a entender-se e a desestranhar-se.

Resumindo, o maior desafio para mim foi (é) extrair dos livros passagens escritas em primeira pessoa e ver no conjunto das passagens dos diferentes livros, algo que se repete ou os mobilizadores de práticas semelhantes vividas por diferentes sujeitos.

Nos Estudos Foucaultianos para entender as práticas de si, mas é importante ressaltar que, além desse viés teórico, inspiro-me na teoria da neurodiversidade. Entendo que o modo de vida autista é mais um entre outros modos de vida ou da variação humana. Inspirada em Larrosa (1994), entendo que a experiência do autismo, quando assumida como parte constitutiva de si mesmo, passa a ser algo que se inscreve na história do sujeito, fazendo com que ele se olhe, se guie imerso na experiência e seja o que Lopes (2023) denomina de um “resultante ativo” de sua ação sobre si mesmo. Para a autora:

Seguindo o raciocínio, dependendo dos saberes em jogo, um sujeito pode ser isso ou aquilo. Não há um *a priori* natural que o determine. Ele é um *resultante ativo* na articulação entre dois tipos de práticas, quais sejam: as de *objetivação* - aquelas que o descrevem, posicionam, nomeiam, diagnosticam etc. -; e as de *subjetivação* - aquelas que o próprio sujeito, na relação com o outro, com os saberes e consigo, *faz consigo mesmo*. [...] Disse que ele é um *resultante ativo*, isso significa que, no jogo das disputas pelas formas de narrar e de ser, o sujeito não somente sofre a ação do outro, mas também age sobre si mesmo e sobre os outros, modificando e constituindo verdades sobre si mesmo [...] (Lopes, 2023, p. 231).

Portanto, assumo o caráter ativo do sujeito autista como uma forma de ele estar no mundo agindo sobre si mesmo e sobre aqueles que com ele se relacionam. A partir dessa compreensão, busco as narrativas, selecionando excertos que mostrem tal atividade e que me permitam perceber o que (trans)forma essas pessoas, para além da própria tecnologia da escrita de si que o faz se pensar enquanto escreve de e sobre si mesmo. Ramos do Ó (2014, p. 204), referindo-se à noção de escrita, numa perspectiva foucaultiana, afirma que se trata de “um tipo de experiência que contemplaria não apenas os efeitos de sujeição, mas também os de transformação de si.” Nesse sentido, acredito que a escrita de si permite que os sujeitos compreendam a si mesmos e não se sintam sós nesse processo de transformação, pois se veem num processo reflexivo, de compreensão de si. Bliacheris (2022, p. 98) nos faz pensar sobre tal discussão, ao afirmar:

Cada vez que um autista escreve e torna público seu depoimento, está registrando uma memória política no presente, escrevendo em nome próprio, reivindicando sua própria representatividade e colocando em questão o fato de falarem por ele. Ainda, essas memórias confrontam e tensionam as visões dominantes sobre como um autista deve ser ou se comportar em sociedade (Bliacheris, 2022, p. 98).

Sou testemunha das muitas transformações geradas pela escrita. Desde que iniciei o doutorado, andei muito por vias que desconhecia. Nos trajetos, transformei-me e aprendi qual é o lugar das verdades em nossas vidas. Sem dúvida, elas são importantes, pois podem nos orientar em muitas decisões, atitudes e formas de vida; porém, elas não são universais e devem ser revisitadas o tempo todo. Uma forma de visitar as verdades que nos (com)formam é a escrita, mas não qualquer escrita. Refiro-me à escrita de si, aquela em que uso o papel ou a tela do computador para me ver, apresentar a mim mesma e para ser de outras formas, a partir do que vejo e organizo. Ao escrever, transformo-me, imersa numa experiência ímpar de (des)subjetivação. Tal experiência está atravessada pela presença impactante do autismo, pois, como mãe de autista, vivo constantemente desafios, medos, sonhos, (des)esperanças, entre outros sentimentos que me atropelam.

Para entender de outros modos a experiência do autismo, que não sejam os atravessados pela clínica, é preciso romper com o que está posto como natural, bem como quebrar a régua da normalidade que dita uma linearidade impossível de ser vivida. Rose (2001) ajuda a pensar o sujeito como descontinuidades. Trata-se de um desenho de sujeito para fora e não de um sujeito que se fecha sobre si mesmo. Admite-se que há uma superfície/corpo marcada por aquilo que se convencionou chamar de autismo, porém as formas de ser dos sujeitos são abertas e infinitas.

Ao tomar o autismo como uma diferença radical (Malabou, 2019), traduzida de forma sempre simplificada pela neurodiversidade como uma experiência neurodiversa, questioneimei durante muito tempo se os livros eram o melhor caminho para ir ao encontro das narrativas de si. Mas, ao lê-los, adentrei em mundos não acessíveis a mim se não pela escrita e pela leitura. Percebi que neles havia uma escrita que até pode estar atravessada por outros, mas que traz experiências difíceis de serem acessadas em uma conversa com pessoas autistas. Trata-se de um material rico, que permite adentrar em mundos muito pouco acessíveis. Mundos que são contados na literatura e no cinema como fantásticos, literários, curiosos e até *estranhos*; porém, aqui procuro me afastar de tais leituras, para perceber o que o sujeito mobiliza de si para agir sobre si mesmo. Marco em *itálico* essa parte da escrita, que nutre minha intenção de pesquisa e o problema de pesquisa que montei para a tese. Imagino que, ao conhecer o que mobiliza tais pessoas e ao perceber o lugar da experiência da escola nas formas de subjetivação

dos sujeitos autistas, vou conseguir pensar, propor, trabalhar e lutar, para que neurodivergentes sejam considerados e mobilizados por outras verdades que não sejam, principalmente, as da clínica.

Nos livros selecionados para a pesquisa, estão vidas como quaisquer outras, atravessadas pela experiência do autismo, ou seja, experiências similares, mas que guardam, nas formas de serem contatadas, aprendizados muito interessantes, que podem ajudar a compreender melhor os processos de subjetivação nelas implicados. Entre as muitas experiências vividas estão as da escola. Larrosa (1994), ao discorrer sobre a educação formal e a escola, permite que as entendamos, entre outros vieses, como uma prática disciplinar de normalização e de controle social. Sem dúvida, a experiência escolar também é o que aponta o autor. Tal experiência parece caminhar sempre para o sentido da individualidade e da homogeneidade no modo de viver e olhar para o outro. Todavia, por dentro de tal experiência, outras experiências imprevisíveis acontecem, fazendo com que as relações estabelecidas na escola escapem da ordem disciplinar.

Os autores autistas que li, ao escreverem sobre si mesmos na escola, assunto recorrente nos livros, externam um sentimento de desafio e de não pertencimento, atravessado por pequenas conquistas. A todo o momento, o desafio é o de conhecer-se para dominar a si mesmo. Conhecer-se é um dos principais mecanismos de ação do sujeito sobre si mesmo. Eis aí a importância de saber quem se “é”, mesmo que seja provisório.

As diferentes leituras sobre o sujeito e suas formas de produzir experiências, as teorizações de Foucault e de seus intérpretes me ajudam a conceber a ideia de que produz experiência, é um exercício do pensar, se questionar, no caso dos meus autores, quando escrevem o que só eles sabem sobre si mesmos. De dentro dessa condição de singularidades anônimas, eles compartilham e comunicam coisas que eram invisíveis, privadas, mas agora passam a ser conhecidas por outros autistas. Assim, essa relação faz aprender e convoca a pensar coisas novas. Dessa forma, o filósofo ousado e provocador caminhou para longe de percepções tradicionais, universalistas em seu modo de fazer pesquisa. Procurou por práticas e buscou na experiência, caminhos distintos, que permitissem buscar formas de subjetivação, isto é, como nos tornamos sujeitos. Foucault (2010, p. 289-290) diz que “uma experiência é qualquer coisa de que se sai transformado”. Larrosa (2002), ao problematizar as tecnologias do eu, retoma a premissa da transformação e descreve o sujeito da seguinte forma:

O sujeito da experiência é também um sujeito sofredor, padecente, receptivo, aceitante, interpelado, submetido. Seu contrário, o sujeito incapaz de

experiência, seria um sujeito firme, forte, impávido, inatingível, erguido, anestesiado, apático, autodeterminado, definido por seu saber, por seu poder e por sua vontade (Larrosa, 2002, p. 25).

De maneira genuína, o autor faz pensar nas provocações que as narrativas escritas podem evocar. Encorajada a prosseguir em minhas análises, munida de boas referências, leituras indispensáveis para tecer aproximações e operações analíticas, acredito que a experiência é sempre experiência de alguém e isso de um modo único, singular, particular, próprio (Larrosa, 2002).

As mentes que escrevem sobre si e sobre o mundo que as cerca estão inseridas dentro da cultura ocidental, que valoriza, sobretudo, o autocontrole da vida, principalmente, nos últimos anos, tendo em vista o estigma de deficiente ou de alguém que traz ameaça a si e aos outros. Ou seja, há uma forte visão referendada pelos discursos médicos e neurocientíficos sobre o autismo. Essa visão foca o transtorno e o espectro autista. No início de meu doutorado, tal visão era uma prisão, que não me permitia acessar o sujeito e vê-lo de outros modos; porém, após ler escritos de si de autores autistas, comecei a perceber que “autista” é uma forma de desestranhamento de si mesmo. Diria que, às vezes, o diagnóstico parece operar como um alento frente à constante necessidade de dizer o que se é.

Trilhando um caminho inverso ao das pesquisas que anunciam o autismo através do paradigma médico convencional¹³, a ortodoxia aceita nesse campo conceitua o autismo em termos de déficits biológicos, pontuando fronteiras entre o autismo e as outras pessoas.

¹³ A deficiência é vista como uma consequência direta da constituição e do funcionamento biológico de uma pessoa dentro do paradigma médico. A deficiência é definida como qualquer restrição ou falta (resultante de uma deficiência) da capacidade de realizar uma atividade da maneira ou dentro da faixa considerada normal para um ser humano. (OMS, 1989). Na família de classificações internacionais da OMS, as condições ou estados de saúde propriamente ditos (doenças, distúrbios, lesões, etc.) são classificados principalmente na CID-10, que fornece um modelo basicamente etiológico, embora tenha uma estrutura com diferentes eixos ou grandes linhas de construção, entre estes o etiológico, o anátomo-funcional, o anátomo-patológico, o clínico e o epidemiológico (Di Mabila ; Muchalla, 2008). Assim, o paradigma médico assume implicitamente a existência de um nível típico ou 'normal' de capacidade que é tido como o 'estado de saúde' ideal; aqueles que desfrutam desse estado são tomados como padrão normativo.

Nesta tese, desejo conduzir meu olhar na direção de vozes plurais, para mostrar outras faces de vidas, dentro da grande diversidade humana, ainda pouca conhecida fora do esquadro da ciência médica (Pelicano; Houting, 2022). Houting e Pellicano (2022), McGeer, (2004) *et al.* relatam que muitos pesquisadores evitam prestar atenção ao testemunho escrito ou falado de pessoas autistas. Eles seguem privilegiando relatos de pais, professores ou de outros

informantes, ou continuam fazendo do autismo uma ortodoxia própria. Estabelecem a conduta de duvidar das capacidades de pessoas com diagnósticos, bem como ignoram a própria capacidade de dizer de si mesmo de pessoas autistas. Apesar de reconhecer a importância dos saberes médicos, chamo aqui, de saberes alienantes do sujeito, a condição clínica, e busco me movimentar e me associar a outros entendimentos. Refiro-me à compreensão do autismo como neurodiverso ou como alguém que encontra meios diversos para se posicionar e se comunicar com o outro.

Tendo em vista as muitas formas de comunicação hoje existentes, principalmente, na era digital, as pessoas autistas, cada vez mais, conseguem se relacionar com outras pessoas, sem necessitar uma relação corpo a corpo, que tanto dificulta a vida da pessoa autista. Assim, por meio da comunicação mediada pela internet e usando a escrita, a pessoa autista consegue colocar-se e expor-se. Porém, para perceber essa exposição, é preciso estar atenta às muitas maneiras de existir e de expressar-se dos sujeitos.

Tive que ultrapassar os limites de minha leitura e experiência pessoal, até conseguir entender que a neurodiversidade não é um quadro restritivo para explicar os sujeitos. Em outras palavras, a neurodiversidade é um conceito que permite entender muitas manifestações da diferença humana. Tal abertura conceitual permite que as pessoas autistas sejam percebidas como mais um e não como “o” autista.

O conceito de neurodiversidade foi utilizado, em 1998, por Judy Singer, socióloga australiana, diagnosticada com Síndrome de Asperger. Para ela, neurodiversidade significa uma variação imensa de composições neurológicas que abarca os seres e remete a formas de existência abordadas a partir dos referentes formação cerebral e neurológica. Não há duas mentes iguais no planeta. Essa é uma condição primordial na leitura dos sujeitos. Isso significa assumir que, assim como a biodiversidade abarca qualquer vida no planeta, a neurodiversidade abarca qualquer mente. Resumindo, na contramão do estigma, a neurodiversidade nos remete à variação, à característica do comum.

Retomar rapidamente o conceito de neurodiversidade foi importante, neste momento de meu texto, para preparar a entrada de comentários mais específicos sobre como fui organizando meu material de pesquisa. Como já mencionei, ao longo da primeira parte do doutorado, fui juntando livros autobiográficos, mas isso não foi suficiente. À medida que fui tendo acesso e lendo cada um, fazia anotações. Depois de muitos livros fichados e anotados, retornei a eles e busquei as anotações, para organizar num grande arquivo, todas as narrativas escritas em primeira pessoa que fui marcando ao ler cada livro. Nessa primeira empreitada, havia excertos extensos, curtos, às vezes, confusos para mim, pois ainda não tinha segurança

se a forma como eu estava trabalhando era adequada. Fui aprendendo que, na oficina da pesquisa, há possibilidades de criação, a partir de ideias inspiradas em outros que já trilharam o caminho antes. Todo esse processo e o conteúdo dos textos mexeram muito comigo, pois me via — via a minha própria história como mãe de autista —, como dizem “passada a limpo”.

Neste primeiro incursão no material, percebi que precisava avançar na leitura não dos livros, mas do que estava contido nos excertos. Precisava encontrar de forma sistemática como entrar e mexer, construir maneiras de deixar as coisas mais inteligíveis, compreensíveis e possíveis de serem reproduzidas por outros pesquisadores que viessem depois de mim. Nesse exercício de releitura, de sistematização de ideias, de esquemas de estruturas investigativas, eliminei alguns excertos de narrativas que não ajudariam a responder aos meus objetivos de pesquisa. Também construí códigos de identificação de cada obra, para a construção dos quadros com os excertos das narrativas que constituíram meus materiais. A maioria dos escritos se situa nos anos subsequentes a 2000, sinalizando que, no Brasil, autistas escreverem suas narrativas em livros é um fato recente.

Assim, para evitar confusão, criei um sistema para denominar cada livro, ou seja, a letra **L** de livro mais **o numeral** e o sobrenome do autor. Em casos de obras com mais de um autor, as coletâneas, escolhi identificar a obra pelo sobrenome do organizador, ano de publicação da obra e a numeração da página. Em alguns casos de livros virtuais, a paginação é um número de posição, livros da empresa Amazon, por exemplo. Abaixo, o primeiro quadro que organizei com as obras.

Quadro 5 - Obras selecionadas

Nº	DADOS BIBLIOGRÁFICOS	IDENTIFICAÇÃO
01	Costa, João Paulo Vasconcelos. Eu, adulto e autista. Fortaleza CE. Centro Universitário Estácio do Ceará, 2019.	L1- Costa, 2019
02	Mendonça, Sophia. Outro olhar: reflexões de um autista. Belo Horizonte: Editora Manduruvá. <i>E-book</i> .	L2- Mendonça, 2015
03	Rugnski, André. Autismo adulto, quando nos descobrimos. São Paulo: Amazon, 2016. <i>E-book</i> .	L3- Rugnski, 2016
04	Sales, Nicolas Brito. Anita: Tudo o que eu posso ser. São Paulo: Editora independente, 2017.	L4- Brito, 2017
05	Campos, André. Meu mundo à parte. Nanuque: Editora independente, 2019. <i>E-book</i> .	L5- Campos, 2019

06	Robison, John Elder. Olhe nos meus olhos. São Paulo: Larouse, 2008.	L6- Robison, 2008.
07	Mendonça, Sophia. Neurodivergentes. Belo Horizonte: Manduruvá, 2019. <i>E-book</i> .	L7-Mendonça, 2019
08	Silva, Selma Sueli. Minha vida de trás para frente. Belo Horizonte: Maduruvá 2017. <i>E-book</i> .	L8- Silva, 2017
09	Grandin, Temple. O cérebro autista: pensando através do espectro. Rio de Janeiro: Record, 2015.	L9- Grandin, 2015
10	Camargo, Cristiano. Autista com muito orgulho: a síndrome vista pelo lado de dentro. São Paulo: Verde, 2012.	L10- Camargo, 2012
11	Grandin, Temple. Uma menina estranha: autobiografia de uma autista. São Paulo: Cia das Letras, 1999.	L11-Grandin, 2000.
12	Maria, Patrícia. Um olhar atípico. Porto Alegre: Atípica, 2022. <i>E-book</i> .	L12- Maria, 2022
13	Petry, Marcos. Memórias de um Autista por ele mesmo. Blumenau: 3 de maio, 2018.	L13- Petry, 2018
14	Rosa, Frederico de. O que eu nunca disse antes: eu meu autismo e no que eu acredito. São Paulo: Edições Paulinas, 2016.	L14- Rosa, 2018
15	Silva, Selma Sueli; MENDONÇA, Sophia. (Org.). Autismo no feminino: a voz da mulher autista. Cajamar: Amazon, 2022. <i>E-book</i> .	L15- Mendonça Silva, 2022
16	Júnior, Marcos Almeida Pereira. Eu autista, adulto: um caso Clínico de Transtorno do Espectro Autista de Alto Funcionamento. Editora: UICLAP, 2022. <i>E-book</i> .	L16- Pereira Junior, 2022
17	Alves, Siael. Autismo aos 26. 2. ed. São Paulo: Amazon do Brasil 2020. <i>E-book</i> .	L17-Carvalho, 2020
18	Goldchmit, Julie. Imperfeitos: um relato íntimo de como a inclusão e a diversidade podem transformar vidas e impactar o mercado de trabalho. São Paulo: Maquinaria Editorial 2022. <i>E-book</i> .	L18- Goldmit, 2022
19	Kruger, Leonardo Bertolli. Você sente o que eu sinto? Cajamar: Amazon, 2021. <i>E-book</i> .	L19- Bertolli,
20	Temmet, Daniel. Nascidos num dia azul. São Paulo: Intrínseca, 2007.	L20-Temmet, 2007

21	Higashida, Naoki. O que me faz pular. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.	L21- Higashida, 2014
22	Rosa, Emiliana Faria (Org.). Mulheres: vivências e histórias que o Lattes não conta. Tutóia: Diálogos, 2022. <i>E-book</i> . Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/249158 . Acesso em: 23 maio 2023.	L22- Rosa, 2022
23	Adulta, Autista. Diálogo Atípico: O que você deseja saber sobre o espectro? São Paulo: Amazon, 2020 <i>E-book</i> .	L23- Autista, 2022
24	Branch, James. Um guia de vida de casal para a Asperger. São Paulo: Amazon, 2023. <i>E-book</i> .	L24-Branch, 2023
25	Parreira, Ana. Gente asperger. São Paulo: Editora Ideal Books, 2015.	L25-Parreira, 2023
26	Hearst, Caroline. (edição). Ser autista: nove adultos compartilham suas jornadas desde a descoberta até a aceitação. Editora: AutAngel. autorais ano: 2019. <i>E-book</i> . 61 páginas.	L26-Hearst, 2019

Fonte: elaborado pela autora.

Feita a codificação dos livros para poder acessar os excertos com facilidade, após as leituras, a extração das narrativas, a organização das palavras-chave em tabelas, percebi duas fortes repetições enunciativas que mereciam ser consideradas: a escola e o diagnóstico. Perguntei-me várias vezes se, de fato, a escola se destacava ou se eu queria vê-la, pois, constantemente, me indagava a respeito da presença da educação em meu trabalho. Avaliando, entendi que se tratava de uma combinação, ou seja, eu queria ver a escola, mas a escola se fazia ver. Sem dúvida, nos livros que li e até nos que descartei, a escola constitui uma experiência ímpar na vida dos que por ela passaram, nos mais diferentes países.

Vale frisar a importância de, ao mexer nos materiais, ter clareza das lentes usadas para entender o que se vê. Assumo a neurodiversidade para buscar pelas escritas de si. Entendo que a mente da pessoa autista é mais uma entre a infinidade de mentes possíveis. Portanto, leio meu material com o entendimento de pessoa autista como expressão de sujeitos neurodivergentes que, ao se contarem, marcam experiências que os convocaram a agir se reposicionando frente a si mesmo e ao outro. Entender essa perspectiva foi a parte mais difícil no trato com meus materiais, pois precisava adentrar no interior das narrativas, para perceber o que se repetia, bem como o que era enunciado por alguns, mas não se repetia. Mais do que isso, precisava entender que trabalhar narrativas de si vai além de

separar escritos em primeira pessoa, ou seja, era preciso capturar os que chamo aqui de mobilizadores ou os convocadores dos sujeitos em operação, nas narrativas.

Muitos são os convocadores de si presentes nas narrativas extraídas dos livros já referidos. Entendo, inspirada em Marín-Díaz (2012), que eles operam como gatilhos que convocam os sujeitos a se posicionarem e a agirem sobre si mesmos. Concluídos os processos referentes aos excertos, percebi que havia três enunciações recorrentes, quais sejam: o diagnóstico, o (re)conhecimento de si e o mascaramento. Tais enunciações dificilmente vinham sozinhas, ou seja, geralmente estavam atravessadas por histórias de superação, de dor, mas sempre eram mobilizadas por força e resistência. Os autores contam suas vidas e as dificuldades enfrentadas e, na sequência, relatam como foram inventando mecanismos e estratégias para resistirem às condições adversas pelas quais passavam cotidianamente, em diferentes espaços de convivência.

Diagnóstico, (re)conhecimento e mascaramento ou camuflagem apareciam seguidas de reflexões bastante íntimas, que evidenciavam o que Sloterdijk (2018) denomina de “tensão vertical” do indivíduo sobre si mesmo. Uma tensão vertical é a ação de puxar a si mesmo, buscando reagir às situações vividas. Marín-Díaz (2013), em sua pesquisa, trabalha com esse conceito, ao analisar a literatura de auto-ajuda. Ela entende que todo o sujeito reage e convoca a si mesmo por meio de mecanismos operantes mediante um imperativo. Dito de outra maneira, a tensão vertical se dá mediante o uso da primeira pessoa, quando o sujeito enfrenta a si mesmo e diz para si: “vou reagir”, “eu consigo fazer”, “eu posso”, “eu quero”, “eu consigo sobreviver”, “sou diferente”, “me reconheço”, “sou capaz”, “preciso enfrentar”, “não sou uma pessoa quebrada”, “não preciso de conserto” etc. As materializações de resistência observáveis nas palavras escritas tomaram espaço na pesquisa e acabaram se tornando conjuntos enunciativos. Exploro cada conjunto ou unidade de sentido, na segunda parte desta tese, após trabalhar um pouco mais a neurodiversidade e os conceitos de sujeito, de subjetivação, de escrita e de narrativa de si, todos fundamentais para as análises. Aqui, deixo anunciadas as cenas dos próximos capítulos.

PARTE 2

Neurodiversidade: lentes divergentes para entender o autismo. Práticas de subjetivação: o tornar-se sujeito. Conceitos-ferramenta para pensar: narrativa de si, escrita como uma tecnologia para se pensar como sujeito. A escrita como tecnologia de educar a si mesmo.

CAPÍTULO



4.

PARTE 2

PRÁTICAS DE SUBJETIVAÇÃO: O TORNAR-SE SUJEITO

4 NEURODIVERSIDADE: LENTES DIVERGENTES PARA ENTENDER O AUTISMO

Eu sonhava com um grande e novo movimento social para grupos neurologicamente marginalizados, nos moldes do feminismo, do movimento gay ou movimentos pelas deficiências (Singer, 2016, n.p.).

A partir do século XX, o poder combinado do Estado e do mercado articulam as condições mínimas para a existência de vidas dentro de uma lógica de consumo e competição. Lopes (2009, p. 167), de forma didática, explica que, na Modernidade, a lógica de Estado é trazer todos para dentro do jogo, a fim de que todos possam participar da racionalidade do mercado e do consumo. Isso dá fluxo à lógica do capitalismo, pois as pessoas que antes eram descartadas e excluídas, agora são chamadas a fazerem parte do processo de permanecerem sempre úteis e produtivas. O Estado, em parceria com o mercado, inventa meios de demonstrar preocupação com a vida no seu sentido mais pessoal possível. Todas as condições essenciais para a vida das pessoas são pensadas e reguladas por políticas sociais. É nessa lógica que problematizo os modos como acontecem o reconhecimento ou não das mobilizações, as reivindicações e discussões dos autistas, na inclusão estratégica de Estado neoliberal.

A relação entre neoliberalismo e autismo não é tranquila, pois, aparentemente, ocorrem em âmbitos distintos. Todavia, compartilho o entendimento de que o neoliberalismo é uma racionalidade que envolve a todos. Nesse sentido, as pessoas autistas estariam no mesmo jogo que os demais. Também são levadas a compartilharem valores determinados por tal racionalidade, bem como são conduzidas a viverem num mundo onde a competitividade, a eliminação do outro e as lutas permanentes por direitos e por reconhecimento são constantes. Valverde (2022), ao problematizar o fato de ainda haver muitas associações entre autismo e deficiência, recorre a argumentos de competência e desempenho para divulgar a capacidade de trabalho e de produção dos autistas. Ele chama a atenção para a oportunidade de ter um autista no ambiente de trabalho. Para tanto, usa uma linguagem de mercado, facilmente compreendida nos dias de hoje. Ele divulga as altas habilidades e a capacidade de articular elementos de repertórios variados, encontrando respostas criativas para ocorrências do dia a dia. Dito de outra maneira, contratar um autista é um bom negócio. Contudo, chama atenção para os tipos de autistas destacados, que são sempre os que possuem uma performance diferenciada e atrativa, considerando as altas habilidades.

No século XXI, diferentemente da última década do século XX, ser um indivíduo neurodiverso é assumir uma identidade que, dependendo das condições de cada indivíduo, vem ganhando espaço na sociedade, principalmente, porque aumentou muito o número de

diagnósticos e, associado a eles, aumentaram as estatísticas que chamam atenção da ocorrência de autismo entre a população. Tal fato evidencia a potência das estatísticas e do diagnóstico na composição das formas de ser dos sujeitos.

No Brasil, as discussões em torno da deficiência, do autismo e da neurodiversidade, em geral, concentram-se em protestos e reivindicações por direitos sociais básicos como atendimento médico, educacional e o direito a receber benefício da previdência social. Na mesma linha de outras identidades discriminadas negativamente ao longo da história, os autistas vão ganhando espaço e sendo constituídos por sentimentos de luta e de militância. Muitos autores autistas que li fazem referência recorrente a lutas cotidianas. Tais movimentos têm produzido efeitos interessantes para a garantia de direitos e de reconhecimento. Por exemplo, em Santa Catarina, em 2022, é produzido um documento, redigido por pessoas neurodivergentes, intitulado *Carta Educacional pela Neurodiversidade*, publicada e divulgada pelo Ministério Público, a fim de esclarecer a população e orientar as escolas sobre neurodiversidade. A carta traz algumas informações básicas sobre a neurodiversidade:

O movimento da neurodiversidade é um movimento social - coletivo, complexo, feito por diversas pessoas em diversos lugares e sem uma necessária centralização - que luta por direitos civis igualdade de acesso e inclusão para pessoas neurodivergentes; neurodivergente é o termo que designa quem teria um modo de operar mentalmente que diverge dos padrões dominantes de normalidade pressupostos e esperados em nossa sociedade; e neurotípico é o termo que designa quem teria um estilo de funcionamento neurocognitivo assumido como normal e esperado dentro de nossa sociedade (Ministério Público de Santa Catarina, 2022, p. 14).

Trata-se de uma publicação construída, em grande parte, por autistas de diversas áreas — professor universitário, professora da Educação Básica, ativistas na luta pelos direitos dos autistas e familiares de autistas. Toda a carta está fundamentada no pensamento de que a compreensão sobre autismo é plural e diversa no coletivo e singular na unicidade de cada pessoa. Não adotam a visão biomédica que considera o autismo um transtorno a ser tratado, um déficit a ser corrigido, mas elevam a concepção de autismo, a partir dos entendimentos acerca da neurodiversidade. Ainda, conforme o documento:

A neurodiversidade não é oposta à deficiência: a deficiência é uma categoria sociopolítica, que marca os sujeitos titulares de direitos voltados para garantir a correção de desigualdades estruturais. Não há oposição entre a neurodiversidade e a deficiência - há, por outro lado, uma complementaridade. Enquanto a deficiência permite, como categoria, acessar direitos agrupados de forma coletiva, juntamente com outras deficiências, a neurodiversidade permite repensar técnicas, métodos e meios

de efetivação de tais direitos. A neurodiversidade não romantiza o autismo, nem foca apenas nas possibilidades e potencialidades: embora a perspectiva da neurodiversidade permita contar uma outra história sobre os sujeitos rotulados como neurodivergentes - uma história que não se baseia em déficits -, seu potencial revolucionário não é apenas o de afastar conotações negativas. A proposta da neurodiversidade exige repensar todos os ideais de normatividade que conduziram nosso imaginário padronizador e categorizador. Além disso, a neurodiversidade não assume que os desafios enfrentados por um sujeito neurodivergente em um mundo capacitista sejam ignorados em nome do reforço das potencialidades, isto é, a neurodiversidade não nega que pode haver obstáculos associados a serem rotulados como tendo uma cognição autista (Ministério Público de Santa Catarina, 2022, p.15).

A neurodiversidade como movimento deseja colocar as vozes autistas na centralidade, querem poder dizer que o autismo não é uma tragédia, mas um modo de vida diferente e que precisam de direito, de reconhecimento e de apoio na vida moderna. Ao se reunirem em coletivos, trabalham com o intuito de conscientização da causa. Em sintonia com outros ajuntamentos de pessoas, o grupo dos neurodiversos marca uma data oficial para declarar o *Dia do Orgulho Autista*, inspirado no *Dia do Orgulho Gay*, que é festejado no dia 18 de junho, como celebração da neurodiversidade dos autistas. A internet ajudou a consolidar a ideia da neurodiversidade em formato de movimento, de discussões, de encontros e fóruns entre jovens autistas, que iniciaram suas falas em forma de textos escritos em *blogs online*¹⁴.

Dessa forma, a popularização da internet contribuiu para a ascensão de grupos de apoio às pessoas neurodivergentes, tornou possível e mais rápida a interação entre eles e facilitou a organização de movimentos pró-neurodiversidade (Ortega 2008). O movimento ativista autista promoveu as primeiras discussões do termo, cujo entendimento ainda não estava consolidado. O conceito de neurodiversidade, no final do século XX, também pode ser atribuído devido a uma mudança de concepções acerca da etiologia do autismo, que saiu do psicanalítico para um entendimento com viés biológico.

O avanço das pesquisas, próximas aos denominados “estudos da deficiência” (*disability studies*), resultou na revisão de conceitos centrais, tais como o de deficiência, autismo, diversidade, entre outros, definidos fortemente pelos discursos clínicos e psicológicos. As novas teorizações, ao deslocarem o entendimento da deficiência focada na pessoa para o entendimento da deficiência como produção histórica e socialmente construída

¹⁴ Por meio do texto escrito escritores como Rodrigo Tramonte, Cristiano Camargo, Nicolas Brito Sales, Sophia Mendonça, Daniela Sales escreveram autobiografias sobre suas experiências no autistas. Por meio de mídias sociais, como Instagram e Facebook. Iniciaram suas atividades com relatos nas redes sociais e, posteriormente, palestras e livros. (Abreu, 2022).

a partir de práticas datadas e localizadas. As pessoas neurodivergentes, além de outras definidas como deficientes, passaram a participar dos debates e a produzir conhecimentos que tensionam a normalidade e sustentam políticas públicas mais voltadas ao atendimento da diversidade.

Ao estudar a deficiência, orientada pelas balizas da diversidade e sendo provocada a levar adiante a discussão de teorizações radicais da diferença, busco produzir conhecimentos que mostrem um caminho distinto daqueles que dominaram o contexto do século XX e início do XXI. Quero poder contribuir com o debate para que seja possível, cada vez mais, problematizar os discursos que localizam o autismo no código de doenças, que compreende não apenas patologias, mas também condições não patológicas, como o Transtorno de Déficit de Atenção e a Hiperatividade (TDAH), os transtornos de desenvolvimento de aprendizagem (como dislexia, disgrafia e discalculia). De acordo com Abreu,

[...] diferentemente de outros países como Reino Unido e Austrália, em que pessoas autistas começaram a participar dos debates públicos sobre o autismo na década de 1990, no Brasil ocorreu uma participação tardia que só se consolidou a partir da década de 2010. Por isso, temas como a neurodiversidade, por exemplo, configuraram-se periféricos por muito tempo. Apesar de ser uma associação formada por pais, o Movimento Orgulho Autista Brasil (Moab), no Distrito Federal, nos anos 2000, foi a primeira organização a inserir expressões mais ligadas ao ativismo dos autistas, como o Orgulho Autista, em seus materiais e *slogan* (Abreu, 2022, p. 24).

Os acontecimentos históricos em torno da neurodiversidade, a partir dos estudos desenvolvidos por Singer¹⁵, estão alicerçados na teoria feminista, no pós-modernismo e na pesquisa crítica/emancipatória. Inicialmente, tratava-se do surgimento de um conceito voltado para alcançar objetivo político e não simplesmente dar nome a um “rótulo conveniente” para as diferenças neurológicas e elevar o ativismo de autistas. Nesse contexto, também se tornaram mais conhecidas as ideias de Jim Sinclair, que influenciou ainda mais o movimento organizado em muitos países, com temáticas ligadas à neurodiversidade.

¹⁵ A palavra neurodiversidade apareceu em um registro oficial em 1998, em um capítulo escrito pela socióloga australiana Judy Singer para um livro publicado pela UK Open University Press. Para a autora, a neurodiversidade abrange uma gama de composições neurológicas diversa que abrange todos os seres humanos. Neurodiversidade são diferentes formas de existir a partir da formação cerebral e neurológica. Na visão de Singer, diferenças neurológicas precisam ser reconhecidas e respeitadas assim como outras categorias sociais de diferença, como etnia, classe socioeconômica, orientação sexual e gênero. Sua tese, de 1998, deu origem ao livro *NeuroDiversity: The Birth of an Idea* (em tradução livre, Neurodiversidade, o nascimento de uma ideia), publicado em 2016. (Autismo e realidade, 2020).

O movimento da neurodiversidade, portanto, teve suas raízes e seu desenvolvimento original dentro do movimento de reivindicações por direitos dos autistas. No entanto, desde o surgimento do termo, a partir de Judy Singer e Harvey Blume (1997), a noção estendeu-se para um movimento bem maior, que incluiria o TDAH, a Síndrome de Tourette, a dislexia, entre outras deficiências. Ainda há poucos estudos internacionais sobre neurodiversidade. Pode-se dizer que, passadas mais de duas décadas, a neurodiversidade ainda constitui uma área de pesquisa desenvolvida por pessoas autistas e pertencentes aos movimentos autistas.

A ascensão da neurodiversidade leva a fragmentação pós-moderna a um passo além. Como a era pós-moderna vê todas as crenças, anteriormente tão sólidas, esvanecerem no ar, até mesmo nossas suposições mais arraigadas: que todos nós, aproximadamente, vemos, sentimos, tocamos, ouvimos, sentimos cheiros e compreendemos informações, mais ou menos da mesma forma (a não ser os visivelmente deficientes) estão sendo dissolvidas (Singer, 2017, n.p.).

O movimento de neurodiversidade, para Ortega (2007), está ligado ao deslocamento das concepções psicanalíticas para uma concepção biológica e cerebral do transtorno autista. Para o autor, até a década de 60, predominaram as explicações psicanalíticas do autismo, na teoria e na clínica psiquiátrica. Com a recusa à visão negativa do autismo, que entrelaça fortemente o termo à incapacidade e à deficiência, os representantes desses movimentos passam a celebrar a diversidade do cérebro humano, repudiando toda e qualquer compreensão do autismo, considerando a dimensão do patológico. Isso não significa ignorar necessidades específicas desses sujeitos, mas assumir a diversidade como um indicador da variação humana, bem como da forma de vida possibilitada pela presença radical da diferença. Diversidade e diferença se mesclam, a primeira (diversidade) dando conta do que é visível, numerável e nominável e a segunda (diferença) dando conta do subjetivo, que escapa a quaisquer formas de controle e de política.

Ortega (2008), que nos desafia a pensar tanto a diversidade como também a diferença, lembra, ao falar da diversidade, que há autistas que não conseguem participar ativamente dos movimentos que lutam pelo respeito e o atendimento à diversidade, eles dependem de outros que falem em seu nome, que é o caso das “mães neuroatípicas”, ou seja, aquelas cujos filhos têm algum tipo de deficiência ou condição que pode afetar o desenvolvimento e a capacidade de se expressar verbalmente, seja falando, sinalizando ou escrevendo. Chamar a atenção dessa condição é fundamental para meu trabalho, pois aqueles que escrevem livros, embora sejam muito distintos entre si, tampouco representam a diversidade dos que categorizamos como

autistas ou como indivíduos que se enquadram no *espectro autista* “de pouco suporte”. Minha

pretensão não é mostrar as vozes de todos, mas tornar mais evidente o debate, as lutas e as narrativas dos que podem expô-las, trazendo essas vozes para a arena de disputas cotidianas.

Ortega (2008, p. 478) abre margem para uma reflexão maior a respeito de como “caminhar por cima de antigos equívocos duais, simples e insuficientes, para falar sobre diferentes modos de vidas, multiplicidade de sujeitos”. Ortega (2008) faz pensar sobre como provocar reflexões em torno do autismo e da neurodiversidade, como um modo de vida que faz parte da diversidade humana e, ao mesmo tempo, como não desprezar direitos conquistados por parte de pessoas que se reconhecem autistas e que precisam de mais apoio por parte do poder público, em termos de assistências com saúde e educação. Embora Ortega seja uma inspiração para mim, pois, com ele, aprendi a ampliar o leque de pessoas que compõem o grupo de neurodivergentes, meu foco nesta pesquisa são os autistas, tendo em vista interesses pessoais e profissionais já mencionados no início desta Tese. As provocações do filósofo seguem falando no meu ouvido e me fazem entender que os sujeitos que compõem o meu foco investigativo tampouco são iguais, porque são autistas que se comunicam, que possuem autonomia etc. Logo, não é possível dar conta da diferença na identidade.

Ortega (2019) argumenta que o movimento autista precisa agir com cautela na defesa de uma política identitária, para não gerar uma redução à pluralidade das identidades que deveriam fazer parte do movimento, levando à homogeneização das diferenças e diminuindo as singularidades. Não há lugar para a unanimidade, no movimento autismo neurodiverso. Ortega (2019) reconhece que a questão é complexa e diz que concebe a ideia do autismo como “categoria problemática”, pelo fato de sua existência e sua definição serem negociadas por várias instâncias médicas e não médicas. Há contradições que entendo serem permanentes nesses processos sociais de representação. O movimento da neurodiversidade defende os direitos e interesses dos autistas, ao mesmo tempo em que propõe despatologizar o autismo. Entendo essas dissonâncias como típicas de um tipo de sociedade que opera a partir de identificações que permitem localizar os sujeitos, tomar conhecimento de suas condições e de seus direitos.

A autoidentificação como neurodiverso, segundo as ideias da neurodiversidade, não depende do diagnóstico de um médico, o que não significa que o diagnóstico não tenha relevância no contexto da neurodiversidade. De forma mais ampla, não rejeitam a percepção do próprio sujeito, isto é, de perceber, em si, possibilidades de patologias mentais que precisam de assistência. O que o movimento defende é a ampliação do espaço para que

indivíduos e grupos se autodefinem como saudáveis ou doentes, diferentes ou transtornados, perfeitos ou quebrados, necessitando de intervenção médica ou política, ou qualquer que seja a combinação desses fatores (Chapman, 2021).

A polêmica mais acentuada no que diz respeito ao objetivo de defender os direitos e interesses de indivíduos “com autismo” pode condicionar diretamente a compreensão do autismo como condição que pode ser incapacitante (pelo menos para alguns indivíduos) e entendimento de autismo como deficiência, que traz conquistas e benefícios, frutos de lutas de movimentos, principalmente, na dimensão educativa e de direitos à saúde. Como as discussões sobre autismo e neurodiversidade chegaram tardiamente ao Brasil, tanto que a palavra neurodiversidade só aparece circulando país por volta de 1990, em decorrência da propagação em vários países da pesquisa realizada por de Judy Singer, elas ainda são tímidas, pouco conhecidas, o que prejudica a maneira como a maioria das pessoas olha para a pessoa autista, o que não contribui para entendê-los como sujeitos de si.

Constata-se que, entre a década de 1990 e os anos 2000, o movimento da neurodiversidade chegou ao Brasil antes de haver uma proposta de modelo para a neurodiversidade. Ao estudar a pesquisa realizada por Adriano ; Aydos (2023), que oferecem uma contribuição teórica e metodológica significativa ao campo dos Estudos Críticos da Deficiência e da Neurodiversidade no Brasil. O texto problematiza de forma perspicaz a aplicação de leituras neurocríticas oriundas do contexto europeu e norte-americano — notadamente os trabalhos de Ortega e Vidal — ao contexto brasileiro. O argumento central sustenta que há, nessas abordagens, um universalismo subentendido que tende a apagar as articulações interseccionais, locais e politicamente heterogêneas que caracterizam o ativismo neurodiverso em territórios periféricos como o Brasil. Ao propor uma metodologia de pesquisa colaborativa, situada e militante, alinhada aos princípios *dos Disability Studies* e dos *Crip Studies*, as autoras deslocam as hierarquias epistêmicas tradicionais que costumam definir quem produz conhecimento e a partir de quais lugares. Ao enfatizarem a importância de fazer pesquisa com e não sobre pessoas autistas, adotam uma postura ético-política que desafia o modelo extrativista de produção acadêmica e reposiciona o saber como ferramenta de luta e transformação social. Tal abordagem aproxima-se das Epistemologias do Sul (Santos, 2010) ao reconhecer a potência dos saberes subalternizados e das experiências vividas como formas legítimas de produção de conhecimento. Do ponto de vista conceitual, o texto apresenta a neurodiversidade de maneira genealógica e situada, recuperando a proposta original de Judy Singer nos anos 1990. Singer cunhou o termo neurodiversidade como

estratégia para deslocar a patologização dos diagnósticos psiquiátricos, especialmente o autismo, e reinscrevê-los como variações naturais da cognição humana — numa analogia com as variações de gênero, sexualidade e raça. Contudo, o texto evidencia que, no contexto brasileiro, a apropriação política da neurodiversidade pelos movimentos autistas tem operado um deslocamento importante: do foco exclusivamente biomédico para um entendimento que articula identidade, política e justiça social. As autoras recusam leituras reducionistas da neurodiversidade, seja no viés naturalizante (como mera variação biológica), seja no viés construtivista extremo (como pura construção social). Em vez disso, propõem uma abordagem relacional e politicamente situada, compreendendo a neurodiversidade simultaneamente como marcador identitário e como categoria política de luta. Essa concepção possibilita a articulação entre saberes da biologia, da cultura, da economia e da política, deslocando os binarismos que comumente estruturam as discussões sobre deficiência e diferença.

Adriano e Aydos (2023) estudam o conceito de deficiência como uma característica não individual, mas como uma opressão estrutural e histórica, produzida na interação entre características corporais e as múltiplas barreiras impostas pelo ambiente social, material, simbólico e político. Essa perspectiva é convergente com o modelo social da deficiência e suas releituras críticas contemporâneas, como as de Tom Shakespeare (2006), Fiona Kumari Campbell (2009) e Alison Kafer (2013), que enfatizam o caráter relacional e interseccional da deficiência. Importante destacar que, embora a neurodiversidade proponha uma ruptura com o modelo médico da deficiência, o texto não nega a existência de necessidades de suporte. Ao contrário, reconhece que há uma articulação tensa, porém produtiva, entre deficiência e diferença neurodiversa, onde a deficiência é compreendida como categoria política de exclusão e normatização. A deficiência, assim, é lida como efeito de relações sociais capacitistas, e não como mero déficit ou falha biológica. Sua abordagem etnográfica, engajada e crítica aponta para uma reconfiguração do campo da Educação como espaço de disputa por reconhecimento, justiça cognitiva e transformação das formas de produção de conhecimento.

Ao trazer vários entendimentos relativos ao conceito de neurodiversidade, muitas questões flutuam entre as formas de vida autistas. Quem pode se reconhecer como pessoa neurodiversa? Quem está riscando a linha que divide e qualifica as pessoas que podem ser incluídas nesse conceito? É importante cuidar para não cair na ideia de que, ao dizer-se neurodiverso, ignorar a condição inicial e material presente no sujeito. Na verdade, ao perceber a deficiência como uma diferença radical, que impacta as relações e as experiências, é possível entender uma outra forma de estar no mundo.

Dessa forma, a neurodiversidade busca reconhecer a deficiência como natural, num

mundo fundado sobre bases que tentam, a todo custo, normalizar pessoas, entendendo a deficiência como antinatural e, por isso, deve ser corrigida. Wuo e Brito (2023) publicaram um artigo com intuito de conhecer como esse tema aparece na Educação no Brasil, bem como levantaram pesquisas estrangeiras referentes ao período compreendido entre 2007 e 2020. Os resultados apontaram uma crescente produção de conhecimentos no cenário internacional, mas ainda escassa, em âmbito nacional. No âmbito da educação, a concepção de deficiência que orienta o paradigma da neurodiversidade considera a multiplicidade de modos de aprender dos diferentes sujeitos.

Alguns autores autistas têm empenhado esforços no sentido de transformar a ideia de neurodiversidade, num campo científico, mas essa é uma discussão ainda em estado inicial. Desde a sua concepção, o movimento da neurodiversidade rejeitou todos os pensamentos e pesquisas de caráter científico que compreendessem o autismo como doença e que buscassem investimentos no sentido de curar o autismo (Donvan; Zucker, 2009). Esse movimento, que defende o protagonismo dos jovens autistas, chega ao Brasil com 20 anos de atraso. O atraso também é mundial, pois ser autista foi uma condição conhecida apenas em 1970, quando se oficializou o autismo como diagnóstico independente. O registro do primeiro estudo epidemiológico sobre autismo é de 1966, na Inglaterra, por Vitor Lotter (Rios, 2017).

Voltando ao contexto americano, na década de 1980, uma mulher chamada Temple Grandi tornou-se conhecida por ser autista e falar de si publicamente. Virou pesquisadora e iniciou sua jornada como escritora de livros. Essa voz feminina, falando e estudando sobre si mesma, como autista, atraiu muitos outros jovens, o que deu início aos primeiros lampejos para o que seria a comunidade da neurodiversidade.

Uma das primeiras condições estabelecidas no início do movimento da neurodiversidade foi decidir que queriam ser denominados pelo termo neurodiversidade, angariando assim o reconhecimento por parte da ciência, atravessado pelo viés da área sociopolítica (Chapaman, 2021). Para Sadzinski Junior, Wayszceyk, Wou (2020, p. 164), “o movimento neurodiverso, ao negar o autismo como doença também nega sua cura, distanciando-se do modelo médico e ancorando no modelo social da deficiência”.

Na década de 1970, impulsionada por Paul Hunt, sociólogo deficiente físico, foi constituída a primeira organização política *sobre* a deficiência formada e gerenciada *por* deficientes, denominada *Union of the Physically Impaired Against Segregation*. Esta questionava a compreensão biomédica tradicional da deficiência como um problema individual e afirmava que a experiência da deficiência não era resultado de lesão individual, mas de uma sociedade hostil à diversidade humana. Em 1980, a rejeição ao modelo médico e à ideia

de que a deficiência precisa ser “corrigida” ganha força, assim como a defesa de que os “ajustamentos” não deveriam ser dos indivíduos deficientes, mas da sociedade, pois ela que era desajustada em relação a estes. Entendia-se que a opressão social e a exclusão dos deficientes não resultavam de suas limitações físico-mentais e que a experiência da desigualdade apenas se manifesta em uma sociedade pouco sensível à diversidade de estilos de vida.

Neste contexto, marcado pela “primeira geração” dos acadêmicos e ativistas da deficiência, os estudiosos atentam para a complexidade do conceito de deficiência que, longe de ser sinônimo de um corpo com lesão, também denuncia a estrutura social que oprime a pessoa que apresenta um corpo atípico. Em contraposição ao modelo médico da deficiência, cresce o modelo social da deficiência (Gaudenzi, 2016, p. 3068).

Ao tensionar a deficiência e o que essa palavra carrega de enunciações discursivas, acaba-se questionando a (a)normalidade. Afinal, passa-se a entender que a normalidade é algo construído a partir de uma maioria considerável da população. Nesse sentido, é fundamental questionar a normalidade para além de uma ocorrência estatística e clínica. Assim, justifica-se a compreensão da deficiência como uma ocorrência social ou uma diferença radical. Deficiência radical, porque, uma vez tendo acontecido, impacta de maneira imprevisível a vida, constituindo uma outra forma de vida presente no campo das diferenças.

Ao pensar na tomada de voz pelos próprios autistas, faz sentido trazer as reflexões de Ortega (2008), quanto ao cuidado com a exacerbação, ao mencionar a palavra deficiente dentro das paredes de uma comunidade que se fecha para outras vozes, muitas vezes, sob o manto de uma ideia política, que não amplia o debate, os questionamentos e o diálogo. Talvez o perigo se instale com o desejo de querer construir discursos sobre a necessidade de não normatizar vidas, mas, para isso, não se pode deixar de dialogar com todos os outros grupos de pessoas. Faço o convite para pensar até que ponto se pode fazer concessões? É preciso saber até onde estamos dispostos a ceder concessões no modo de pensar como sujeitos que incluem a diferença e não o contrário, para não sabotar conquistas legítimas de um movimento de ideias tão necessários ao mundo atual.

Ortega (2008), inspirado nos Estudos Foucaultianos, faz pensar que, com a potencialização das pesquisas neurológicas, da supremacia do cérebro culminando com outro movimento de origem americana, a comunidade da neurodiversidade ou os grupos neuroculturais correm risco de serem cooptados por discursos de neurocognição. Para além do que dizem tais discursos, está em jogo uma vida e sua forma particular de estar e de se relacionar no mundo. Não se pode perder os ganhos científicos e os conhecimentos relativos à neurodiversidade; porém, igualmente, não se pode reduzir os sujeitos e suas vidas a eles. A partir e tal compreensão, surgem movimentações e vozes de protestos, instalados em todas as

camadas e estruturas da sociedade. Tais protestos ganham expressão e condições para se formarem devido às características e à racionalidade do nosso tempo. Afinal, numa racionalidade neoliberal, urge resistir ao apagamento da diversidade. Uma das formas de resistência a tal apagamento se dá pelo fortalecimento das identidades. Acredito que os neurodivergentes conseguiram se enxergar como possibilidade de vida outra.

Pagni (2017, p. 167) traz uma interessante contribuição que ajuda a refletir sobre o diagnóstico acerca do papel da deficiência na conjuntura biopolítica atual. O autor tensiona os discursos sobre a deficiência, com o objetivo de fazer uma crítica que permita entender como tais discursos corroboram um entendimento de inclusão e de política de inclusão. A partir dessas discussões, Pagni (2017) apresenta alternativas para o acolhimento da diferença, a partir da compreensão da ética. Ética, não como um conjunto de códigos, mas como práticas de cuidado do ser consigo e com o outro. Tal compreensão, alicerçada nas ideias deleuzianas e foucaultianas, entre outras, permite que acolhamos os reconhecidos como neurodivergentes nas instituições, entre elas, nas escolas. Os estudos da neurodiversidade, ao serem problematizados constituem um movimento epistemológico de duplo alcance: desafiam a normatividade científica e propõem um novo pacto político-social. O que está em jogo, portanto, não é apenas o reconhecimento da diferença, mas a construção de um mundo onde essa diferença não implique inferiorização, exclusão ou sofrimento evitável. Esse paradigma impõe à pesquisa acadêmica um compromisso ético com a escuta, a representatividade e a coautoria dos sujeitos neurodivergentes em todos os âmbitos de produção de saber.

Assumir a neurodiversidade parte do pressuposto de que o elemento que a gera não desaparece, mas passa a demandar condições específicas de participação em distintos espaços, onde a vida social acontece. Portanto, não é no caminho do apagamento dessas marcações de corpo que melhores condições de vidas passarão a existir. Reconhecer a deficiência faz-se necessário, pois, a partir da presença de uma diferença radical, novos mecanismos de Estado e de formas de se relacionar passarão a existir. Assim, não se trata de uma compreensão que anule outra, mas se somam, uma agindo no campo das práticas de subjetivação, e a outra, agindo no campo das práticas de governo, essas, em todas as esferas onde se fazem presentes as práticas de conduzir uns aos outros.

Se, singularmente, ao deficiente pouca expressividade é permitida e, raramente, uma ética da diferença própria é admitida, comunitariamente, se percebem poucas tentativas de romper com esse círculo, em que a igualdade se encontra na explicitação das diferenciações e numa forma de resistência às políticas identitárias (Pagni, 2017, p. 186).

Assim, Pagni (2017) pensa que o caminho para o reconhecimento das diferenças de vida não é um caminho simples, dual, nem tampouco corretivo. Ao apoiar a ideia da singularidade, argumenta que isso não significa ignorar a dimensão da vida em sociedade e a dimensão política que ela acarreta, ao reconhecer um indivíduo como cidadão. Pelo contrário, é por ter vida em sociedade que se percebe o singular. Sendo assim, trabalhar para que a vida em sociedade como ato ético-político aconteça significa, entre outras coisas, que eduquemos a sociedade de maneiras distintas, com a presença, mesmo que turbulenta, de todos.

Assim, quando trago a proposta de estudar o autismo pela visão da neurodiversidade, privilegio olhar o autismo, distante de investigações já estabelecidas. Os conhecimentos e as práticas do campo da Psiquiatria, Psicologia e Pedagogia têm contribuído bastante com as questões postas no presente. No entanto, não procuro saber a causa do autismo pelo viés do conhecimento da Medicina, mas me interessa redefinir o autismo como diferença. Ao reconhecer as diferenças dentro do movimento da neurodiversidade, é preciso resguardar os direitos dos que necessitam de medicações, de serviços de apoio, de atendimentos terapêuticos e neurológicos, que não devem ser descartados, pois assumir a diferença é olhar para a singularidade de cada pessoa e acolhê-la, na diversidade da coletividade.

Para finalizar a reflexão em torno da ideia de neurodiversidade, trago uma citação de Solomon (1987), que escreveu um livro intitulado *Longe da árvore*, no qual ele comenta: “O mundo torna-se mais interessante por ter todo tipo de pessoa vivendo nele.” (Solomon, 1987, p. 36). Assim, deixo o convite para reflexões não em torno de separar grupos, pessoas e movimentos, mas no sentido de seguir se perguntando e sempre suspeitando do que está posto para definir os sujeitos.

4.1 CONCEITOS-FERRAMENTA PARA PENSAR: NARRATIVA DE SI ESCRITA COMO UMA TECNOLOGIA PARA SE PENSAR COMO SUJEITO

Em primeiro lugar, penso efetivamente que não há um sujeito soberano, fundador, uma forma universal de sujeito que poderíamos encontrar em todos os lugares. Sou muito cético e hostil em relação a essa concepção de sujeito. Penso, pelo contrário, que o sujeito se constitui através das práticas de sujeição ou, de maneira mais autônoma, através de práticas de liberação, de liberdade (Foucault, 2004, p. 307).

Ao longo do doutorado pude acompanhar discussões em meu grupo de pesquisa que trazem como base o pensamento de Michel Foucault. Embora ele não tenha sido a única perspectiva apresentada, me chamou a atenção seu entendimento de como nos tornamos

sujeitos. Nesse sentido, assumo a perspectiva foucaultiana de sujeito e a trago para desenvolvê-la neste capítulo.

Não é novo afirmar que teorizar sobre as formas de subjetivação ou sobre como nos tornamos sujeitos é o grande foco da teorização foucaultiana, principalmente, quando o filósofo investiga a governamentalidade. Para referir-se ao sujeito, o filósofo, como afirma Ferreira Neto (2017, p.8), se associa a uma noção etimológica de sujeito. Nas palavras de Ferreira Neto, o termo deriva

[...] do latim, *subjectum*, “particípio passado passivo neutro, substantivado, do verbo *subjicere* = lançar, colocar sob. [...] coisa ou substância sujeita à predicação” (Fontanier, 2007, p. 121-2). O sujeito é entendido como aquilo que subjaz, substrato ou fundamento, sobre o qual incidem as predicções (Ferreira Neto, 2017, p. 8)

Nesse sentido, o que interessava a Foucault eram os “diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos se tornaram sujeitos” (Foucault, p. 231), dito de outra maneira, ele buscava por formas distintas e históricas de tornar-se sujeito. Foucault parte do pressuposto de que há dois vetores de subjetivação pelos quais nos tornamos sujeitos, são eles: o das práticas de assujeitamento e o das práticas de si. Conforme interpreta Candiotta (2020, p. 322), para Foucault, o indivíduo moderno “é o efeito de um processo de sujeição no âmbito da normalização disciplinar [...]. Mas sua vida é também objetivada por poderes [...] e saberes [...] que o produzem como parte de uma “população” constituída biologicamente [...] ou economicamente.” Diria que os processos de se tornar sujeito não são universais, pois dependem de conjuntos distintos de práticas, marcadas pelo tempo, pelo espaço e pelas práticas em movimento. Portanto, não há uma forma universal ou um tamanho único que possa ser utilizado para definir os sujeitos, mas eles se constituem a partir de condições discursivas e não discursivas, datadas e situadas. Nas palavras de Foucault (2004, p. 275), “o que me interessa é, precisamente, a constituição histórica dessas diferentes formas de sujeito, em relação aos jogos de verdade”

Sem a intenção de revisitar detalhadamente os cursos e os livros de Foucault para fazer o percurso da teorização do sujeito, é importante mencionar a preocupação do filósofo, nos cursos de 1978, com a governamentalidade. Naquele ano, ele ministrava no Colégio de France, os cursos *Segurança, Território e População* e *Nascimento da Biopolítica*. Ambos os cursos traziam o Estado e as condições da emergência do capitalismo neoliberal para o debate. Nesse sentido, retomar o sujeito tornou-se uma necessidade, pois as práticas do governo em torno da verdade e da governamentalidade demandavam retomar as discussões sobre o sujeito,

para entendê-lo em seu tempo. Ferreira-Neto (2017) nos ajuda a sintetizar o percurso foucaultiano sobre o assunto. O autor comenta que, no curso de 1978, no qual Foucault aborda o tema da governamentalidade, ele desdobra dois sentidos para as práticas de subjetivação, ao abordar o poder pastoral. Nas palavras de Ferreira Neto (2017, p. 11-12):

O primeiro sentido é a constituição “de um sujeito que é subjetivado pela extração da verdade que lhe é imposta” (2008, p. 243). O segundo, decorrente do primeiro, aponta como essa ação individualizante do poder pastoral possibilitou um “formidável apelo” de “como se tornar sujeito sem ser sujeitado” (p. 310). Ou seja, Foucault apresenta a subjetivação concomitantemente como sujeição e, pela primeira vez, como resistência, em sua relação com as práticas de governo [...].

Aqui vale marcar a dobradiça *sujeição e resistência*. Digo dobradiça, porque se trata de um objeto mecânico que conecta duas partes, dando-lhes uma funcionalidade, a de se movimentarem uma em relação a outra. Pode parecer um tanto óbvio para os leitores de Foucault fazer tal esclarecimento. Todavia, para quem não o estuda, parece haver uma contradição entre sujeição, remetendo equivocadamente à pura obediência, e resistência. No curso de 1978, *Segurança, território e população*, Foucault leva adiante a discussão sobre a resistência, desdobrando-a em possibilidades que vão da oposição, à dissidência até a contraconduta. Essa última, para mim, é muito produtiva para pensar em meu contexto analítico. Nas palavras de Ferreira Neto (2017, p. 12):

Nesse curso de 1978, Foucault vai explorar essa dimensão sob a alcunha das contracondutas, que se insurgem contra o objetivo pastoral de conduzir a conduta dos homens. Segundo Foucault, essas revoltas não tiveram, ao menos inicialmente, objetivos político-econômicos, mas a recusa ao governo pastoral na Idade Média. Dentre as várias ocorridas nesse período, Foucault considera a de Lutero a mais importante e identifica modalidades de luta contra os procedimentos de condução pastoral: o ascetismo, as comunidades, a mística, a Escritura e a crença escatológica. Mesmo que, a partir do século XVI, tenha ocorrido o desaparecimento do pastorado em função da emergência do Estado, Foucault entende haver formas modernas do pastorado em instituições médicas e pedagógicas [...] (Ferreira Neto, 2017, p. 11-12).

Da mesma forma, Candiotta (2020), ao problematizar as práticas de sujeição biopolítica e a possibilidade de processos de subjetivação, relaciona as práticas do pastorado e o rebanho, afirmando haver traços de um tipo de condução moral, ou seja, por mais que o pastor conduza o rebanho de um lado a outro, também vai em busca das ovelhas desgarradas.

Essa dupla condução do poder pastoral inaugura no Ocidente um curioso processo de sujeição: de um lado, uma sujeição individualizada, a fim de que o indivíduo não se desgarre do fluxo, da circulação do rebanho, de maneira que, quando ele se desviar, deverá ser reconduzido a seu meio no qual é induzida a normalização de sua conduta. E, de outro, uma sujeição coletiva, posto que, quando o pastor vai em busca da ovelha perdida, está convencido de que as demais não irão dispersar-se. E estas, por sua vez, não estão totalmente seguras que chegarão a um bom pasto ou que se deslocarão adequadamente sem a condução do pastor (Candiotta, 2020, 322-323).

Para o autor, Foucault, ao usar a metáfora do pastorado, quer mostrar que há uma indissociabilidade entre as práticas biopolíticas e as práticas morais, no que denominamos de governamentalidade ocidental. Ainda, conforme Candiotto (2020, p. 328), “no governo biopolítico de uma população deslocada em busca de condições materiais de sobrevivência não são identificados somente processos de sujeição, individuais e populacionais, mas também processos de subjetivação”. É interessante o destaque de Candiotto, ao marcar a relação entre pastor e rebanho, pois ele permite que visualizemos formas distintas de circulação do rebanho. Novamente, nas palavras de Candiotto (2020, p. 323), “no próprio nascimento da genealogia do governo existe sempre a virtualidade de circular de outra maneira, transgredir certas fronteiras, romper com formas de ser conduzido que identificam a população a um rebanho e o governo biopolítico, a uma espécie de pastoreio que cuida sob condição da sujeição”.

Na linha de argumentação que venho construindo, a partir de Candiotto (2020) e Ferreira Neto (2017), é possível afirmar que podemos denominar de processos de subjetivação tanto as resistências dos indivíduos quanto as contracondutas da população que resiste a deixar-se conduzir. Antes de entrar na discussão da contraconduta, pois tenho um interesse particular neste conceito, pois o vejo potente no movimento neurodivergente, é importante mencionar que tanto as práticas de sujeição quanto as de subjetivação podem ser individuais e coletivas (Candiotto, 2020).

Na obra de Foucault, como disse anteriormente, as práticas de subjetivação adentram seus escritos a partir de 1978. O filósofo se desafia a pensar em como podemos ser sujeitos sem ser sujeitoado. Conforme Candiotto (2020) e de acordo com Lopes e Veiga-Neto (2023), Foucault se dedica a pensar possibilidades de respostas para o problema do sujeito, mais especificamente, busca como os processos de subjetivação se apresentam como forma inconclusa de resistência às práticas de sujeição, nos cursos *O sujeito e o poder*, no último volume de *Ditos e Escritos* e nos cursos dos anos de 1980 a 1984.

Assim, nos cursos de 1978, Foucault nos oferece ferramentas para explorar conceitos como sujeito, governamentalidade, verdade e resistência, desdobrando esta última, entre outros, no conceito de *contraconduta*, explorado no curso *O governo dos Vivos* (1979-1980). A *contraconduta* é um conceito potente, pois mostra a capacidade do indivíduo de exercer sua vontade e sua liberdade, exercitando traçar outros caminhos que não necessariamente rompem com aquele que conduz, ou seja, embora a *contraconduta* permita andar por outros caminhos, não significa que o conduzido precise romper com aquele que o conduz. Como exemplo, cito

o caso dos sujeitos autistas, que não querem ser conduzidos pelo diagnóstico, mas aceitam e querem ser diagnosticados, pois o diagnóstico permite que se (re)conheçam e expliquem as manifestações intensas do autismo em sua vida. Enfim, implicada na ciência da condução está o exercício da liberdade e da autonomia, que permite ao indivíduo conduzir-se. Assim, ganham expressão as práticas de subjetivação, desenvolvidas com mais detalhamento nos cursos de 1980 – 1984¹⁶. Novamente, recorro à síntese de Ferreira Neto (2017, p. 13):

No curso ‘*Do governo dos vivos*’, de 1980, o filósofo reafirma a centralidade do conceito de governamentalidade e retoma a noção de subjetividade na perspectiva da liberdade, o que será intensificado nos cursos posteriores. Em primeiro lugar, Foucault propõe um deslocamento do eixo saber-poder, para a noção de governo pela verdade, por considerar que a noção de governo é mais operacional que a de poder. Define governo como conjunto de “mecanismos e procedimentos destinados a conduzir os homens” (1980/2012, p. 13). A questão doravante não será apenas apontar a articulação entre discurso e prática, mas descrever por quais procedimentos um sujeito se liga a uma manifestação de verdade. Aliás, a descrição detalhada das diversas tecnologias, de si e dos outros, é uma preocupação constante em sua obra. Em sua análise da liturgia judiciária, que são os procedimentos de revelação da verdade no campo jurídico, Foucault afirma que esta tem por autoridade o fato de poder dizer “eu mesmo estava presente” (1980/2012, p. 46). Adiante, ele chama essa condição de autoridade de “ponto de subjetivação” (p. 68). Com base nisso, estabelece o objetivo do curso como sendo “o governo dos homens pela manifestação da verdade na forma de subjetividade” (p. 74). No restante do curso, são aprofundadas análises sobre três conjunto de procedimentos de manifestação da verdade do cristianismo: o batismo, a penitência e a direção de consciência. É o terceiro, pelo seu caráter voluntário, que mais atrai sua atenção. A direção de consciência praticada na vida monástica é considerada por Foucault um “vínculo livre, voluntário e ilimitado”, mediante o qual o dirigido quer que sua vontade seja submetida a de outro (p. 209). Essa fórmula da direção, “obedece livremente ao que queres”, leva o dirigido a estabelecer uma relação consigo mesmo, que será chamada de subjetivação (p. 210). Ao explorar o tema da direção de consciência e seus procedimentos de verbalização da falta e de exploração de si mesmo, o autor nos apresenta sua definição de subjetividade [...] (Ferreira Neto, 2017, p.13).

Embora citações tão longas não sejam recomendáveis, penso que ela consegue sintetizar a obra foucaultiana, no que interessa para esta Tese, muito bem representada com outra finalidade, descrita por Lopes e Veiga-Neto (2023). Há deslocamentos de ênfases na obra de Foucault que vão sendo amadurecidas em seus cursos. Tais deslocamentos mostram

¹⁶ Para uma melhor localização na obra foucaultiana e nos conceitos-ferramenta operados por eles, sugiro o texto de Lopes, Maura Corcini; Veiga Neto, Alfredo da. Norma, normalização e sofrimento. <https://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/26968/60749748> publicado na Revista Educação Unisinos.

como o sujeito vai ocupando espaços distintos nas práticas descritas por Foucault. Além do que foi dito, meu interesse é marcar a entrada da noção de governamentalidade em sua obra, pois, a partir dela, as práticas de governo e de subjetivação se cruzam. A primeira (governo) frisa a condução das condutas e a segunda (subjetivação) frisa a dimensão do sujeito e de como ele se lança sobre si mesmo, aceitando ser conduzido. Portanto, trata-se de um sujeito ativo sobre si mesmo, conforme explicitado por Lopes, em entrevista concedida para Graff e Menezes (2023).

Seguindo com a intenção inicial de mostrar os deslocamentos do conceito de sujeito na obra de Foucault, no curso de 1981, intitulado *Subjetividade e verdade*, o filósofo esclarece que seu interesse não é somente mostrar a relação que temos com nós mesmos, mas também a que temos com os outros, pois é essa relação de objetivação e subjetivação que permite compreender a constituição do sujeito. Vale destacar que, na visão de sujeito que trago aqui, há uma diferenciação entre a subjetivação tomada como assujeitamento e a subjetivação tomada como atitude sobre si. O que interessa a Foucault são as práticas de si, que são um resultante ativo no sujeito que se relaciona social e institucionalmente. Trata-se de um sujeito imerso num tempo, num espaço e numa cultura; portanto, um sujeito com uma atitude subjetiva coerente com seu tempo.

Antes de ingressar no próximo subtítulo, penso ser interessante definir o que entendo por práticas de si. Afinal, trata-se de um conceito recorrente na minha escrita. Sobre o tema práticas de si e as tecnologias há muita coisa produzida por intérpretes da obra de Foucault; porém não pretendo fazer uma retomada detalhada das discussões foucaultianas. Interessa saber que as práticas de si em Foucault podem ser entendidas como um conjunto de técnicas, de mecanismos, enfim, de exercícios do ser sobre si mesmo. Esse conceito foi explorado por Foucault nos cursos de 1980 a 1984, como também em entrevistas, nas quais explora o tema, avançando no seu pensamento. Podemos dizer que Foucault nos ajuda a entender as práticas de si a partir de três exemplos, quais sejam: o *dos ritos de purificação* — que são práticas comuns na Grécia Antiga, entre os séculos VIII a.C e VI a.C, que incluíam exercícios de resistência e técnicas de concentração da alma; as *práticas ascéticas* — que tratam da autoformação do sujeito, que não se referem a uma moral de renúncia, mas a um exercício de si sobre si mesmo para se elaborar, se transformar e atingir um certo modo de ser; e o *cuidado de si* — que se refere a uma postura ativa (ético-política) do sujeito, que caracteriza uma possibilidade de resistência ao biopoder, comumente atrelado às tecnologias de controle e à vigilância dos corpos.

Em entrevista concedida a Becker, em 20 de janeiro de 1984, Fomet-Betancaurt e Gomez Müller argumentam:

Se agora me interessa de fato pela maneira com a qual o sujeito se constitui de uma maneira ativa, através das práticas de si, essas práticas não são, entretanto, alguma coisa que o próprio indivíduo invente. São esquemas que ele encontra em sua cultura e que lhe são propostos, sugeridos, impostos por sua cultura, sua sociedade e seu grupo social (2004, p. 275).

O que interessava a Foucault nos cursos de 1980 a 1984, na filosofia antiga, era, principalmente, a possibilidade de o sujeito constituir a si próprio e as técnicas de subjetivação. O filósofo procurava na filosofia antiga conhecer as técnicas operadas pelo sujeito sobre si mesmo, que o permitissem realizar certo número de operações sobre si mesmo, com a finalidade de transformar-se, para atingir um estado de felicidade, de perfeição, de liberdade. Nas palavras de Maciel Jr (2014, p. 2), “[...] podemos dizer que é a prática de si que resiste aos códigos e aos poderes, e que a relação consigo estará sempre se fazendo em qualquer momento da história.” Ainda, nas palavras do autor (2014, p. 7), “[...] a prática de si veio se configurar como eixo autônomo, introduzindo a ética como uma prática limitadora das estratégias de poder. É a prática da liberdade que ganha positividade, garantindo a possibilidade da constituição do novo em ruptura com as relações de poder.” Portanto, as práticas de si sempre se dão num ato de reação do sujeito ao que vivencia ou as relações de saber e de poder que circulam em nosso tempo.

Para Castro (2009), as *práticas de si* se referem às técnicas e aos exercícios que os indivíduos utilizam para agirem sobre si mesmos, buscando autoconhecimento, autorreflexão, transformação. Em outras palavras, tais práticas envolvem um conjunto de ações e reflexões que permitem que o sujeito defina suas “formas sujeitos” possíveis, performando comportamentos postos por normativas sociais, culturais etc. Tais práticas permitem que o sujeito constitua suas formas de ser; para isso, lança mão de ações que o convocam a agir, considerando dimensões éticas, morais e políticas.

Na linha que argumento neste subtítulo, as práticas de si se conectam com distintos conceitos fundamentais na obra de Michel Foucault, como, por exemplo, os de *subjetivação*, de *cuidado de si*, de *biopoder*, de *tecnologias do eu*, entre outros. Todos esses conceitos integram as discussões mobilizadas pelo filósofo, ao tematizarem o poder, a subjetivação e a governamentalidade. Apesar de serem fundamentais, não pretendo trazê-los todos para esta Tese, pois escapariam do meu foco. Nesta Tese, importa o conceito de *governamentalidade*

e, por desdobramento, os conceitos de *governamento* e de *subjetivação*. Friso, mesmo que eu não centre a discussão, na análise de meu material, nas práticas de governo, entender esse conceito foi definidor para a compreensão do conceito de práticas de si.

A governamentalidade é o cruzamento entre as práticas de subjetivação e as práticas de governo. As práticas de subjetivação são aquelas que permitem que os indivíduos se tornem sujeitos que se veem e se identificam de determinadas maneiras, respondendo ao que passa em seu tempo e espaço. Nesses processos, as práticas de si contam com distintas tecnologias do eu para poderem operar sobre os indivíduos, a fim de que exerçam sobre si o governo de suas condutas, de seus pensamentos e das suas formas de ser. As práticas de governo são as que visam à condução da conduta, seja pelos outros ou por si mesmo. Para Veiga-Neto (2005), governo se refere às práticas e às técnicas de condução das condutas dos indivíduos e das populações. É uma forma de poder exercido não somente pelas instituições estatais, mas também por meio de diversas práticas sociais e culturais, que constituem e definem constantemente o comportamento e a subjetividade. A soma de tais práticas permite que o sujeito se torne governável. Isso não quer dizer que ele seja alguém que não reage e que aceita tranquilamente o governo de outros. Muito pelo contrário, nesses processos, os sujeitos são ativos sobre si mesmos e, de diferentes maneiras, desejam ou permitem serem conduzidos, quando, sobre eles, é exercida uma relação de poder. Por poder, entendem-se as ações sobre as ações de sujeitos livres, o que quer dizer que a ação de governamentalidade implica exercícios de poder, pois parte da liberdade dos indivíduos, aceitar a condição de ser governado, assumindo para si formas distintas de ser.

Fazendo uma ponte com o que dizem os autores autistas sobre si mesmos e de como usam as técnicas que os transformam/modificam, entendo que, das tecnologias de si que circulam no meu material, a que se destaca é a escrita de si, seguida do aprendizado sobre si mesmo. Nos livros, os autores assumem a primeira pessoa ao falarem de si. Além disso, contam histórias de como se relacionam, o que sentem e o que os fez mudar, ao entenderem os próprios comportamentos. Para mim, o diagnóstico foi um dos grandes enunciados. Ser diagnosticado foi um divisor de águas para os sujeitos que se transformaram ao receberem “um nome”. Interessante destacar que não se trata de qualquer sujeito, mas de quem passou a se ver como neurodivergente e se apresentou como tal. Uma outra tecnologia presente é a continuidade do aprendizado sobre si. Eles confessam que o pensar e o ter conhecimento sobre si mudaram a vida, permitindo que fizessem contatos com outros semelhantes, iniciassem uma rede de amigos, conseguissem se desenvolver, trabalhar etc. Enfim, sigo explorando o que comecei aqui, na sequência do texto.

4.2 A ESCRITA COMO TECNOLOGIA DE EDUCAR A SI MESMO

No curso ministrado por Foucault no ano 1981, intitulado a *Hermenêutica do Sujeito*, o filósofo busca na antiguidade greco-romana e cristã, as práticas que integravam os processos de subjetivação. Para ele, a escrita de si é um tipo de exercício ético-político, que permite ao sujeito pensar a si próprio e exercitar sobre si uma prática de liberdade. Ao historicizar as práticas de subjetivação, apresenta a escrita de si como uma possibilidade de, ao escrever e refletir sobre si, constituir-se como um sujeito-autor de si mesmo.

Segundo Foucault (2004, p. 144),

[...] a escrita constitui uma etapa essencial no processo para o qual tende toda a *askêsis*: ou seja, a elaboração dos discursos recebidos e reconhecidos como verdadeiros em princípios racionais de ação. Como elemento de treinamento de si, a escrita tem, para utilizar uma expressão que se encontra em Plutarco, uma função etopoieítica: ela é a operadora da transformação da verdade em ethos.

Sem a pretensão de recuperar toda a teorização desenvolvida por Foucault para entender a emergência do gênero “escrita de si”, quero marcá-la como um ato político, pois trata-se de uma prática que, ao possibilitar o exercício da reflexão e da meditação, cria as condições de constituição de si daquele que se retoma ao escrever. Ragusa e Oliva (2020, p. 118), referindo-se à narrativa e à escrita de si argumentam:

Contextualizando as anotações monásticas como escritas de si, Foucault argumenta que esses discursos sobre si, após um longo percurso temporal, possibilitaram a emergência discursiva da noção de indivíduo na modernidade, caracterizando um modo de ser nos tempos modernos. O exercício de escrita na antiguidade indica uma "parada" sobre si próprio, mesmo sem estar sempre acompanhada do processo da reflexão filosófica, mas, a partir do uso da memória sobre experiências vividas e situações cotidianas.

Embora a escrita de si remeta a uma prática antiga, pode-se afirmar que ela foi ressignificada na Contemporaneidade. A escrita de si segue sendo uma prática de subjetivação, todavia, atravessada por discursos fortemente marcados pela racionalidade neoliberal. Isso significa que o capitalismo avançado adentrou nossa forma de vida, imprimindo em cada sujeito verdades que o mobilizam. Na mesma linha de Ragusa e Oliva (2020), Marín-Díaz (2015) também afirma que a escrita de si é uma prática antiga, ressignificada no presente e a define como sendo uma antropotécnica. Para Marín-Díaz

(2015), tal prática, junto a outras, tais como a meditação, a autocrítica e a autoajuda, são maneiras que os sujeitos buscam para serem bem-sucedidos e felizes, entre os circuitos do empreendedorismo, da competição, da performatividade, do consumo e da aprendizagem.

A escrita de si contemporânea produz distintos impactos interessantes para quem é do campo da educação e estuda as formas de nos tornamos sujeitos. Recorrendo novamente a Marín-Díaz (2015), alguns impactos observáveis são o autoconhecimento e a reflexão pessoal, a autogestão e a disciplina, a resiliência e o bem-estar mental, o consumo e a identidade, entre outras. No contexto da minha Tese, me vi provocada por Marín-Díaz (2015), que me fez perceber as narrativas de si presentes nos livros escritos pelos sujeitos autistas. Conforme amadurecia a minha leitura e ia entendendo que a escrita de si é uma prática de si, fui me dando conta de que nem todo o livro, nem todas as passagens de um livro escrito por sujeitos autistas se caracteriza como uma escrita de si. Porém, dentro deles, há passagens em que a reflexão sobre si ocupa as páginas. Escritas na primeira pessoa do singular, elas mostram uma intimidade, que, geralmente, não é evidenciada em autobiografias. O autoconhecimento — uma forma de se mostrarem para si mesmos e para aqueles que os leem — é um divisor de águas em sua vida. Dizem que conhecer a si mesmos permite que eles se conheçam, se protejam e se orientem mais rapidamente, pois se tornam frágeis quando vivem crises em público ou quando são pegos de surpresa por ações externas. Também confessam que, quando recebem um diagnóstico, sentem-se libertos de uma fase da vida em que se reconheciam diferentes, porém, sem denominação. Enfim, momentos íntimos de confissão escrita, geralmente, são seguidos por narrativas de resiliência. Não há fins tranquilos nos livros, pois eles se revelam autistas e viver nessa condição é assumir a luta como uma condição de domínio de si mesmo.

Conforme avanço nos estudos, percebo que pensar sobre como nos tornamos sujeitos não é uma tarefa fácil e, tampouco, trivial, principalmente, quando se trata de pessoas que desafiam o instituído e as instituições. Afinal, buscar respostas para conhecer como nos tornamos o que somos revela uma concepção de sujeito que não nasce com uma bagagem pré-determinada, mas ela se constitui nas experiências, em meio às práticas discursivas e não discursivas, ou seja, ele se constitui, entre outras, nas práticas distintas de subjetivação e de objetivação (Foucault, 1995). Tais práticas se inscrevem numa superfície/corpo (Foucault, 2014), que, no caso dos sujeitos autistas, devido à sua diferença radical, por exemplo, impacta a vida transformando-a intensamente.

Malabou (2014) nos desafia a pensar a diferença radical. Para ela, *diferença radical* é

um conceito que tensiona as noções tradicionais de sujeito ou o que o define a partir de uma essência e de uma identidade. A filósofa argumenta que a diferença não deve ser vista apenas como uma variação dentro de um mesmo sistema, mas, sim, como algo mais radical, cuja presença pode transformar a estrutura de um sistema. Tal conceito se relaciona com a noção de transformação de um *éthos*, ou seja, de transformação tanto do espaço e das relações quanto daqueles que experienciam a implacável presença da diferença.

Como mãe de autista, talvez eu entenda o que Malabou (2014) quis dizer com a ideia de diferença radical, articulada à *ontologia do acidente*. Para ela, um acidente é um evento traumático, que, devido ao seu impacto, transforma as coisas. Sou transformada pela experiência com meu filho e imagino que qualquer um que vive uma experiência como a minha, que, sendo mãe, não somente se transforma, mas o filho também se transforma. Interessante observar que tal transformação não é unilateral, ela modifica qualquer um. Isso significa que o que fazemos, como e com quem nos relacionamos traz mudanças, que vão constituindo formas de ser daqueles que se relacionam. Mas, o que age nessa transformação e como vamos nos fazendo sujeitos nesses processos? Como já foi dito, fazemo-nos sujeitos de muitas maneiras, entre elas, escrevendo e pensando sobre o que somos. Retomo a mim mesma a todo o momento. Da mesma forma, em cada livro que lia, via os autores usando a escrita para se narrarem de forma reflexiva. Dessa forma, se retomam, se entendem e se (in)excluem permanentemente, em todos os espaços.

A experiência vivida jamais pode ser fixada num corpo ou a uma materialidade neurológica que justifica as condições da existência do que convencionamos chamar de autismo, ou seja, essa materialidade é que marca a diversidade. Porém, as práticas que a nominam, a descrevem, a classificam e demarcam vidas são construções, a partir de convenções de normalidade. Tais convenções se dão por diferentes razões, mas o importante é entender que, se convencionamos ser normal a partir de um conjunto de razões, podemos usar outras razões para retomar e redefinir a convenção.

A normalidade está articulada a padrões comportamentais e a saberes sobre aqueles ditos (a)normais, ou seja, embora a normalidade seja escorregadia se a olharmos estatisticamente, na perspectiva do sujeito, ela pode ser determinante de sua posição social. Por exemplo, ser autista entre não autistas é uma anormalidade; porém, ser autista entre autistas é normal. Contudo, mesmo entre autistas, há formas de ser distintas, atravessadas por outras experiências. Isso quer dizer que não há uma essência autista, mas, com certeza, há algo de autista na experiência daquele que é autista.

Voltando à constituição do sujeito, mais especificamente para a subjetividade, é

importante frisar que ela é resultante de rotinas discursivas ativas e significativas para os sujeitos. O sujeito pode ser entendido como um efeito de práticas que o posicionam em tempos, espaços e redes particulares. Isso significa, entre outras coisas, dizer que as subjetividades são sempre processos em movimento, são formas vivas de ser. Conforme Rose (2011, p. 21), “é na e pela linguagem, e somente na e pela linguagem, que nós atribuímos a nós mesmos sensações corporais, intenções, emoções e todos os outros atributos psicológicos que têm, por tanto tempo, parecido preencher um espaço interior dado e natural do self.”

Na linha do argumento de Rose (2011) e de Lopes *et al.* (2023), inspirados em Foucault, o sujeito é um resultante ativo de experiências variadas. Por experiência, Rose (2011) entende uma correlação entre distintos saberes, normatividades e formas subjetivas, constituídas de práticas produzidas em uma dada cultura. Conforme já foi mencionado, entende-se por práticas um conjunto de ações e saberes, que, por meio de distintas técnicas, põem em movimento e dão significados aos sujeitos.

São muitas as práticas envolvidas nas formas distintas de *subjetivação*. De acordo com as palavras de Rose (2011, p. 43), “[...] se usamos o termo subjetivação para designar todos esses processos e práticas heterogêneas através dos quais seres humanos passam a se relacionar consigo mesmos e com outros como sujeitos de um certo tipo, então a subjetivação tem sua própria história”. Pensando nisso, os sujeitos autistas estão inscritos em um número de práticas que os fazem viver de distintas formas o autismo. São regimes de práticas distintos que as fazem ser uma forma de vida neurodiversa.

As formas de constituição dos sujeitos exigem pensar em *tecnologias* que tornam o indivíduo submisso a si mesmo e ao outro. Vale esclarecer que por *tecnologias* entendo os meios usados para a condução e para o governo das experiências de nós mesmos. Orientada pela leitura de Rose (2011), compreendo que nossas experiências são constituídas em meio a saberes e práticas que nos posicionam como sujeitos em determinados entrelaçamentos discursivos. Para o autor, nossa experiência é o resultado “de uma série de tecnologias humanas, tecnologias que tomam por objeto as maneiras de ser humano”. Portanto, o termo tecnologia se refere a conjuntos estruturados “por uma racionalidade prática governada por uma meta mais ou menos consciente”. Posto de outra maneira, trata-se de tecnologias humanas conformadas por distintos saberes que se hibridizam, “além de instrumentos, pessoas, sistemas de julgamento, construções e espaços, sustentados no nível pragmático por certos pressupostos e objetivos concernentes a tais seres humanos” (Rose, 2011, p. 45).

Entre as distintas tecnologias em cena nas práticas de subjetivação, presentes nas narrativas de si dos sujeitos autistas, estão as tecnologias disciplinares, as tecnologias

corretivas e diagnósticas, entre outras. Elas parecem ser fortes presenças nas idealizações e conformações dos sujeitos, num dado tempo histórico, para dadas sociedades ou grupos sociais.

No Grupo de Ensino e Pesquisa em Inclusão (GEPI/UNISINOS/CNPq), ao qual pertencço, Morgenstern (2016) buscou fazer a história das tecnologias de correção. Para ela, na contemporaneidade, tais tecnologias estão marcadas pela constante avaliação de si e pela capacidade de autoconhecimento e autocorreção. A autocorreção, cada vez mais por meio da educação e da escola, convoca e ensina os sujeitos a agirem sobre si mesmos. Tal ação culmina com a independência dos sujeitos daqueles que o acompanham e o educam. Quanto mais cedo os sujeitos mostrarem que são independentes, mais indicadores de sucesso eles atingem. Todavia, no caso dos sujeitos autistas, tais indicadores não são adequados para avalia-los, pois a demonstração de independência se confunde com o comportamento autista — que pode não permitir respostas imediatas aos estímulos recebidos. Assim, as inúmeras tecnologias do eu vistas em operação nos livros de autores autistas podem evidenciar o quão complexo é posicionar tais sujeitos em um tempo em que a normalidade se multiplica, mas, ao mesmo tempo, em que se torna mais necessário demonstrar ser normal. Concluindo, em meio a contradições, paradoxos e modos específicos de subjetivação de pessoas autistas, elas vão se constituindo sujeitos de maneiras particulares e que podem ser observadas entre as sutilezas da escrita de si feitas em primeira pessoa. Retomo, assim, o mote disparador do meu percurso conceitual: buscar entender como pessoas se tornam sujeitos dentro da experiência do autismo, utilizando para isso suas narrativas de si escritas em livros.

Desde o início do doutorado, quando comecei a entrar em contato com os Estudos Foucaultianos, conhecer e transitar por esse campo se constituía num desafio para mim. Tenho vivido uma experiência intensa de reflexões, de revisões de mim mesma como mãe, profissional, mulher e agora como estudante desse tema. Colocar as lentes foucaultianas e da neurodiversidade para focar os sujeitos autistas, bem como ter que me posicionar e debater, às vezes, diretamente com autores que leio têm me mostrado a potência do tema que estudo, bem como a minha própria potência. Ler e escrever podem ser tecnologias de empoderamento do sujeito. Nesse sentido, também se inscreve a potência da escrita em primeira pessoa, principalmente, da escrita que faz pensar a si mesmo. Embora possa parecer repetitivo, vale desdobrar um pouco mais a escrita como tecnologia de educar a si mesmo.

4.3 NEURODIVERSIDADE: LENTES DIVERGENTES PARA ENTENDER O AUTISMO

A escrita desta Tese tem sido um excelente exercício de reflexão sobre o autismo, mas,

muito mais, uma reflexão sobre mim mesma. Também tem sido uma forma de colocar “em ordem” os conhecimentos desenvolvidos aos longos dos últimos quatro anos. Talvez eu seja repetitiva em alguns momentos, todavia, essa é uma estratégia que me permite dominar e colocar em uso o que leio.

Aquino (2011) faz pensar sobre a natureza transformadora da escrita. Nas palavras do

Escrever consistiria, assim, numa experiência de transformação do que se pensa e, acima de tudo, do que se é, uma experiência avessa, ademais, a qualquer apelo comunicativo ou normativo. Em última instância, apenas superfície de inscrição de uma vida: seus reveses, suas circunvoluções, seu inacabamento compulsório (Aquino, 2011, p. 648).

Como uma prática que permite a introspecção e a autoidentificação, a escrita se mostra transformadora. Escrever é mais do que comunicar, ela pode ser um processo profundo e complexo de transformação pessoal. Afinal, trata-se de uma prática que permite alterar o que se pensa e o que “se é”.

Meu material de pesquisa mescla dois tipos de escrita, a escrita produzida para os outros e a escrita de si, produzida pelo autor para si mesmo. Com ambos os tipos tenho aprendido muito e tenho sido provocada a pensar de outras formas que não aquelas que eu já havia dominado na posição de mãe e de atuante no movimento do autismo. Porém, quando me deparo com a escrita de si de algum de meus autores, percebo o potencial transformador da escrita de si pensada como ferramenta de subjetivação.

Como já explicitiei, a escrita é a grande tecnologia utilizada para capturar o que e como os sujeitos operam sobre si mesmos. Foram um achado os livros que analisei, pois seria bastante difícil acessar os conteúdos que obtive, numa conversa direta com autistas. Porém, ao usar a escrita, apesar de saber que ela poderá conter atravessamentos de outros sujeitos não autistas, acredito na presença do autor no que li. Talvez, se insistisse diretamente na produção de narrativas de si de pessoas autistas geraria desconforto e até sofrimento para tais sujeitos. Afinal, nos livros, todos trazem dificuldades e muito sofrimento ao se relacionarem com o outro. Assim, utilizei a escrita registrada em livros, para buscar pistas que me permitissem conhecer mais as pessoas autistas, bem como, perceber como elas são conduzidas a se verem e a se narrarem de determinadas maneiras. Por meio dela, mais do que registrar pensamentos, construir histórias e comunicar, as pessoas têm a chance de mostrar a sua potência para si mesmas. A escrita lhes permite, num processo ativo e tenso, organizar-se a si mesmas, escolhendo o que querem compartilhar e o que (não) querem preservar de si mesmas.

Conforme Schuler (2016), a escrita de si não é apenas uma forma de autoexpressão,

ela é também um exercício de pensamento e de transformação pessoal, capaz de fazer o sujeito criar a si mesmo. A autora argumenta que a escrita de si pode nos ajudar a entender modos de existência contemporâneos. Ela segue argumentando que a escrita de si, na escola, mostra como tal maquinaria se serve da referida tecnologia para educar os sujeitos de determinadas formas. Embora, em minha Tese, eu não parta das narrativas sobre si na escola, percebi que a referida instituição é citada com frequência nos livros. Os autores autistas relacionam a escola a experiências desafiadoras, difíceis e de isolamento em grupo. Sofrimentos e superações são narrados no ambiente escolar, reproduzindo histórias de superação típicas de discursos capacitistas. Em meio a tais escritos, rompendo talvez o lugar da “incapacidade”, emerge o mascaramento, como forma de burlar o outro e de sofrer menos com sua reação de aversão. Emerge, também, o diagnóstico como forma de poder dizer o que se é. Ou seja, a escrita de si tem o poder de colocar em tensão permanente as condições de ser o que se é, mesmo quando ela não é idealizada para esse fim. Tal fato me faz recordar dos escritos de Gallo (2020), ao destacar que a prática da escrita de si também é uma maneira de resistir às formas de poder e de controle social. Por meio dela, o sujeito se torna um artesão de si mesmo. Por acreditar na potência da artesanaria e no seu caráter formador, investi na busca de escritos de si em meus materiais.

Resumindo, entendo que a escrita é uma prática que pode (trans)formar o sujeito. Não me refiro a qualquer escrita, mas a que permite a quem escreve pensar a si mesmo, sendo conduzido no seu cotidiano por tal prática, no sentido de ouvir-se, de ler-se, num movimento de reflexão e de recriação permanente de si. Conhecer ou dar-se conta do que faz ser de determinadas maneiras permite lutar por outras formas de domínios. Dito de outra maneira, pela escrita de si ou por uma escrita que permite a flexibilidade, os sujeitos podem relacionar-se com normas, valores, saberes e consigo mesmos de outras maneiras, deixando evidente seu caráter ativo sobre si ²¹⁷ (Nogueira-Ramirez, 2011). Igualmente, por meio dela, é possível perceber outras tecnologias postas em ação pelo sujeito para viver o acontecimento que lhe impõe certas formas de estar e de se relacionar no mundo em que vive.

Para Sibília (2016), a escrita não é simplesmente a expressão de um sujeito já posto ou

¹⁷ Nogueira-Ramirez (2011), em seu livro sobre governamentalidade e aprendizagem, desenvolve a noção de sujeito ativo. Tal noção é importante, porque deixa evidente a dimensão do poder presente na relação do ser consigo. Na obra foucaultiana, nos anos de 1980, o filósofo retoma a discussão do sujeito e enfatiza sua capacidade de agir sobre si mesmo, ou seja, não se trata de pensar o sujeito a partir de uma relação de sujeição ao outro, mas também em relação a si mesmo, pois interessa o que o sujeito faz consigo mesmo na relação com o que é dito sobre ele. Nesse sentido, entendo o sujeito na relação produtiva com a escrita de si mesmo. Através dela, ele é capaz de refletir e retomar-se, inclusive, nas posições de sujeito vividas e assumidas por ele mesmo até o momento.

formado, tampouco, um meio de apagamento de uma identidade individual. Diferentemente, a escrita desempenha um papel ativo na constituição de si. Nas palavras da autora:

A escrita em questão não viria a reboque de um sujeito preexistente, mas tampouco seria o lugar de seu puro apagamento; ela trabalharia na formação mesma do Eu, expondo a subjetividade e a escritura como processos em construção (Sibilia, 2016, p. 126).

A ideia de processos de construção me chama a atenção, pois esse é o caráter da dinâmica da escrita de si. Ao longo de um mesmo livro, encontro passagens de escritas de si, em primeira pessoa, que mostram uma constante mudança de si. As muitas articulações de experiências produzidas pelos sujeitos complexificam o exercício de pensar sobre si. Conforme Kaspar (2020), a escrita possibilita o engajamento e o pensamento ativo. Um tipo de pensamento vivo e sem limites, pois, mesmo sem estar escrevendo, quem escreve é atravessado e constituído pela prática da escrita. Portanto, a escrita é muito mais do que o texto escrito; é uma tecnologia de formação, de condução e de governo de si mesmo, em meio a um emaranhado de experiências discursivas e não discursivas.

Sibilia (2016) também nos permite entender que, ao escrever sobre si, o sujeito se coloca numa vitrine. Ficar à mostra, ser notado é uma necessidade do nosso tempo, para colocar suas questões em evidência. É preciso causar impacto, chamar a atenção, mesmo que a transparência e a espontaneidade para ser tão transparente assim seja o preço para conseguir ser visto e ouvido como sujeito que reivindica o reconhecimento de sua identidade.

Escrever seus pensamentos é uma maneira de o sujeito autista registrar experiências que modificam sua relação consigo mesmo e que podem constituir uma forma estética de ver a si mesmo, suas relações com outros, nos diferentes espaços. A escrita autobiográfica, por exemplo, deixa de ser apenas uma prática de autorrepresentação para tornar-se um campo de forças, onde o sujeito se experimenta, se reinventa, se expõe e também se esconde.

A escrita não apenas constrói o sujeito, mas o coloca em confronto com normas, expectativas e modelos sociais de identidade. Ao escrever sobre si, o sujeito se vê interpelado por discursos hegemônicos que tentam fixá-lo em determinadas. A ideia de que “a escrita possibilita o engajamento e o pensamento ativo” remete ao entendimento da escrita não como mero registro passivo, mas como uma atividade intelectual criadora, que mobiliza o pensamento, reorganiza ideias e produz sentido no próprio ato de escrever. Essa concepção se opõe à noção instrumental da escrita (como simples técnica de comunicação), propondo-a como processo de subjetivação, onde o sujeito pensa com a linguagem, pensa através da linguagem. o pensamento é essa atividade contínua, ativa e responsiva — e na escrita, esse pensamento se torna visível, tensionado,

atravessado por outros discursos. a ideia de escrita como prática formativa contínua, algo que não se esgota no ato de redigir, mas que molda o modo de pensar, sentir e existir. Práticas de si, por meio das quais os sujeitos se formam, se cuidam, se conduzem. A escrita, nesse contexto, é mais do que uma ferramenta — é uma prática de si, um modo de construir e refletir sobre a própria experiência. Na prática da escrita como um modo de educar-se, ponho-me a pensar sobre por quais caminhos tal fenômeno pode ser percebido em minha pesquisa. Dou-me conta de que perceber-se dentro deste mundo permite a experiência da in/exclusão, não somente à inclusão como dispositivo de Estado, mas me refiro a um uso mais amplo, de simplesmente estar em uma sociedade e viver as tensões que a constituem.

¹⁷ Noguera-Ramirez (2011), em seu livro sobre governamentalidade e aprendizagem, desenvolve a noção de sujeito ativo. Tal noção é importante, porque deixa evidente a dimensão do poder presente na relação do ser consigo. Na obra foucaultiana, nos anos de 1980, o filósofo retoma a discussão do sujeito e enfatiza sua capacidade de agir sobre si mesmo, ou seja, não se trata de pensar o sujeito a partir de uma relação de sujeição ao outro, mas também em relação a si mesmo, pois interessa o que o sujeito faz consigo mesmo na relação com o que é dito sobre ele. Nesse sentido, entendo o sujeito na relação produtiva com a escrita de si mesmo. Através dela, ele é capaz de refletir e retomar-se, inclusive, nas posições de sujeito vividas e assumidas por ele mesmo até o momento.

Na minha pesquisa, o foco é o autista que consegue expressar-se através da linguagem escrita. Tenho ciência de que muitos sujeitos autistas são excluídos de compartilhar suas perspectivas, especificamente, os que são minimamente verbais ou com menor funcionamento intelectual. Os desafios para fazer emergir suas vozes são imensos. No entanto, ao ler os que conseguem se expressar, mesmo que com ajuda de outros, pistas são dadas sobre ser de outras formas. Formas que não vão apagar o autismo, mas podem educar para uma vida mais compreendida, embora seja impactante a radicalidade de sua expressão. Enfim, a escrita de si permite pistas para o entendimento da diferença, como bem expressa Foucault (1992, p. 150): “Escrever é, pois, ‘mostrar-se’, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro”. Dentre as práticas filosóficas realizadas, inclusive pelos gregos e romanos, para o cuidado de si, está a “escrita de si”, enquanto uma “tecnologia de si”, de que os sujeitos históricos dispõem como possibilidade de ascense – “adestramento de si por si mesmo” (Foucault, 2004, p. 144). O filósofo diz que a escrita de si suaviza os perigos da solidão, pois permite uma nova forma de ver o que foi visto ou pensado.

Klinger (2012, p. 24-25), busca entender a função da escrita, citando a correspondência, que, mesmo sendo endereçada a outra pessoa, permite ao autor um exercício pessoal, à medida que proporciona uma espécie de treino para as futuras situações, já que ela pode ser escrita para ajudar ou aconselhar o destinatário. Ela acredita que os cadernos de

anotações e as correspondências apresentados por Foucault, de origem grega, mostram que os gregos viam nas escritas de si a arte de viver, uma vez que elas mostrariam o cuidado do indivíduo consigo mesmo. A escrita de si, então, se constitui como uma narrativa em primeira pessoa em que o autor é o narrador e cujas experiências, reais ou ficcionais, são relatadas como sendo uma representação de si e da realidade (Batista; Oliveira, 2017). A escrita de si, então, não é uma construção de um sujeito acabado, um sujeito preexistente, é uma escrita que vai dando forma à formação da mescla entre subjetividade e escritura, como processos em construção. A escrita de si organiza e dá condições para a existência. O uso da linguagem escrita materializa as narrativas, os acontecimentos ocorridos na singularidade.

Escrever é uma forma gentil e corajosa de encarar e conhecer questões profundamente íntimas, que podem ser uma partilha educativa para outros que vivem experiências semelhantes. Blanchot (2005), no texto “O diário íntimo e a narrativa”, discorre sobre as características e o processo de construção da narrativa em diários. Para o autor, ela apresenta alto grau de liberdade em relação ao que se vai escrever, uma vez que o autor é quem escolhe o que é narrado, abrangendo sonhos, pensamentos, ficções, acontecimentos (importantes ou não). O essencial nesta escrita, conforme o pesquisador, seria a sinceridade, na medida em que “ninguém deve ser mais sincero do que o autor de um diário. A sinceridade é a transparência que lhe permite não lançar sombras sobre a existência confinada de cada dia, à qual ele limita o cuidado da escrita” (Blanchot, 2005, p. 271).

A ilusão de escrever, e por vezes de viver, que ele [o diário] dá, o pequeno recurso contra a solidão que ele garante [...], a ambição de eternizar os belos momentos e mesmo de fazer da vida toda um bloco sólido que se pode abraçar com firmeza, enfim a esperança de, unindo a insignificância da vida com a inexistência da obra, elevar a vida nula à bela surpresa da arte, e a arte informe à verdade única da vida, o entrelaçamento de todos esses motivos faz do diário uma empresa de salvação: escreve-se para salvar a escrita, para salvar sua vida pela escrita, para salvar seu pequeno eu (as desforras que se tiram contra os outros, as maldades que se destilam) ou para salvar seu grande eu, dando-lhe um pouco de ar, e então se escreve para não se perder na pobreza dos dias ou [...] para não se perder naquela prova que é a arte, que é a exigência sem limite da arte (Blanchot, 2005, p. 274).

Colocar as vozes dos especialistas de lado é uma das consequências de ter acesso às escritas de autistas. O sujeito fragmentado da contemporaneidade faz uso da escrita para tentar colocar sentido e registrar experiências próprias cotidianas. Pessoas autistas assumem posições diferentes, plurais, como estudantes, trabalhadores, filhos, em diferentes momentos, em diferentes posições e condições da sociedade, pois também são habitantes da

contemporaneidade, tendo a necessidade de atuarem em diferentes campos, para conseguirem sobreviver ao caos social. Uma única pessoa não consegue totalizar em palavras o que é ser autista. Mesmo colocando-nos na perspectiva do eu, do eu como perspectiva da experiência humana, algo sempre nos escapa. Ainda assim, acredito que quanto mais pessoas autistas escreverem sobre si, mais possibilidades teremos de educação como um princípio político para a vida com o outro, com qualquer outro.

Quando eu comecei este projeto, minha mãe já tinha escrito um livro sobre minha vida e eu tinha sido o coautor dela em outro livro. E então eu pensei: se ela escreveu sobre minha vida, por que eu não posso escrever sobre minha mente, ou seja, como eu penso e vejo as coisas, e minha mãe ser minha coautora? Então, eu decidi começar essa jornada,

pensando em tudo o que aconteceu na minha vida e relatar num livro o que se passa na minha cabeça. Bem, eu tinha uma história que autista tinha um mundo próprio. Ok, eu sou autista, porém aprendi a viver em dois mundos: o mundo das pessoas neurotípicas e o mundo das pessoas autistas. Mas espera pessoal: quando eu falo “em dois mundos” estou falando do modo de vida, e não de um globo azul que é a terra (Brito, 2017, p. 15).

O livro de Brito (2017) integra meu conjunto de livros escritos por autistas. Em seu livro, “Tudo que posso ser”, Nicolas, com 25 anos, relata que apresentou características típicas de autismo, antes de um ano de idade, identificadas por sua mãe, Anita Brito. Seus pais procuraram vários médicos e profissionais ao longo de anos, mas não chegaram a uma conclusão. Há mais de 10 anos, Nicolas tornou-se uma das principais figuras autistas do Brasil, escrevendo livros e promovendo palestras. Desde 2019, Nicolas Brito é fotógrafo e colunista da Revista Autismo. Seu trabalho já atingiu quase dois milhões de pessoas. Em 2014, foi coautor do livro “TEA e inclusão escolar – um sonho mais que possível”. Em 2017, lançou seu próprio livro, “Tudo o que eu posso ser”. Também foi premiado como melhor fotógrafo no ArtBrazil, em 2017, nos Estados Unidos.

Em 2019, Nicolas lança seu primeiro livro infantil, “Ivana e a cura para o preconceito”. No livro, ele diz que quando compartilha suas histórias com o mundo, educa o mundo e compartilha seu conhecimento e suas experiências. Essa educação que oferecemos ajuda o mundo a atender melhor vidas dentro da neurodiversidade. Escritas de pessoas autistas podem ser uma ferramenta educativa para os pais entenderem melhor seus filhos, para as escolas conhecerem diferentes pontos de vista, sobre diferentes vidas autistas, considerando que seus alunos são marcados por diferentes condições e situações de vida social e pessoal, para além do autismo. As escritas de autistas também podem ser uma fonte de informações e

de conhecimento para melhorar políticas públicas e ajustar ações e projetos de organizações. Compartilhar essas escritas deixa um legado para as gerações futuras, tanto para autistas quanto para pessoas que desejam conhecer outros autistas, outros modos de vida possíveis, conhecendo suas histórias, suas lutas, as lutas do nosso tempo, através das escritas dos autistas.

Desse modo, as narrativas escritas em livros por autistas, ao serem compartilhadas, lidas em diferentes lugares do mundo, não são apelos emotivos, mas existe uma potência de criar conexões, causar efeitos inesperados, pois esses escritores narram experiências de autistas que trilharam caminhos diversos até conseguirem acessar pistas, respostas para a vida. Ao publicarem suas escritas de vida, fabricam uma tecnologia de registro, são propagadores de boas notícias, de notícias não trágicas, mas que promovem a esperança e mobilizam outros autistas, que ainda estão à procura por saber de si.

4.4 O QUE ESCRITORES AUTISTA DIZEM EM SUAS NARRATIVAS?

Narrativas autistas mostram como as verdades que os constituem podem gerar fissuras nas concepções de normalidade que nos orientam e conduzem (Botha; Gillespie; Lynch, 2022). A versão do autismo como deficiência, problema, anormalidade é o que define os olhares da maior parte das pessoas que se aproximam de pessoas autistas. Potanto, buscar narrativas de si e não sobre eles (autistas) é uma tentativa de trazer uma outra dimensão para o debate. Refiro-me à dimensão do indivíduo que vive e expressa em cada gesto a diferença radical, que também o define como um neurodivergente.

Quando argumento em defesa da neurodivergência, não quero banalizar o autismo, tampouco, cair no senso comum e repetir que “ser diferente é normal”. A normalidade é uma invenção clínica e estatística. Há pouco tempo, mais especificamente, no final dos anos 1990, Hacking (2009), ao trazer a obesidade com um problema de saúde pública, dizia que o autismo era um problema diferente, pois não gerava números, nem estatísticas que chamassem a atenção. No entanto, trata-se de uma realidade em acelerada mudança, pois, cada vez mais, proliferam os diagnósticos, multiplicando o que era considerado ocorrência rara. Nesse contexto, os autistas passaram a chamar atenção e exigem políticas específicas, que atendam suas necessidades. Em outras palavras, os autistas reivindicam outras condições de vida e de participação social, que não sejam as pautadas por uma lógica universal de normalidade clínica. Aliás, a categoria autista ou do transtorno do espectro autista é, no mínimo, polêmica, pois trata-se de um grupo heterogêneo que necessita e exige condições diferenciadas para estar no mundo e se relacionar. Por isso, friso que denomino

autistas aqueles cujos livros foram lidos, fichados e, posteriormente, analisados os excertos destacados. Não falo por todos, mas pelos que, sem dúvida, representam parte do que denomino, a partir deles, de autistas.

Assumo uma posição de respeito pelo que dizem as narrativas dos autistas que escrevem sobre si mesmos, para que não prevaleça o que eu desejo falar. De muitas maneiras eles falaram coisas, que me arrancaram risos, esperanças e lágrimas. Afinal, em cada página de seus livros, eles narraram partes escolhidas de suas vidas, ou seja, as experiências estavam ali, misturadas, sem uma cronologia muito definida. Para poder recortar excertos escritos em primeira pessoa e montar as unidades analíticas, precisei colocar alguma ordem. Foi um desafio colocar em evidência as experiências mais íntimas que eles decidiram compartilhar, mostrando o que viveram, sentiram, pensaram durante e após o vivido e como foram aprendendo, resistindo e reagindo ao vivido. Afinal, as lutas não podem ser apagadas. Não me refiro somente a lutas externas, as quais, em grande parte, provavelmente já conhecemos. Refiro-me às lutas travadas do ser consigo mesmo, as que, às vezes, os fazem questionar a validade da própria vida. Quando dizem que, pela escrita, construíram uma passagem de fuga, uma pequena ruela que permitia deixar de sentir tanta dor, que amenizava a solidão, as dúvidas e o medo, me convenço de que a escrita é uma tecnologia do eu potente para quem dela pode usufruir.

O ato de narrar-se é uma prática perigosa e necessária para quem não deseja permanecer o mesmo. A consequência para quem perdeu o medo de se conhecer é, de modo voluntário, revelar-se publicamente. Dar-me conta disso, por vezes, me fez correr atrás de “dar conta” das singularidades dos autores que li. No entanto, logo percebi que essa é uma luta inglória, embora bastante sedutora.

Pequenas revoluções individuais diárias provocam pequenos tremores e algumas coisas não permanecem no mesmo lugar, em tempos diferentes. Narrativas atravessadas por discursos que caracterizam a experiência autista como a de doentes, de coitadinhos, de abandonados, de rejeitados, de anormais etc., não podem prevalecer ao lado da palavra autismo. Somos sabedores da força dos discursos capacitistas¹⁸, inclusive, na constituição do olhar do próprio sujeito sobre si mesmo; porém, é preciso produzir novas narrativas e conhecimentos que resistam aos discursos até então dominantes. Entre os discursos dominantes, recorrentes nos livros lidos, está o do isolamento. A ideia torta de isolamento ou do desejo de permanecer em estado de solidão é uma generalização perigosa, não somente para o autista em si, mas também, para quem se coloca no lugar da normalidade. Afinal, a pretensão da homogeneidade e da normalidade confere uma falsa tranquilidade da

vida em comunidade/sociedade. Para os autistas que li, a solidão, o afastamento social sempre foram razão de tristeza, por se sentirem sem pares, como se fossem desconhecidos. Nas palavras de Robison (2008), pude entender os sentimentos de tristeza que muitos sentiam por viverem com medo de terem crises ou por não terem tido amigos durante boa parte da vida.

¹⁸ As pessoas com deficiências lidam com experiências de diferentes tipos de violências - violência que é epistêmica, psíquica, ontológica e física (Campbell, 2008, p. 13). Assim, o olhar de pena, uma pergunta invasiva, uma tentativa de elogio ou até um ditado popular estão entre as muitas maneiras em que o preconceito contra pessoas com deficiência se manifesta no dia a dia. O capacitismo diz respeito a uma rede de crenças, processos e práticas em que corpos com características diferenciadas daqueles considerados normais são marginalizados, pois a deficiência é apresentada como um estado diminuído do ser humano. O capacitismo é expresso por meio de atitudes intencionais ou não, internalizadas pela sociedade. Muitas vezes insultuosas, O capacitismo, termo originário do vocábulo americano *ableism*, diz respeito à concepção de que somente o corpo “perfeito” é considerado “normal” e que os outros corpos, em virtude das suas particularidades, são classificados como deficientes. Estudos indicam que o termo, associado ao movimento pelos direitos das pessoas com deficiência e dos movimentos feministas, ganhou notoriedade nos Estados Unidos nas décadas de 1970 e 1980.

Nas suas palavras, é possível perceber uma encruzilhada¹⁹ de situações, vivências e sentimentos de exclusão, principalmente no período da adolescência, fase em que qualquer um pode sentir timidez, devido às muitas tensões vividas. Nesse sentido, ele se manifesta com as seguintes palavras:

Ninguém que me observasse há trinta anos poderia prever que eu adquirisse as habilidades sociais que tenho atualmente, ou mesmo ser capaz de descrever as emoções, pensamentos e sentimentos que descrevo neste livro. Nem eu mesmo poderia prever isto. Tem sido uma boa troca. Ser um gênio criativo nunca me ajudou a fazer amigos, e certamente não me fez feliz. Minha vida, hoje, é incomensuravelmente feliz, mais rica e completa, como resultado do contínuo desenvolvimento de meu cérebro. Mesmo aos dezesseis anos de idade, teria sido fácil deixar de lidar com seres humanos e me mudar para o mundo dentro de minha própria mente. Olhando para trás, vejo um caminho que poderia ter me levado a algum lugar distante, talvez ao autismo, talvez para o local onde vivem os savants, que podem multiplicar números de dez dígitos em suas mentes. Afinal, eu me dava bem com os meus circuitos, e eles nunca me ridicularizavam. Eles me traziam problemas difíceis de resolver, mas nunca jogaram sujo. Como um adulto funcional com Síndrome de Asperger, uma coisa me preocupa profundamente sobre aquelas crianças que escolheram a segunda porta. Muitas descrições do autismo e asperger descrevem pessoas como eu como “não querendo contato com outras pessoas” ou “optando por brincar sozinho” Eu não posso falar em nome de outras crianças, mas gostaria de ser muito claro sobre meus sentimentos: Eu nunca quis ficar sozinho. E todos aqueles psicólogos infantis que disseram “*John prefere brincar sozinho*” estavam completamente

errados. Eu brincava sozinho porque não conseguia brincar com outras crianças. Eu estava sozinho como resultado das minhas próprias

¹⁹ Um conjunto crescente de evidências demonstrou a importância dos quadros interseccionais para destacar as diversas experiências das comunidades marginalizadas. Muitos pesquisadores de estudos sobre deficiência investigaram a interseccionalidade para elucidar o impacto da raça, gênero, sexualidade, classe e outros construtos na identificação da deficiência. Dentro dos estudos críticos do autismo, um campo que surgiu para desafiar os discursos patologizantes e carregados de déficits do autismo, favorecidos pela comunidade médica, a interseccionalidade começou a se tornar um componente integral da literatura. Alguns autores não utilizam a palavra “interseccionalidade” para falar sobre suas pesquisas, mas ainda utilizam ideias semelhantes. Por exemplo, às vezes os autores analisavam como é ser uma mulher autista. Interseccionalidade fala sobre duas ou mais influências sociais diferentes (autismo e gênero). A estrutura da interseccionalidade tem sido usada em uma série de disciplinas, incluindo saúde pública, estudos de gênero, serviço social, estudos de mídia e antropologia. Os sociólogos também usaram esta estrutura conceitual para investigar vários eixos de desigualdade. No entanto, alguns autores não escreveram diretamente que era interseccional. (Van Daalen; Mallipeddi, 2022).

limitações, e estar sozinho foi uma das mais amargas decepções da minha vida, quando criança. A dor aguda daqueles primeiros fracassos me seguiu durante a idade adulta, mesmo depois que eu aprendi sobre Asperger (Robison 2008, p.162-163).

A narrativa acima foi extraída do livro “Olhe nos meus olhos”, no qual, Robison (2008) escreve sobre sua vida com síndrome de asperger —, nomenclatura antiga para “autismo leve”. O autor, ao identificar-se/nomear-se ora como autista e ora como asperger, narra como se sentia, por não conseguir enturmar-se com outras crianças e jovens. Seu desejo era viver e compartilhar descobertas, brincadeiras etc., mas havia limites que barravam seus avanços pessoais, limites sobre os quais não exercia domínio, apenas os vivia na pior posição, qual seja, a de anormal e de estranho. Tinha ciência de que era visto como esquisito e até perigoso, pois o desconhecimento sobre o assunto, até a primeira década do século XXI, era imenso. Ao longo das páginas do livro, o autor vai desfiando fatos da infância, da convivência com pais problemáticos e da dificuldade em se ver perdido em meio a diagnósticos que nunca davam conta de abarcar seus anseios e limitações. Ele foi diagnosticado com Asperger aos 40 anos. Com uma sinceridade extrema explica as inúmeras vezes que sua família o levou a psiquiatras, na tentativa de descobrir qual era o “seu problema”, mas os diagnósticos errados pioravam ainda mais sua situação. Nascido em 1957, nos Estados Unidos, o autor também narra suas experiências de escola. O lamento é uma constante em suas narrativas, bem como, o mal-estar por estar no mundo junto a outros que não conseguiam traduzir seu problema. Há dor em suas narrativas, pois, em diferentes momentos, era levado a se convencer de sua estranheza perigosa. Assim como Robison (2008), Costa (2019), Camargo (2012) e Grandin (2012) também compartilham sentimentos semelhantes, conforme transcrito na sequência:

Fiquei desatencioso. Eu era rude. Eu era inteligente e criativo, sim, mas era um desajustado. Fiquei profundamente enjoado de todas as críticas. Eu estava enjoado da vida. Literalmente. Acabei tendo ataques de asma, que me levaram para a sala de emergência praticamente todos os meses. Eu odiava ter que levantar e enfrentar mais um dia de trabalho. Eu sabia o que precisava ser feito. Eu precisava parar de me obrigar a fazer parte de algo que, tinha certeza, nunca seria para mim. Uma grande empresa. Um grupo. Uma equipe. Quando eu tinha cinco anos, eu queria, sim, mais do que qualquer outra coisa na vida, fazer parte de um time. Mas nunca ninguém me escolheu para nada. Talvez essas rejeições ainda estivessem comigo, vinte anos depois (Robison, 2008, p. 158).

Robison (2008), no livro “Olhe nos meus olhos”, construiu uma narrativa densa e profunda, expressando como se sentia ao viver sem saber por que era diferente de outros meninos de sua idade, nos anos 70, quando o autismo ainda não era um tema tão debatido. Sua família não compreendia seu modo de ser, pois o pai era negligente e abusivo, enquanto a mãe, com problemas de saúde mental, tinha dificuldades de se relacionar com outras pessoas além de seus familiares. A certa altura da vida, ele parou de ir à escola e passou a ter fascínio por eletrônica e engenharia de som. Sentimos em cada palavra do autor o tormento que é viver sem saber que é autista. Ele viveu grande parte da vida sentindo-se perdido, até saber, de fato, o seu real diagnóstico.

Dentro da escola ou de casa, ou em qualquer lugar, a maioria das recordações que tenho são negativas. A adolescência começou e terminou sem que eu tivesse vivido uma relação sexual, eu me sentia inferior, da mesma forma que não vivi um namoro. É aterrorizante saber que, inclusive, há pais que esterilizam ou pretendem esterilizar os próprios filhos autistas, como forma de não lhes conferir direitos reprodutivos. O bullying me privou de ser participativo nas aulas de Educação Física a partir da sexta série (Costa, 2019, p. 47).

As expressões da sexualidade de pessoas autistas são diversas e demandam uma estrutura de apoio, um ambiente de confiança, considere desejos e dificuldades singulares de cada vida. Sem essas redes de apoio e segurança, acontecem episódios de constrangimento e de incompreensões.

Para procurar fugir da angústia, da depressão, do peso de encarar a realidade de isolamento e carência afetiva/sexual, eu me enfurnava na internet, colecionando animes sem parar e baixando episódios inteiros de desenhos animados japoneses, os quais eu assistia. Espelhava todo esse panorama emocional principalmente o simbolismo do gesto de eu ter forrado todas as paredes do meu quarto, do chão ao teto, e as janelas também, com imagens de ânimes muito sensuais mensagens convidativas ao amor e ao sexo, que eu mesmo escrevia antes de imprimir. Como se as mulheres personagens desses desenhos animados, dezenas e dezenas delas, fossem minhas namoradas e amantes, muitas "afirmando" que me amavam ou que precisavam de mim. O que na verdade havia por detrás desse simbolismo era um significado desesperado e profundamente carente para não falar depressivo de "Alguém me ame, pelo amor de Deus!" (Camargo, 2012, p. 47).

Camargo (2012) costuma publicar seus desenhos de ânimes na sua página de *facebook*. Ele diz que é um mecanismo para aplacar a solidão e trazer de volta à memória, lembranças de sua adolescência. O autor diz que já foi casado, mas que hoje vive só, com sua gata de estimação, na cidade de São Paulo. Os relacionamentos afetivos e românticos são narrados com lamento e dificuldade. Ele diz que chegou a cursar três faculdades, mas não terminou nenhuma. Foi aprovado em estatística na UFSCar e cursou biologia e tradução de inglês, numa faculdade particular de Ribeirão Preto. Relata ter uma única frustração: sente não ser pai. Como é divorciado e não tem filhos, seu maior sonho é adotar uma garotinha.

Ao buscar, dentro de suas limitações e alienações, reconstituir-se por meio de imagens e práticas culturais que lhes são acessíveis, mas que também refletem o desejo de conformidade e reconhecimento. Ao criar esse "mundo interior" de imagens e narrativas, Camargo busca, inconscientemente, um espaço de resistência à normatividade social — um território onde o afeto é oferecido sem as imposições do mundo exterior. Porém, essa construção de um universo paralelo também evidencia o isolamento social e a dificuldade de tradução dos sentimentos em formas mais aceitas de expressão. A frase “Alguém me ame, pelo amor de Deus!” Mostra uma carga emocional e existencial que ecoa a desesperança e o desespero de quem se sente invisível ou rejeitado pelas normas sociais. Ela remete à busca de uma identidade afetiva e relacional, e ao mesmo tempo ao fracasso dessa busca, pois está enraizada em um simbolismo que, ao invés de conduzir ao encontro real com o outro, coloca o sujeito cada vez mais distante da experiência concreta da interação emocional e afetiva.

Talvez por ter sido tão infeliz. Só me lembro de fragmentos desse período da minha vida. Quando abro uma fresta da porta das minhas memórias, sinto-me bombardeada por impressões negativas. Uma sensação de isolamento me envolve. Minha boca fica seca e fico querendo fugir para meu mundo interior, onde não sou assolada por memórias de corredores ruidosos repletos de alunas, nem sinto a rejeição cruel das colegas ou as atitudes negativas dos professores. Como é típico nos autistas, não enfrentei a mudança com muita facilidade. [...] Mas não foram as piadas, nem as peças, nem as notas baixas e nem ser diferente o motivo de eu ter sido finalmente expulsa da Cherry Hill Girls Scholl, ao cabo de dois anos e meio. Foram meus ataques de raiva. Sempre que as meninas implicavam comigo, eu reagia batendo nelas. Fui avisada de que esse modo de agir não era aceitável. Ainda assim, quando Mary Lurie, uma das meninas da minha turma, passou por mim no corredor, a caminho da aula de música, virou-se e olhou para mim, e, empinando o nariz e franzindo os lábios numa expressão de desprezo, cuspiu: "Retardada! Você não passa de uma retardada!". Bem, a raiva, quente e rápida, tomou conta de mim. Eu estava segurando meu livro de história. Sem hesitar, arremessei-o com toda a força. O livro de história saiu voando como um

míssil teleguiado e atingiu Mary no olho. Ela gritou e eu saí andando, sem nem mesmo me incomodar em pegar o livro do chão (Grandin, 2012, p. 66-67).

Quando vemos hoje a bem-sucedida carreira de Grandin (2012), podemos nos lembrar de que, na sua infância, pouco se falava sobre autismo, inclusão. Todo esse silêncio aumentou o sofrimento. Depois de passar por muitos episódios na sua primeira infância e na adolescência, nas convivências na escola, ela já leu mais de 400 artigos sobre manejo pecuário e escreveu seis livros sobre autismo, além de participar ativamente de eventos sobre autismo. Em suas narrativas da infância, ela nos faz imaginar um ambiente de confusão e de ausência de respostas para suas crises de comportamentos. “Então, já na adolescência, precisava estabelecer alguma comunicação, mas o abismo de incompreensão era profundo. Seria por que eu era autista, e meus pais não? [...]Uma ponte de amor poderia superar essa barreira?” (Grandin, 2012, p. 84 a 85). A autora descreve memórias de infância marcadas por isolamento, rejeição e incompreensão, que retornam de maneira fragmentada e corporalizada — a boca seca, a vontade de fugir, a invasão sensorial. Nesse ponto, a linguagem pós-estruturalista pode nos ajudar a pensar como o sujeito é atravessado por discursos, afetos e regulações de conduta que o produzem ao mesmo tempo em que o oprimem (Foucault, 1975).

A escola, aqui, figura como um aparato disciplinar. Não apenas um espaço de aprendizagem, mas de normalização: o que se espera do comportamento “aceitável”, da reação “adequada”, da socialização “saudável”. Grandin, ao reagir com raiva diante de provocações violentas, quebra a norma e, por isso, é excluída. Suas palavras ajuda a compreender que suas narrativa não apenas descreve uma vivência individual, mas também revela as estruturas normativas que produzem exclusão, sofrimento e resistência nos sujeitos neurodivergentes.

Ter um diagnóstico parece ser um divisor de águas nas experiências narradas acima; digo mais, trata-se de uma “descoberta de si mesmo”. Na época da qualificação da minha Tese, já se configurava uma metamorfose no modo como os autistas narravam suas histórias. Uma marca de sofrimento e de desconhecimento acompanhava o modo como eles se viam antes de saberem que eram autistas. As narrativas me passaram a impressão de que há dois momentos na vida do autista: o antes e o depois do diagnóstico. O diagnóstico na juventude ou na idade adulta torna-se uma peça que estava faltando no jogo que muitos desses narradores de si jogavam. Sem saber, andavam no tabuleiro da vida, nas salas de aula nas escolas, nas vivências em famílias. Sendo jogadores sem instrução, não sabiam todas as regras. Alguns imitavam, fingiam saber e conseguiam algumas vantagens; outros contam que foi uma jogada sem ganhos, muita solidão, dúvidas e constantes tentativas de se encaixarem na vida, mas sem

grande sucesso. Com o diagnóstico, finda-se o enigma e inicia-se o período de (Re)conhecimento.

Quando completei três meses na empresa, já figurava entre os três melhores vendedores. Almejava me tornar um chefe de equipe de vendas e poder trabalhar de carro, que era bem mais confortável, o problema é que eu ainda teria que tirar a carteira de motorista e suportar mais um tempo como um bom vendedor, sem deixar baixar a produtividade para merecer a vaga. Tirei a carteira de habilitação e já comecei a viajar com o gerente da empresa nos meus dias de folga. Viajávamos ao interior do estado do Rio Grande do Sul. Na primeira vez que tive a oportunidade, passei a noite com o mapa da cidade em que eu trabalharia no dia seguinte, já que a oportunidade era única de mostrar serviço, queria fazer o máximo de vendas e cobranças em um único dia (Campos, 2019, p. 25).

A empregabilidade pode ser uma conquista permeada por diferentes dificuldades; todavia, ao se conhecer melhor, poderá perceber que trabalhar, exercer uma profissão também é uma oportunidade de colocar o conhecimento adquirido em evidência. Ao encontrar ambientes que ofereçam possibilidades de manifestar habilidades, o autismo não será um impedimento para que esses funcionários se sintam plenamente capazes.

Claro, fiz terapia, durante vários anos, com vários psicólogos, e não tenho dúvidas de que eles deram sua contribuição, uma pena que só tenham podido ver o lado externo de minha Síndrome. Mas, para mim, terapia não tem o objetivo de mudar como eu sou, ou de buscar uma cura para Asperger, já que considero Asperger uma condição privilegiada que me põe acima da sociedade em geral, no sentido de estar acima de ser apenas um número na sociedade e preservar a minha essência, a minha identidade, não uma doença a ser tratada ou curada. A terapia, para mim, era um alívio das pressões constantes do dia a dia, uma oportunidade para colocar para fora e expressar coisas que eu gostaria de contar às outras pessoas. Era um prazer. (Camargo, 2012, p. 164).

Camargo (2012) confessa que procurou ajuda, especialistas, para compreender a si, mas ressalta que o autismo é visto antes que a própria pessoa. As questões subjetivas parecem não ser muito bem compreendidas quando se é autista. Enfim, mobilizou diferentes ações para manter relacionamentos e interações humanas.

Estou escrevendo um livro, tenho diversos grupos de amigos, vou à academia de ginástica, estudo percussão e, não obstante agora esteja

convencido da progressividade de meus avanços em saber viver, o medo e a angústia do magma disforme, do incompreensível de onde provenho, permanecem em meu íntimo, como um trauma indelével. Escrevi tudo isso para indicar e esclarecer que o autismo não é só uma condição: ele próprio é um trauma. Cada limitação que reduz a nossa capacidade de administrar a realidade nos afasta da vida e gera, pois, um terror mortal. Vejam, eu não posso ser universal. Eu, como todo ser humano, exprimo um caminho de vida pessoal, próximo ou semelhante ao de alguns e certamente distante, ou mesmo longínquo, de outros (Rosa, 2016, p.102-103).

Ao ler a narrativa acima, percebo a capacidade da escritora de introduzir um novo modo de se entender, pois coloca-se como sujeito de sua história. Mostra-se capaz de confrontar normas estigmatizantes sobre o que é ser autista. Os escritos de pessoas autistas atuam na contramão de antigos pensamentos enraizados sobre autismo, quando o colocavam na linha da incapacidade, da doença e da debilidade. Camargo (212) ao declarar que buscou especialistas para compreender a si mesmo, explicita um movimento de interiorização de discursos biomédicos, mas também evidencia sua condição visto antes da pessoa. Essa afirmação convoca uma crítica foucaultiana ao modo como os regimes de verdade — especialmente os da medicina e da psicologia — capturam identidades e as normalizam por meio de categorias diagnósticas. Suas palavras causam muitos pensamentos, sobre a condição contínua de existir em confronto com um mundo que impõe normas de inteligibilidade que o sujeito sente não alcançar. Em termos pós-estruturalistas, poderíamos dizer que há uma heterogeneidade subjetiva que desafia os modelos universais de humanidade.

Sigo o texto, explorando o que anuncio neste final de capítulo.

CAPÍTULO



5.

PARTE 2

(RE)CONHECIMENTO, DIAGNÓSTICO E
MASCARAMENTO COMO MODOS DE SUBJETIVAÇÃO

5 (RE)CONHECIMENTO, DIAGNÓSTICO E MASCARAMENTO COMO MODOS DE SUBJETIVAÇÃO

A modernidade não é simplesmente forma de relação com o presente; é também o modo de relação que é preciso estabelecer consigo mesmo. A atitude voluntária de modernidade está ligada a um asceticismo indispensável. Ser moderno não é aceitar a si mesmo tal como se é no fluxo dos momentos que passam; é tomar a si mesmo como objeto de uma elaboração complexa e dura: é o que Baudelaire chama, de acordo com o vocabulário da época, de “dandismo”. (...) O homem moderno, para Baudelaire, não é aquele que parte para descobrir a si mesmo, seus segredos, e sua verdade escondida; ele é aquele que busca inventar-se a si mesmo. Essa modernidade não liberta o homem em seu ser próprio; ela lhe impõe a tarefa de elaborar a si mesmo (Foucault, 1984 p. 334).

Interrogar as possibilidades de algumas coisas serem como são pode fazer parte do tempo presente. Neste capítulo, explico o percurso de leituras que me ajudaram a avançar e a fazer aprofundamentos teóricos, desdobrando alguns dos conceitos anunciados no título junto às discussões, ao analisar meu material. Contextualizo como trabalhei meus materiais e construí as análises, considerando as escritas de si, registradas em primeira pessoa nos livros escritos por autores autistas. Também mostro nas análises como aparecem as práticas de *reconhecimento de si*, *de diagnóstico* e *de mascaramento*, como formas de subjetivação de sujeitos autistas.

Para problematizar as práticas de subjetivação expostas acima, procurei por leituras de textos oriundos da Antropologia, da Filosofia, da Sociologia, da Educação, entre outros campos do conhecimento. Afinal, a complexidade posta para tal tarefa exige interpretações que se interconectam, complexificando ainda mais a ambiência interpretativa e analítica. Deixei-me conta de que, além de a educação ser uma condição de subjetivação do sujeito autista, também é parte fundamental da constituição dos que com ele interagem e, no caso dos livros que tomo como material de pesquisa, dos que os leem. É preciso ver tal sujeito no momento e no contexto político, sociológico etc. em que se encontra, para compreender como opera a educação sobre ele. Resumindo, é pela educação — dada em um âmbito social amplo, na família e na escola — que se constitui o sujeito sobre o qual se fala, fazendo-o ver-se e pensar-se até que se constitua, em meio a práticas de resistência, conforme as verdades que o narram e o fazem narrar a si mesmo.

Tenho observado com interesse a crescente onda de criação, produção e divulgação da arte e cultura autista. Observo a presença de autistas em *blogs* e em exposições de arte e fotografia virtuais e físicas, que, há pouco tempo, ainda neste século, não aconteciam. Houve

um momento propício para o florescimento da expressão autista, pois nunca eles estiveram tanto em evidência como agora. Talvez, a própria necessidade de geração de renda e de conquista da autonomia em meio aos discursos inclusivos esteja gerando tamanha expressão. Também, em virtude das conquistas da militância identitária que hoje se reconhece o autismo como forma de vida decorrente de traços neurodivergentes que se impõe ao sujeito. Para mim, embora tenha curiosidade quanto ao fenômeno explicitado, de fato, o que importa é que são diversas as razões que conduziram a emergência da temática do autismo e de sua expressão em diferentes campos no presente. Entendo que importa aproveitar este momento para colocar luz na potência dos sujeitos. Potência essa demonstrada de distintas formas, por meio da escrita e da arte. Dito de outra maneira, ao observar o que passa na arte, na literatura e depois de ler escritos de pessoas autistas, acredito que a escrita e a arte podem ser caminhos interessantes de olhar para si mesmo e de fazer olhar para o outro de forma curiosa, aberta e, mesmo que seja por alguns momentos.

Dos 26 livros de autores autistas e da análise de excertos que extraí de tais livros, arrisco a afirmar que, por meio da escrita e da possibilidade de retomada de si e do que sentem, os autores exercitam o pensamento, reconhecendo e compreendendo a si e ao mundo à sua volta. O livro “Reconhecer-se como autista!” foi escrito de maneira diferente de todos os livros que li. Ele faz parecer uma convocação a si, uma proposta sedutora, irresistível e quase impossível de negar a si mesmo, no momento em que a escrita se torna mais reflexiva, ultrapassando relatos de práticas. Reconhecer a si como autista é uma das narrativas que mais aparece nos materiais analisados.

Associado ao (Re)conhecimento de si como sujeito que traz consigo traços que o assemelham a outros, valorizando práticas sociais e de busca de justiça que o identificam como sujeito de lutas por justiça e por fazer aparecer a diferença e a diversidade, ter um diagnóstico capaz de traduzir a si mesmo parece ser um enunciado que, além de traduzir sentimentos, também permite a aproximação entre semelhantes. Portanto, o diagnóstico articulado ao reconhecimento compõe uma das peças-chave na dinâmica da subjetivação.

Então, retomando, ao mencionar o reconhecimento como elemento chave, igualmente, faço referência ao diagnóstico como um outro indicador chave na dinâmica da subjetivação. O reconhecimento confere ao diagnosticado mais do que um laudo, mas um nome. Ter um nome, mesmo que conferido pela clínica, permite que desestranhemos comportamentos daqueles que desconhecemos. As pessoas autistas narram de maneira ampla e recorrente que, ao serem diagnosticadas, recebem um rótulo esclarecedor, que, de formas

distintas, ora as aprisiona, ora as decifra para si mesmas, ora pode libertá-las de carregar o peso de ser uma construção estranha (nem normal e nem anormal) a ser decifrada. Portanto, dar nomes, mesmo que sejam diagnósticos, permite que posicionemos os sujeitos em determinadas tramas discursivas que os descrevem. Em nenhum momento, quero marcar um juízo de valor nesta operação, mas mostrar de que modo pode, ou não, o diagnóstico provocar tensões, reações e transformações no que pensamos e como pensamos, a partir das narrativas dos autistas.

A complexidade das vidas expostas nas páginas dos livros autobiográficos é determinada por intensos jogos de forças, dados por saberes e conhecimentos distintos, saberes da prática cotidiana e conhecimentos epistemologicamente postos, majoritariamente, pela clínica e pela psicologia. Resultam de tais jogos, expressões autistas que saltaram aos meus olhos, pois me fizeram ver resistências e momentos de liberdade e alegria, típicas, acredito eu, de uma forma de estar e de ser determinada, conforme já expliquei, por um acidente (Malabou, 2014).

Inspirada em Malabou (2014), entendo o autismo como um evento traumático, pois sua ocorrência pode transformar ou redefinir radicalmente a identidade de um indivíduo. Não se trata de uma ocorrência simples, mas de um evento cuja radicalidade da expressão gera transformações que abrangem e ultrapassam leituras simplificadas e que tentam definir a identidade, neste caso, somente pelo viés sociológico e cultural. Tal perspectiva de leitura, ao articular a neurociência e a filosofia, põem em diálogo distintos campos de saber que permitem nos fazer entender os argumentos apresentados por aqueles que se identificam como sendo neurodiversos. Acredito que a ocorrência do autismo faz emergir resistências, entre outros jogos subjetivos, possíveis de serem vistos no cotidiano, quando nos permitimos ler o autismo em sua radicalidade plástica, ou seja, algo que impõe ao sujeito e àqueles que com ele convivem, viver fora do domínio da previsibilidade.

Ao analisar as ideias acima, posso dizer que reconhecimento e diagnóstico são elementos que subjetivam, pois educam na experiência e por radiação dos efeitos dessa experiência. Portanto, identificar elementos constitutivos da experiência é condição importante para que novas maneiras de educar possam ser pensadas, com destaque, na escola. Na escola, porque é um espaço de exercício de vida pública e com o outro, onde, mais do que aprender conteúdos específicos, aprende-se (e se convive) sobre diversidade, diferença, justiça e democracia. Na escola, podemos, ao conviver, exercitar e aprender sobre as formas de vida, para mais além do que a clínica é capaz de demarcar.

Feitas as demarcações iniciais deste capítulo, um tanto longo, objetivo, além de mostrar o que vi e construí na relação com os excertos do material de pesquisa, inspirar o entendimento da experiência da neurodiversidade. Convido a desfrutar da leitura daqueles que nos contam sobre si mesmos.

5.1 *Modus operandi* — NARRATIVAS E A CONSTRUÇÃO DAS UNIDADES ANALÍTICAS

[...] os conceitos não nos esperam inteiramente feitos, como corpos celestes. Não há céu para os conceitos. Eles devem ser inventados, fabricados ou antes criados, e não seriam nada sem a assinatura daqueles que os criam” (Deleuze; Guattari ([1991] 2010, p. 11).

Caracterizar, conceituar, problematizar, operar com as narrativas, de início me paralisou. Como adentrar nesses conjuntos de excertos e trazer à superfície da pesquisa, uma análise com contornos de inelegibilidade, na forma de conceitos? A todo momento me pegava preocupada com os conselhos de Fischer (2005). A autora chama a atenção para modos de apropriação de conjuntos de elementos, de escrituras e de teorizações, a partir dos conjuntos. Também, como ela diz, não queria apresentar uma leitura tediosa para os leitores.

Desde o momento em que decidi que a minha materialidade seria um conjunto de livros escritos por autistas, procurei compreender com mais profundidade o conceito de narrativas de si, a partir de estudos inspirados em Foucault.

Criei um arquivo no *Word* com três colunas, dados dos autores e dados bibliográficos, assunto e o excerto selecionado com o número da página. Conforme exemplifico na tabela abaixo.

Conforme os livros iam chegando, o número de páginas aumentava. Já estava com um arquivo de excertos com mais de 80 páginas. Numa reunião de orientação, a professora me questionou se o que eu estava selecionando eram narrativas de si ou se as estava confundindo com outras coisas. Assim, passei a ser mais cautelosa, mais atenta, tanto na leitura como na seleção dos pedaços de textos, queria ter certeza de que as expressões escritas eram narrativas de si. Com o aumento do número de excertos extraídos dos livros, fui aperfeiçoando a tabela, digitando mais informações sobre o autor, outros títulos publicados pelo mesmo autor, bem como colocava palavras com sentido de experiências sociais, como emprego, trabalho, universidade, escola, namoro, medicações, terapias, esportes, sentimentos, emoções como

tristeza, solidão, raiva, angústia.

O exercício exaustivo de manuseio das leituras, em função de inúmeros retornos a elas, foi refinando minha observação sobre o material. Percebi que, mais do que as palavras, precisava observar o contexto de onde elas emergiam. Conhecer o contexto, saber onde as palavras eram ditas, as relações diretas estabelecidas com elas e perceber que sentimentos envolviam o que estava sendo narrado possibilitava enxergar algo difícil de mostrar, pois, ainda que pudesse ser captado, nem sempre aparecia de forma tão explícita, num único excerto. Manejando os materiais, percebi que não poderia trabalhar com a análise de um único excerto por vez, pois não me interessava focar na vida de um indivíduo. Era preciso agrupá-las por semelhança de enunciações, para saber como as experiências se assemelhavam ou se distanciavam.

O exercício de fazer repetidas leituras com propósitos diferentes nas diversas etapas da pesquisa é cansativo. Organizar dados, conferir informações, agrupar narrativas, perceber ocorrências relevantes, entender sentidos, fazer marcações, detectar pistas textuais dentro daquelas inúmeras páginas pode embaralhar o olhar e deixar escapar um mote interessante para desenvolver a análise. Minha intenção era extrair um conjunto com rastros textuais para responder às minhas questões de pesquisa, rastrear os mecanismos, práticas e ações de como os autistas se tornam sujeitos a partir do que eles escrevem.

Lendo os excertos extraídos do material na diagonal, passei a identificar semelhanças e a agrupá-las. Organizei vários grupos, o que, num primeiro momento, tornou impossível analisar as enunciações em profundidade. Reagrupei-as e, ao reagrupá-las, fui dando nome aos conjuntos que ia formando. Foi interessante perceber as recorrências que saltavam aos olhos conforme relia e relia os excertos. Fui agrupando-as até atingir três grandes conjuntos, formados por referentes seguidamente presentes nas narrativas, são eles: reconhecimento, diagnóstico e mascaramento.

Considerando o exposto neste subtítulo, entendo que sejam as orientações necessárias para entender os próximos passos. Sigo o texto trazendo excertos para analisar o que vi no meu material. Início com o reconhecimento, a performance e o diagnóstico como elementos que permitem a identificação das condições de vida e do próprio sujeito por ele mesmo e pelo outro. Importante destacar que reconhecimento e performance, às vezes, se mesclam e se confundem. Trago tal discussão na sequência.

5.2 RECONHECIMENTO, DIAGNÓSTICO E MASCARAMENTO: CONVOCAÇÃO DE

SI MESMO PARA DEFENDER UM MODO DE VIDA AUTISTA

Neste subtítulo, destaco o reconhecimento, o diagnóstico e o mascaramento como minhas escolhas analíticas, sendo que os dois primeiros, por vezes, se confundem nos excertos. Para entender o que passa entre reconhecimento e performance, recorro a Butler (2021) e a Fraser (2003, 2006). Fraser, ao retomar a teoria do reconhecimento, faz pensar essa perspectiva, com base em Butler, como uma recusa a qualquer forma de universalidade. As autoras abordam o conceito de reconhecimento de maneiras distintas. Para Butler (2021), o conceito de reconhecimento está relacionado à forma como os indivíduos performam e são reconhecidos, a partir de normas instituídas socialmente. A filósofa faz sua análise a partir das discussões de gênero. Butler (2013) problematizou suposições de que o gênero precede a encenação do comportamento de gênero - em vez disso, o gênero seria “constituído performativamente” (p. 34), por meio da “repetição estilizada de atos” (p. 191), como gesto, movimento e vestimenta. Estas formas de ser passaram a ser reconhecidas como “femininas” ou “masculinas” e são produzidas discursivamente dentro de uma “matriz heterossexual”, que suporta um binário hierárquico de dominação masculina. Assim, defende que gênero não é uma categoria fixa, mas uma conformação de práticas repetidas que são reguladas por normas sociais estabelecidas. Da mesma maneira, compreendo a neurodivergência, ou seja, um conjunto de atos/práticas que se dão em meio a tensões e compreensões sociais sobre comportamentos neurodivergentes. Resumindo, a noção de pertencimento se dá quando os indivíduos se confrontam com tais normas, sendo reconhecidos ou não pela sociedade.

Leituras de teóricas feministas como Butler (2021) e Fraser (2003) têm me feito pensar na palavra enunciada, como um ato político e performático. Como ato político, ela é constitutiva de ações sobre ações dos outros. Ações que carregam discursos capazes de definir posições de sujeitos e futuros para eles. Butler (2021, p. 49) afirma que “*somos, por assim dizer, situados social e temporalmente ao sermos nomeados. E dependemos dos outros para receber um nome, uma singularidade.*” Assim, ela defende que a linguagem não pode ser compreendida como um sistema rígido e estático. Não há, exclusivamente, determinações prévias que condicionem os atos de fala, a partir de posições sociais. Apesar da dificuldade para abalar os contextos inerentes a certos atos de fala, como, por exemplo, dos discursos de ódio, há sempre a possibilidade de um ato de fala assumir outros significados não ordinários, abrindo o futuro a contextos ainda não debatidos. Conforme Butler (2021, p. 264) explicita:

Uma pessoa não está simplesmente restrita ao nome pelo qual é chamada. Ao ser chamada de algo injurioso, ela é menosprezada e humilhada. Mas

o nome oferece outra possibilidade: ao ser insultada, a pessoa também adquire, paradoxalmente, certa possibilidade de existência social e é iniciada na vida temporal da linguagem, que excede os propósitos prévios que animavam aquela denominação”, escreve. Portanto, o chamamento injurioso pode parecer restringir ou paralisar aquele ao qual é dirigido, mas também pode produzir uma resposta inesperada e que oferece possibilidades.

Não estar restrito a um nome sugere um processo aberto de subjetivação, um processo que abre possibilidades de movimentação e de mudança do que se é. Podemos ocupar posições distintas, dependendo como somos interpelados nas relações sociais. No caso dos autista, ser chamado como tal pode ser, dependendo do contexto, uma injúria, uma sentença, uma identidade libertadora do estranhamento, pois habitar um *não lugar* numa sociedade que exige permanentemente identificação e que conduz as condutas identificando as pessoas motiva o aparecimento de sentimentos potencializadores de conforto e de paz interior.

Quadro 6 - (Re)conhecimento de si como sujeito

Estou feliz por ter procurado um diagnóstico, pois tem sido muito útil, mas, paradoxalmente, esta jornada me ajudou a perceber que, para o que é uma neurodivergência, é uma validação. Não deveríamos precisar de um médico caminho médico não é o melhor, o que precisamos é de mais legitimação dos autodiagnósticos e aceitação da neurodiversidade. (L26- Heart, 2019, p.51).

O autismo é amplo, diversificado, incluindo os autistas com deficiência intelectual, mas ainda não se sabe como avaliar a inteligência no autismo. “Ao ler os textos de autistas não verbais, percebemos como podem ser inteligentes, ainda que não consigam controlar o corpo para comunicarem o que desejam, pensam, sentem, idealizam. Muitos autistas são ‘pensadores visuais’, o que implica em outra forma de processamento cognitivo. Além disso, a habilidade de foco, antes vista como defeito, também gera um tipo de inteligência”. (L7- Mendonça, 2019, p. 17).

Um importante passo afrente no meu desenvolvimento social foi começar a participar da peça teatral montada na escola - um gigantesco avanço em comparação com meus primeiros anos de colégio, quando minha principal forma de contato com minhas colegas era sorrá-las. Construí e pinteí quase a metade dos cenários usados no espetáculo, meus colegas respeitavam minha capacidade criativa. Era fácil fazer contato com outras pessoas enquanto estávamos envolvidos numa atividade que nos interessava a todos. (L11- Grandin,2000, p. 108).

*Tem muita coisa que eu consigo fazer sozinho. Mas é difícil de explicar! Bem, eu tenho Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDA-H) e isso me prejudica para eu conseguir me concentrar na escola. Outra coisa, é que eu já fiz testes de QI e eu fui bem em algumas áreas e abaixo da média em outras. E aí eu me pergunto: **Por que na escola tem que ser todo aprendendo a mesma coisa? Se somos pessoas diferentes, por que temos que aprender tudo igual?** Tem tanta coisa que eu NUNCA vou usar, que chega a me deixar muito pensativo de tudo o que a escola realmente é. Eu queria muito entender e fico triste de saber que muitas pessoas ainda vão sofrer na escola com esse tipo de ensino.* (L4-Brito, 2017, p.40).

Eu não pretendo alcançar cada um dos diferentes pontos de vista do autismo. A minha intenção é detalhar como a ideia do autismo se formou na minha vida. Você vai aprender 3 coisas: Como o autismo pode realmente passar despercebido na vida de alguém; Como a ausência de um diagnóstico prejudica a qualidade de vida; Como eu usei o autismo a meu favor mesmo sem saber da sua existência; essas lições não são fáceis de se aprender. Eu posso dizer que leva uma vida inteira para isso. Mas eu gostaria que outras pessoas as aprendessem mais rápido do que eu. (L17- Carvalho, 2020, p.135).

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Sinto que qualquer análise e interpretação que eu faça não dará conta do que os autores disseram de si. Uso excertos do meu material, na tentativa de “encharcar” a escrita com as vozes daqueles que se tornaram meus sujeitos de pesquisa. Sujeitos que trazem histórias de vida muito distintas, a começar pela nacionalidade. Embora não seja meu objetivo analisar excerto por excerto, eu os utilizo de duas maneiras, ora para mostrar o que vi nos materiais, ora para analisar o que eles trazem, a partir dos conjuntos que montei com base nas recorrências enunciativas.

Ao dizer que o acesso ao diagnóstico é uma validação não só para si mesmo, mas para circular em sociedade, faz pensar o quanto os autistas ainda estão buscando por direitos mínimos, que para quem não é autista, são conquistados naturalmente. As narrativas que incluem vivências nos espaços das escolas, são em sua maioria, narrados como episódios de constrangimento, exclusão e não acolhimento. A escola segue sendo ainda um lugar de exclusão. Mesmo dentro das escolas, das salas de aulas os autistas se sentem constantemente excluídos. Grandin, traz suas memórias escolares em um país de estrutura escolar diferente a do Brasil, em meados da década de 60 e mesmo assim ainda possuem semelhanças com as narrativas de Mendonça que é uma jovem brasileira narrando das dificuldades de se sentir bem na escola. Mesmo com as conquistas recentes de matrículas nas escolas, os estudantes autistas quando recebem a garantia de ter acesso à uma vaga na sala de aula, isso não deve ser compreendido como inclusão, pois estar incluído não é o mesmo que pertencer àquele espaço. Incluir não é só permitir a entrada, mas garantir a permanência, a escuta, a valorização

A falar sobre o diagnóstico como uma forma de "validação" tanto interna quanto social revela o quanto as pessoas autistas ainda precisam de uma "prova" para terem acesso a direitos e reconhecimento que, para outras pessoas, vêm de maneira automática. Isso já aponta uma desigualdade estrutural: o autista precisa justificar sua existência e suas necessidades, enquanto o padrão social já supõe a legitimidade do sujeito neurotípico.

E quando você menciona o espaço escolar, isso se agrava ainda mais. A escola, que

deveria ser um espaço de formação, acolhimento e pertencimento, muitas vezes se mostra como um lugar de constante exclusão, vergonha e violência simbólica (e, às vezes, até física). O ambiente escolar, por estar tão moldado em normas rígidas de comportamento, comunicação e socialização, acaba impondo ao sujeito autista a tarefa de se adaptar o tempo todo — quando, na verdade, a instituição é que deveria se adaptar à diversidade dos corpos, mentes e jeitos de estar no mundo.

O modelo tradicional da escola foi criado há muito tempo, em uma época em que o foco era formar pessoas pra trabalhar em fábricas ou escritórios, seguindo regras e rotinas. Então, era conveniente que todo mundo aprendesse da mesma forma, no mesmo ritmo. Mas isso simplesmente não funciona pra todos de modo igual. Muitas pessoas, inclusive educadores e pesquisadores, vêm lutando por uma educação mais inclusiva, mais flexível, mais humana. Mas infelizmente, mudanças grandes assim demoram, e nesse meio tempo muita gente sofre e vive situações de discriminação. A narrativa de Heart (2019) ilustra um testemunho autobiográfico que, ao mesmo tempo, adquire contornos de manifesto político e epistêmico em torno da questão do diagnóstico de autismo na vida adulta e das suas implicações sociais, institucionais e subjetivas de o protagonismo da pessoa autista como agente de transformação social e produtora de saber, deslocando o monopólio biomédico sobre a definição do que é ser autista. Tal movimento insere-se na virada epistemológica contemporânea das ciências humanas e sociais. Mostra que o ativismo autístico ultrapassa a dimensão do relato pessoal e insere-se no campo político, tensionando o regime de verdade instaurado pelas práticas médicas e psiquiátricas, propondo novas formas de existir

Brito (2027) faz o questionamento sobre o porque a escola segue tratando os alunos de modo uniforme? Esse questionamento se faz após se reconhecer como autista. Ao saber mais sobre si, faz questionamento sobre como a escola o tratou, de modo a tentar fazer igual aos outros alunos, ensinando os mesmos conteúdos com a uma mesma metodologia. *“Por que na escola tem que ser todo aprendendo a mesma coisa? Se somos pessoas diferentes, por que temos que aprender tudo igual?”*. (Brito, 2017, p. 40).

“[...] Eu posso dizer que leva uma vida inteira para isso. Mas eu gostaria que outras pessoas as aprendessem mais rápido do que eu.” (L17- Carvalho, 2020, p.135). Quando Carvalho diz que se gasta uma vida inteira para aprender a viver sendo autista, mas ele faz o convite para que outros se junte a ele , que desejem também na busca por esse entendimento. O reconhecimento de que pessoas autistas passam boa parte da vida tentando entender como existir num mundo que frequentemente não as compreende — e que esse processo pode ser solitário, demorado e doloroso. O “convite” do autor é também um chamado para educadores, colegas e instituições: que aprendam, que escutem, que estejam

dispostos a entender — não para "ensinar a ser" algo que elas não são, mas para criar condições para que a pessoa autista possa ser ela mesma com dignidade e respeito. Uma pessoa vive muitos anos dentro dos ambientes de escolas, e esses anos podem ser menos violentos, menos excludentes de a educação assumir a condição que Gallo (2008) diz:

A educação é, necessariamente, um empreendimento coletivo. Para educar – e para ser educado – é necessário que haja ao menos duas singularidades em contato. Educação é encontro de singularidades. Se quisermos falar espinosamente, há os bons encontros, que aumentam minha potência de pensar e agir – o que o filósofo chama de alegria – e há os maus encontros, que diminuem minha potência de pensar e agir – o que ele chama de tristeza. A educação pode promover encontros alegres e encontros tristes, mas sempre encontros. (Gallo, 2008, p.1).

As memórias evocadas de autistas são positivas quando se reportam os primeiros anos de escolarização. Como fazer a educação ser uma prática que inclua as diferenças? A diversidade ? Pois o autismo não é uma condição única, o que significa que há uma grande variação nas habilidades, características e necessidades das pessoas autistas. Alguns podem ter deficiência intelectual associada, outras não; algumas são não verbais, outras altamente verbais; algumas têm habilidades excepcionais em áreas específicas.

Rosa (2016), ao trazer o conceito de performatividade e ao discutir a invisibilidade e a exclusão de autistas, questiona a normalidade e o que a define. Em suas palavras:

Vocês são normais e nós, não? Quem lhes dá o direito de traçar uma cerca invisível e determinar quem está dentro e quem está fora, excluído? É de dar medo enfrentar a gigantesca responsabilidade moral que se assume ao raciocinar desse modo, porque quem tem essas ideias na cabeça se comporta de acordo com elas. E excluir e marginalizar é como matar, é um homicídio existencial do outro, é dizer-lhe que não é uma pessoa, é só um autista, um negro, um judeu e quicá quantas etiquetas mais possam ser criadas e aplicadas à vida dos outros (Rosa, 2016, p. 48).

Rosa (2016) mostra como o poder combativo da linguagem reside em sua natureza insubordinada e dinâmica e na capacidade de se apropriar e desarmar termos que normalmente ferem aqueles que, estando na norma²⁰, percebem as sutilezas das ofensas, mais do que as agressões físicas a que são, muitas vezes, submetidos. Somado ao poder de nomear, Butler (2021) faz pensar o quanto a palavra ou os discursos proferidos podem ferir e subordinar o outro. Muitos são os discursos que circulam nas escritas de si dos autistas. Entre os que observo em meu material, chamam a atenção, palavras como anormalidade, estranheza, solidão, sofrimento, isolamento, medo, entre outros. São perceptíveis nas escritas dos textos

de pessoas autistas tanto as palavras usadas para descrever as situações, quanto as palavras usadas para descreverem a si mesmos. Discursos distintos entram num embate, ao falarem sobre si mesmos, deixando evidente que não se trata de subordinação obediente, mas de lutas do ser consigo mesmo. Em se tratando de um sujeito ativo, Lopes *et al.* explicam:

Dependendo dos saberes em jogo [...] pode ser isso ou aquilo. Não há um a priori natural que o determine. Ele é um resultante ativo na articulação entre dois tipos de práticas, quais sejam: as de objetivação – aquelas que o descrevem, posicionam, nomeiam, diagnosticam etc. –; e as de subjetivação – aquelas que o próprio sujeito, na relação com o outro, com os saberes e consigo, faz consigo mesmo (Lopes *et al.*, 2023, p. 231).

Em minhas análises, assumo a compreensão de sujeito ativo, ou seja, aquele que age sobre si mesmo, numa eterna luta de (in)subordinação discursiva. Embora o autismo seja uma experiência radical, tudo o que é inscrito em quem o possui é forjado nas relações discursivas. No caso dos lidos por mim, que se narram em primeira pessoa, aparece de forma marcante, um caráter de negatividade, atribuído à forma de vida neurodivergente, mais especificamente, à autista, definindo-a como um problema a ser contido e até dissimulado socialmente. Contudo, há outros sentimentos, como de superação, esforço pessoal, persistência, aprendizagens, insistência, heroísmo, autocontrole, dissimulação, performance etc., que também aparecem, em resposta às dores sentidas. Todos esses sentimentos evidenciam vidas em permanente luta, conflito, esforço de superação e performatividade.

²⁰ A partir de uma compreensão Foucaultiana, Lopes e Veiga-Neto (2023), ao escreverem sobre a norma, destacam os conceitos que dela derivam, como, por exemplo: normação, normalização, normal, anormal, normalidade. Tais conceitos partem do pressuposto de que todos estão na norma, tanto normais quanto anormais, pois a norma se dá por medida de comparação. Comparação somente possível em meio a contextos específicos. Dizer isso significa que sobre aqueles que desconhecemos não temos o que dizer, são estranhos. As operações de investigação científica, por exemplo, visam desentranhamento. Portanto, a produção de conhecimentos de qualquer ordem sobre alguém ou algo, entre outras coisas, permite que inventemos aquilo sobre o que falamos. Quanto mais investigamos, convivemos, escutamos e falamos sobre os neurodivergentes, mais a compreensão sobre eles como estranhos precisa ser combatida, para naturalizar suas presenças e suas formas de ser.

Todo o esforço empenhado e narrado para a superação de dificuldades está relacionado a uma história fortemente construída em meio a discursos capacitistas. Ladau (2021) explica que o capacitismo, profundamente enraizado em nossa cultura, é pernicioso, tornando difícil nomear as pessoas. Afeta todos os aspectos da vida dos autistas. O reconhecimento das pessoas autistas pelos discursos constitutivos da matriz capacitista impõe a elas e a quem as descreve, uma chave de leitura definida pelo limite. Como diz Maria (2022),

a força do reconhecimento ajuda muito as pessoas diagnosticadas a renascerem todos os dias. Nas suas palavras: “*Não nos subestime. Renascemos todos os dias do capacitismo, dos olhares debochados, das dúvidas em relação ao nosso diagnóstico, das nossas próprias dúvidas, nós nos criamos e recriamos diariamente*” (L12 - Maria, 2022, p. 22). Uma narrativa poderosa e profundamente representativa da luta diária de pessoas autistas em uma sociedade que ainda carrega muito capacitismo e desinformação. Ela carrega várias camadas de resistência e autoafirmação. Um pedido de respeito, mas também de reconhecimento das capacidades que muitas vezes são invisibilizadas.

É difícil romper com toda uma produção subjetiva que acompanha cada indivíduo ao longo da sua vida. No caso das pessoas autistas, ainda é mais difícil fazer a ruptura, pois ela, muitas vezes, está circunstanciada à representação, devido à dificuldade de comunicação e ao isolamento social. As pessoas autistas, quando não encontram brechas para escaparem da hegemonia capacitista, parecem estar fadadas a se fecharem em si mesmas. No entanto, embora muitas confirmem formas de se reconhecerem dentro de enredos capacitistas, agindo, por vezes, com sofrimento, de acordo com o que se espera delas, outras encontram brechas que as fazem criar maneiras distintas de ser e de interagir.

Os autistas conseguem gerar fissuras nas marcas forjadas por discursos capacitistas? Afinal, se alguns conseguem ser diferentes, por que todos não conseguem? Ao estudar algumas práticas de subjetivação, aquelas que dizem respeito à forma como nos tornamos sujeitos, os modos pelos quais nos reconhecemos, nos interpretamos, nos conduzimos. Elas estão ligadas ao cuidado de si, à ética, às escolhas que fazemos em relação à nossa existência – mesmo dentro dos limites que os discursos e práticas sociais nos impõem.

Conforme venho me posicionando ao longo da Tese, uma vida outra só é possível ser narrada e percebida se partirmos da leitura do autismo como um “acidente ontológico” (Malabou, 2014) ou um acontecimento arrebatador, e sem entender o acidente como algo ruim, mas, sim, como algo que destrói posicionamentos deterministas das formas de ser dos sujeitos autistas. Reclamo aqui a possibilidade de assumirmos a condição neurodiversa como capaz de gerar uma vida diferente, pautada pela diversidade e pela diferença. Nesse sentido, nos materiais analisados na pesquisa, entender-se a partir das lentes da neurodiversidade parece ser redentor, segundo os autores que se descrevem autistas.

Ser neurodiverso e narrar-se como tal, além de mostrar a autonomia dos sujeitos que assim o fazem a partir do reconhecimento de si como autistas, também evidencia a potência de tal identidade no processo de valorização e de empoderamento dos sujeitos temporal e

geograficamente situados. Igualmente, mostram um engajamento político identitário na luta por direitos e por reconhecimento de suas formas de vida. Na contramão de qualquer forma de discriminação identitária negativa, o movimento da neurodiversidade parece abraçar as lutas culturais, políticas e econômicas pró igualdade, equidade e respeito às diferenças. Parte do pressuposto de que reconhecer a condição neurodiversa dos indivíduos é fundamental, mas entender que em tal reconhecimento está o pressuposto da redistribuição econômica é determinante das condições de vida de cada indivíduo. Nesse sentido, Fraser (2003, p. 28) questiona: “sob que circunstâncias uma política de reconhecimento pode reforçar uma política de redistribuição?”

Acredito que a condição neurodiversa, quando concebida como forma de vida, exige da sociedade, das estruturas estatais e do mercado de trabalho, outras maneiras de ter as necessidades humanas básicas atendidas. Assumir essa ideia exige olhar as pessoas autistas imersas em suas condições de vida diárias, incluindo suas condições de acesso e de permanência nas escolas e no trabalho. Isso requer uma mudança profunda na cultura, pois parte do pressuposto tramado por Fraser (2003) de que o reconhecimento exigirá a redistribuição. É muito diferente ser autista, branco, classe média, com acesso às melhores escolas entre outros tipos de atendimentos específicos e ser autista, branco e pobre. Essa equação pode ser bem mais complexa, caso sejam articuladas variáveis econômicas, de gênero e de etnia ao autismo. Portanto, qualquer movimento identitário, entre eles, o neurodiverso só poderá ser potencializado e dele ser desdobrado uma mudança de cultura de sociedade, se as reivindicações identitárias assumirem o respeito às diferenças e aos direitos humanos fundamentais para qualquer pessoa. Isso significa, inspirada em Fraser (2003), que reconhecimento e redistribuição são necessidades que precisam andar juntas de maneira imanente. Nas palavras de Fraser (2003, p. 57): “somente olhando para as concepções alternativas de redistribuição e reconhecimento, poderemos satisfazer a exigência de justiça para todos e todas”.

Ao me dar conta das particularidades das narrativas dos sujeitos autistas, comecei a investir na separação de formas de nomear, de representar e de adjetivar a si mesmo, presentes nos livros com os quais trabalhei. São elas:

Quadro 7 - Síntese das diferentes formas de ver a si mesmo.

Garoto marginalizado; leitor; prodígio; limitado; com potencialidades além de limites; com dificuldades e limitado socialmente; não igual a todos; fortes; resilientes; renascentes dos olhares capacitistas e debochados; sobreviventes; corajosos; perdido; transtornado; diferente; morto em vida; azarado; irritado pelo fracasso; feliz; especial; orgulhoso; exótico; fresca para comer; que imita os outros, inconstante, violento, grossa, alienígena, antissocial, sem sintonia, defeituoso, neurodivergente; capaz; inferior; doido; arrogante; angustiado; depressivo; traumatizado; pessoas incríveis, um ator; muito feliz; sou aluno de inclusão; vítima de preconceito; eu não falava; tímido; introvertido; adorava construir coisas; perdido; divertido; desajustado; lógico; desatencioso; rude; inteligente; criativo; desajustado; solitária; objetiva; sincera; inquieto; prisioneiro; ser amigo da natureza; não ser bom em competições; autistas não têm liberdade; diferente; travado; descontrolado; não quer dizer que eu esteja doente; amamos ter companhia; as coisas nunca dão certo; nos acostumando com a solidão; me sentia abandonado; nunca consigo dizer o que quero de verdade; acabo me odiando por ser tão inútil e me fecho como uma ostra; infeliz; repreendido; confuso; desencorajado; esmagado; invisível; fascinado; retardado; incomodado, sozinho; menosprezado, criativo; comunicativa; incluída; tímida; sincero; defeituoso corajoso; resiliente; invisível; anormal; super homem;

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Ao fazer o exercício acima de pintar um quadro com as palavras/expressões que dão pistas que me permitem ver “o si mesmo” de cada autor, percebi uma infinidade de formas sujeito autistas, determinadas por discursos capacitistas, cognitivos, psicológicos, de autoajuda, cerebralistas, culturalistas, entre outros, que determinam distintas visões de si e performances, oriundos de jogos gramaticais distintos. As expressões “me fecho como uma ostra”, “acabo me odiando”, “me sentia abandonado” apontam para um sofrimento real, mas que é também induzido pela inadequação sentida diante de padrões normativos. O capacitismo, aqui, não é apenas um discurso externo; ele é internalizado, e o sujeito autista se percebe como “defeituoso” em um mundo que não acolhe suas formas de ser. Ao mesmo tempo, há uma resistência latente: a palavra corajoso, por exemplo, rompe com a lógica da deficiência e insinua outras formas de potência. As formas de vidas autistas se dão pela confluência de práticas, às vezes, contraditórias, mas que possibilitam aos sujeitos condições variadas de interagirem em sociedade.

Os autistas aparecem em formas múltiplas, muitas vezes contraditórias: criativo e defeituoso, sincero e descontrolado, invisível e comunicativa. Essa multiplicidade pode ser lida através de uma lente foucaultiana como o efeito dos discursos em disputa – discursos capacitistas, psicológicos, médicos, culturais, de autoajuda, entre outros. Cada um desses campos propõe uma normatividade e, ao mesmo tempo, possibilita formas específicas de subjetivação. O “si mesmo” que emerge desse exercício não é coeso. É um campo de conflito, onde múltiplos discursos se entrecruzam e disputam a verdade sobre o que é “ser autista”. Há, portanto, uma heterogeneidade subjetiva, marcada pela oscilação entre afirmação de

identidade

O sujeito autista, assim, emerge como um efeito de poder-saber, performado a partir de normatividades distintas que nem sempre dialogam entre si. Isso também se conecta a Judith Butler e sua noção de performatividade: os sujeitos são continuamente constituídos por práticas e discursos reiterativos que definem o que é "ser autista" em cada contexto.

Como diz Condé (2004, p. 28): “formas de vida diferentes podem estabelecer gramáticas diferentes, portanto, também possibilitam modos diferentes de lidar com o mundo.” Embora seja possível estabelecer gramáticas diferentes para lidar com o mundo, como podemos ver no quadro acima, as expressões extraídas do material mobilizam distintas gramáticas que integram campos discursivos diferentes. Essas palavras e expressões foram escritas por sujeitos que possuem em comum assumir o autismo como uma forma de vida. Mesmo tendo clareza que integram o grupo dos neurodiversos, os autistas não são imunes a gramáticas que compõem outros jogos discursivos. Afinal, não é possível estar no mesmo aquário junto de outros sem que zonas de mescla se efetivem. A metáfora da imunidade me é útil, pois a racionalidade em que diferentes gramáticas estão postas faz com que elas se assemelhem em algumas circunstâncias, constituindo sentidos compartilhados e compondo formas narrativas complexas para quem espera encontrar coerência em uma performance.

As narrativas sobre espaços, tais como o da escola e do trabalho, são uma constante. Neles, sentimentos de injustiça, de discriminação, de dissimulação e de desfavorecimento aparecem, induzindo-nos a pensar que os poucos casos de neurodivergentes existentes em tais espaços não tinham força para contribuir com a criação de novas representações sobre tais pessoas. O fato de o autismo não compor um número expressivo de sujeitos dentro da escola e do trabalho interfere na maneira de serem reconhecidos e apontados socialmente. A pouca circulação de pessoas autistas na sociedade, sem dúvida, é uma variável que interfere nas condições de reconhecimento de tais sujeitos, pois pouco desenvolvemos saberes sobre eles, para além de uma gramática clínica.

Condé (2004, p. 29), inspirado em Wittgenstein, pondera que “a gramática de uma forma de vida não é fechada e é a partir desse aspecto que ela possui, em medidas diversas, ramificações que se constituem como “semelhanças de família”, podendo interconectar-se com gramáticas de outras formas de vida.” Tais conexões entre gramáticas permitem que compreendamos as tensões entre sujeitos que, mesmo compartilhando o autismo e o assumindo como uma condição neurodiversa, narram-se por meio de gramáticas distintas, ora se aproximando de práticas culturais e de discussões surdas entre outras identitárias, à

semelhança das lutas indígenas, ora se cercando de práticas cerebralistas. Nas muitas histórias que li, não há uma narrativa única para definir cada sujeito. Pelo contrário, há uma dança narrativa por onde circulam parceiros distintos, que definem os sujeitos de acordo com contextos específicos e experiências particulares datadas e localizadas e isso para mim é positivo e reforça a ideia de diferença.

A riqueza das narrativas revela uma busca incessante por si mesmo. Além disso, traz a luta como um marcador de vida, tanto para manter-se vivo quanto, às vezes, para saber quem se é. Os relatos de si marcam um campo potente de saberes que tensionam e transformam as práticas, as experiências, promovem um trabalho constante e crítico de redefinição do que dizem ser, mas, ao mesmo tempo, denunciam que não desejam aceitar definições fixas.

Conforme argumentam Witches e Lopes (2018), no contexto da surdez, a luta constitui um marcador cultural que permite entender uma forma de vida específica. No caso da forma de vida neurodiversa ou, mais especificamente, autista, a luta para permanecer no meio social, para ter amigos que o apoiem e até o defendam, para saber o que passa consigo mesmo, para conhecer outros que compartilhem de uma condição semelhante e para estar e permanecer incluído sem precisar encontrar formas de camuflagem são contantes e integram uma forma de ser em resistência. Por exemplo, nas narrativas dos autores sobre si mesmos, é comum trazerem a resiliência, a força, a resistência, a diferença, a superação e as lutas para — uma vez conhecedores de seu diagnóstico — serem como são. A luta é uma maneira de estar no mundo, exaltada por eles mesmos como força interior que os faz “superar” dificuldades e discriminações sofridas. Nos excertos abaixo, esse sentimento de luta e de necessidade de reconhecer-se fica evidente.

Quadro 8 - (Re)conhecimento pós-diagnóstico

*Quando aprendi sobre o autismo, não queria ter nada a ver com isso. Então, isso me levou a aceitar com relutância que simplesmente não iria a lugar nenhum, e me chamei de pessoa com autismo. Agora, porém, me considero uma pessoa autista, com uma família de outras pessoas autistas (mesmo que estejamos distantes parte das “Isto significa que vejo as minhas diferenças como diferenças que constituem toda a humanidade e como algo a ser celebrado, não algo de que preciso fugir. **Recentemente, muitas comunidades autistas se desenvolveram e floresceram. Existem sites, fóruns e organizações onde você pode se conectar com outras pessoas autistas. Isso pode ser muito útil e afirmativo, mas também pode ser confuso e decepcionante. Pessoas autistas têm muitos e variados talentos, bem como desafios; grupos e comunidades autistas refletem essa diversidade, tanto internamente na composição do grupo quanto estruturalmente, na forma como o grupo opera.** (L26- Heart, 2019, p.8).*

***Eu acho possível que, mesmo que tivesse sido diagnosticado aos seis anos, ninguém teria acreditado. Talvez nossa cultura precise evoluir mais para que condições sutis como a minha possam sobressair, dentro do grande ruído que é a nossa sociedade. Se os meus pais tivessem sabido a causa de meu comportamento, e agido de acordo com esse conhecimento, a vida poderia ter sido muito diferente para mim. Ela foi repleta de chances perdidas porque eu não me encaixava nas condições “normais”. Saí da escola cedo, apesar dos testes de inteligência evidenciarem que eu era alguém tão apto quanto muita gente diplomada na universidade. Um certo número de professores me encorajou a fazer a faculdade, mesmo tendo abandonado o ensino médio, mas não quis arriscar, porque estava muito irritado pelo meu fracasso. E também não queria permitir que outra escola tentasse me encaixar em seu modelo, porque eu poderia falhar mais uma vez. [...] Portanto, eu não sou incompleto, imperfeito. Eu consegui aprender a ser amigável. Havia provavelmente uma centena de pessoas na sala, quando cheguei. Trinta anos antes, essa multidão teria me apavorado, e eu não saberia o que fazer. Eu teria me escondido num canto, como um animal encurralado esperando para fugir. Mas agora, com o meu conhecimento de Asperger e minha nova autoconfiança, nada de mal aconteceu. Eu não estava assustado e não me escondi.** (L6- Robison, 2008, p.183-184).*

***De alegria, parei de me sentir um ET, a sensação de inadequação ainda existe em alguns momentos, mas sei que existe um motivo, tenho colegas autistas agora e o diagnóstico foi uma explicação para tantas dificuldades que tive a vida inteira, agora com o tratamento certo estou bem, e antes vivia em crises e internado.** (L1-Costa, 2022, p. 19).*

Um dos maiores equívocos em relação aos autistas é pensar que nossos sentimentos não são tão sutis e complexos quanto os das outras pessoas. Como nos comportamos de uma forma que parece infantil aos seus olhos, vocês tendem a imaginar que é assim

que somos por dentro. Só que experimentamos as mesmas emoções que vocês. E, por não sermos hábeis em nos expressar, podemos ser ainda mais sensíveis. Preso aqui dentro deste corpo desobediente, com sensações que não temos como compartilhar de forma adequada, existe uma luta constante para sobreviver. E é esse sentimento de desamparo que às vezes nos enlouquece e nos causa um ataque de pânico ou descontrole. (L21 - Higashida, 2014, p. 94).

No colégio onde estudava, batalhei por uma boa educação inclusiva sem optar por bater de frente com a escola. Minha mãe construiu essa ponte com a instituição. Sempre tive medo de entrar para a faculdade, sair da zona de conforto da escola, onde eu conhecia todo mundo, para enfrentar a novidade. [...] Eu tive uma amiga que fez todo o ensino médio comigo e ela sempre conversava com os professores e coordenadores sobre as minhas dificuldades sem que eu precisasse me expor. (L2-Mendonça, 2015, p. 11-12).

*Desde o fim do ano ensino médio eu não tinha acesso a rede de amizades tão sólidas quanto às formamos hoje. E, na companhia de vocês, sinto como se tivesse na comunidade que sempre desejei viver e que foi descrita nos capítulos atrás, mesmos sem ter encontrado a maioria pessoalmente. **Ensino, aprendo e me divirto e rio muito também (temos um senso de humor excelente) tanto com nossa troca de experiência em ambientes reais e virtuais. E mais autistas haverão de se agregar a nós. Sem ativismo autistas, não haveria pessoas para defender o lema” nada sobre nós sem nós” [...]. A década de 2010 assistiu o surgimento de diversos ativistas em nosso país: Amanda Paschoal, Rita Louzeiro, Victor Mendonça, Fernanda Santana, Ciel Souza e mais gente há de surgir para levantar nossa bandeira... (L1- Costa, 2019, p. 254).***

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

A dor pelo tempo perdido, entre as inúmeras dificuldades geradas pelas condições de vida e a falta de saber quem se é, pode ser percebida nos excertos acima. As narrativas de dor e de sofrimento se mesclam com a necessidade e as experiências pontuais de segurança e de acolhida. Geralmente, as dores que aparecem na escola são bem mais intensas e associadas aos anos iniciais do ensino, quando ainda não havia a confirmação do diagnóstico. Nesse período, a narrativa evidencia a experiência de identificar-se como diferente dos demais e de tentar, mesmo sem sucesso, imitá-los. Conforme avançam na escola e seguem procurando explicações para seus comportamentos até que as encontrem, as relações, aos poucos, vão tomando contornos distintos, o que não significa que a inclusão se estabelece, mas significa que aprendizagens são concretizadas a partir do diagnóstico e de encontros pontuais com tipos de sujeitos mais abertos ao outro.

Destaco a importância do diagnóstico ou de saber o que se tem, tanto para o reconhecimento de si e do outro, quanto para usufruir direitos e definir rumos escolares e de vida. A relação entre diagnóstico, reconhecimento e performance se torna produtiva no contexto de minhas análises, pois permite entender os efeitos do diagnóstico, ultrapassando a

clínica e o enquadramento patológico do sujeito diagnosticado. No contexto das discussões da neurodivergência, o diagnóstico também possibilita entender as particularidades de um indivíduo ou grupo. Particularidades que, ao serem nomeadas, podem operar como elementos importantes para o desestranhamento de si para si e para os outros, visando à reivindicação de direitos individuais e coletivos e o reconhecimento de uma forma de vida específica, com apoios mais adequados às condições de vida. Em outras palavras, ter um diagnóstico não significa unicamente ter um parecer clínico, mas pode envolver, dependendo como ele é experienciado, tanto a validação quanto a valorização das diferenças individuais. Assim, o reconhecimento da neurodivergência pode significar aceitar e valorizar as distintas e diversas formas de pensar e de aprender, presentes nos espaços públicos, como, por exemplo, o da escola. Também pode significar a emergência de melhores e diferentes performances individuais, em diferentes espaços públicos e coletivos.

Em outras palavras, o diagnóstico pode ser uma ferramenta de identificação, de compreensão e de in/exclusão dos sujeitos neurodivergentes, dependendo de como é usado. No diagnóstico não está marcada, a priori, uma negatividade que o condene, tampouco, uma positividade que o absolva. Os usos que dele fazemos é que determinam boa parte das experiências subjetivas e sociais decorrentes. Isso pode ser observado nos excertos do quadro acima, pois vimos circular nas narrativas, diferentes histórias posicionando espaços, como, por exemplo, a escola, que, ao mesmo tempo em que é marcada por sofrimento, desconhecimento e in/exclusões, também é referida como sendo um porto seguro, espaço de amizades, de compreensão e de lutas que fortalecem. Robison reflete sobre a dificuldade de ser diagnosticado com autismo e o impacto da falta de compreensão nas instituições educacionais e sociais. A crítica central aqui é a incapacidade da sociedade em reconhecer e acomodar as "condições sutis" do autismo, que muitas vezes são diluídas no "grande ruído" da sociedade. O pós-estruturalismo nos ensina a olhar para o que é marginalizado ou invisibilizado e a questionar as estruturas normativas que definem o que é considerado "normal" ou "aceitável". O autor também descreve uma transformação pessoal: a aceitação do diagnóstico de Asperger e a conquista de uma autoconfiança renovada. Essa mudança pode ser vista como uma reinvenção da identidade, não mais baseada em normas sociais preexistentes, mas numa nova compreensão de si mesmo. A narrativa de fracasso escolar e a opção por não tentar novamente, apesar do potencial intelectual, evidenciam as limitações de um sistema educacional rígido e não inclusivo. Observo essas estruturas como produtivas de poder, moldando o indivíduo e suas oportunidades dentro de uma lógica de normalização.

Costa (2022) traz a experiência de autodescoberta e a aceitação do diagnóstico de

autismo são elementos centrais. Narra a sensação de inadequação, descrita como "ser um ET", reflete um sentimento de alienação, uma metáfora potente para as margens da experiência humana que o pós-estruturalismo frequentemente explora. A revelação do diagnóstico, e a subsequente construção de uma rede de apoio com outros autistas, proporciona ao autor uma nova compreensão de suas dificuldades e uma nova possibilidade de identidade. Ao considerar que o "diagnóstico foi uma explicação para tantas dificuldades", o texto evidencia o papel da linguagem e da categorização na formação do sujeito. No entanto, essa explicação não traz uma solução unívoca ou final; o autismo, assim como outras identidades, é uma construção social que está longe de ser totalmente compreendida ou aceita pela sociedade.

Como foi visto no caso de Robison (2008), a escola o empoderou por meio da segurança que ela proporcionava e por causa dos amigos que tinha. Costa (2019) também cita o sentimento de amizade vivido no Ensino Médio. Parece que segurança e amizade são elementos que conferem, àqueles que se narram, confiança para seguirem suas lutas, desbravando novos espaços. Já Higashida (2014), em sua narrativa, deixa explícito o sofrimento, pois reclama do desconhecimento dos outros da sua condição. Argumenta que seu corpo aprisiona sensações, sentimentos e manifestações que gostaria de compartilhar com todos. A luta contra si mesmos talvez seja a geradora de maior sofrimento, pois nem sempre é possível declarar o sofrimento e compartilhar sentimentos de injustiça.

Lutas, dores e (des)confortos vão sendo interpretados e ressignificados junto ao diagnóstico de autismo. Para mim, como disse em outro momento, no início desta Tese, o diagnóstico era algo que aprisionava os sujeitos, ou seja, ele marcava a clínica na alma do sujeito; porém, para minha surpresa, conforme avançava na leitura dos meus materiais de pesquisa, constatei que os autores autistas manifestavam a sensação de felicidade, de alívio e até de liberdade, quando foram diagnosticados. Nesse sentido, trago alguns exemplos.

Assumo a minha perturbação ao constatar o efeito positivo do diagnóstico. As narrativas sobre a chegada do diagnóstico mostram o impacto profundo no modo como passam se conhecer e lidar com a autoaceitação. A ideia de que o diagnóstico é apenas um rótulo negativo não se sustenta a partir das narrativas acima, mas é uma *chave* para pertencimento e exploração da identidade autista, é algo que ressoa com muitas pessoas na comunidade. Deixo conta de que ele, nos casos lidos, opera como um elemento de tradução para aqueles que, diferentemente da maioria, são submetidos a questionamentos e precisam de razões para se identificarem para o outro.

Quadro 9 - O Diagnóstico como salvo conduto para assumir o autismo

A validação deste diagnóstico teve o efeito de me permitir identificar-me como autista e começar a explorar a minha identidade autista. Só depois deste diagnóstico é que senti um sentimento de pertença, a confiança para ingressar em grupos como o Asperger London Area Group (ALAG) e para participar na conferência Autscape; enquanto antes eu sentia que não tinha direito para fazer isso. (L26-Heart, 2019, p.49).

O diagnóstico, reconhecimento, confirmação de que sou autista, também trouxe algumas surpresas. Desde que comecei a desconfiar, pensava se deveria revelar a situação, caso fosse detectada. Depois de muito ler e pensar, decidi não esconder. Passei a vida inteira me camuflando entre as pessoas neurotípicas e já estava muito esgotada de sempre ter que encontrar uma desculpa ou mesmo aturar coisas que me fazem mal, como barulhos, eventos em interação muita gente com a qual não tenho familiaridade, luzes e outras sobrecargas emocionais e sociais. O estranho foi ver a reação das pessoas que me eram mais chegadas e as expressões de espanto, em alguns casos até um certo horror, quando me declarei autista. [... sou mais simpática ao movimento pela neurodiversidade, embora perceba, como pesquisadora, que existem algumas falhas e lacunas, assim como qualquer proposta. Ser neurodiverso ou neurodivergente não é algo intrinsecamente patológico. Entender a espécie humana, primeiramente, como passível de diversas manifestações no mundo é chave para que consigamos evoluir em paz, com colaboração e não nos exterminemos por características que são esperadas e inerentes à espécie. (L24- Rosa, 2022, p.94).

Hoje escrevo não apenas nas minhas redes sociais, mas também para sites e outras páginas, faço palestras sobre autismo e tenho um canal no YouTube onde falo de autismo e mensagens motivacionais. Também iniciei meu próprio empreendimento e me envolvo em projetos que ajudam outros autistas a terem voz e espaço. O diagnóstico me trouxe liberdade de ser quem eu sou e autoconhecimento. (L15 – Mendonça, 2022, p.66).

*Antes de se conhecer um asperger apenas, e em primeiro lugar, pela via da ciência, seria melhor conhecê-lo como pessoa, individualmente, mesmo que jargões científicos fechem de início essa possibilidade e coloquem todos em um só container. Essa linguagem nos confere uma identidade indesejada, defeituosa, referida como doente, através de uma terminologia que dá origem a rótulos e a estereótipos prejudiciais e os resultados são, estes sim, invasivos. Já encontrei artigos dizendo “pessoas com essa deformidade...” – e nem é preciso explicar como nos sentimos nessas ocasiões. Assim, expressões como: transtorno, portador, comorbidade (para concorrência), distúrbio, paciente, invasivo, pervasivo ajudam a compor uma pessoa que não somos nós, ou não refletem o que somos, e não nos reconhecemos por meio desses tipos de descrição. Aspergers também encontram, não sem constrangimento, o termo perturbação. O que vem a ser? Entendo que, por um lado, essa não seja uma característica com luz própria. Não é originada a partir das pessoas no espectro, e sim, é um tipo de sombra refletida em nós. **Uma sombra vinda a partir da visão das pessoas comuns, que se perturbam diante de pessoas no espectro. Daí que a perturbação pode estar em outros, e não, ou nem sempre, nas pessoas aspergers.** Chamo a isso de um olhar ariano, deitado sobre pessoas consideradas de algum modo inferiores, limitadas. (L25- Parreira, 2015, p.157).*

O ativismo autista necessita ser levado a sério e reforçado. Não fosse por ele, muita gente provavelmente continuaria a enxergar como “errada”, se culparia, por tudo aquilo que é sujeitada e viveria a sentir complexo de inferioridade. Nem se falaria no orgulho, que é algo muito importante para nós [...] as pessoas autistas que conheci e com as quais fiz amizade

durante todo esse tempo, digo, minha vida seria significativamente menos alegre sem vocês. [...]. (L1- Costa, 2019, p.254).

*As pessoas dizem eu sou um “case” de sucesso, precisei ter coragem para encarar os desafios que a vida me trouxe logo que nasci. Tive o privilégio de estudar em boas escolas, mas nunca me senti incluída, assim como em algumas empresas em que trabalhei, apesar de todos esses obstáculos, eu nunca pensei em desistir, meus pais foram os primeiros a acreditarem no meu potencial e sempre me deram força para seguir em frente, Se eu tivesse perdido as esperanças, não teria encontrado um lugar que me fez, pela primeira vez, me sentir incluída, superação tem vários significados na vida : autonomia, tomar decisões e ser você mesma na escola ou no trabalho, parece que o mundo não foi feito para nós, e as pessoas com dificuldades têm que deficiência. Eu também passei a ser convidada para participar de palestras. **Descobri que gostava da sensação de subir num palco, falar no microfone, me apresentar e ver os outros interessados no que eu tinha a dizer.** Anos atrás, quando minha mãe me levava para assistir a palestras, eu pensava que essa era uma boa forma de inspirar as pessoas. Um assunto que me marcou foi o princípio da equidade, que significa reconhecer as diferenças e dar oportunidades equivalentes de acordo com a necessidade e habilidade da pessoa, ou seja, “dar a bicicleta certa para a pessoa poder andar com autonomia”, uma metáfora que ouvi e nunca mais esqueci, nos diversos momentos em que o desânimo e a ansiedade apareciam, foi extremamente importante ouvir tudo isso. Essas palestras me ajudaram a seguir em frente e a continuar acreditando que eu posso ser alguém na vida. É muito transformador aprender com a experiência de outras pessoas. Além de conhecer suas histórias, eu via como a pessoa aprendeu com os desafios e buscou suas realizações. Foi assim que tive vontade de escrever o meu próprio livro. Quando subi pela primeira vez no palco, senti que, dessa vez, era eu quem estava ajudando as pessoas. Sempre sonhei em estar nessa posição. De repente, de uma mera espectadora, eu me tornei a protagonista da minha própria história. (L18 - Goldeschmit, 2022, p.134-135).*

Fonte: a pesquisadora

Em todos esses relatos, o diagnóstico de autismo surge como um divisor de águas, proporcionando uma nova visão de si mesmo e um contexto no qual é possível explorar a identidade autista de maneira mais autêntica e afirmativa. Essa transformação pode ser analisada criticamente à luz da teoria pós-estruturalista, que questiona as construções de identidade, as normas sociais e os efeitos de poder que operam sobre os sujeitos. O texto de Heart (2019) revela uma transformação significativa na maneira como o autor se percebe e se posiciona dentro da comunidade autista. Inicialmente, há uma resistência à ideia de ser autista, mas a validação do diagnóstico marca o início de um processo de identidade autista. Esse momento de reconhecimento e validação é central em uma análise pós-estruturalista da identidade, pois o diagnóstico se configura como um momento de "fixação" da identidade dentro de um sistema de categorizações, mas, paradoxalmente, também oferece uma abertura para a construção de um novo sentido de si. O diagnóstico, então, não é visto como uma verdade absoluta ou como um rótulo, mas como uma ferramenta que pode ser utilizada para criar uma narrativa mais ampla e inclusiva de identidade. O pertencimento a grupos como o Asperger London Area Group (ALAG) e a participação na conferência Autscope representam

uma reapropriação da identidade, que se alinha com o movimento pela neurodiversidade, que reconhece as experiências autistas como válidas e merecedoras de celebração.

Essa mudança é especialmente significativa do ponto de vista pós-estruturalista, porque subverte a ideia de que as identidades são fixas ou predeterminadas. O autor passa de uma percepção de exclusão (por não se sentir "autorizado" a fazer parte dessas comunidades) para uma sensação de pertencimento, evidenciando que as identidades são em grande parte formadas por relações sociais e pela maneira como essas identidades são reconhecidas ou ignoradas por instituições e grupos de pertencimento.

Rosa (2022), por sua vez, traz à tona um aspecto crítico da experiência autista que é muitas vezes negligenciado: a reação das pessoas próximas ao diagnóstico e a desconstrução das expectativas sociais sobre o comportamento neurotípico. Rosa descreve a experiência de "camuflar-se" para se ajustar às expectativas de uma sociedade neurotípica e os efeitos negativos disso. O cansaço de "sempre ter que encontrar uma desculpa" para evitar situações que causam desconforto físico e emocional — como barulhos excessivos ou interações sociais estressantes — é uma manifestação das tensões entre o sujeito e as normas sociais. A expressão "a reação das pessoas que me eram mais chegadas" revela como o diagnóstico de autismo pode ser um evento disruptivo não apenas para o indivíduo, mas também para aqueles que o cercam. As reações de espanto e até "um certo horror" ao ser revelada como autista refletem o estigma social que ainda envolve o autismo. Em uma análise pós-estruturalista, isso pode ser visto como o efeito de discursos normativos e patologizantes que, historicamente, têm marginalizado as diferenças neurológicas. O autismo, como o próprio Rosa menciona, nunca deve ser considerado intrinsecamente patológico, mas sim uma variação natural das capacidades humanas, que desafia as ideias de normalidade. O movimento pela neurodiversidade, que Rosa apoia, surge precisamente como uma resistência a esses discursos normativos, propondo que a diversidade neurológica seja reconhecida e celebrada, ao invés de ser patologizada. O texto de Rosa também levanta a questão da "aceitação" dentro da comunidade científica e acadêmica. Como pesquisadora, Rosa é crítica em relação ao movimento pela neurodiversidade, reconhecendo suas falhas, mas ao mesmo tempo se posicionando a favor da ideia de que as diferentes formas de ser humano devem ser aceitas e compreendidas. A postura crítica e reflexiva de Rosa em relação a um movimento social dentro do campo da neurodiversidade está alinhada com a abordagem pós-estruturalista, que reconhece a fluidez e as contradições nas construções sociais e culturais, sem buscar uma única verdade ou perspectiva.

Essa mudança é especialmente significativa do ponto de vista pós-estruturalista,

porque subverte a ideia de que as identidades são fixas ou predeterminadas. O autor passa de uma percepção de exclusão (por não se sentir "autorizado" a fazer parte dessas comunidades) para uma sensação de pertencimento, evidenciando que as identidades são em grande parte formadas por relações sociais e pela maneira como essas identidades são reconhecidas ou ignoradas. Portanto, mesmo que não se trate de uma experiência universal, posso afirmar que ser diagnosticado pode ser um elemento libertador da angústia gerada pelo estranhamento, conforme explicita Heart (2019, p. 49): "A validação deste diagnóstico teve o efeito de me permitir identificar-me como autista e começar a explorar a minha identidade autista". O diagnóstico como algo que permite ser, uma força de autoridade, de liberação de condutas. Aqui compreendo que se trata do poder de se mostrar, mas sem sofrer punição por isso, a prova de que existe algo que autoriza e explica o porquê ser diferente é o início de uma jornada rumo ao autoconhecimento.

Costa (2019, p. 254) traz uma fala que enaltece a relevância do pensar coletivo, dos ajuntamentos de autistas, como forma de luta e resistência: "O ativismo autista necessita ser levado a sério e reforçado. Não fosse por ele, muita gente provavelmente continuaria a enxergar como "errada", se culpária, por tudo aquilo que é sujeitada e viveria a sentir complexo de inferioridade". Rosa (2022, p. 94) menciona que o diagnóstico impulsionou a coragem de se assumir autista e o desejo de saber mais sobre as ideias do movimento da neurodiversidade: "Sou mais simpática ao movimento pela neurodiversidade, embora perceba, como pesquisadora, que existem algumas falhas e lacunas, assim como qualquer proposta". Ser neurodiverso ou neurodivergente não é algo intrinsecamente patológico. Parreira (2015, p. 157), outra mulher atípica, declara que o diagnóstico é como se fosse uma marca, uma sombra no olhar de ver de fora. Esse mal-estar, diz ela, é muito por parte dos observadores e não dos autistas: "Uma sombra vinda a partir da visão das pessoas comuns, que se perturbam diante de pessoas com espectro. Daí que a perturbação pode estar em outros, e não, ou nem sempre, nas pessoas aspergers".

Percebo então que o ativismo autista tem sido uma força vital na desconstrução de estigmas profundamente enraizados, muitos deles perpetuados por décadas de desinformação, medicalização excessiva e uma perspectiva patologizante do autismo. Graças a esse ativismo, muitas pessoas passaram a se enxergar com mais clareza, dignidade e orgulho — não como alguém "quebrado", mas como alguém neurodivergente, com um jeito diferente (e válido) de estar no mundo. Sem esse movimento, muitas vozes autistas ainda estariam silenciadas ou distorcidas por narrativas externas, que não refletem suas experiências reais. O ativismo ajuda a resgatar a autoestima, promove pertencimento, e mostra que o problema não está na pessoa

autista em si, mas sim numa sociedade que não foi pensada para acolher a diferença.

Mendonça (2022), uma das pessoas mais conhecidas nas redes sociais do universo autista, que maneja bem as mídias sociais, consegue atingir um público não autista, ao falar das lutas e conquistas do movimento autista no Brasil. Como ela publica artigos e livros, tem espaço aberto para falar, em primeira mão, sobre o que é ser autista e mulher no Brasil. “Hoje escrevo não apenas nas minhas redes sociais, mas também para sites e outras páginas, faço palestras sobre autismo e tenho um canal no YouTube”. Hoje os diagnosticados falam do orgulho de serem autistas, após saberem de sua condição, muitos relatam buscarem se afirmar como são com mais segurança, como destaca Costa (2019) no excerto acima, ou dizem que sentem prazer em orientar outras pessoas, como no caso de Goldschmit (2022). Em ambos os casos, alívio e reconhecimento parecem ser os sentimentos presentes e vividos com muito prazer. Mendonça (2022) apresenta uma narrativa de empoderamento pessoal e profissional através da aceitação do diagnóstico autista. O diagnóstico, para Mendonça, não é apenas uma explicação para suas dificuldades passadas, mas um "passaporte" para a liberdade e o autoconhecimento. Mendonça descreve como a descoberta de sua condição autista a levou a se envolver ativamente em projetos sociais e a criar espaços para outros autistas, o que é descrito como uma forma de empoderamento e afirmação da identidade. O engajamento com as redes sociais, palestras e a criação de um canal no YouTube também refletem a transformação da experiência pessoal em um movimento coletivo, em que Mendonça utiliza sua própria experiência para ajudar a dar voz a outros autistas. Isso se conecta diretamente com a ideia de que a identidade autista, ao ser compartilhada e divulgada, pode romper as barreiras do silêncio e da marginalização. A produção de conteúdo e a participação em projetos sociais também exemplificam a noção pós-estruturalista de que as identidades não são algo que se "possuímos", mas algo que constantemente se reconfigura nas interações sociais e culturais. Ao criar um espaço para outros autistas se expressarem e se reconhecerem, não apenas ressignifica sua própria identidade, mas também contribui para a transformação do entendimento social do autismo. Isso se alinha à ideia pós-estruturalista de que o poder está em constante circulação e que aqueles que tradicionalmente foram marginalizados podem se apropriar desse poder e criar novas narrativas, novas formas de ser e de existir.

No exercício de extração e de agrupamento de excertos que me chamavam a atenção, fui me dando conta de que assim como emergiam palavras como solidão, exclusão, hostilidade, fraude, ir a lugar nenhum etc., também emergiam amizade, talentos, comunidade, florescer, entre outras palavras e expressões mencionadas nos excertos destacados. Não quero, com essa observação, abrandar a experiência de discriminação negativa e de in/exclusão

vivida pelos sujeitos autistas, tampouco, reduzir todas as experiências autistas nas que analiso, pois sei das condições específicas dos que conseguem se expressar como os autores que analisei. A exemplo, as narrativas de Goldeschmit (2022) quando relata que não viveu uma boa receptividade desde que nasceu, os médicos disseram que ela seria incapaz de andar, de falar ou de se desenvolver. Hoje, aos 25 anos, se prepara para ser analista em uma grande empresa. No entanto, ela escreveu seu livro e passa a mensagem de que são necessárias mais oportunidades para as pessoas deficientes. Parece existir a obrigação de sentir uma dose de esperança extra, de nunca parar de lutar para vencer os desafios contínuos da vida autista. A vontade de querer estudar, de trabalhar e de não ter limites para percorrer uma vida sem imposição deve ter sempre uma carga extra, acima da média, para, ao menos, acessar direitos humanos básicos para ter uma vida menos precária.

A terminologia patologizante e as classificações normativas impõem limites à forma como as pessoas autistas são vistas e tratadas pela sociedade. O ativismo autista, por sua vez, busca redefinir essas narrativas, promovendo uma nova compreensão do autismo como uma forma legítima de diversidade humana.

O relato de Goldeschmit (2022) destaca a trajetória de conquistas pessoais e a busca por inclusão em um mundo que muitas vezes parece ser feito para as pessoas neurotípicas. Goldeschmit se vê como um "caso de sucesso", mas enfatiza que esse sucesso não se deu sem desafios significativos. A autora fala sobre como nunca se sentiu completamente incluída, nem na escola, nem nas empresas em que trabalhou, e como a busca por inclusão se tornou uma questão central em sua vida. Para Goldeschmit, não é apenas uma questão de alcançar objetivos ou ter sucesso profissional, mas envolve a conquista da autonomia e da capacidade de tomar decisões por si mesma. Essa jornada de autodescoberta e afirmação é emblemática de uma postura pós-estruturalista da identidade, onde o sujeito não é apenas um ser passivo que recebe rótulos impostos por outros, mas um agente ativo que constrói sua identidade por meio das escolhas que faz e das formas como se relaciona com o mundo.

O (Re)conhecimento de si se dá na relação com os outros, com qualquer outro. Isso significa que as tramas em que o sujeito se vê enredado o constituem, conferindo à sua vida movimentos distintos, nem sempre favoráveis à positividade da neurodiversidade. Lendo o material, passei a entender que os sentimentos gerados na pessoa autista e nos que com ela convivem são resultantes instantâneos do acidente dos encontros com o autismo. Não dá para amenizar e apagar o desconforto gerado pela presença de quem desconhecemos ou que conhecemos, mas que nos surpreende o tempo todo. Há algo de interessante e potente nessa forma de ser que precisa ser melhor entendido.

Na busca por melhor entender as narrativas e as muitas formas de subjetivação que os autores deixam perceber em seus textos, com o avanço das leituras de meu material, fui amenizando o gosto amargo que sentia, ao contatar com o sofrimento vivido e narrado pelos autores. Ao narrarem suas construções pessoais, seus desejos de namorar, de conquistar um trabalho, de fazer viagens, de escrever mais livros, de seguir entre amigos na escola, me faziam perceber o quanto eles descontrolam as narrativas que os posicionam como problemas, incapazes ou anormais. Depois de muito ler, entendi que a intensidade das experiências vividas pode transformar permanentemente as pessoas, conferindo-lhes não só as condições de se movimentarem nos grupos sociais, mas as condições de serem de muitas formas ou de serem autistas de muitas formas.

Enfim, resumindo, as condições que eu sentia foram sendo canalizadas para o entendimento de uma vida num campo de guerra. Uma guerra que nada tem a ver com territórios e disputas, mas, sim, com combates diários enfrentados pelo sujeito em qualquer espaço em que eles se colocam. Em outras palavras, como já disse, nas lutas, novos sujeitos surgem em forma de amigos, de colegas, de professores, para positivarem e até amenizarem as experiências de discriminação. Nos diferentes excertos transcritos acima, é possível perceber os sujeitos se associando às lutas autistas. Tais associações mostram a dignidade daquele que luta (in)cansável e cotidianamente pelos espaços, por direitos e por reconhecimento. Na guerra, todo o guerreiro é dignificado, mesmo que seja derrotado em algumas batalhas, pois se reconhece a força de quem luta cotidianamente, para que não seja reconhecido como incapaz ou como um deficiente. O guerreiro autista, ao longo de sua vida, se prepara para os embates; porém, as injustiças e a violência que, por vezes, lhes são dirigidas estão fora da guerra que o dignifica nas batalhas. São batalhas injustas, pois desfazem o adversário e o impossibilitam de seguir lutando.

Nos excertos acima, é possível perceber referências a amigos e a outras pessoas, que se aliam à luta pelo reconhecimento e pelos direitos dos indivíduos. Perceber a existência do outro como parte decisiva para a busca por reconhecimento constitui um motivo a ser festejado, pois pode ser a razão para uma transformação pessoal, mesmo que tal transformação não seja uma revolução. Esse outro pode estar dentro de um livro, pois livros conectam experiências, pode estar nas redes sociais, na internet ou em qualquer outro espaço em que haja abertura para encontros. Apesar do lento reconhecimento das suas falas, o não reconhecimento de relatos individuais como um conhecimento legítimo ainda perdura, isto é, ainda não são reconhecidos como histórias sobre autismo. Ainda vigem desconfianças, questionamentos, baseados em pensamentos binários, que definem quem é autista demais para

produzir suas histórias, anormal demais para ser ouvido ou “não são autistas o suficiente” para terem algo para contar. Crerar (2016) denomina essa desconfiança sobre o modo como autistas falam de si de “injustiça hermenêutica”. Friker (2007) refere-se a esse novo território, situado entre a ética e a epistemologia, como um fenômeno que joga luz sobre muitas questões ainda não tão exploradas no Brasil envolvendo as comunidades autistas, como o poder social, o preconceito e a genealogia do conhecimento.

Friker (2007) e Yergeau (2018) discorrem sobre a injustiça quanto ao poder de autoria, no sentido de quem está autorizado a falar em nome do autista, de existirem barreiras que impedem às pessoas autistas acessarem sua humanidade e terem a chance de se definirem, quando falam de si ou quando escrevem. Argumentam que há um tipo distintamente epistêmico de injustiça, em que alguém é injustiçado especificamente na sua capacidade como conhecedor. Ainda estamos no início da (re)construção quanto ao modo de pensar e de pesquisar com pessoas autistas. Ao buscar mais conhecimentos sobre o autismo fora da compreensão clínica ou médica, constatei uma grande lacuna, considerando a dificuldade de encontrar pesquisas que abordassem situações realistas críticas sobre o autismo, com implicações ontológicas e epistemológicas para a produção de conhecimento sobre o tema. Rosqvist *et al.* (2022) dizem que, ao se colocarem como propagadores de conhecimento como pessoas autistas, não defendem definições fixas sobre eles mesmos, mas defendem que compreensão de si mesmo e dos outros está em constante evolução, à medida que compartilhamos conhecimentos de nossas diferentes disciplinas e de nossas narrativas individuais.

5.4 MASCARAMENTO

Nas muitas entradas em meu material de pesquisa, fui, aos poucos, percebendo recorrências enunciativas que diziam muito sobre os sujeitos. Entre as práticas recorrentes, o mascaramento se apresenta como uma tecnologia capaz de “dar uma segunda pele” àqueles que saem de casa pensando em se proteger do outro. Ao longo das análises, fui entendendo o mascaramento como uma possibilidade de dissimular ou até de se camuflar, por meio de uma performance, do olhar do outro. Através do mascaramento, percebe-se um esforço para abrandar sofrimentos, pois é possível, pelo menos se imagina que seja, proteger-se das dores da discriminação negativa, ou seja, o mascaramento permite a entrada no social. Ao ir me dando conta disso, busquei na internet discussões que já tivessem apontado essa possibilidade.

Chamou minha atenção que o *site* organizado pela National Autistic Society²¹ (2025) fazia referência ao mascaramento, ou seja, não era algo que somente eu percebia. Para quem mantém o *site*, o mascaramento é uma imitação consciente ou subconsciente de comportamentos sociais neurotípicos, para se encaixar ou evitar reação de preconceito. O mascaramento também é chamado de "camuflagem". A "camuflagem social" pode ser um tipo de prática que permite ao sujeito adaptar-se às constantes exigências sociais. Também permite que os traços do autismo sejam disfarçados ou camuflados, para que não sejam percebidos tão rapidamente.

Embora o mascaramento possa facilitar as interações sociais, muitas vezes, como mostram os autores lidos, leva a uma fadiga mental e emocional significativa. O ato de colocar máscaras como mecanismo para evitar ser exposto a situações de coação, desprestígio, repúdio pode facilitar uma espécie de tentativa de autopreservação, mas quem suporta viver a vida escondido atrás de uma camuflagem? Mais à frente, trago autores que entendem que a prática de mascaramento é uma reação que prejudica, traz danos à autoestima e, por vezes, confunde o sujeito, por não conseguir olhar para si mesmo e compreender sua posição.

Nas narrativas de si selecionadas para análise o mascaramento aparece de distintas formas, mas ele é mais frequente na ausência de clareza diagnóstica, quando a pessoa ainda não sabe ainda que é autista. A necessidade de ser aceito pelo outro demanda ações e comportamentos elaborados de forma não natural ao longo da vida, mesmo que tais ações acarretem estresse e ansiedade. O mascaramento, portanto, é um mecanismo de sobrevivência, num mundo que observa, que controla e pune pessoas que não são parecidas com a maioria. Portanto, é preciso fazer saber que o autismo é uma condição ampla na maneira de ser e viver e que não há uma maneira única de "parecer autista".

Quadro 10 – Mascaramento como prática de autoproteção

Em meu instinto de sobrevivência, me fez mascarar, evitar e expor, o que eu realmente sou. Depois de receber os resultados dos testes, dos laudos, não havia mais dúvidas sobre minha condição. [...] Certamente, muitos notaram tal mudança nos padrões de comportamento. Devo dizer que tenho muito claro em minha mente que minha forma de agir, finalmente, não é mais imitação. Não mais ajo de um jeito ou de outro somente para aparentar ser igual às outras pessoas. Ao invés, faço o que sinto que é necessário para me sentir bem, mesmo que pareça esquisito. Agia de modo esquisito quando estava sozinho, sem observadores, nesses momentos eu me libertava da minha responsabilidade em ser e em parecer como gostariam que eu fosse, me sentia livre, me sentia envergonhado, ao mesmo tempo livre, de certo modo, isso explica o porquê eu ter mantido durante tanto tempo um processo

tão ritualístico para simplesmente sair de casa e ir para o trabalho. (L16–Pereira Júnior, 2022, p. 154).

*Ao mesmo tempo em que me forçava a socializar e ter amigos, eu necessitava retornar para o meu porto seguro, onde permanecia sozinho e podia ser quem eu realmente era sem precisar usar uma máscara social. Apesar de eu já ter 15 anos, eu vivia ainda uma luta constante entre o mostrar-se e recolher-se. **Era como se eu vivesse em uma gangorra: ora sendo o que os outros esperavam que eu fosse, ora sendo quem eu realmente era.** Eu não queria lembrar-me do que os outros me falavam, ferindo o meu eu e ignorando o que eu de fato, eu sentia. Mas, enfim, segui adiante. Basicamente eu me sentia calmo, porque eu estava conseguindo socializar com as pessoas. Isso representava muito para mim, que sempre precisei de momentos de introspecção. (L19- Gringer, 2015, p.100-101).*

***Acho que você já notou que não sou como os outros. Bem, é verdade. Meus neurônios não se desenvolveram normalmente. É chamada de síndrome de Asperger. É uma forma mais branda de autismo.** [...] E quando se trata de interagir com outras pessoas é difícil. É por isso que acho difícil sair, falar com outras pessoas, fazer telefonemas... Tudo isso requer a máxima concentração, porque não é natural para mim. O fato de não ser natural cria um estresse imenso porque tenho medo de fazê-lo mal. Não preciso soletrar para você, mas para nós, a mímica é um meio perfeito de sobrevivência. Copiar as personalidades que nos rodeiam nos permite encaixar e ter um estoque de comportamento social pré-aprovado. É, portanto, muito útil na vida cotidiana. No entanto, existe um grande risco. (L23- Branch, 2023, p.25-26).*

***Ficava paralisada quando o assunto era sair de casa, encontrar lugares, achar a sala correta; ir a banco, me dirigir às pessoas, saber quem era a pessoa certa.** [...] Almoçar com outras pessoas me apavorava. Durante a semana, eu até ensaiava comer em pensões perto da empresa. Mas a comida e aquele amontoado de gente conversando com me faziam muito mal. Passei a levar ovo cozido e salada. Comia dentro do banheiro para ninguém ver. (L8 - Silva, 2017, p. 1305).*

***Notadamente, durante a minha adolescência, eu sentia toda essa pressão gerada pelo medo de agir ou dizer coisas inadequadas.** Às vezes, não dizia palavra, às vezes, agia como um papagai o, falando sobre o que os outros falavam, imitando seus trejeitos, gestos e gírias. Mas era um sistema altamente falho: minha chance de sucesso dependia enormemente do quanto eu poderia prever essas interações. Se algo saísse dos trilhos, se de repente o que foi planejado necessitasse de ajustes ou mprovisações, tudo ia pelo ralo. (L16 - Pereira Junior, 2022, p.51).*

²¹ Para saber mais sobre o site, as discussões feitas e as muitas posições de sujeitos autistas, entre outros, sugiro entrar no site <https://www.autism.org.uk/>

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Abandonar máscaras para finalmente viver com autenticidade. Através das narrativas percebi como um grande alívio vivido e, ao mesmo tempo, a esperança de poder ser quem

realmente se é. A experiência de falhar, de "não dar conta" da improvisação social, evidencia que o sujeito autista não falha por sua deficiência em si, mas porque o modelo de normalidade é tão rígido que não admite desvio, nem acolhe outras formas de expressão, relação e presença. A subjetividade aqui é marcada por uma auto-vigilância constante, por um cálculo minucioso de cada fala e gesto — o que, paradoxalmente, denuncia o caráter artificial e construído daquilo que se chama "interação social típica". As narrativas são atravessadas por formas de sofrimento que, longe de serem patologias internas, podem ser compreendidas como efeitos subjetivos do capacitismo normativo. O medo de agir “errado”, o pavor diante do almoço coletivo, a tentativa de mimetizar os outros para “se encaixar” — tudo isso expressa a violência simbólica de um mundo que naturaliza a sociabilidade neurotípica como única forma válida de ser-com-o-outro.

A descrição da dificuldade em "sair de casa", "achar a sala correta", "almoçar com outras pessoas" (Silva, 2017) expõe a experiência do corpo autista em um mundo que exige comportamentos previsíveis, interações eficientes e performances sociais consideradas adequadas. Aqui, o corpo não é apenas um ente biológico, mas um território disciplinado (FOUCAULT, 1975), que aprende a se retrain, a se esconder — como no gesto de comer no banheiro — para não ser lido como disfuncional ou desviante. Trata-se de uma estratégia de autodefesa diante da vigilância do olhar alheio. Comer escondida, evitar a presença coletiva e sentir-se mal com o “amontoado de gente” são efeitos de um sistema que define, de forma silenciosa, quais corpos pertencem legitimamente ao espaço público e quais precisam ser eliminados simbolicamente dele.

Pereira Júnior (2022), em suas narrativas, confessa que, quando estava só, sentia-se livre e envergonhado, um sentimento complexo sentir-se confortável, mas com medo de ser punido; por isso, faz questão de dizer que sabia que agia de forma esquisita, o que confronta o senso comum em confundir autismo com ausência de autopercepção. Percebo nas narrativas de sofrimento e receios de ser desprezado, uma pressão normativa que pune quem é diferente, há uma obrigação, uma força, um poder operando permanente para fazer com todos sejam iguais, agir de maneira esperada socialmente — um claro efeito do que Foucault chamaria de *biopoder* e *disciplinamento dos corpos*. A obrigação de “parecer normal” se revela como uma forma de poder que atravessa o sujeito e molda seu comportamento. O sentimento de se libertar e sentir vergonha mostra como a subjetividade é ambígua, tensionada entre a conformidade social e o desejo de autenticidade. Essa tensão está no centro das análises pós-estruturalistas sobre o sujeito. A vergonha, nesse caso, não é natural: ela é aprendida, produzida por um olhar normativo que vigia o sujeito.

Já Grinker (2015, p. 100-101), em suas narrativas, de modo semelhante, declara que se sentia como se vivesse de modo pendular, oscilando entre assumir o seu jeito de ser e encenar uma vida que não era sua. “Era como se eu vivesse em uma gangorra: ora sendo o que os outros esperavam que eu fosse, ora sendo quem eu realmente era”. A necessidade de colocar e retirar máscaras acarreta um esforço mental, psicológico, mas, sobretudo, a imposição de invisibilizar-se a todo custo. Como assumir-se autista num campo de ameaça? “*Acho que você já notou que não sou como os outros. Bem, é verdade. Meus neurônios não se desenvolveram normalmente. É chamada de síndrome de Asperger. É uma forma mais branda de autismo*” (Branch (2015, p. 25). Parece que o autor deseja ver-se de um modo menos autista, mas, no fundo, sente e sabe que os olhares dos outros lembram a todo momento que ele é diferente, mas a percepção de uma diferença negativa. Ela demonstra um saber sobre sua condição neurológica, detalha o funcionamento dos neurônios, mas não avança em comentar de onde vem esse olhar que inferioriza o que é diferente. O esforço para esconder a manifestação de comportamento não aceito, desde jovem, condiciona as reações emocionais a serem eliminadas, pois são lidas como inapropriadas, indesejadas.

Silva (2017) mostra ansiedade social e desconforto em situações cotidianas, como sair de casa, interagir com outras pessoas e realizar tarefas comuns, como almoçar em lugares públicos. A pessoa parece estar lidando com um sentimento de insegurança e desconforto ao tentar lidar com o ambiente social. O fato de ela ensaiar comer em pensões, mas acabar se afastando por conta do ambiente e das interações, mostra uma tentativa de adaptação que, no entanto, gera mais estresse. Optar por comer sozinha e até em um banheiro simboliza o isolamento e a tentativa de evitar o confronto com as expectativas sociais.

Nesse sentido, diante das enunciações de mascaramento descritas pelos autores, perguntei: quais são as motivações para que pessoas autistas empreendam esforços para se fazerem invisíveis ou tornarem invisíveis suas características? Diminuir o sofrimento cotidiano, sem dúvida, é uma grande razão. Mas, muito mais do que isso, o mascaramento parece consistir numa prática de subjetivação que se dá a partir da observação de formas de ser aceitas socialmente e formas de ser indesejáveis ou que ativam mais resistências contrárias. Pertencimento e mascaramento mantêm entre si relações muito estreitas. Afinal, é para ser aceito socialmente, sentir-se pertencente que a camuflagem é posta em ação pelo indivíduo, que se mobiliza para imitar comportamentos socialmente aceitos, tidos como normais. Imagino que, de muitas maneiras, todos praticam o mascaramento; porém pessoas com deficiência e, no meu caso de pesquisa, pessoas diagnosticadas com espectro autista, tornam esse recurso imprescindível para a sua sobrevivência, mesmo que ela seja resultante de um processo de

violência simbólica.

As narrativas citadas acima fazem referência explícita ao mascaramento, ora vinculando-o à falta de clareza de um diagnóstico que explique seus comportamentos diferentes, ora para que sejam aceitos pelo grupo. Viver uma vida com extrema vigilância, tentando acertar, observação, a análise cuidadosa de como o mundo funciona, como os outros se comportam — como forma de sobrevivência... é uma metáfora poderosa. Você transforma esse esforço em uma forma de existir, de se comunicar, de se adaptar. Isso não é só sobrevivência. É uma forma muito humana, muito resiliente, de se conectar com o mundo — mesmo que o mundo nem sempre facilite esse caminho. Em ambos os casos, dores, estresse e ansiedade para não se mostrar são uma constante. A necessidade de camuflagem ou de mascaramento, tratados como sinônimos, é uma prática que, ao ser posta em ação, vai subjetivando os indivíduos a se olharem como uma invenção não verdadeira. Não poder assumir o que são é uma manifestação recorrente, o que sugere que há formas de ser mais verdadeiras que outras. O sentimento de paralisia ao lidar com situações cotidianas, como sair de casa, encontrar lugares, ou mesmo simples interações, é algo que pode afetar profundamente a autoestima e o bem-estar. A busca por uma "performance" social, imitando os outros para parecer encaixar-se, é uma maneira comum de lidar com essas situações, mas é, como o texto diz, um "sistema altamente falho", pois depende de uma previsão exata de como as interações irão ocorrer. Isso torna tudo muito instável, pois qualquer imprevisto pode fazer com que a pessoa sinta que tudo desmoronou.

No início das minhas leituras, ao tomar contato com as narrativas do mascaramento, entendia que se tratava de um ato de inteligência e de perspicácia dos sujeitos. Sem dúvida, são; porém, autores como Robison (2013) e Price (2024) me fizeram ver a dimensão do sofrimento gerado para os sujeitos que narram o mascaramento como uma estratégia de normalização pesada para ser mantida. Eles a descrevem como uma imposição gerada pelo medo e pelo sentimento de estar do lado de fora. Narrar a si mesmo por estas lentes, por vezes, me parece uma afirmação da condição de in/exclusão, já outras vezes, uma forma heroica de superação. Neste segundo caso, o mascaramento é contado como uma prática deixada para trás no momento do diagnóstico e do reconhecimento da condição de neurodivergência. Saber que há no mundo outros como eu é um elemento de reconhecimento fundamental, pois se efetiva o desestranhamento e o reconhecimento identitário.

Bariguela, Steward e Mandy (2016), ao pesquisarem a prática do mascaramento utilizada por pessoas autistas, perceberam que a prática se torna mais complexa se considerarmos a variável gênero e, mais especificamente, o feminino. As mulheres parecem

aprender mais rapidamente a camuflagem, usando-a como estratégia de inclusão. Os autores também mencionam que tal fato acarreta um aumento do nível da ansiedade daqueles que o mantêm. Penso que a variável gênero é uma constante em qualquer análise social, afinal, é sobre os corpos que os saberes se inscrevem, produzindo formas de ser aceitas socialmente e definindo as não assumidas como normais ou desejáveis. Socialmente, as mulheres sofrem mais censura de discursos machistas, o que conduz a serem mulheres de acordo com parâmetros ainda mais restritivos. No caso das mulheres autistas, somam-se duas variáveis que potencializam sentimentos de contenção e de exercício de domínio sobre si bastante duros para quem os vivencia.

Mascarar-se é viver em uma espécie de zona nebulosa, ou seja, uma zona em que aqueles que nela estão sabem que ela não é para todos. Apenas estão nela aqueles que precisam de uma definição. Talvez, no dia a dia, essa não seja uma memória presente. Todavia, aqueles que pensam sobre si ao trazê-la tornam explícito como se veem e se constituem como uma camuflagem. Tal sentimento me parece bastante difícil de ser enfrentado.

Mascarar-se exige investimento que demanda esforço extremo, observar características aceitáveis, copiar comportamento “normalizado” e agir de acordo com o código social. O mascaramento pode envolver a supressão de certos comportamentos que outros acham "estranhos", mas que, para o autista, causa sensação de conforto e segurança. Também pode significar imitar o comportamento dos reconhecidos como bem-sucedidos socialmente, ao investir atenção e inteligência na prática de copiar comportamentos não verbais e desenvolver *scripts* sociais complexos, para sobreviver em situações sociais, escondendo comportamentos não aceitos por maiorias da sociedade. Tal conduta é desenvolvida, geralmente, como uma resposta inconsciente aos traumas sociais vividos desde a primeira infância, antes mesmo de entendermos nossas diferenças. Reconheço essas estratégias de mascarar-se em situações de perigo social, pois mostra o quão inteligentes e engenhosas são essas mentes, ao encontrarem maneiras de lidar com a situação. Por outro lado, há uma grande necessidade de ser como os outros, para evitar o preconceito e o julgamento, como consequência do ser "diferente".

Ao buscar com mais profundidade as consequências, a longo prazo, da prática de usar máscaras, Price²² (2024) explica que desmascarar é um termo criado e usado pelo indivíduo neurodivergente, que visa abandonar comportamentos de conformidade social aprendidos, para reduzir o estresse e viver uma vida mais saudável. Saber de uma condição

²² *Unmasking Autism* é o título da obra lançada por Dr. Devon Price. O autor traz uma visão como autista e pesquisador sobre as vidas de indivíduos autistas que passaram suas vidas mascarando seus verdadeiros eus para se adequarem às normas sociais. Com base em experiência pessoal e extensa

pesquisa, Price lança luz sobre o profundo impacto desse mascaramento na saúde mental e no bem-estar geral. O livro investiga as razões por trás desse fenômeno, os desafios e riscos que ele representa e a jornada para abraçar a identidade autêntica de cada um. Por meio de narrativas ele traz diferentes compreensões para dizer o quanto essa prática é resultado de uma sociedade que ainda não compreende as diversas faces do autismo. Desmascarar, para o autor, é uma forma de expor uma face orgulhosa de não conformidade, recusar-se a ceder sob o peso de demandas neurotípicas. É um ato de ativismo ousado, bem como uma declaração de autoestima. Desmascarar é recusar-se a ser silenciado.

na idade adulta, pode trazer sentimento de confusão, receios, pois há diferentes máscaras para cada ambiente. As máscaras, ao serem removidas, podem trazer situações de insegurança. Mostrar o autismo que estava preso dentro si é uma questão localizada entre os limites de conseguir se adaptar e sobreviver socialmente.

Quadro 11 – Desmascaramento pós-diagnóstico

Eu treinei várias habilidades na adolescência, e posso dizer que muitas delas eu aprendi com relativa facilidade. Hoje eu sei que essa facilidade para aprender as coisas se deve ao autismo. Eu nunca procurei me conhecer durante a adolescência. Eu estava focado em aprender. Aos 13 anos, meu pai comprou um computador, e por algum motivo, eu senti uma certa proximidade com ele, como se eu pudesse entendê-lo. (L17 – Carvalho, 2020, p. 474).

Não estou criticando ninguém, por favor, entendam, eu também tive que me reinventar, tive que abolir o meu próprio capacitismo, isso está sendo MARAVILHOSO! Estou olhando para além do autismo. Estou aprendendo muito com pessoas com outras deficiências, antes invisíveis para mim. Estou realmente VENDENDO e aprendendo. É um exercício terapêutico fantástico. Eu sou a mesma pessoa que sempre fui, só estou me conhecendo e me aceitando. [...] Mas o que gostaria de destacar, neste texto, é que o fato de precisarmos de acessibilidade não implica a presunção de incompetência. Não nos subestime. Nós temos uma força e uma resiliência maiores do que você pode imaginar. Nós somos fênix. Renascemos todos os dias do capacitismo, dos olhares debochados, das dúvidas em relação ao nosso diagnóstico, das nossas próprias dúvidas, nós nos criamos e recriamos diariamente. Desenvolvemos estratégias de sobrevivência. Sabemos que não podemos contar com muitos. Sabemos que somos objetos de curiosidade, mas, se nos apoiarmos, resistiremos e renascemos. Coragem. É preciso coragem. (L12 - Maria, 2022, p. 89-90). “

Durante todos esses anos, recusei ser diferente. Ter problemas com os outros, ser tímido, ansioso... Então eu me forcei. Portanto, sim, encontrei técnicas para ser como todas as outras pessoas. Mas eu não fiquei feliz. O estresse e a ansiedade eram grandes demais. Eu não tinha um psiquiatra para conversar, meus amigos não entendiam bem como o encontro em um bar pode ser estressante... Ouça a si mesmo. Não servirá a seus chegar à frente. Mas sacrificar sua própria saúde porque você não aceita sua diferença é um erro. Eu gostaria de ter tido alguma ajuda quando eu era mais jovem. (L23- Branch, 2023, p.36).

O autista assim sofre bullying mesmo na fase adolescente, e esses estigmas o prejudicam a se relacionar com as pessoas. Pode ocorrer do Asperger não sentir necessidade de namorar, ou mesmo de ter um amor platônico. Caso haja a intenção de namoro por parte dele, ele dificilmente irá revelar, e muito menos irá falar diretamente para a pessoa pretendida. Ele não aprendeu a se portar numa conquista. Pode ser que ele ao ver filmes, novelas ou seriados, veja como se comportar e assim tente reproduzir o que viu. De outra forma não se pode ignorar que geralmente os autistas são tímidos, e esse fator, irá prejudicar ainda mais o seu desenvolvimento. A sua dificuldade de olhar nos olhos das pessoas, poderá prejudicar a ele apresentar os seus

sentimentos para a namorada (o). Geralmente essa pretensa namorada (o) pode ser alguém próxima, em que ele se apaixonou. No entanto a pessoa pretendida pode vê-lo apenas como amigo e não ter observado ele como uma pessoa interessante para o namoro. (L16- Rugnski, 2016, p. 45-46).

Talvez por ter sido tão infeliz. Só me lembro de fragmentos desse período da minha vida. Quando abro uma fresta da porta das minhas memórias, sinto-me bombardeada por impressões negativas. Uma sensação de isolamento me envolve. Minha boca fica seca e fico querendo fugir para meu mundo interior, onde não sou assolada por memórias de corredores ruidosos repletos de alunas, nem sinto a rejeição cruel das colegas ou as atitudes negativas dos professores. Como é típico nos autistas, não enfrentei a mudança com muita facilidade. Mas não foram as piadas, nem as peças, nem as notas baixas e nem ser diferente o motivo de eu ter sido finalmente expulsa da Cherry Hill Girls School, ao cabo de dois anos e meio. Foram meus ataques de raiva. Sempre que as meninas implicavam comigo, eu reagia batendo nelas. Fui avisada de que esse modo de agir não era aceitável. Ainda assim, quando Mary Lurie, uma das meninas da minha turma, passou por mim no corredor, a caminho da aula de música, virou-se e olhou para mim, e, empinando o nariz e franzindo os lábios numa expressão de desprezo, cuspiu: "Retardada! Você não passa de uma retardada!". Bem, a raiva, quente e rápida, tomou conta de mim. Eu estava segurando meu livro de história. Sem hesitar, arremessei-o com toda a força. O livro de história saiu voando como um míssil teleguiado e atingiu Mary no olho. Ela gritou e eu sai andando, sem nem mesmo me incomodar em pegar o livro do chão. (L11 - Grandin, 2000, p. 66-67).

Todo esse esforço para parecer um neurotípico, estressa, cansa e já me levou à exaustão. Infelizmente, no atual momento, eu não tenho forças para vestir uma máscara social e nem quero, pois estou tentando me conhecer e saber quem sou realmente para me aceitar e poder exigir que me aceitem, assim como sou, com minhas falhas e dificuldades na comunicação e socialização, assim como qualquer neurotípico que tem suas falhas e dificuldades. Sei que sou capaz de interagir socialmente, mas isso me deixa ansiosa e estressada e por este motivo, não consigo fazer todos os dias, necessito de um descanso e preciso ser respeitada e amparada nestes momentos em que fico reclusa em casa. Gostaria muito que as pessoas entendessem que não olho nos olhos, porque estou mentindo ou não estou prestando atenção na conversa. Simplesmente isso ocorre porque me sinto desconfortável e me desconcentro na conversa ou situação. Nós autistas somos pessoas confiáveis, mesmo não conseguindo olhar nos olhos das pessoas. (L15 - Mendonça, 2022, p.193).

“Porém, é inevitável lembrar que foram cinquenta e três anos perdida de mim. Posso me considerar uma sobrevivente e, disto, me orgulho. Tenho um otimismo enorme e acredito em recomeços a qualquer idade. Desde que me assumi, muito de bom aconteceu. Reconheço meu privilégio de, embora tardiamente, ter conseguido o diagnóstico e acesso à terapia. A terapia mal começou, mas já me fez pensar; apesar de ter momentos que acarretam memórias dolorosas, compreendo que é um caminho de volta à minha essência. É um perdoar - se constante, é fazer carinho em nossa alma. (L12 - Maria, 2022, p. 27)”

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Os excertos transcritos acima falam por si no contexto deste trabalho, mas destaco

que eles mostram que, ao contarem suas histórias, as pessoas que o fazem leem a si mesmas, como se estivessem em um constante processo de mascaramento. Elas desenvolvem uma forma de ser que, por vezes, parece se confundir consigo mesmas. Afinal, sou ou não sou o

que vivo diariamente? Essa é uma pergunta que retorna cada vez que leio como a prática do mascaramento é usada e com a frequência com que ela é usada. A escola, o trabalho e a convivência social exigem padrões de comportamentos.

Treinar, reinventar, renascer, aprender a se comportar, sacrificar, reagir batendo, esforçar-se, sobreviver (Carvalho, 2020; Branch, 2023; Rugnski, 2016; Grandin, 2000) são verbos que me dizem o quanto viver a vida como autista exige movimentos de esconder-se e conter-se, tentar e, muitas vezes, não conseguir levar em frente uma vida possível, sem investir uma extrema dedicação e ponderação para não se permitir cometer erros e ser alvo de julgamentos violentos.

Maria (2022) e Grandin (2000) olham para suas histórias do passado e narram-se envolvidos num conjunto de sentimentos de sofrimento. Somente depois de anos de vida, conseguiram saber o que explicaria tantos episódios difíceis. Ambas as escritoras, ao recordarem o passado vivido na escola, na universidade, em situações de encontros sociais, em diferentes contextos da vida, quando não sabiam que eram autistas, nos fazem pensar como suportaram inúmeras experiências negativas: “Talvez por ter sido tão infeliz. Só me lembro de fragmentos desse período da minha vida. Quando abro uma fresta da porta das minhas memórias, sinto-me bombardeada por impressões negativas” (Grandin, 2000, p. 66-67). Mascarar-se, com base nas narrativas acima, revela uma prática complexa, ora narrada como uma espécie de armadura, de segurança e de proteção, ora uma camuflagem fixa, que impede a vivência de instintos naturais e humanos e elimina as possibilidades de viver uma vida autêntica.

Desmascarar-se é, então, uma reação diante da impossibilidade de continuar não vivendo uma vida autêntica. Como aprender a ser o que somos com máscaras que moldam comportamentos copiados e camuflados? Autistas mascarados percebem e aprendem comportamentos que sabem que não são seus. De outro modo, aqueles que não conseguem fazê-lo, usar máscaras, são fadados à margem social, menos oportunidades de emprego, de escolarização, fazer e manter redes de amizade. Embora o mascaramento possa ajudar os indivíduos a navegarem em ambientes sociais, também foi demonstrado que a camuflagem produz resultados psicológicos negativos. Esconder, camuflar o modo de ser autista em cada sujeito é singular, mas as motivações apresentadas nas narrativas apontam pontos de semelhança: receios, medo e constrangimento de ser apontado como inferior. As máscaras são recursos desenvolvidos em ambientes em que não há apoio às diferenças, em situações de insegurança, de perigo.

O suicídio de certa forma é uma condição constante na vida do Asperger, ideias suicidas provenientes da depressão são algo sério em que se deve estar sempre atento. Essas ideias são sem sombra de dúvidas da interpretação. [...] Sentir que não é igual às pessoas, sentir e descobrir que realmente é diferente das outras pessoas, pode ter um significado benéfico, mas é depressivo. O autista trabalha com muitas informações ao mesmo tempo e, às vezes, não consegue realizá-las em conjunto, por isso, às vezes não consegue fazer nada, pois o cérebro trava (Rugnski, 2016, p. 87).

Flertar permanentemente com o estranhamento e com a violência de não ser compreendido é um convite para sair da zona da vida possível. Mascarando-se ou desmascarando-se, em ambas as situações, há perigos e ameaças para quem ainda precisa escamotear modos de vida que não obedecem a regras normalizantes, bem como tem a coragem de dizer publicamente não para essas regras.

A morte por suicídio de pessoas autistas é um trágico recurso de pedido de socorro para a sociedade, sinaliza o quanto ainda há necessidade de redes de apoio e de compartilhamento de conhecimentos acerca de diferentes matizes dessa comunidade. Longe de querer trazer generalizações para explicar essa prática, mas refletir sobre a invisibilidade do sofrimento psíquico no autismo e discutir como a falta de reconhecimento social, validação identitária e acessibilidade comunicacional contribuem para esse quadro. Tais sentimentos de solidão, de inadequação e de sofrimento, constitutivos dos sujeitos, são vividos e, por não serem percebidos e bem encaminhados, tardam para serem compreendidos, acarretando sérios prejuízos aos indivíduos que padecem pelo fato de ignorá-los²³. Tais sentimentos se tornam presentes quando os sujeitos possuem condições de pensarem, falarem ou escreverem sobre si mesmos. Por isso, que entendo a narrativa como uma maneira de constituir-se e de entender a si mesmo. Por exemplo, ao narrar-se, Grinker (2015, p. 100) afirma: “Ao mesmo tempo em que me forçava a socializar e a ter amigos, eu necessitava retornar para o meu porto seguro, onde permanecia sozinho e podia ser quem eu realmente sou”. Ser o que realmente se é pode ser uma narrativa interessante quando se pensa como um ser social; porém, entendo que não haja dois sujeitos — um que aparece socialmente e outro que aparece quando se está só. Esse sentimento bipartido também faz parte de uma narrativa de dor reproduzida ao pensar a própria vida. Uma narrativa que demanda reflexão para não

²³ O esgotamento autista, fadiga, exaustão e perda de funcionamento que é descrita por adultos autistas, conhecido como *bornaout*, é frequentemente diagnosticado erroneamente como depressão, ansiedade, transtorno bipolar, transtorno de personalidade borderline ou outras condições. Burnout autista é uma

síndrome conceituada como resultante de estresse crônico da vida e de uma incompatibilidade de expectativas e habilidades sem suportes adequados. É caracterizada por exaustão generalizada e de longo prazo. Desse modo, fazem-se necessárias mais conscientização da comunidade e dos clínicos, bem como iniciativas para melhorar ambientes neurotípicos não adaptáveis. O retardamento da chegada do diagnóstico, bem como o mascaramento que abafa e esconde as discussões sobre a vida autista geram ainda mais medo, desconhecimento e adoecimento. potencializar a dor sentida.

Percebo um lento, mas constante aumento de vozes e escritas de pessoas neurodivergentes, que compartilham suas próprias narrativas e produzem conhecimento, tão heterogêneo quanto a condição de ser autista. Sternning (2024, p. 49) defende que é preciso desafiar uma narrativa mestra. Esse desafio não é apenas uma questão de trocar uma história “má” por uma “boa”, mas um estado de permanente atenção e de crítica às restrições para qualquer narrador individual e para o grupo social com o qual ele se identifica. Há a necessidade de narrar-se, produzindo contra-histórias, ou seja, histórias que não negam as dores e o sofrimento vividos; porém, fazem caminhos outros que não o do reforço do mascaramento. Por meio da ativação da memória, é possível criar outras formas de ver-se, de narrar-se e de viver o acontecimento do autismo. Nesse sentido, aposto na arte, na escrita de livros e em outras formas de expressão de si que não aquelas que fazem da confissão do sofrimento a forma maior de expressão da vida.

Ao considerar a partilha de seu conhecimento, através de livros, em espaços de produção de verdades, prática monopolizada por canais oficiais, pessoas atípicas iniciam pequenos rumores, em espaços conquistados. Plataformas, editoras independentes apostam em ouvir e publicar suas descobertas, o início do reconhecimento desses sujeitos, como produtores de conhecimento. Isso significa e reforça fomentar mais produções, construir mais pesquisas, trabalhar em coletividade, “para reconhecer a validade de diferentes formas de percepção e experiência de vidas atípicas” (Rosqvist *et al.*, 2019). Assim, desejo colaborar para a reestruturação das formas de compreensão das vidas autistas; evidenciar, através de suas narrativas escritas, a potência da singularidade das vidas em questão, não apontando apenas os apagamentos, circunstâncias de sofrimento, mas as mobilizações internas, as tensões, as buscas por condições de uma vida menos precária e excludente.

Sabemos pouco sobre tal ocorrência que impacta e reconfigura a vida dos sujeitos e daqueles que com eles vivem e interagem. Também é preciso considerar se o fato de se camuflar como performance de sobrevivência social não ajuda a manter o capacitismo nas experiências de vida cotidiana. O uso de máscaras esgota recursos vitais e prejudica a fluxo de uma vida digna. Por sabermos pouco, reconheço a necessidade de pegarmos outras vias de leitura e de interpretação do vivido. Não imagino que tais vias possam ser construídas sem

aqueles que vivem a forma autista de ser. Entendo, pelas narrativas que positivam a urgência de des(mascaramento), que vivências em comunidade neurodivergente,

encontrar uma comunidade com ideias semelhantes, aprender e investir em diálogos com pessoas que entendem questões neurotípicas e as dificuldades de ser neurodivergente podem ser um caminho válido para o florescimento de uma vida sem máscaras. Estar em comunidade é uma forma de conexão com um lugar onde as pessoas não precisam monitorar sua fala, seu modo de movimentar-se, pois não há zona de patrulhamento ou de controle sobre onde e como podem mover seus corpos, mas uma zona onde podem falar sobre suas lutas legítimas.

CONCLUSÕES

O que começou com gosto de medo, agora adoça minha vida com sabor de realização. Quando tudo eram apenas muitos começos, o curso de Doutorado me fazia perder o sono, mas também me fazia sentir entusiasmo pela nova conquista: estudar o que eu havia escolhido estudar. Realmente, nos dias iniciais, eu não sabia como lidar com a lista de metas, eventos e requisitos para chegar até o final do curso. Fiz tudo com medo, mas fiz. Queria ler o maior número de páginas de livros, de textos, queria aprender tudo o que era falado nas aulas. Durante os últimos quatro anos, morei em meu quarto, cercada por papéis, cadernos e livros. Nutria a dúvida de que eu sabia muito pouco, mas essa dúvida hoje é uma clara certeza, pois assumir o não saber é vantagem para sair do lugar conhecido.

Após a aprovação na seleção do Doutorado, me questionava como seria a jornada ideal dessa escolha intelectual. Vivi dias em *home office*, por causa da pandemia, em casa, com todas as responsabilidades de mãe, esposa, entre outras funções, e agora se somavam a essa lista de tarefas, os novos compromissos de estudos, leituras e aulas. A pergunta permanece sem resposta até agora. Na escrita desta conclusão, não cabe narrar tudo que vivi e senti na pele em todas as minhas versões de mulher. O que me resta é tentar comunicar algumas das minhas percepções de doutoranda em Educação, um sonho desejado e realizado.

O aprendizado, ao escrevermos e falarmos sobre ele, vai se consolidando no próprio ato de dizer/escrever. Talvez, por isso, aprender a aprender – ou *lifelong learning* - seja a capacidade de seguir aprendendo ao longo da vida. Ao iniciar a jornada do meu projeto de Tese, sabia apenas que queria aprender mais sobre autismo.

Através dos Estudos Foucaultianos, entendi que o sujeito é constituído por saberes sobre ele e por sua ação sobre si mesmo, bem como, o quanto o sujeito é ativo ao curvar-se, ou não, diante das práticas que o envolvem. Nesse sentido, prestar atenção no sujeito, no que ele diz sobre si mesmo e como ele age sobre si foi um desafio que me mobilizou na estruturação da proposta. Nessa linha de entendimento, o sujeito é constituído por saberes sobre ele e por sua ação sobre si mesmo. O sujeito é ativo ao curvar-se, ou não, diante das práticas que o envolvem. Nesse sentido, prestar atenção no sujeito, no que ele diz sobre si mesmo e como ele age sobre si foi um desafio, que me mobilizou na estruturação da proposta. A metodologia foi se desenhando na costura dos Estudos Foucaultianos no campo da Educação e na leitura de investigações que trabalham com narrativas de si. Nessas investigações, as narrativas, com frequência, são tramadas com as experiências a que o sujeito

estava submetido.

Depois de várias leituras e releituras do meu material, avancei na compreensão do que buscava. Assim, reformulei a pergunta, após a qualificação de meu projeto de pesquisa, que consistia na seguinte problemática: **Que operações sobre si mesmos os autores marcam em suas narrativas?** Ao identificar um número expressivo de operações, ou seja, de como o sujeito invocava a si mesmo, fui tentando agrupá-las por repetições que me permitissem fazer algumas afirmativas. Reuni as repetições em três grandes conjuntos analíticos: diagnóstico, mascaramento e (Re)conhecimento.

Após ser modificada pelos meus estudos, pelos livros que li, pelas histórias que conheci, não olho nem para o autismo e nem para o autista da mesma forma que antes. Hoje olho para meu filho como alguém que deve ser visto com menos espanto sobre seu futuro. Meu modo de me relacionar com ele é baseado no respeito e na alegria, motivando-o a ser corajoso para seguir sendo quem quer ser. Tenho mais segurança para lidar com reivindicações, a partir das conquistas de direitos, frutos de lutas políticas, sem deixar de compreender as singularidades e as subjetividades que constituem a heterogeneidade dos autistas.

Embora as políticas de inclusão tenham aberto espaços para que pessoas autistas passassem a circular em lugares até então não frequentados por elas, continua havendo espaços onde a exclusão fica explícita. A partir das experiências mencionadas acima, percebi que não era simples falar de inclusão e de exclusão, pois não se tratava simplesmente de estar dentro ou fora de determinados espaços, como eu antes imaginava ser. A exclusão significa muito mais do que a não entrada das pessoas com deficiência nos espaços e nas instituições. Ela abarca, também, os limites humanos de se relacionar uns com os outros. Entendi que a exclusão acontece dentro das engrenagens inclusivas.

A neurodiversidade enfatiza a importância do conhecimento, do respeito e da humanização. Tem como norte promover a ideia de que as diferenças neurológicas são variações naturais da diversidade humana, em vez de distúrbios a serem corrigidos ou curados. Essa mudança de perspectiva desafia modelos, padrões e estereótipos sociais estabelecidos. Ao ler os inúmeros livros de autistas, problematizar e analisar narrativas e conceitos, posso dizer que é necessária uma outra maneira de olhar para os autistas, nos diferentes espaços da sociedade. A neurodiversidade tem implicações significativas no campo da educação. Ela destaca a importância de criar ambientes de aprendizagem inclusivos que atendam às diversas necessidades de todos os alunos. Essa abordagem envolve abraçar diferentes estilos de

aprendizagem, fornecer acomodações apropriadas e promover uma atmosfera de apoio e aceitação. Ao reconhecer a humanidade nas pessoas autistas, a educação torna-se um processo propício e inclusivo, que promove experiências positivas, sendo uma mola propulsora de bem-estar geral. A esperança é que haja experiências de escolarização mais sensíveis aos diferentes modos de vida autista, que se produza conhecimento sobre o autismo, para que haja menos rispidez, desprezo e ataques negativos à autoestima daqueles que ainda hoje são vistos como estranhos, fora do padrão aceito.

Ao concluir as análises das três unidades encontradas na materialidade da minha Tese, (Re)conhecimento, Diagnóstico e Mascaramento, a partir das narrativas de si escritas por autores autistas, penso que as mobilizações como sujeitos autistas vão sendo transformadas, a partir do (Re)conhecimento de si, motivado pelo acesso ao diagnóstico como pessoa autista. As narrativas de solidão, angústia e desconhecimento de si são revestidas por operações de camuflagem da própria vida, das emoções, dos comportamentos. O processo de mascaramento consiste num meio de sobrevivência em espaço sociais, fingindo ser alguém aceito pela sociedade. Ao se reconhecer autista, abre-se uma via para viver sem medo e sem culpa, a partir de novas operações sobre si, operações essas que vão se aperfeiçoando em ambientes em que a neurodiversidade é reconhecida com orgulho e atitudes políticas.

Ao se narrarem como sujeitos autistas, se (Re)conhecem pertencentes a um modo singular de ser e de viver. O diagnóstico assume a função de esteio para uma vida dentro da perspectiva da neurodiversidade, em que autismo não é uma doença, mas uma variação natural da vida humana. Ao conhecerem os diferentes modos de ser autista, o mascaramento deixa de ser uma estratégia para viver em sociedade. Em outras palavras, o diagnóstico é uma ponte de acesso a conhecimentos sobre a neurodiversidade, que permitem que a pessoa autista atue e mobilize diferentes mecanismos de informações sobre suas experiências singulares. Resumindo, o (Re)conhecimento de si, como autista, dá-se mediante o acesso ao diagnóstico.

A existência de recursos culturais, sociais, financeiros e educacionais permite aos autistas fazerem escolhas com mais êxito e segurança, em diferentes áreas da vida, acadêmica, profissional, social, cultural, entre outras. Ao terem garantido esse acesso, o autismo não será uma condição impeditiva para avançarem no sentido de terem uma melhor escolarização e profissionalização, legitimarem suas habilidades de escritores, artistas, ou em qualquer outro domínio da vida moderna.

Ao se relacionarem, as pessoas autistas desenvolvem processos educativos em si e no outro, interações sociais e relacionamentos afetivos em diferentes lugares, na escola, na

família, no trabalho. As narrativas de si são operadas como uma atitude ética, mas também são uma operação política, educativa, que provoca alterações e questionamentos nas engrenagens das desigualdades, das classificações normalizantes e das injustiças vividas por pessoas autistas.

Espero que os conhecimentos produzidos pela comunidade autista, pelos autores dos livros que trabalhei arduamente ao longo de quatro anos atravessem e operem em muitas pessoas, para que se aproximem com menos espanto do autismo e das diferentes maneiras de ser autista. Para cada pessoa visivelmente autista que existe na sociedade, há inúmeras outras que estão “mascaradas”, despercebidas, escondidas, para poderem seguir vivendo. São pessoas que não se encaixam no estereótipo convencional do autismo, mas são compelidas pela pressão social a esconderem quem realmente são, inventando comportamentos que simulam padrões neurotípicos, uma violência que adocece e pode levar à morte.

O diagnóstico possibilita a inserção de algo estranho num lugar conhecido, trazer o que estava escondido para a vida pública. O acesso ao diagnóstico empodera o autista a fazer desse saber uma oportunidade de viver sem invisibilizar-se. Depois de tudo que li, penso que, a partir do diagnóstico, abre-se uma porta para deixar de ser apenas um solitário no mundo com suas estranhezas, de ser apenas um estranho, de ser um estranho sozinho, mas, com coragem e prazer, poder revelar-se como estranho, mas dentro de uma comunidade onde você, finalmente, se reconhece como parte de um coletivo, após uma vida incompreendida e indesejada.

Considerando o dito acima, defendo a seguinte Tese: o diagnóstico em si não é ruim. Os usos dele é que subjetivam de maneiras distintas. Para muitos que se narraram, o diagnóstico foi um definidor de si mesmos, pois, ao se reconhecerem como autistas, podem resistir às práticas de normalização. Afinal, trata-se de mais uma forma de vida que não pode ser eliminada, afastada.

Mais do que o acúmulo de um conjunto de histórias individuais e/ou coletivas, dispostas ao longo do tempo nos diversos livros, essas narrativas manifestam uma certa inventividade no modo como se tornam sujeitos autistas, longe de generalidades definidoras e classificantes. Ao nos deixarem diversas pistas dos trajetos não lineares pelos quais transitaram e desejam ainda transitar, sujeito autores, sujeitos que fabricam verdades sobre si e sujeitos ético-estéticos abrem profundas reflexões sobre como resistiram ou se sujeitaram na tentativa de sobreviverem socialmente como autistas, mas, acima de tudo, como humanos. Como diz Butler (2013), o sujeito é a própria pré-condição de sua agência. Ao reconfigurar

suas narrativas, refaz, resiste ao poder das tecnologias de dominação existentes, (re)formula para si mesmo e para a sociedade novas possibilidades de resistência contra o que violenta seu modo de existir como agente de sua história. A desconstrução de verdades oficiais e a reconstrução de conhecimentos singulares são narrados como mobilizações realizadas pelos autistas; são ações que ajudam a iniciar relacionamentos que podem levar em conta o reconhecimento mútuo entre autistas e a ressignificação positiva da vida entre pessoas típicas. Por outro lado, os programas de apoio governamentais e comunitários devem continuar sendo reivindicados e efetivos, pois são narrados como favoráveis ao autismo, na medida em que facilitam a ocupação dos espaços da vida pública por adultos autistas.

Desse modo, após trabalhar com narrativas escritas de outros, entendo e concordo que, através da escrita na qual o indivíduo é convocado a produzir-se como sujeito, ele se refaz o tempo todo; entre abandonos e novas estruturas de pensamento, atua de forma camaleônica. Ou seja, os sujeitos escritores autistas não são uma categoria rígida, acabada, sendo impossível encaixá-los numa explicação simplificadora, nesse processo de constituição de sujeitos, sujeitos como objetos em construção para si mesmo, compreendida como “experiência modificadora de si no jogo da verdade” (Foucault, [1984] 2017, p.14).

REFERÊNCIAS

- ABREU, Tiago. **Narrativas em áudio:** análise de conteúdo de podcasts sobre autismo na podosfera brasileira. 2022. 134 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/12457>. Acesso em: 3 maio 2023.
- ABREU, Tiago. **O que é neurodiversidade?** [S. l., s. n.], 27 jul. 2021. 1 vídeo (11 min 43 s). Publicado pelo canal Revista Autismo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ErbjVny6CQU&t=418s>. Acesso em: 23 maio 2023.
- ADRIANO, Luana; AYDOS, Valéria. **Autismo, Deficiência e Neurodiversidade: Provocações para pensar um conceito disputado e seus efeitos em pesquisas no/a partir do Sul Global.** Cahiers franco-latino-américains d'études sur le handicap, [S.l.], v. 1, n. 1, 2023. Disponível em: <https://cfla-discapacidad.pergola-publications.fr/index.php?id=341>. Acesso em: 23 abr. 2025.
- ADULTA, Autista. **Diálogo Atípico:** O que você deseja saber sobre o espectro? São Paulo: Amazon, 2020 *E-book*.
- AFTAB, Awais. The Neurodiversity Paradigm in Psychiatry: Robert Chapman, PhD. *In: PSYCHIATRIC Times*. Cranbury, set. 2021. Disponível em: <https://www.psychiatrictimes.com/view/neurodiversity-paradigmpsychiatry>. Acesso em: 30 de jan. de 2023.
- ALMEIDA, André Pereira de. Parrêsia Cínica em Michel Foucault. **Ítaca**, Rio de Janeiro, n. 31, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Itaca/article/view/3318/10276>. Acesso em: 16 maio 2023.
- ALUISÍO, Sandra Maria; ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. O que é e como se constrói um corpus? Lições aprendidas na compilação de vários corpora para pesquisa linguística. *Calidoscópico*, São Leopoldo, v. 4, n. 3, p. 156-178, set/dez 2006. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/.https://doi.org/10.1590/1980-6248-2016-0028>. Acesso em: 9 set. 2023
- ALVES, Alexandre. Repensando o papel do professor como agente transformador: parresía, cuidado de si e ética na formação de professores1. **Pro-Posições**, v. 28, n. 1, p. 193–212, jan. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/9yNwbzFZ4CYjjSZcc9rkk3D/#>. Acesso em: 11 maio 2023.
- ALVES, Marcia Doralina. **Alunos com autismo na escola:** um estudo de práticas de escolarização. 2014. Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programade Pós-Graduação em Educação, São Leopoldo, 2014. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4840>. Acesso em: 9 maio 2023.
- ALVES, Siael. **Autismo aos 26.** 2. ed. São Paulo: Amazon do Brasil 2020. *E-book*.
- ANS. Agência Nacional de Notícias. **Falta de diagnóstico e de tratamento dificulta a vida de pessoas Asperger.** Reportagem de Adriana Menezes. 15 de abril. 2015. Disponível em: <https://agenciasn.com.br/arquivos/3105>. Acesso em : 21 nov.2024.
- APA – American Psychiatric Association. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental**

Disorders – DSM. 5. ed. Washington D/C, 2013.

APA – American Psychiatric Association. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition, Text Revision – Dsm-5-Tr.** Washington D/C, 2022.

AQUINO, Julio Groppa. A escrita como modo de vida: conexões e desdobramentos educacionais. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 3, p. 641-656, set./dez. 2011.

Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022011000300013>. Acesso em: 10 jan. 2020.

AYDOS, Valéria. “**Não é só cumprir as cotas**”: uma etnografia sobre cidadania, políticas públicas e autismo no mercado de trabalho. 2017. 252p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/178166>. Acesso em: 22 maio 2022.

AYDOS, Valéria; ARAÚJO, Luana; ARANTES, Ricardo. Autismo, deficiência e neurodiversidade: provocações para pensar um conceito disputado e seus efeitos em pesquisas no/a partir do sul global. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOCS, 45., 2021, Campinas. Anais [...]. Campinas: ANPOCS, 2021. p. 1-15. Disponível em: <https://cfla-discapacidad.pergola-publications.fr/index.php?id=341>. Acesso em 27 out. 2022.

Bagatell, Nancy. 2007. Orchestrating Voices: Autism, Identity and the Power of Discourse. **Disability & Society**, v. 22, n.4: p. 413-426. Disponível em: <https://doi.org/https://doi.org/10.1080/09687590701337967>. Acesso em: 20 maio 2024.

Bagatell, Nancy. 2010. From Cure to Community: Transforming Notions of Autism. **Ethos**, v. 38, n. 1: p. 33-55. Disponível: <https://doi.org/https://doi.org/10.1111/j.1548-1352.2009.01080.x>. Acesso: 20 maio 2024.

BAGATELL, Nancy. From Cure to Community: Transforming Notions of Autism. **Ethos**, [S.l.], v. 38, n. 1: p. 33-55, 2010. Disponível em: <https://doi.org/https://doi.org/10.1111/j.1548-1352.2009.01080.x>. Acesso em: 20 maio 2024.

BAGATELL, Nancy. Orchestrating Voices: Autism, Identity and the Power of Discourse. **Disability & Society**, [S.l.], v. 22, n.4, p. 413-426, 2007. Disponível em: <https://doi.org/https://doi.org/10.1080/09687590701337967>. Acesso em: 20 maio 2024.

BARROS II, João Roberto. Epimeleia heautou socrático-platônica: estética da existência como estratégia contra a normalização. **Problemata - Rev. Int. de Filosofia**, v. 2, n. 1, p. 178-195, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/problemata/article/view/10719>. aceso em 23 maio 2023. Acesso em: 4 set. 2023.

BATISTA, Christiane; OLIVEIRA, Paulo. A escrita de si: história e memória em diários de motocicleta. **Revista Entrelaces**, Fortaleza, v. 2, n. 9, p. 122-133, 2017.

BERLE, Simone; KOHAN, Walter Omar. Quando um grupo de estudos escreve: o Nefi (Proped/Uerj) e a escrita de si. In.: **Escritas de Si**: escuta, cartas e formação inventiva de professores.

BERLE, Simone; KOHAN, Walter Omar. Quando um grupo de estudos escreve: o Nefi (Proped/Uerj) e a escrita de si. In.: **Escritas de Si**: escuta, cartas e formação inventiva de

professores.

BLANCHOT, Maurice. O diário íntimo e a narrativa. *In: O livro por vir*. Perrone-Moisés, Leyla (trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 270-278.

BLIACHERIS, Marcos Weiss. **Autistas, neurodiversidade e consciência política**. 2022. Dissertação (Mestrado Profissional em Ambiente e Sustentabilidade) - Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Sustentabilidade, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://abre.ai/ghxy>. Acesso em: 6 maio 2023.

BLUME, Harvey. Autism & the Internet' or 'It's the wiring, stupid'". 1997. Disponível em: <http://web.mit.edu/comm-forum/papers/blume.html>. Acesso em: 4 maio 2019.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=3178432&forceview=1>. Acesso em: 31 maio 2022.

BOSA, Cleonice. Atenção compartilhada e identificação precoce do autismo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 15, n. 1, p. 77-88, 2002.

BOTHA, M.; GILLESPIE-LYNCH, K. Come as you are: Examining autistic identity development and the neurodiversity movement through an intersectional lens. **Human Development**, v. 66, n. 2, p. 93-112, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1159/000524123>. Acesso em: 13 jan. 2025.

BOTHA, Monique; GILLESPIE-LYNCH, Kristen. Come as you are: examining autistic identity, development, and the neurodiversity movement through an intersectional lens. **Human Development**, V.66, n.2, p.93-112. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2022-65128-004>. Acesso em 01 out. 2024.

BRANCH, James. **Um guia de vida de casal para a Asperger**. São Paulo: Amazon, 2023. *E-book*.

BRASIL. **Lei n. 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei n. 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília: DF, 2012.

BRASIL. **Lei n. 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão das Pessoas com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, ano 152, n. 127, p. 2-11, 7 maio. 2015.

BROWNLOW, C.; O'DELL, L. Neurodiversity and Social Change: *Reimagining Disability*. **Journal of Social Issues**, v. 69, n. 3, p. 453-469, 2013.

BUENO, Marcos. Escritor, autor e leitor: presenças no mundo da literatura. **Fractal, Revistada Psicologia**, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 423-428, maio/ago. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/m4RzFFnSpp7L8nbtrz88ndJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 8 jun. 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. 6. ed. Rio de

Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio**: uma política do performativo. São Paulo. UNESP, 2021.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. New York: Routledge, 1990.

CADIOTTO, César. Parresia cínica e alteridade na perspectiva de Michel Foucault. **Dissertatio**, Curitiba, vol. 40, p. 215- 236, 2014. Disponível em: <https://encr.pw/GaOrO>. Acesso em: 10 maio 2023.

CAITITÉ, Amanda Muniz Logeto. **O autismo como diversidade**: ontologias trazidas à existência no ativismo político, em práticas da psicologia e em relatos em primeira pessoa. 2017. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

CAMARGO, Cristiano. **Autista com muito orgulho**: a síndrome vista pelo lado de dentro. São Paulo: Verde, 2012.

CAMPBELL, Fiona Kumari. Exploring Internalized Ableism using Critical Race Theory. **Disability & Society**, n. 23, v. 2, 2008, p. 1-18. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/29467719_Exploring_Internalized_Ableism_Using_Critical_Race_Theory. Acesso em: 6 dez. 2020.

CAMPBELL, Fiona Kumari. **Contours of Ableism**: the Production of Disability and Abledness. London: Palgrave Macmillan, 2009.

CAMPOS, André. **Meu mundo à parte**. Nanuque: Editora independente, 2019.

CANDIOTTO, Cesar. Sujeição, subjetivação e migração: reconfigurações da governamentalidade biopolítica. In: **Kriterion**, Belo Horizonte, n.146. Agosto/2020, p. 319-338. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/kr/a/q4gHz3r6vQsdD3JgtMKbbCR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 nov. 2024.

CARDOSO JÚNIOR, Helio Rebello. Para que serve uma subjetividade? Foucault, tempo e corpo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 344, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722005000300008>. Acesso em: 9 maio 2023.

CASTANHEIRA, Marcela Alves de Araújo França. **Processos de sujeição e dessujeição**: a constituição do sujeito em Michel Foucault. 2012. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Filosofia (Fafil), Goiânia, 2012.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Ed Autêntica, Belo Horizonte, 2009.

CASTRO, Fausto Calaça Galvão de; VIANA, Terezinha de Camargo; BARA, Olivier. O "cuidado de si" em Platão e em Balzac: algumas páginas da história da subjetividade. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 10, n. 4, p. 1271-1300, dez. 2010. Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482010000400010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 maio 2023.

CHAPMAN, Robert. 2020. The Reality of Autism: On the Metaphysics of Disorder and Diversity. **Philosophical Psychology**. n.33, v.6, p.799–819, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/citedby/10.1080/09515089.2020.1751103?scroll=top&needAccess=true>. Acesso em: 30 dez.2024.

COHEN, Simon Baron. Cultivating diversity. **The Lancet Psychiatry**, v. 2, n. 11, 967. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(15\)00461-7](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(15)00461-7). Acesso em: 4 set. 2023.

COSTA, Flávia Lomba. **Representações sociais de mulheres com o nível 1 do Transtorno Espectro Autista sobre “ser normal” em seu passado escolar**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: https://portal.estacio.br/media/4683846/flavia-costa_disserta%C3%A7%C3%A3o_vers%C3%A3o-final.pdf. Acesso em: 23 maio 2023.

COSTA, Flávia. Lomba; LIMA, Rita de Cássia Pereira. Representações do passado escolar por mulheres autistas sob a abordagem (auto)biográfica. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, [S. l.], v. 7, n. 20, p. 207–221, 2022. Disponível em:

<https://revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/10663>. Acesso em: 26 jun. 2023.

COSTA, João Paulo Vasconcelos. **Eu, adulto e autista**. Fortaleza CE. Centro Universitário Estácio do Ceará, 2019.

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?** e outras intervenções. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DA SILVA, Francisco Gabriel Alves. **“Ser diferente é normal”**: a expressividade do self de pessoas autistas em mídias sociais da internet e suas lutas por reconhecimento. 2021.

Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

DE AGUIAR, Jacqueline Gomes. **Narrativas em espaços midiáticos online e a produção de sujeitos neurodiversos**: de rechaços a celebrações. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2018.

DE AZEVEDO, S. S. “Além dos muros”: uma revisão das pesquisas sociológicas e antropológicas sobre a atual psiquiatria neurobiológica e extra-asilar. **BIB-Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, 95, 2021.

DE ROSA, Frederico. **O que eu nunca disse antes**: eu meu autismo e no que eu acredito. São Paulo: Edições Paulinas, 2016.

DELEUZE, Gilles. **Conversações 1972-1990**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

ELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles. **Michel Foucault**: as formações históricas. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2017.

DERRIDA, J. **A escritura e a diferença**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.

DERRIDA, Jacques. **A Escritura e a Diferença**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.

DI NUBILA, Heloisa Brunow Ventura; BUCHALLA, CÁSSIA Maria. O papel das Classificações da OMS - CID e CIF nas definições de deficiência e incapacidade. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 11, n. 2, p. 324–335, jun. 2008. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbepid/a/gSPFtVnbyDzptD5BkzrT9Db#>. Acesso em: 2 jun., 2023.

DIAS, Rosimeri de Oliveira ; BARROS, Maria Elisabeth; RODRIGUES, Heliana Conde de Barros (Orgs). **Escritas de si**: Escutas, cartas e formação inventiva de professores entre universidade e escola básica Rio de Janeiro: Lamparina, 2019. p.233-240.

DREYFUS, Hubert. Lederer, Rabinow, Paul. **Michel Foucault**: Além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense universitária. 1995.

FEINSTEIN, Adam. **A history of autism**: Conversations with the pioneers. John Wiley & Sons, 2011.

FELDMAN, Clara. **Relatos sobre autismo**: um estudo sobre narrativas em primeira pessoa. 2013. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em http://www.btd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6315. Acesso em: 2 jan. 2022.

FELISBINO, Cláudia. **Políticas públicas brasileiras para o autismo**: entre a patologização da diferença e a correção comportamental. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Ensino em Educação Básica, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2022.

FELISBINO, Cláudio Marcio. **Ferramenta para o apoio ensino-aprendizagem do modelo orientado a objetos durante a construção do diagrama de classes**. 2017. Dissertação (Mestrado em Computação Aplicada) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

FERREIRA, João Leite. A Analítica da Subjetivação em Michel Foucault. **Rev. Polis Psique**, Porto Alegre, v. 7, n. 3, p. 7-25, dez. 2017. Disponível em

:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-152X2017000300002&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 05 mar. 2025.

FILOMENA, Nádia. O “Cuidado de si” na hermenêutica do sujeito de Michel Foucault. **Revista encontro coma Filosofia**, Niterói, ano. 1, n. 2, set. 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/enfil/issue/view/1540>. Acesso em 6 jul. de 2023.

FONSECA, João Paulo Ayub da. Considerações sobre a constituição do sujeito do cuidado de si no pensamento de Michel Foucault. **Veritas**, v. 57, n. 1, p. 143-152, jan./abr. 2012.

Disponível em: <https://ichf.uff.br/event/40-anos-de-a-hermeneutica-do-sujeito-de-michel-foucault/>. Acesso em: 5 maio 2023.

FONTANNIER, Jean Michel. **Vocabulário latino da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FOUCAULT, M. (1984) O Que São as Luzes? In: _____ **Ditos e Escritos II**: Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento. Editora Forense Universitária, 2005.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 15. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

FOUCAULT, M. O Que São as Luzes? In: FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos II**: Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento. São Paulo: Forense Universitária, 2005.

FOUCAULT, Michael. **Discurso y verdad en la antigua Grecia**. Barcelona: Ediciones Paidós, 2004.

FOUCAULT, Michel. “A ética do cuidado de si como prática da liberdade”. In: **Ditos & Escritos V – Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. “A ética do cuidado de si como prática da liberdade”. In: **Ditos & Escritos V – Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos V**: Ética, sexualidade e política. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 144-162.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: MOTTA, M. B. (Org.). **Ditos e escritos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017. p. 141-157. v. 5.

FOUCAULT, Michel. **A escrita de si**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. Conversa com Michel Foucault. In: FOUCAULT, Michel. **Repensar a política**: Ditos e escritos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a. v. 6. p. 289-347.

FOUCAULT, Michel. **Ética, sociedade, política**: entrevista e outros escritos, 1 ed. Vol 1, Forense universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. Rio de Janeiro: Graal, 2005. v. 3 : O cuidado de si.

FOUCAULT, Michel. **Le Courage de la vérité**. Paris: Gallimard, 2009. v. 2: Le gouvernement de soi et des autres.

FOUCAULT, Michel. **Subjetividade e verdade**: curso no Collège de France (1980-1981). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.

FOUCAULT, Michel. Tecnologias de Si, 1982. **Verve**, n. 6, p. 321-360, 2004. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/5017/3559> Acesso em: 17 jul. 2023.

» <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/5017/3559>.

FOUCAULT, Michel. Tecnologias de Si. **Verve**, São Paulo, n. 6, p. 321-360, 2004. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/5017/3559>. Acesso em: 17 jul. 2023.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. 36ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 7. ed. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FRASER, N.; HONETH, A. **Redistribution or Recognition?** A political-philosophical exchange. New York: Verso, 2003.

FRASER, Nancy. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era “pós socialista”. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 15, n.14/15, p. 21-239, 2006.

GALISSON, R.; COSTE, D. **Dicionário de didática das línguas**. Coimbra, Livraria Almedina, 1983.

GALLO, S.; VINCENT, H. Apresentação - Dossiê: Diferenças e Educação - explorações conceituais entre o Brasil e a França. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 31, n. 63, p. 1331–1337, 2018. Disponível em:

<https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/41103>. Acesso em: 6 ago. 2023.

GALLO, Silvio. Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença. In: Regina Leite Garcia. (Org.). **Diálogos Cotidianos**. 1 ed. Petrópolis: DP et alii, 2010, v. 1, p. 231-246. [Texto impresso].

GALLO, Silvio. Michel Foucault e a Construção Conceitual do Cuidado de Si. In: **Dossiê – Cuidado de Si no Último Foucault**. V. 13, n.37, ano 2019. Disponível em: <https://lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/176>. Acesso em jan.2025.

GALLO, Silvio. Michel Foucault e a Construção Conceitual do Cuidado de Si. 2020. In: Dossiê. Cuidado de Si no Último Foucault. ResearchGate. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/341891560_MICHEL_FOUCAULT_E_A_CONSTRUCAO_CONCEITUAL_DO_CUIDADO_DE_SI. Acesso em: 21 out. 2024.

GALLO, Silvio; ACOSTA, Tassio. O conceito de parresía a partir da conferência realizada por Michel Foucault em Grenoble, em 1982. **Criar Educação**, Criciúma, v. 10, n. 2, p.20-34, ago/dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/criaredu/article/view/6612/6108>. Acesso em: 11 maio 2023.

GALLO, Silvio; GENÍS, Andréa Diaz. **Educ. foco**, Juiz de Fora, v. 20, n. 2, p. 95-114, jul./out. 2015.

GAUDENZI, Paula; ORTEGA, Francisco. Problematizando o conceito de deficiência a partir das noções de autonomia e normalidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, n. 10, p. 3061–3070, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/HFz9VsDjHFTLsyCzNQThK9y/>.

acesso em 12 maio 2024.

GLIESE, Elaine Kristina Krinski Silveira. **A pessoa autista como neurodiverso: direito fundamental a diferença**. 2021. Dissertação (Mestrado em Direito) – Programa de Pós-Graduação em Direito, Centro Universitário Autônomo do Brasil, Curitiba, 2021.

GOLDCHMIT, Julie. **Imperfeitos: um relato íntimo de como a inclusão e a diversidade podem transformar vidas e impactar o mercado de trabalho**. São Paulo: Maquinaria Editorial 2022. *E-book*.

GOMES, Marcel; Marcelo, FERRERI; LEMOS, Flávia. O cuidado de si em Michel Foucault: um dispositivo de problematização do político no contemporâneo. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 30, n. 2, p. 189–195, maio 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/HDPxLw3pNsbmmZPLdnx6BRk/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 maio 2023.

GOZZI, Jomar. **A pessoa autista e o movimento da neurodiversidade: considerações sob o ponto de vista da complexidade e da ética da alteridade**. 2017. Tese (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

GRABOIS, Pedro. Sobre a articulação entre cuidado de si e cuidado dos outros no último Foucault: um recuo histórico à Antiguidade. **Ensaios Filosóficos**, Rio de Janeiro, v.3, p.105-120, abr. 2011. Disponível em: http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo3/Pedro_Graboys.pdf. Acesso em: 23 maio 2023.

GRANDIN, Templo. **O cérebro autista: pensando através do espectro**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

GRANDIN, Templo. **Uma menina estranha: autobiografia de uma autista**. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

GRAY, David. Acomodação, resistência e transcendência: três narrativas do autismo. **Ciências sociais e medicina**. v. 53, Edição 9, novembro de 2001, páginas 1247-1257.

GRINKER, Roy Richard. **Unstrange minds: a father remaps the world of autism**. Nova York: Icon Books, 2007.

GROS, Frédéric. Situação do Curso. *In*: EWALD, F. et al. **A hermenêutica do sujeito**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 132-148.

GUARESCHI, Neusa Maria de Fátima et all. Por uma Lógica do Desassujeitamento: o Pensamento de Michel Foucault na Pesquisa em Ciências Humanas. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, v. 6, n. 2, ago./dez. 2011.

GUEDES, Nelzira Prestes da Silva; TADA, Iracema Neno Cecilio. A Produção Científica Brasileira sobre Autismo na Psicologia e na Educação. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 31, n.3, p.303–309, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-37722015032188303309>. Acesso em: 17 ago. 2023.

HACKING, Ian. O autismo: o nome, o conhecimento, as instituições, os autistas – e suas

interações. *In*: RUSSO, Marisa; CAPONI, Sandra (org.). **Estudos de filosofia e a história das ciências biomédicas**. São Paulo: Discurso, 2006. p. 305-320.

HACKING, Ian. **Ontologia histórica**. São Leopoldo: Unisinos, 2009. HACKING, Ian. **A construção social de quê?** 1999. Harvard University Press. HANNAH, Arendt. **A Condição Humana**. 11. ed. Trad. Roberto Raposo; Revisão e apresentação de Adriano Correia. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

HICKEY, A.; CRABTREE, J.; STOTT, J. 'Suddenly the first fifty years of my life made sense': Experiences of older people with autism. **Autism**, Brasília, v.22, n. 3, p.357-367, 4 set. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1362361316680914>. Acesso em: 4 set. 2023.

HIGASHIDA, Naoki. **O que me faz pular**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

HIRSCHMANN, N. J. Deficiência, feminismo e interseccionalidade: uma abordagem crítica. **Arquivos de Enfermagem Psiquiátrica**, v. 30, n. 5. p. 575–580, 2016.

HOOVER, Daniel W.; KAUFMAN, Joan. Adverse childhood experiences in children with autism spectrum disorder. **Current Opinion in Psychiatry**, Pittsburgh, v. 31, n. 2, p. 128 - 132, 2018. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_nlinks&pid=S1517-9702202100010072400019&lng=en. Acesso em 22 maio 2023.

HULL, Laura, LOOMES, Rachel; MANDY, William Polmear Locke. What Is the Male-to-Female Ratio in Autism Spectrum Disorder? A Systematic Review and Meta-Analysis. **J Am Acad Child Adolesc Psychiatry**. V. 56 n.6, p. 466–474, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jaac.2017.03.013>. Acesso em: 01 nov. 2024.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Sinopse Estatística da Educação Básica 2022**. Brasília: Inep, 2022.

INEP – Instituto Nacional de Estudos E Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Sinopse Estatística da Educação Básica 2022**. Brasília: Inep, 2022.

INTROVERTENDO 196: Sedentarismo. Locução de: Michael Ulian, Paulo Alarcón e Thaís Möskén. [S. l.]: Superplayer & Co, 19 nov. 2021. *Podcast*. Disponível em: https://cdn.simplecast.com/audio/1d58e646-86d9-41e8-b6d7-e470133c729d/episode/s/471f6d3a-652b-46cf-920d-2d208f96be7c/audio/8d3901eb-6efc-4300-aa0a-a5f97d53042e/default_tc.mp3. Acesso em: 18 jun. 2022.

JOHNSON, Tiffany; JOSHI, Aparna. Dark clouds or silver linings? A stigma threat perspective on the implications of an autism diagnosis for workplace well-being. **J Appl Psychol.**; 101, n3, p. 430-49, 2023. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26595753/>. Acesso em: 01 jan.2025.

JORGE, M. A. “Precisamos ser mais abertos à diferença”. *Jornal da Unesp*. 2024. Disponível em: <https://jornal.unesp.br/2024/04/02/precisamos-ser-mais-abertos-a-diferenca/#:~:text=Segundo%20dados%20do%20Instituto%20Nacional,aos%20> Acesso em: 13 jan. 2025.

JORNAL DA UNESP. **Precisamos ser mais abertos à diferença.** Reportagem feita por Marcos do Amaral Jorge. Data 02 abri. 2024. Disponível em: <https://jornal.unesp.br/2024/04/02/precisamos-ser-mais-abertos-a-diferenca/#:~:text=Segundo%20dados%20do%20Instituto%20Nacional,aos%209> . Acesso em: 01 out 2024.

JUDY Singer e a neurodiversidade. *In*: AUTISMO e realidade. São Paulo, 25 de junho de 2020. Disponível em: <https://autismoerealidade.org.br/2020/06/25/judy-singer-e-a-neurodiversidade/>. Acesso em: 30 maio 2022.

JÚNIOR, Marcos Almeida Pereira. **Eu autista, adulto**: um caso Clínico de Transtorno do Espectro Autista de Alto Funcionamento. Editora: UICLAP, 2022. *E-book*.

KANNER, L. Autistic Disturbances of Affective Contact. *Nervous Child*, [S. l.], v. 2, p. 217-250, 1943.

KANNER, L. Problems of nosology and psychodynamics in early infantile autism. *American Journal Orthopsychiatry*, [S. l.], v. 19, p. 416-426, 1949.

KAFFER, Alison. **Feminist, Queer, Crip**. Bloomington: Indiana University Press, 2013.

KARNIOL, Isac Germano. **Autismo além do diagnóstico**. São Paulo: Amazon do Brasil 2016. *E-book*.

KASPAR, Katerina Blasques. Quando não escrevemos, escrevemos: a performance na escrita de si. **Opiniões**, v. 16, p. 17-40, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2020.165634>. Acesso em: 13 jan. 2025.

KASPAR, Katerina Blasques. Quando não escrevemos, escrevemos: a performance na escrita de si. **Opiniões**, São Paulo, Brasil, n. 16, p. 17–40, 2020. DOI: [10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2020.165634](https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2020.165634). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/165634>.. Acesso em: 13 jan. 2025.

KLEIN, Rejane Ramos. **A reprovação escolar como ameaça nas tramas da modernização pedagógica**. 2010. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010.

KOHAN, Walter; BERLE. Quando um grupo de estudos escreve: o NEFI (PROPEd/UERJ) e a escrita de si. *In*: Dias, Rosimeri de Oliveira (org.). **Escritas de si**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019, p.233-244.

KRIGER, Leonardo Bertolli. **Você sente o que eu sinto?** Cajamar: Amazon, 2021. *E-book*.

LARROSA, Jorge. Tecnologías del yo y educación. Notas sobre la construcción y la mediación pedagógica de la experiencia de si. *In*: LARROSA, Jorge (ed.). **Escuela, poder y subjetivación**. Madrid: La Piqueta, 1995. p. 255-329.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu. **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 1994. p.35-86.

LEWI, Laura Foran. Exploring the experience of self-diagnosis of autism spectrum disorder in adults. **Arch Psychiatr Nurs**. v. 30, n.5, p. 575-80, 2016. Disponível em:

<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27654240/>. Acesso em 02 nov. 2024.

LEWIS, L. F. Exploring the Experience of Self-Diagnosis of Autism Spectrum Disorder in Adults. **Archives of Psychiatric Nursing**, v. 30, n. 5, p. 575-580, 2016.

LIGA DOS AUTISTAS. Eu sempre soube que era diferente mesmo antes do diagnóstico... [S. l.], 25 ago. 2020. Instagram: @liga.dos.autistas. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CEUAM4bl0p8/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em: 3 maio 2023.

LOOMES, R.; HULL, L.; MANDY, WPL Qual é a proporção entre homens e mulheres no transtorno do espectro do autismo? Uma revisão sistemática e meta-análise. **Jornal da Academia Americana de Psiquiatria Infantil e Adolescente**, v. 56, n. 6., p. 466–474, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jaac.2017.03.013>. Acesso em: 13 jan. 2025.

LOPES, Maura Corcini. Ritornelo e circuito formativo pedagógico. In: LOPES, Maura Corcini; MORGENSTERN, Juliane Marschal (org.). **Inclusão e Subjetivação: ferramentas teóricas-metodológicas**. Curitiba: Apris, 2019.

LOPES, Maura Corcini. In/exclusão escolar: a invenção de tipos específicos de alunos. **Revista Colombiana de Educación**, Bogotá, n.54, p.96-119, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=413635248006>. Acesso em: 4 set. 2023.

LOPES, Maura Corcini. VEIGA-NETO, Alfredo da. Escola, normalidade e sofrimento. **Revista Educação**. Unisinos, São Leopoldo, 2023. Acesso em :01 maio 2023. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/26968/60749748>.

LOPES, Maura Corcini; MENEZES, Eliana da Costa Pereira de; GRAFF, Patrícia. Entrevista com a professora Maura Corcini Lopes: A produção do ser surdo na experiência da educação. **Rev. bras. educ. espec.**, Marília, v. 29, n. e0237, 2023. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382023000100603&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 6 ago. 2023.

LOPES, Maura Corcini; Veiga Neto, Alfredo da. Norma, normalização e sofrimento. **Educação unisinos**. vol. 27, ano 2023. ISSN 2177-6210 Unisinos - doi: 10.4013/edu.2023.271.32. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/26968/60749748>. Acesso em: 14 out. 2024.

LOPES, Maura Corcini; VEIGA-NETO, José Alfredo da. Fundamentalismo e deficiência: a obstinação moderna pela igualdade. **Revista Educação Especial**, [S. l.], v. 35, p. 01-15, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/71470>.

Acesso em: 22 maio. 2023.

LOPES, Maura Corsini. Inclusão como prática política de governamentalidade. In: LOPES, Maura Corcini; HATTGE, Morgana Domênica (orgs). **Inclusão Escolar: conjunto de práticas que governam**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009a.

LOPES, Maura Corsini. Políticas de inclusão e governamentalidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 2, n 34, p.153-169, maio- ago. 2009b.

MACIEL Júnior. Auerives. Resistência e prática de si em Foucault. **Trivium**, Rio de Janeiro, v.6, n.1, p. 01-08, jun. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912014000100002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 mar. 2025.

MALABOU, Catherine. **Ontologia do acidente**: ensaio sobre a plasticidade destrutiva. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2014.

MALLIPEDDI, N. V.; VANDAALLEN, R. A. Intersectionality Within Critical Autism Studies: A Narrative Review. **Autism in adulthood**: challenges and management, v. 4, n. 4, p. 281–289, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1089/aut.2021.0014>. Acesso em: 21 out 2024.

MARCELLO, Fabiana de Amorin; FISCHER, Rosa Maria Bueno. Cuidar de si, dizer a verdade: arte, pensamento e ética do sujeito. **Pro-Posições**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 157–175, maio 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/c7ZYDQC7gTP7JnPSXmVQsqn/?format=pdf>. Acesso em: 4 set. 2023

MARIA, Patrícia. **Um olhar atípico**. Porto Alegre: Atípica, 2022. *E-book*.

MARÍN-DÍAZ, Dora Lilia. **Autoajuda, educação e práticas de si**: genealogia de uma antropotécnica. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MARÍN-DÍAZ, Dora. **Autoajuda e educação: uma genealogia das antropotécnicas contemporâneas**. 2012. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

MASKING. **National Autistic Society**. 2025. Disponível em: <https://www.autism.org.uk/advice-and-guidance/topics/behaviour/masking>. Acesso em: 13 jan. 2025.

MCGEER, Victoria. The thought and talk of individuals with autism: Reflections on hacking. **Metaphilosophy**, v. 40, 2009, p. 517–530. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1467-9973.2009.01601.x>. Acesso em: 21 out.2024.

MCGEER, Victoria. Theory of mind in autism and schizophrenia: A case of over-optimistic reverse engineering. In **Individual Differences in Theory of Mind**, pp. 269-302. Psychology Press, 2004.

MENDONÇA, Sophia. **Neurodivergentes**. Belo Horizonte: Manduruvá, 2019. *E-book*.

MENDONÇA, Sophia. **Outro olhar**: reflexões de um autista. Belo Horizonte: Editora Manduruvá. *E-book*.

MENEZES, Adriana. Falta de diagnóstico e de tratamento dificulta a vida de pessoas Asperger. In: **Agência Social de Notícias**. 2015. Disponível em: <https://agenciasn.com.br/arquivos/3105>. Acesso em: 2 nov. 2024.

MILTON, D., e T. Sims. 2016. “Como é construído um sentimento de bem-estar e pertencimento nos relatos de Adultos autistas?” *Deficiência e Sociedade* 31(4): 520–34.

MILTON, Damian. Repensando o autismo: diagnóstico, identidade e igualdade: Repensando o autismo: diagnóstico, identidade e igualdade, editado por Katherine Runswick-Cole, Rebecca Mallet e Sami Timimi, Londres, Jessica Kingsley Publishers, 2016, 336 pp., £ 18,99 (brochura). **Disability & Society**, 31 (10), 1413–1415. <https://doi.org/10.1080/09687599.2016.1221666>.

MINISTÉRIO PÚBLICO DE SANTA CATARINA (MPSC). **Carta educacional da**

neurodiversidade: nada sobre nós sem nós. Florianópolis: MPSC, 2022. Disponível em: <https://documentos.mp.sc.br/portal/manager/resourcesDB.aspx?path=5864>. Acesso em 12 maio 2023.

NATIONAL AUTISTIC SOCIETY. **Masking.** Disponível em: <https://www.autism.org.uk/advice-and-guidance/topics/behaviour/masking>. Acesso em 01 out. 2024.

NICOLAZZI, Fernando. A narrativa da experiência em Foucault e Thompson. **Anos 90**, [S. l.], v. 11, n. 19, p. 101–138, 2004. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/6353>. Acesso em: 31 maio. 2023.

NOGUERA-RAMIREZ, Carlos Ernesto. **Pedagogia e Governamentalidade: ou da modernidade como uma sociedade educativa.** Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

Ó, Jorge Ramos do; AQUINO, Julio Groppa. Em direção a uma nova ética do existir: Foucault e a experiência da escrita. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 28, n. 55, p. 199-231, jan.-jun. 2014. Disponível em: [https://doi.org/10.14393/REVEDFIL.issn.0102-](https://doi.org/10.14393/REVEDFIL.issn.0102-6801.v28n55a2014-p199-231)

[6801.v28n55a2014-p199-231](https://doi.org/10.14393/REVEDFIL.issn.0102-6801.v28n55a2014-p199-231). Acesso em: 21 maio 2023.

OLIVEIRA, Marli Pardo Legemann. **Práticas de leitura e escrita na escola como possibilidade de existência.** 2022. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Vale do Rio Dos sinos, São Leopoldo, 2022. Disponível em: http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/9765/Maria%20Alice%20Gouv%20c3%aa%20Campesato_.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 28 maio. 2023.

OLIVEIRA, Valeska. **A escrita como “cuidado de si”** no espaço formativo da universidade. Santa Maria-RS: UFSM, 2017.

ORTEGA, F. Corpo e tecnologias de visualização médica: entre a fragmentação na cultura do espetáculo e a fenomenologia do corpo vivido. **Physis: Revista De Saúde Coletiva**, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 237-257, 2005.

ORTEGA, F. Deficiência, autismo e neurodiversidade. **Ciência h Saúde Coletiva**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 67-77, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232009000100012>. Acesso em: 03 maio. 2024.

ORTEGA, F. O sujeito cerebral e o movimento da neurodiversidade. **Mana**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 477-509, 2008.

ORTEGA, F. Práticas de ascese corporal e constituição de bioidentidades. **Cadernos Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 59-77, 2003.

ORTEGA, Francisco *et al.* A construção do diagnóstico do autismo em uma rede social virtual brasileira. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 17, n. 44, p. 119-132, mar. 2013. Disponível em: http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832013000100010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 2 maio 2022.

ORTEGA, Francisco. Comentário: “Por que não ambos?”. Negociando ideias sobre autismo na Itália, no Brasil e nos EUA. *In*: RIOS, Clarice; FEIN, Elizabeth. **Autismo em tradução: uma conversa intercultural sobre condições do espectro autista**. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2019. p. 119-139.

ORTEGA, Francisco. Deficiência, autismo e neurodiversidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1. p. 67-77, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232009000100012>. Acesso em: 23 out. 2022.

ORTEGA, Francisco. O sujeito cerebral e o movimento da neurodiversidade. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 477-509, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/TYX864xpHchch6CmX3CpxSG/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 ago. 2023.

ORTEGA, José y Gasset. **Meditación de la técnica**. 7. ed. Madrid: Revista de Occidente, 1977.

ORTEGA, Francisco. Michel Foucault: un regreso del sujeto?. **Philosophos (UFG)**, Goiânia, v. 1, n.1, p. 15-31, 1996.

ORTEGA, Francisco. Pierre Hadot y Michel Foucault sobre Ascesis y Filosofía.

Fragmentos de Cultura (Goiânia), Goiânia, v. 6, n.18, p. 85-102, 1996.

PAGNI, Pedro Ângelo. Da exclusão a um modelo identitário de inclusão: a deficiência como paradigma biopolítico. **Childhood & Philosophy**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 26, jan.-abr. 2017, p. 167-188. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5120/512064879010/html/>. Acesso em: 1 maio 2023.

PAGNI, Pedro. Filosofia da Educação no Brasil: uma particular experiência do pensar na educação? **Revista Latinoamericana de Filosofía de la Educación**, Bogotá, v. 2, n.3, p. 11-42, 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6195258.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2023.

PARREIRA, Ana. **Gente asperger**. São Paulo: Editora Ideal Books, 2015.

PARSLOE, Sarah M. Discourses of Disability, Narratives of Community: Reclaiming an Autistic Identity Online. **Journal of Applied Communication Research**, 2015, v.43, n.3, p.336–356. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00909882.2015.1052829>. Acesso em: 01 out. 2024.

PERVEZ, Noor et al. “Eles pensaram que era uma obsessão”: Trajetórias e perspectivas de adolescentes transgêneros autistas e adolescentes com diversidade de gênero. **Jornal de Autismo e Transtornos do Desenvolvimento**, v.48, p.4039–4055, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10803-018-3723-6>. Acesso em: 01 out. 2024.

PETRY, Marcos. **Memórias de um Autista por ele mesmo**. Blumenau: 3 de maio, 2018.

PIRETTI BRANDÃO, R. T. Deleuze e a atualidade: experiência do fora e invenção de novas formas de existência. *Alamedas*, [S. l.], v. 4, n. 2, 2017. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/alamedas/article/view/14913>. Acesso em: 18 abr. 2023.

POWELL, T.; ACKER, L. Adults' experience of an asperger syndrome diagnosis: analysis of its emotional meaning and effect on participants' lives. **Focus on Autism and Other Developmental Disabilities**, v. 31, n. 1, p 72–80, 2016.

POWELL, Trevor; ACKER, Loise. (2016). Adults' Experience of an Asperger Syndrome Diagnosis: Analysis of Its Emotional Meaning and Effect on Participants' Lives. **Focus on Autism and Other Developmental Disabilities**. v.31, n.1, p. 72-80, 2016. Disponível: <https://doi.org/10.1177/1088357615588516> . acesso em 01 nov.2024.

PRATA, Vilmar. O olhar foucaultiano para a constituição do sujeito à luz de Epicteto. **Prometheus**, Serjipe, n. 38, jan.-abril 2022. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/prometeus/article/view/16434/12678>. Acesso em: 4 set. 2023.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

RAGUSA, Pedro; Oliva, Alfredo do Santos. Subjetividade, individuação e escrita de si, aproximações teóricas entre Michel Foucault e Carl Gustav Jung. **Revista de teoria da história**, v.23, n.2, ano 2020. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/64279>. Acesso em: 02 jan. 2025.

RIBEIRO, Sabrina Helena Bandine. **Prevalência dos transtornos invasivos do desenvolvimento no município de Atibaia: um estudo piloto**. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007. 114p. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/handle/10899/22592>. Acesso em: 4 set. 2023.

RITVO, Riva Ariela; RITVO R. Edward; GUTHRIE Donald; et al. A scale to assist the diagnosis of autism and Asperger's disorder in adults (RAADS): A pilot study. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 38, p. 213-223, 2008.

ROBINSON, John Elder. **Olhe nos meus olhos**. São Paulo: Larouse, 2008.

RODRIGUES, Carolina Alves Succo. **Por eles mesmos: o que as autobiografias dos sujeitos chamados autistas revelam acerca de suas experiências escolares?** 2019. Dissertação (Mestrado em Ensino em Educação Básica) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

ROSA, Emiliania Faria (Org.). **Mulheres: vivências e histórias que o Lattes não conta**. Tutóia: Diálogos, 2022. *E-book*. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/249158>. Acesso em: 23 maio 2023.

ROSE, Irene. **Autobiografia autista: introdução ao campo**. Anais da conferência Autismo e representação: escrita, cognição e deficiência. 2005. Disponível em: <http://www.cwru.edu/affil/sce/Representing%20Autism.html> . Acessado em: 24 de out. de 2023.

ROSE, Nikolas. Como se deve fazer a história do eu. **Educação e realidade**. v.26, n. 1, p.33-57, jan.-jul. 2001.

- ROSENBERG, Charles E. The tyranny of diagnosis: Specific entities and individual experience. **The Milbank Quarterly**, v. 80, n. 2, p. 237-260, 2002. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2690110/>. Acesso em: 3 maio 2023.
- RUGNSKI, André. **Autismo adulto, quando nos descobrimos**. São Paulo: Amazon, 2016. *E-book*.
- RUNSWICK-COLE, Katherine. “‘Us’ and ‘Them’: The Limits and Possibilities of a ‘Politics of Neurodiversity’ in **Neoliberal Times**.” *Disability & Society*. 2014, v. 29, n.7: p.1117–29. Disponível em: doi:10.1080/09687599.2014.910107. Acesso em: <https://www.tandfonline.com/doi/10.1080/09687599.2014.910107> 01 out 2024.
- SADZINSKI JUNIOR, Anastácio; WAYSZCEYK, Sheila; WOU, Andrea Soares. Neurodiversidade: levantamento das produções nacionais. **Revista humanitaris**, v. 2, n. 2, 2020. Disponível em: <https://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/revistahumanitaris/article/view/429/0>. Acesso em: 4 maio 2023.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula G. (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 31–83.
- SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- SALES, Nicolas Brito. **Anita: Tudo o que eu posso ser**. São Paulo: Editora independente, 2017.
- SCHONS, Carme. GRIGOLETTO, Evandra. Escrita de si, memória e alteridade: uma análise em contraponto. In: JORNADA INTERNACIONAL DE ESTUDOS DO DISCURSO, 1., 2008, Maringá. **Anais[...]**. Maringá: UEM, 2008. p. 407-417. Disponível em: <http://www.dle.uem.br/jied/pdf/ESCRITA%20DE%20SI%20schons%20e%20grigoletto.pdf>. Acesso em: 13 mar 2020.
- SHACKESPEARE, Tom. **Disability Rights and Wrongs**. London: Routledge, 2006.
- SCHULER, Betina. Escrita escolar, ficção e modos de subjetivação. **Revista Educação Unisinos**, São Leopoldo, v. 21, n. 2, p. 231-240, maio-ago. 2017. Disponível em: <http://www.revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2017.212.12/6114>. Acesso em: 20 maio 2020.
- SCHULER, Betina. **Escrita como Expressão e Transformação: Possibilidades de Exercícios de Ficção e de Si**. In: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO (ANPEd Sul), XI. Curitiba-PR, Brasil. Disponível em: http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/eixo12_BETINA-SCHULER.pdf. Acesso em: 21 out. 2024.
- SEMINÁRIO Avançado: Michel Foucault e a pesquisa em Educação - PPGEDU/UFRGS. [S. l., s. n.], 31 jan. 2022. 1 vídeo (2 h 20 min 17 s). Publicado pelo canal GEDAEF UFRGS. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8eGGt6wK1Bg>. Acesso em: 31 ago. 2022.

SÊNECA. Do ler e do escrever. *In*: SÊNECA. **Aprendendo a viver**. Tradução Lúcia Sá Rebello. Porto Alegre: L&PM, 2011. p. 80-83.

SEQUENZIA, A. Loud hands: I speak up with my fingers. *In*: BASCON, Júlia. **The Autistic Self Advocacy Network Loud Hands: Autistic people, speaking**. Washington: **The Autistic Press**, 2012. Disponível em: <https://autisticadvocacy.org/resources/books/loud-hands-autistic-people-speaking/>. Acesso em: 22 maio 2023.

SESSAY, Saidata. Neurodiversidade: o que é e como redes sociais têm ajudado em diagnósticos. *In*: BBC Brasil. [S. l.], 18 junho 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-61854016>. Acesso em: 10 ago. 2023.

SHIELDS, Kenneth ; BEVERSDORF, David. A Dilemma For Neurodiversity. **Neuroethics**, n. 14, p.125–141, 2021. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2020-24706-001>. Acesso em: 24 set. 2022.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SILVA, Selma Sueli. **Minha vida de trás para frente**. Belo Horizonte: Maduruvá 2017. *E-book*.

SILVA, Selma Sueli; MENDONÇA, Sophia. (Org.). **Autismo no feminino: a voz da mulher autista**. Cajamar: Amazon, 2022. *E-book*.

SINCLAIR, Jim. Being autistic together. **Disability Studies Quarterly**. 2010, fev. 22;30(1). Disponível em: <https://bhacjournal.org/index.php/dsq/article/view/1075/1248>. Acesso em: 01 set, 2024.

SINGER, J. **Neurodiversity: The birth of an idea**. *S.l.*, 2017. Edição Kindle.

SINGER, Judy. Why Can't You Be Normal for Once in Your Life? *From a "Problem with No Name" to the Emergence of a New Category of Difference*. *In*: DAVIS, Lennard J. (ed.). **The Disability Studies Reader**. New York: Routledge, 4th ed., 2013. p. 59–70.

SLORTERDIJK, Peter. **Tens de Mudar de Vida**. Sobre Antropotécnica. 2018. (Trad. C. Leite). Relógio d'Água.

SLOTTERDIJK, Peter. **Has de cambiar tu vida**. Sobre antropotécnica. Valencia: Editorial Pre-Textos, 2012.

STRANG, J.F., POWERS, M.D., KNAUSS, M. *et al.* "They Thought It Was an Obsession": Trajectories and Perspectives of Autistic Transgender and Gender-Diverse Adolescents. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 48, p. 4039–4055, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10803-018-3723-6>. Acesso em: 13 jan. 2025.

TEDESCHI, Sirley Lizotti; PAVAN, Ruth. A produção do conhecimento em educação: o Pós-estruturalismo como potência epistemológica. **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 12, n. 3, p. 772–787, 2017. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/9314>. Acesso em: 10 ago. 2023.

TEDESCHI, Sirley. Lizotti.; PAVAN, Ruth. A produção do conhecimento em educação: o

Pós-estruturalismo como potência epistemológica. **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 12, n. 3, p. 772–787, 2017. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/9314>. Acesso em: 10 ago. 2023.

TEMMET, Daniel. **Nascidos num dia azul**. São Paulo: Intrínseca, 2007.

Transtorno do espectro LGBTQ+ e do autismo: Experiências e desafios. *Jornal Internacional de Saúde Transgênero*, 21(1), 98–110. <https://doi.org/10.1080/15532739.2019.1594484> Hirschmann, NJ (2013).

TRASK, R.L. **Dicionário de Linguagem e Linguística**. São Paulo: Contexto, 2004.

TRAVERSINI, Clarice Salete; BELLO, Samuel Edmundo López. O numerável, o mensurável e o auditável: estatística como tecnologia para governar. **Educação & Realidade**, v.34, n. 2, p. 135-152, n. 2, maio- ago. 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/8267>. Acesso em: 4 set. 2023.

UYENO, Elzira Yoko, and Jogos Imaginários. **A escrita e os processos de subjetivação e a Escrita e os processos de identificações**. Publicado nos Anais do 4º SEPLA, 2008. Taubaté, p. 23-59.

VALVERDE, Alexandre. Autistas no mercado de trabalho: seriam apenas mais um motivo para cotas? *In: VOCÊ RH*, 7 jun. 2022. Disponível em: <https://vocerh.abril.com.br/diversidade/autistas-no-mercado-de-trabalho-seriam- apenas-mais-um-motivo-para-cotas/>. Acesso em: 4 set. 2023.

VALVERDE, Alexandre. Autistas no mercado de trabalho: seriam apenas mais um motivo para cotas? *In: VOCÊ RH*. [S. l.], 7 jun. 2022. Disponível em: https://vocerh.abril.com.br/diversidade/autistas-no-mercado-de-trabalho-seriam- apenas-mais-um-motivo-para-cotas?utm_source=google&utm_medium=cpc&utm_campaign=eda_vcrh_audiencia_institu cional&gclid=Cj0KCQjwgNanBhDUARIsAAeIcAv59ALGwig6ETIldKObxSy2mzFW- Wsrn4mENInHWvxxl8QLeTt9RLcaAl-9EALw_wcB. Acesso em: 4 set. 2023.

VARELA, Julia; ÀLVAREZ-URÓA, Fernando. **Arqueología de la Escuela**. Madrid: La Piqueta, 1991.

VASCONCELOS, Vitória Chiari. **Meninas e mulheres com Transtorno do Espectro do Autismo: diagnósticos, reconhecimentos e vivências**. 2022. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Licenciatura em Educação Especial, Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/15923>. Acesso em: 1 jun. 2023.

VASCONCELOS, Vitória Chiari. **Meninas e mulheres com Transtorno do Espectro do Autismo: diagnósticos, reconhecimentos e vivências**. 2019. Monografia (Licenciatura em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/15923>. Acesso em: 1 jun. 2023.

VASCONCELOS, Vitória Chiari. **Meninas e mulheres com Transtorno do Espectro do Autismo: diagnósticos, reconhecimentos e vivências**. 2019. Monografia (Trabalho de

Conclusão de Curso) - Licenciatura em Educação Especial, Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/15923>. Acesso em: 1 jun. 2023.

VEIGA-NETO, Alfredo. Delírios Avaliatórios: o currículo desvia para a direita ou um farol para o currículo. *In*: FAVACHO, André; PACHECO, José Augusto; SALES, Shirlei (org.). **Currículo, conhecimento e avaliação: divergências e tensões**. Curitiba: Editora CRV, 2013. p. 155-175.

VEIGA-NETO, Alfredo. Governo ou governmentação. **Currículo sem fronteiras**, v.5, n.2, p. 79-85, jul/dez, 2005. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol5iss2articles/veiga-neto.pdf>. Acesso em: 01 jan. 2024.

VEIGA-NETO, Alfredo; LOPES, Maura, Corcini. Para pensar de outros modos a modernidade pedagógica. **ETD - Educação Temática Digital**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 147–166, 2010. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/846>. Acesso em: 22 maio. 2023.

VEIGA-NETO, Alfredo; LOPES, Maura, Corcini. Tessituras: entre A Hermenêutica do Sujeito e a Educação. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 36, n. 78, p. 1489–1517, 2023. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/66274>. Acesso em: 22 maio. 2023.

VEYNE, Paul. **Foucault: seu pensamento, sua pessoa**. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

VIEIRA, José Roberto. Pessoas com deficiência: de personagens a protagonistas. *In*: UNB Notícias. Brasília, 1 dez. 2017. Disponível em: <https://www.noticias.unb.br/artigos-main/1969-pessoas-com-deficiencia-de-personagens-a-protagonistas/>. Acesso em: 4 set. 2023.

VIEIRA, José Roberto. Pessoas com deficiência: de personagens a protagonistas. *In*: **UNB Notícias**, Brasília, 1 dez. 2017. Disponível em: <https://www.noticias.unb.br/artigos-main/1969-pessoas-com-deficiencia-de-personagens-a-protagonistas/>. Acesso em: 4 set. 2023.

WALKER, Nick. Jogar fora as ferramentas do mestre: Libertar-nos do paradigma da patologia. *In*: **Neurodiversidade, aceitação, identidade**. Disponível em: <https://autismoemtraducao.com/2016/11/11/jogue-fora-as-ferramentas-do-senhor-libertando-nos-do-paradigma-da-patologia/>. Acesso em: 24 maio 2024.

WALKER, Nick. Neurodiversity: Some basic terms & definitions. *In*: **NEUROQUEER**. [S. l., 2023?]. Disponível em: <https://neuroqueer.com/neurodiversity-terms-and-definitions/>. Acesso em: 1 out. 2022.

WALKER, Nick. Neuroqueer: An Introduction. *In*: **NEUROQUEER**. 2021. Disponível em: <https://neuroqueer.com/neuroqueer-an-introduction/>. Acesso: 13 jan. 2025.

WALKER, Nick. Throw away the master's tools: Liberating ourselves from the pathology paradigm. *In*: BASCOM, Julia (org.). **Loud Hands: autistic people, speaking**. Washington: The Autistic Self Advocacy Network, 2012. Disponível em: <https://neurocosmopolitanism.com/neurodiversity-some-basic-terms-definitions/>. Acesso

em: 30 ago. 2023.

WILLIAMS, D. **Autism and sensing: the unlost instinct**. London/Philadelphia: Jessica Kingsley Publishers, 1998.

WILLIAMS, D. **Like color to the blind: soul searching and soul finding**. New York: Times Books, 1996.

WILLIAMS, D. **The jumbled jigsaw: an insider's approach to the treatment of autistic spectrum "fruit salads"**. London/Philadelphia: Jessica Kingsley Publishers, 2006.

WILLIAMS, Donna. **Meu mundo misterioso: testemunho excepcional de uma jovem autista**. Brasília, DF: Thesaurus, 2012.

WOODS, Richard *et al.* Redefining critical autism studies: A more inclusive interpretation. 2018, **Disability & Society**, v. 33, n.6, p.974-979. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09687599.2018.1454380> Acesso em: 01 out.2024.

YERGEAU, Melanie. Clinically Significant Disturbance: on Theorists Who Theorize Theory of Mind. **Disability Studies Quarterly**, [S. l.], v. 33, n. 4, 2013. Disponível em: <https://dsq-sds.org/index.php/dsq/article/view/3876>. Acesso em: 7 nov. 2024.

VIDAL, Fernando; ORTEGA, Francisco. **Being Brains: Making the Cerebral Subject**. New York: Fordham University Press, 2017.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Os Pensadores).

Obras escritas por autores autistas:

1. COSTA, João Paulo Vasconcelos. **Eu, adulto e autista**. Fortaleza CE. Centro Universitário Estácio do Ceará, 2019.
2. MENDONÇA, Sophia. **Outro olhar: reflexões de um autista**. Belo Horizonte: Editora Manduruvá. *E-book*.
3. SALES, Nícolas Brito. **Tudo o que eu posso ser**. São Paulo: Editora independente, 2017.
4. RUGNSKI, André. **Autismo adulto, quando nos descobrimos**. São Paulo: Amazon, 2016.
5. CAMPUS, André. **Meu mundo à parte**. Nanuque: Editora independente, 2019. *E-book*.
6. ROBISON, John Elder. **Olhe nos meus olhos: minha vida com síndrome de asperger**. São Paulo: Larousse, 2008.
7. MENDONÇA, Sophia. **Neurodivergentes**. Belo Horizonte: Manduruvá, 2019. *E-book*.
8. SILVA, Selma Sueli. **Minha vida de trás para frente**. Belo Horizonte: Manduruvá 2017. *E-book*.
9. GRANDIN, Temple. **O cérebro autista: pensando através do espectro**. Rio de Janeiro: Record, 2015.
10. GRANDIN, Temple. **Uma menina estranha: autobiografia de uma autista**. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
11. CAMARGO, Cristiano. **Autista com muito orgulho: a síndrome vista pelo lado de dentro**. São Paulo: Verde, 2012.
12. MARIA, Patrícia. **Um olhar atípico**. Porto Alegre: Atípica, 2022. *E-book*.
13. PETRY, Marcos. **Memórias de um Autista por ele mesmo**. Blumenau: 3 de maio, 2018.
14. TEMMET, Daniel. **Nascidos num dia azul**. São Paulo: Intrínseca, 2007.
15. KARNIOL, Isac Germano. **Autismo além do diagnóstico**. São Paulo: Amazon do Brasil 2016. *E-book*. (nome do autor é fictício e não há imagem do autor).
16. ROSA, Frederico de. **O que eu nunca disse antes: eu meu autismo e no que eu acredito**. São Paulo: Edições Paulinas, 2016.

17. ALVES, Siael. **Autismo aos 26**. 2. ed. São Paulo: Amazon7 do Brasil 2020. *E-book*.
18. Silva, Selma Sueli; Mendonça, Sophia. (Org.). **Autismo no feminino: a voz da mulher autista**. Cajamar: Amazon, 2022. *E-book*.
19. MENDONÇA, Sophia. (Org.). **Autismo no feminino: a voz da mulher autista**. Cajamar: Amazon, 2022. *E-book*.
20. GOLDCHMIT, Julie. **Imperfeitos: um relato íntimo de como a inclusão e a diversidade podem transformar vidas e impactar o mercado de trabalho**. São Paulo: Maquinaria Editorial, 2022.
21. KRINGER, Leonardo Bertolli. **Você sente o que eu sinto?** Cajamar: Amazon, 2021.
22. BRANCH, James. **Um guia de vida de casal para a Asperger**. São Paulo: Amazon, 2023.
23. ADULTA, autista. **Diálogo Atípico: o que você deseja saber sobre o espectro?** São Paulo: Amazon, 2020. *E-book*. (nome da autora fictício).
24. ROSA, Emiliania Faria (Org.). **Mulheres: vivências e histórias que o Lattes não conta**. Tutóia: Diálogos, 2022. *E-book*. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/249158>. Acesso em: 23 maio 2023.
25. PARREIRA, Ana. **Gente asperger**. São Paulo: Ideal Books, 2015.
26. HEARST, Caroline. (Org.). **Ser autista: nove adultos compartilham suas jornadas -desde a descoberta até a aceitação-** Editora: AutAngel, 2019.